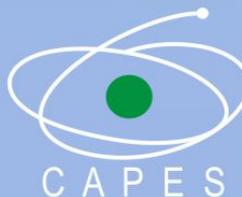


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ARQUITETURA E URBANISMO



Douglas Emerson Deicke Heidtmann Junior

NOVOS USOS
PARA EDIFICAÇÕES DE INTERESSE HISTÓRICO E CULTURAL:
Lições da produção arquitetônica pelotense

Dissertação de Mestrado
em Planejamento e Projeto de Arquitetura

Florianópolis
2007



Arq. e Urb. Douglas Emerson Deicke Heidtmann Junior

**NOVOS USOS PARA EDIFICAÇÕES
DE INTERESSE HISTÓRICO E CULTURAL:
Lições da produção arquitetônica pelotense**

Linha de Pesquisa de Vinculação: Planejamento e Projeto de Arquitetura

Dissertação de mestrado
apresentada ao Programa de Pós-graduação
em Arquitetura e Urbanismo
da Universidade Federal de Santa Catarina.

Orientador: Dr. Carlos Loch

Florianópolis

2007

Arq. e urb. Douglas Emerson Deicke Heidtmann Junior

NOVOS USOS PARA EDIFICAÇÕES DE INTERESSE HISTÓRICO E CULTURAL: Lições da produção arquitetônica pelotense

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do grau de **Mestre em Arquitetura e Urbanismo** no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 24 de maio de 2007

Prof.^a Alina Gonçalves Santiago, Dr.^a
Coordenadora do Programa

Banca Examinadora

Prof. Carlos Loch, Dr.
Orientador

Prof.^a Alina Gonçalves Santiago, Dr.^a

Prof.^a Sônia Afonso, Dr.^a

Prof. Sylvio Arnaldo Dick Jantzen, Dr.

A Maria Dias (in memorian) e a Elza Heidtmann (in memorian)

A **CONCEPÇÃO** desta pesquisa em nível de mestrado foi uma missão desafiadora, para a qual muitos colaboraram, e aos quais devo tentar manifestar minha gratidão, posto que esta, talvez, seja a única relação da consciência com a felicidade:

Quanto à **IDÉIA**, agradeço aos professores que, através de aulas, orientações, conversas e participação nas bancas, contribuíram para a pesquisa, não apenas sobre suas áreas específicas de estudo, mas também sobre os aprendizados da vida. Obrigado a Carlos Loch, Sônia Afonso, Vera Helena Moro Bins Ely, Alina Gonçalves Santiago, João Carlos Souza, Gilberto Sarkis Yunes, Hugo Camilo Lucini, Roberto de Oliveira e a meu mentor Sylvio Arnaldo Dick Jantzen.

Quanto ao **USO**, agradeço aos arquitetos que, além de terem gentilmente cedido seus projetos para meu estudo, também se disponibilizaram às entrevistas. Obrigado a Cláudia Regina Silva Soares, Luisa Olivé Leite, Margarete Satte Alam, Rudelger Leitzke, Fernando Caetano e Helenice.

Quanto à **PERCEPÇÃO**, agradeço àqueles que, com seus ideais, me ajudaram a perceber o que é arquitetura e patrimônio histórico. Obrigado a Ester Judite Bendjouya Gutierrez, Renata Requião, Carmem Vera Roig, Matilde Villegas e Vladimir Stello, Luiz A. Bolcato Custódio, Marina Cañas Martins e João Paulo Schwerz, Miguel Cañas Martins, Diego Justo, Fernando Polesello, Vanda Zanella e Rosane Nolasco Leitzke.

Quanto ao **SISTEMA**, agradeço àqueles que me possibilitaram cumprir todas as tarefas inerentes ao curso. Obrigado à tão solícita e competente Secretária Ivonete, ao POSARQ, à UFSC, a CAPES e à acolhedora cidade de Florianópolis.

Quanto ao **DISCURSO**, agradeço àqueles que, por terem me educado, se fizeram sempre presentes, mesmo que distantes, em meu modo de pensar, agir e porque não, em meu modo de dissertar. Obrigado a meus pais Douglas Emerson Deicke Heidtmann e Maria Regina Rosinha Heidtmann, a meu irmão Richardson Rosinha Heidtmann e a minha tia/madrinha Marlene Rosinha Grala.

Finalmente, meu muito obrigado àqueles que possibilitaram que eu construísse, ao longo dos dois anos de curso, não só um trabalho de mestrado, mas também verdadeiras amizades, dentre as quais me permito destacar: Alexander, Alexsandra, Alberto, Camila, Carolina, Daniele, Dafne, Elena, Emanuel, Fábio, Isaque, Karla, Lívia, Lorena, Márcia, Maria Aline, Maria Teresa, Miguel, Patrícia, Vanessa, Virgínia, Paulo César, Vinícius, Débora, Aline, Leonor, Henrique, Júlia e Ana Elise.

*“A **alegria** que se tem em pensar e aprender
faz-nos pensar e aprender ainda mais.”*

Aristóteles

*“Aprender é a única coisa
de que a mente nunca se cansa,
nunca tem medo e nunca se **arrepende**”*

Leonardo da Vinci

RESUMO

HEIDTMANN JUNIOR, Douglas Emerson Deicke. **NOVOS USOS PARA EDIFICAÇÕES DE INTERESSE HISTÓRICO E CULTURAL: Lições da produção arquitetônica pelotense**. Florianópolis. 175 p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-graduação, UFSC, 2007.

A produção arquitetônica contemporânea tem sido muito direcionada para o campo da **reutilização de edificações de interesse histórico e cultural**, com sua adaptação a novos usos. Dentro desse contexto, a cidade de Pelotas tem assumido destaque, por possuir um acervo de edificações construídas principalmente no século XIX, com grande potencial para esse tipo de intervenção e que têm sido reutilizadas através de projetos que expressam diferentes abordagens frente ao **patrimônio** edificado. O objetivo geral da pesquisa foi analisar os projetos de reutilização de edificações de interesse histórico e cultural pré-existentes, de modo a ampliar o universo da análise e reflexão sobre suas abordagens e seus resultados. Através da revisão de literatura apresentou-se um percurso de reflexão partindo dos conceitos de Cultura, Memória, Patrimônio e a sua preservação, abordando a complexidade de tais temas e suas relações diretas com a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural chegando até o estado da arte do tema desde suas possíveis origens, sua evolução, no mundo, no Brasil e na região sul. Foram desenvolvidos e aplicados métodos de descrição e análise de projetos de reutilização de edificações de interesse histórico e cultural na cidade de Pelotas RS, abordando a reutilização como prática projetual, demonstrando suas possibilidades como método, influenciada e/ou condicionada por diferentes categorias de concepção arquitetônica consideradas para o estudo. Obteve-se uma demonstração dos processos de concepção envolvidos e de possibilidades e resultados alcançados em projetos de reutilização, capazes de fornecer orientação sobre **método de projeto** ao profissional incumbido de reutilizar ou recuperar edificações de interesse histórico e cultural.

Palavras-chave: Patrimônio, Reutilização de edificações, Método de projeto.

ABSTRACT

HEIDTMANN JUNIOR, Douglas Emerson Deicke. **NEW USES FOR HISTORICAL AND CULTURAL BUILDINGS: Lessons from the architectural production in Pelotas-RS**. Florianópolis. 175 p. Dissertation (MA in Architecture and Urbanism) – Programa de Pós-graduação, UFSC, 2007.

Projecting and adapting buildings for new uses was always among the attributions of the professional architect. Currently, it assumes great importance due to increasing demand for such projects, mainly in the centers of the cities. In this context, the city of Pelotas RS is distinguished for possessing a quantity of buildings of the nineteenth century with great potential for this type of intervention and these ones have been reused through projects that express different positions about the built patrimony. The general objective of the research was to analyze reuse projects of pre-existing buildings of historical and cultural interest, in order to extend the universe of the reflection on the different positions of the architects when they have to treat with the specific necessities of each pre-existence and on the reached results by them. Through the review of literature it's presented a journey of reflection about the concepts of Culture, Memory, Heritage and its preservation, addressing the complexity of these issues and their relations with the reuse of buildings of historical and cultural interest coming to the state of art about the subject since its possible origins, its evolution in the world, in Brazil and in the southern region. Methods of description and analysis of projects for reuse of buildings of historical and cultural interest in the city of Pelotas RS were developed and applied, addressing the reuse as practice of project, demonstrating their potential as a method, influenced and / or conditioned by different categories of architectural conception selected for the study. The architects that made reusing projects had been interviewed and the conception of each project was analyzed according to categories idea, use, perception, system and speech, which had presented different influences in each studied case. It was obtained a demonstration of architectural conception processes involved and the possibilities and achievements in projects for reuse, capable of providing guidance on the method of project for the professionals that have to reuse or to recoup preexisting buildings.

Key words: Heritage, Reusing of buildings, Project method.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	Sede do Parlamento alemão em Berlim em seu estado original	26
Figura 02	Sede do Parlamento alemão em Berlim após intervenção	26
Figura 03	Foto aérea das ruínas de São Miguel das Missões – RS	27
Figura 04	Foto aérea das ruínas de São João Batista – RS	27
Figura 05	Casario em Antônio Prado RS	33
Figura 06	Casario em Antônio Prado RS	33
Figura 07	Abadia medieval de Malmesbury, em Wiltshire	48
Figura 08	Abadia medieval de Malmesbury, em Wiltshire	48
Figuras 09 e 10	Palácio Farnese de Caprarola na Itália	49
Figuras 11 e 12	Anfiteatro romano de Lucca na Itália	49
Figuras 13 e 14	Palácio diocleciano de Spalato na costa sul croata	50
Figura 15	Banhos de Diocleciano em Roma	51
Figuras 16 e 17	Mausoléu de Adriano	51
Figura 18	Palazzo de La Ragione reutilizado como basilica por Palladio	51
Figuras 19 e 20	Museu das missões e ruínas da Igreja de São Miguel das Missões	55
Figura 21	Museu de Castelvecchio em Verona	57
Figura 22	Museu de Castelvecchio em Verona	57
Figura 23	Chocolataria Menier em Noisel, convertida para sede social Nestle	59
Figura 24	Tate Modern em Londres (1995)	59
Figura 25	Fábrica da FIAT em Lingotto, na Itália	59
Figura 26	Ampliação do Museu de Berlim com o Museu Judaico (1997)	62
Figura 27	Ampliação do Museu de Berlim com o Museu Judaico (1997)	62
Figura 28	Ampliação do Museu do Prado claustro da igreja dos Jerónimos	63
Figura 29	Ampliação do Museu do Prado claustro da igreja dos Jerónimos	63
Figura 30	Museu d'Orsay	63
Figura 31	Museu d'Orsay	63
Figura 32	Intervenção de Coop Himmelblau em cobertura de prédio	64
Figura 33	Intervenção de Hans Holein para a cobertura de acesso de museu	64
Figura 34	Centro cultural Recoleta em Buenos Aires	65
Figura 35	Livraria El Ateneo	65
Figura 36	Porto Madero	65
Figura 37 e 38	Capela de Santana do Pé do Morro	66
Figura 39 e 40	Colégio do Caraça	67
Figura 41 e 42	Ruína de um casarão em Ouro Preto reutilizada após incêndio	67
Figura 43 e 44	Museu Rodin	68
Figura 45	Pinacoteca de São Paulo	68
Figura 46	Museu da língua portuguesa na estação da Luz em São Paulo	68
Figura 47	Shopping estação em Curitiba	69
Figura 48	Shopping estação em Curitiba	69
Figura 49	Centro Cultural Érico Veríssimo	70
Figura 50	Santander Cultural	70
Figuras 51 e 52	Esquematização da caixa preta e da caixa transparente	76
Figuras 53 e 54	Croquis de KIEFER	78
Figuras 55, 56 e 57	Relações segundo DE GRACIA, 1992	84
Figura 58	Castelo de Chambord, na França	87
Figura 59	"Scala Regia" de Bernini, no Vaticano	87
Figuras 60 e 61	Rampa secundária no Johnson Memorial	87
Figuras 62, 63 e 64	Plataformas elevatórias (vertical e inclinada) para cadeiras de rodas	88
Figuras 65 e 66	Edificação comercial, Ouro Preto, MG Mercado Público, Florianópolis	89
Figura 67	Palácio Cruz e Souza, Florianópolis, SC	90
Figura 68	MALG, Pelotas, RS	90
Figura 69	Organização dos dados nas pranchas descritivas de projeto	91

Figura 70	Demonstração da apresentação da análise de conteúdo	100
Figura 71	Localização de Pelotas	102
Figura 72	Localização das charqueadas	103
Figura 73	Localização do centro histórico	104
Figura 74	Mapa em SIG, com localização dos imóveis inventariados e ZPPC's	108
Figura 75	Monitoramento de quaisquer alterações	109
Figura 76	Conjunto de edificações recuperadas pelo Monumenta em Pelotas	110
Figura 77	Banco Itaú (ex Banco Francês e Brasileiro) – reutilização de casarão	112
Figuras 78 e 79	Foto da agência bancária	112
Figuras 80 e 81	Linguagem dos materiais, alvenaria descascada e novo volume	113
Figura 82 e 83	Faculdade de Arquitetura da UFPEL e Centro de Eventos de Pelotas	114
Figuras 84	Localização dos estudos de caso	115
Figuras 85 e 86	Conceito de IDÉIA no “Sobrado da Quinze”	116
Figuras 87 e 88	Conceito de USO no “Sobrado da Quinze”	117
Figuras 89 e 90	Conceito de PERCEPÇÃO no “Sobrado da Quinze”	118
Figuras 91 e 92	Conceito de SISTEMA no “Sobrado da Quinze”	119
Figuras 93 e 94	Conceito de DISCURSO no “Sobrado da Quinze”	120
Figuras 95 e 96	Registro histórico fotográfico do “Sobrado da Quinze”	121
Figuras 97 e 98	Conceito de IDÉIA na “Filhas do Barão”	122
Figuras 99 e 100	Conceito de USO na “Filhas do Barão”	123
Figuras 101 e 102	Conceito de PERCEPÇÃO na “Filhas do Barão”	124
Figuras 103, 104 e 105	Conceito de SISTEMA na “Filhas do Barão”	125
Figuras 106, 107 e 108	Conceito de DISCURSO na “Filhas do Barão”	126
Figuras 109 e 110	Registro histórico fotográfico da “Filhas do Barão”	127
Figuras 111, 112 e 113	Conceito de IDÉIA na “Feira Carioca”	128
Figuras 114	Conceito de USO na “Feira Carioca”	129
Figuras 115	Conceito de PERCEPÇÃO na “Feira Carioca”	130
Figuras 116	Conceito de SISTEMA na “Feira Carioca”	130
Figuras 117 e 118	Conceito de DISCURSO na “Feira Carioca”	131
Figura 119,120,121,122	Registro histórico fotográfico da “Feira Carioca”	133
Figuras 123	Conceito de IDÉIA no “MALG”	134
Figuras 124, 125 e 126	Conceito de USO no “MALG”	135
Figuras 127 e 128	Conceito de PERCEPÇÃO no “MALG”	136
Figuras 129 e 130	Conceito de SISTEMA no “MALG”	137
Figuras 131 e 132	Conceito de DISCURSO no “MALG”	138
Figuras 133, 134 e 135	Registro histórico fotográfico da “MALG”	139
Figuras 136	Conceito de IDÉIA no “Casarão Assumpção”	140
Figuras 137 e 138	Conceito de USO no “Casarão Assumpção”	140
Figura 139	Conceito de PERCEPÇÃO no “Casarão Assumpção”	141
Figura 140	Conceito de SISTEMA no “Casarão Assumpção”	142
Figura 141	Conceito de DISCURSO no “Casarão Assumpção”	142
Figuras 142 e 143	Registro histórico fotográfico no “Casarão Assumpção”	143
Figura 144	Conceito de IDÉIA no “Barão da Conceição”	144
Figura 145	Conceito de USO no “Barão da Conceição”	144
Figura 146	Conceito de PERCEPÇÃO no “Barão da Conceição”	145
Figuras 147, 148 e 149	Conceito de SISTEMA no “Barão da Conceição”	146
Figuras 150 e 151	Conceito de DISCURSO no “Barão da Conceição”	147
Figuras 152, 153 e 154	Registro histórico fotográfico do “Barão da Conceição”	149
Figuras 155 e 156	Conceito de IDÉIA no “Banco”	150
Figuras 157,158 e 159	Conceito de USO no “Banco”	151
Figura 160	Conceito de PERCEPÇÃO no “Banco”	152
Figura 161	Conceito de SISTEMA no “Banco”	152
Figuras 162 e 163	Conceito de DISCURSO no “Banco”	153
Figuras 164 e 165	Registro histórico fotográfico no “Banco”	154

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro resumo: estrutura da Revisão de literatura para a pesquisa.....	21
Quadro 2 – Quadro resumo: Esquema delimitativo da pesquisa.....	23
Quadro 3 – Sistematização dos valores por Riegl e seus graus de intervenção.....	41
Quadro 4 – Quadro resumo das principais recomendações das cartas patrimoniais.....	43
Quadro 5 – Quadro demonstrativo das perguntas-chave da pesquisa.....	98
Quadro 6 – Relação de prédios reutilizados pelo Programa Monumenta em sua primeira fase.....	111
Quadro 7 – Relação de projetos selecionados segundo os critérios da pesquisa.....	115
Quadro 8 – Quadro demonstrativo dos resultados da pesquisa.....	158

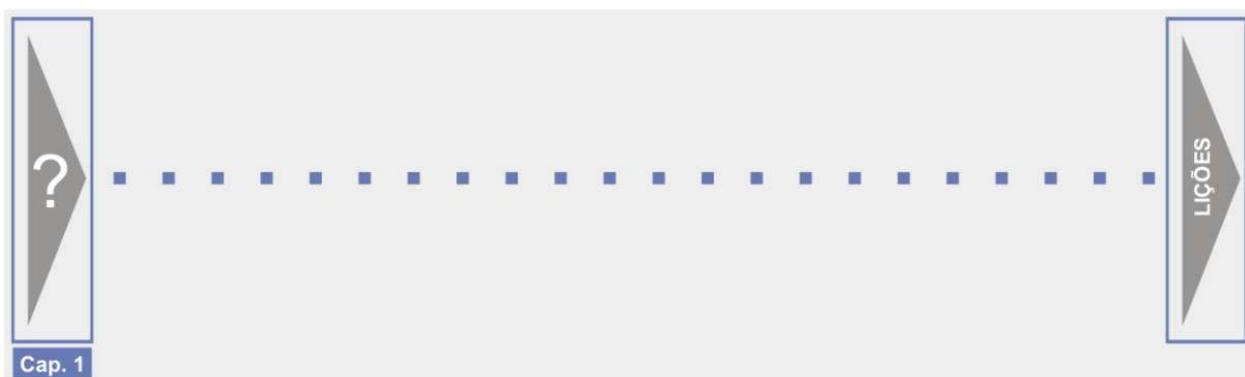
LISTA DE SIGLAS

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas
CAD – Desenho Auxiliado por Computador
CTM – Cadastro Técnico Multifinalitário
ICOMOS – Conselho Internacional de Monumento e Sítios
IPHAN – Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional
IPHAE – Instituto do Patrimônio histórico e Artístico do Estado do Rio Grande do Sul
LIC – Lei de incentivo à Cultura
NEAB – Núcleo de Estudos da Arquitetura Brasileira - Faculdade de Arq. e Urb da Univ. Fed. de Pelotas
RS = RGS = Estado do Rio Grande do Sul
SIG - Sistema de Informações Geográficas
SECULT - Secretaria Municipal de Cultura de Pelotas - RS
SPHAN – Serviço do Patrimônio histórico e Artístico Nacional
UFPEL – Universidade Federal de Pelotas
UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO	14
1.1 – A escolha do tema.....	16
1.2 – Problema e questões da pesquisa.....	17
1.3 – Justificativa e relevância.....	18
1.4 – Objetivos.....	20
1.4.1 – Objetivo Geral.....	20
1.4.2 – Objetivos Específicos.....	20
1.5 – Procedimentos metodológicos da pesquisa.....	21
1.5.1 – A Teoria - Revisão da Literatura.....	21
1.5.2 – A Prática – Estudo de Casos.....	22
1.6 – Delimitações da pesquisa.....	23
CAPÍTULO 2 – A ARQUITETURA E SEUS TEMPOS – Um percurso de reflexão	24
2.1 - ARQUITETURA E A PERMANÊNCIA NO TEMPO	25
2.1.1 - O patrimônio e o interesse histórico e cultural.....	28
2.1.2 – O patrimônio e a preservação.....	32
2.2 - ARQUITETURA E A TRANSFORMAÇÃO NO TEMPO.....	38
2.2.1 - A pré-existência arquitetônica.....	38
2.2.2 - A intervenção segundo os tratadistas do restauro e as cartas patrimoniais.....	39
2.3 - ARQUITETURA E SEUS NOVOS USOS NO TEMPO.....	45
2.3.1 - Possíveis origens.....	47
2.3.2 - A reutilização em outros momentos.....	53
2.3.2.1 - A excepcionalidade na abordagem modernista.....	53
2.3.2.2 - A linguagem no patrimônio reutilizado por Scarpa.....	56
2.3.2.3 - A nova função segue a forma do patrimônio industrial.....	58
2.3.3 - Um reutilizar contemporâneo.....	60
2.3.3.1 – Europa.....	62
2.3.3.2 – América do Sul.....	64
2.3.3.3 – Brasil.....	65
2.3.3.4 – Sul do Brasil.....	69
2.4 – ARQUITETANDO UM MÉTODO	70

CAPÍTULO 3 – O PROJETO DE REUTILIZAÇÃO	73
3.1 – Considerações sobre método de projeto e reutilização.....	77
3.2 – Cadastro Descritivo.....	80
3.2.1 – Condicionantes contextuais.....	80
3.2.1.1 – Classificação tipológica.....	80
3.2.1.2 – O registro da história e a Fotogrametria.....	81
3.2.2 – Critérios de projeção.....	83
3.2.2.1 – Classificação da intervenção.....	83
3.2.2.2 – Adaptações funcionais e tecnológicas.....	86
3.2.2.3 – Acessibilidade espacial.....	86
3.2.2.4 – Segurança contra incêndio.....	88
3.2.3 – O método: Fichas de Cadastro Descritivo.....	90
3.3 – Análise.....	92
3.3.1 - A Concepção Arquitetural.....	92
3.3.1.1 – Idéia.....	93
3.3.1.2 – Uso.....	94
3.3.1.3 – Sistema.....	95
3.3.1.4 – Percepção.....	96
3.3.1.5 – Discurso.....	97
3.3.2 - O método: Análise de conteúdo das entrevistas.....	98
CAPÍTULO 4 –PELOTAS E OS NOVOS USOS DO PATRIMÔNIO	101
4.1 - Contexto do patrimônio de Pelotas.....	103
4.2 – Estudo de Casos e suas lições.....	114
4.2.1 – Caso 01 – “O Sobrado da Quinze”.....	116
4.2.2 – Caso 02 – “O Sobrado das filhas do Barão”.....	122
4.2.3 – Caso 03 – “Feira Carioca”.....	128
4.2.4 – Caso 04 – “Museu de arte Leopoldo Gotuzzo - MALG”.....	134
4.2.5 – Caso 05 – “Casarão dos Assumpção”.....	140
4.2.6 – Caso 06 – “Barão da Conceição”.....	144
4.2.7 – Caso 07 – “Banco”.....	150
CAPÍTULO 5 – DISCUTINDO AS LIÇÕES	155
5.1 – Resultados e discussão.....	156
5.2 – Considerações finais.....	161
5.3 – Recomendações para futuros trabalhos.....	165
BIBLIOGRAFIA	166
APÊNDICES	174
A – Fichas de cadastro descritivo.....	174



CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

“...renegar o novo por ser novo equivale a sacralizar o passado e negar à contemporaneidade seu próprio direito à história.” Alois Riegl

O trabalho desenvolvido nesta pesquisa trata da arquitetura e suas relações com o tempo. Refere-se à cultura, à memória e à preservação do patrimônio edificado nas cidades. Refere-se à arquitetura dos espaços que permaneceram. Espaços que foram projetados, construídos, transformados e reutilizados ao longo do tempo. Mas também trata de descobertas, às quais nos propomos, ao decifrar situações implícitas nos processos de concepção. São descobertas feitas *sob o olhar do arquiteto*, no âmbito do Projeto de Arquitetura, feitas em busca de uma melhor compreensão acerca do projetar sobre o projetado e conseqüentemente do construir sobre o construído.

É possível dizer que durante o século XX, em alguns países, tenha sido recorrente a omissão diante do valor da herança arquitetônica deixada pelas gerações passadas, causada, principalmente, pela necessidade de ruptura, presente no discurso moderno. Entretanto, o exercício da arquitetura pressupõe deparar-se com edificações de interesse histórico e cultural para a comunidade onde estão implantadas e que necessitam de projetos de intervenção. Por sua vez, muitas dessas intervenções em pré-existências arquitetônicas visam a sua adaptação a novos usos necessários para a sociedade contemporânea e tal prática vem tornando-se cada vez mais vigente no campo da preservação e recuperação do patrimônio edificado das cidades. Nesse contexto, o arquiteto assume papel fundamental como agente de um processo multidisciplinar, que também envolve diversas outras áreas do conhecimento.

1.1 - A ESCOLHA DO TEMA

A escolha do tema de pesquisa surgiu primeiramente a partir da observação da arquitetura da cidade de Pelotas, de seus espaços que permaneceram, se transformaram e foram reutilizados. Posteriormente, no decorrer do curso de Arquitetura na Universidade Federal de Pelotas e após sua conclusão, houve três oportunidades de trabalho no campo da preservação do Patrimônio Histórico e Cultural.

Primeiramente houve a participação, através de bolsa concedida pelo Cnpq, na pesquisa de iniciação científica intitulada “Testemunhos Materiais da Charqueada Pelotense (1780-1889)”, sob orientação da prof. Dra. Estér Gutierrez, e que inventariou, através de metodologia estabelecida pelo IPHAN, as construções originais ainda existentes no sítio histórico das charqueadas, no município de Pelotas, Rio Grande do Sul, prevendo seu posterior processo de tombamento e adaptação a novos usos.

A segunda oportunidade foi participação na equipe de arquitetos da Secretaria de Cultura de Pelotas, onde foram elaborados os projetos de restauro dos imóveis contemplados pelo Programa Monumenta-BID na cidade de Pelotas, em que tais imóveis, sendo quatro tombados em nível nacional pelo IPHAN, passaram por processos de adaptação a novos usos.

Por último, houve a participação junto ao Escritório Técnico da 12ª Superintendência Regional do IPHAN na cidade de São Miguel das Missões, Rio Grande do Sul, onde foram desenvolvidos e executados os trabalhos de consolidação de alvenarias das ruínas da redução de São João Batista pertencente aos Sete Povos das Missões, Patrimônio Mundial da Humanidade pela UNESCO.

Tais oportunidades de trabalho tiveram direta ou indiretamente relação com a problemática da reutilização do patrimônio edificado e fizeram emergir os questionamentos aqui descritos, os quais por sua vez orientaram a escolha e a abordagem deste tema como objeto de pesquisa em nível de dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Santa Catarina com apoio, através de bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES.

1.2– PROBLEMA E QUESTÕES DA PESQUISA

O título da pesquisa “*Novos usos para edificações de interesse histórico e cultural: As Lições da produção arquitetônica pelotense*” expressa a questão da reutilização do patrimônio edificado como ponto central do trabalho, o que direciona os esforços para compreender o modo como as edificações de interesse histórico e cultural da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, têm sido reutilizadas.

A abordagem da pesquisa delimita-se disciplinarmente no campo do Planejamento e Projeto de Arquitetura, uma vez que, a adaptação de edificações de interesse histórico e cultural a novos usos é estudada como um *instrumento conceitual* (ROBERT, 1994) para a criação arquitetônica que considera, na medida do desejado, a preservação das pré-existências. A pesquisa aborda a preservação em um sentido diferente daquele em que o edifício é considerado uma relíquia e o processo de projeto limitado a recompor determinadas características provenientes de levantamentos históricos, ao mesmo tempo em que também aborda o tema de forma a diferenciar os projetos de reutilização dos projetos de reforma, em que não sejam considerados quaisquer aspectos relativos à história e à cultura da edificação e seu entorno. Para tal diferenciação, assume alguns aspectos influentes nas decisões projetuais, tais como a correta e justificada adaptação funcional e tecnológica do novo programa de necessidades à proposta original do edifício bem como outras necessidades específicas de segurança contra incêndio e acessibilidade espacial que atendam ao novo uso.

O título revela ainda a intencionalidade exploratória direcionada às lições de arquitetura presentes na cidade de Pelotas, que tem se constituído em um verdadeiro laboratório para os arquitetos elaborarem projetos de reutilização do patrimônio edificado. Tais projetos pressupõem um exercício em que devem ser considerados diversos fatores sejam eles técnicos, documentais, teóricos e éticos, através dos quais devem ser tomadas decisões projetuais que, por sua vez, dificilmente encontram orientações prontas em teorias do restauro, legislações, normas ou cartas patrimoniais. O modo como os arquitetos tomam tais decisões acaba por explicitar a sua capacidade técnica e as suas intenções, sujeitas às condicionantes da realidade pré-existente, sendo que é da investigação sobre esse método empregado que emerge a pergunta chave da pesquisa:

1. Como são elaborados os projetos de reutilização do patrimônio edificado?

No nosso entender, a resposta para tal pergunta traz consigo as respostas a diversas outras perguntas que se subordinam à pergunta chave e que surgem no decorrer do processo de projeto, às quais o arquiteto é submetido a fim de cumprir sua tarefa profissional. Cabe-nos aqui ressaltar uma única pergunta subordinada, que também pretendemos elucidar com a presente pesquisa e que é capaz de sintetizar muito das demais perguntas subordinadas:

2. Quais os principais aspectos considerados na elaboração de tais projetos?

A pesquisa é sobre o modo como os arquitetos abordaram a relação entre as necessidades de intervenção e os valores da edificação pré-existente e como tais abordagens são expressas nos respectivos projetos. A partir da análise da amostra selecionada, procuramos detectar similaridades e/ou regras além da existência ou inexistência de um padrão de procedimento baseado em variáveis e constantes projetuais, que por sua vez se relacionam a saberes individuais e a saberes profissionais.

1.3- JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

O projeto arquitetônico, de modo geral, tem a finalidade de intervir ou transformar uma determinada situação ambiental dada. O presente trabalho parte do princípio geral de que o modo de intervir, este sempre um ato, em termos de arquitetura e urbanismo, criador e modificador, exige a construção de uma estratégia e esta poderá ser resultado do conhecimento de estratégias já empregadas.

Quando se trata de intervenções no patrimônio edificado, muitas são as possibilidades, as intenções e os caminhos possíveis de serem tomados. É comum se dizer que não existem receitas prontas e que cada caso é um caso, devendo-se para a elaboração de um projeto adequado, aliar-se o técnico, o teórico, o artístico e o intuitivo na busca de soluções específicas para cada problema.

O estudo do tema é de extrema relevância para a arquitetura de ontem, hoje e amanhã, visto que é tarefa do arquiteto, propor intervenções que possibilitem aos usuários e à sociedade em geral a compreensão e a identificação do real valor da edificação como patrimônio. A complexidade dos processos e métodos de projeto

empregados em reutilizações justifica o estudo de intervenções já realizadas, para que assim, possamos captar as lições de tais experiências, formando um acervo demonstrativo de algumas possibilidades e estratégias de projeto que possam ser empregadas em situações similares.

O estudo da reutilização enquanto prática profissional do arquiteto e urbanista traz consigo uma grande relação com uma série de iniciativas de planejamento urbano que têm sido implantadas em muitas cidades, as quais visam, principalmente, a revitalização de áreas centrais centros históricos degradados. Apesar de não terem sido objeto direto de nossa análise tais iniciativas também compõem a justificativa do mesmo, visto que a reutilização de edificações é notadamente um dos instrumentos empregados na esfera urbana e é apresentada como possível solução por autores como Sherban Cantacuzino:

“Se queremos que nossas cidades voltem a ser organismos com vida, o planejamento deve fixar-se em dois objetivos: combater o aumento de preço do solo e propiciar uma mistura equilibrada de usos e atividades nas áreas centrais. Isso significa, entre outras coisas, propor novos usos adequados aos imóveis que originalmente abrigavam uma ampla gama de atividades.”

(CANTACUZINO, 1979, p.09)

A pesquisa justifica-se também por tentar compensar a escassez de bibliografia de cunho crítico sobre reutilização, principalmente sobre as intervenções ocorridas no Brasil, resumindo-se, em um primeiro momento, a registros em periódicos, revistas, sites de arquitetura além de alguns trabalhos acadêmicos, como dissertações de mestrado já concluídas. Tais publicações procuram investigar questões referentes à reutilização, enquanto que a presente pesquisa tem enfoque direcionado ao modo como os arquitetos procuraram responder a tais questões. Acredita-se que a disponibilização do conhecimento tratado na pesquisa deverá auxiliar no desenvolvimento de habilidades necessárias à atuação profissional e na conseqüente elaboração de soluções arquitetônicas mais adequadas, o que confere ao trabalho uma relevância de ordem prática e/ou didática.

1.4 – OBJETIVOS

A pesquisa investiga os caminhos tomados pelos profissionais arquitetos ao **projetar** a adaptação de novos usos em edificações de interesse histórico e cultural.

1.4.1 – OBJETIVO GERAL

Analisar o **processo de projeto** para reutilização de edificações de interesse histórico e cultural pré-existentes (patrimônio edificado), suas abordagens e seus resultados. Busca, portanto, atualizar e ampliar a reflexão e discussão sobre uma problemática que já vem sendo enfrentada pelo arquiteto desde os primórdios do exercício de suas atividades, procurando contribuir para o estudo de tal problemática e reconhecendo a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural como um importante campo de pesquisa da arquitetura e urbanismo atuais.

1.4.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Registrar a **evolução da prática** da reutilização de edificações ao longo do tempo até os dias de hoje, em âmbitos regionais, nacionais e internacionais, demonstrando sua importância como tendência da arquitetura contemporânea.
2. Formatar e empregar um **sistema de cadastro descritivo** sob a forma de um conjunto de *check-lists*¹ baseadas na revisão de literatura e direcionadas à coleta e sistematização de informações sobre o ambiente construído, capaz de descrever os aspectos mais relevantes dos projetos de reutilização selecionados.
3. Investigar as aproximações dos **processos de concepção a um método** determinando as principais variáveis e constantes em cada um dos projetos selecionados.
4. Demonstrar algumas **possibilidades de intervenção**, através de categorias teóricas e metodológicas capazes de orientar a prática projetual e serem re-empregadas, como um todo ou de forma parcial em outros projetos.

¹ Lista de dados do projeto a serem verificados

1.5- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O estudo parte de uma abordagem qualitativa e envolve os procedimentos metodológicos demonstrados a seguir:

1.5.1 – A TEORIA - REVISÃO DA LITERATURA

A revisão da literatura permite compreender o contexto geral do trabalho e a conexão com a segunda etapa do desenvolvimento, aqui denominada ESTUDO DE CASOS. Através da revisão de literatura foi possível chegar à determinação mais precisa dos objetivos do trabalho e a um incremento dos resultados esperados. Com a finalidade de possibilitar a compreensão geral do trabalho e consolidar a necessidade dos estudos de casos, no quadro 1, são apresentados de forma sintética, cada capítulo da parte aqui denominada TEORIA, com seus principais pontos abordados:

TÍTULOS	CONTEÚDO	REFERÊNCIAS PRINCIPAIS
<p>CAPÍTULO 2</p> <p>ARQUITETURA E SEUS TEMPOS</p>	<p>O capítulo 2 traz reflexões sobre os conceitos de Cultura, Memória, Patrimônio e a sua preservação. Tais conceitos são discutidos, abordando a complexidade dos temas e suas relações diretas com o tema central da pesquisa: a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural.</p> <p>Em busca do <i>ESTADO DA ARTE</i> sobre a reutilização do patrimônio edificado, também demonstra, através de um <i>PERCURSO DE REFLEXÃO</i> desde suas possíveis origens, sua evolução, no mundo, no Brasil e na região sul (PR, SC, RS).</p>	<p>CUNHA, Maria C. Pereira (Org.). O direito à memória – Patrimônio Histórico e cidadania. 1991.</p> <p>ARANTES, Antônio Augusto (Org.). Produzindo o passado – Estratégias de construção do Patrimônio cultural. 1984.</p> <p>POWELL, Kenneth, El Renacimiento de la Arquitectura. La transformación y la reconstrucción de edificios antiguos. 1999.</p>
<p>CAPÍTULO 3</p> <p>O PROCESSO PROJETUAL DE REUTILIZAÇÃO</p>	<p>O capítulo 3 apresenta uma abordagem da reutilização de interesse histórico e cultural como prática projetual, suas possibilidades como método, influenciada e/ou condicionada por diferentes aspectos a serem posteriormente analisados no estudo de casos.</p> <p>Também apresenta o MÉTODO desenvolvido para o estudo de caso e os autores empregados.</p>	<p>SILVA, Elvan. Uma Introdução ao Projeto Arquitetônico. 2006.</p> <p>DE GRACIA, Francisco, Construir en lo Construido. La arquitectura como modificación. 1992, Madrid: NEREA. 323.</p> <p>BOUDON, Philippe; DESHAYES, Philipp e; POUSIN, Frédéric; SCHATZ, Françoise. Enseigner la conception architecturale. 1994. Paris : La Villette.</p>

Quadro 1 – Quadro resumo: estrutura da Revisão de literatura para a pesquisa.

Fonte: preparado pelo autor, 2007

1.5.2 – A PRÁTICA – ESTUDO DE CASOS

Diante do desafio da reutilização, que exige do arquiteto uma grande capacidade para tratar dos diversos aspectos envolvidos, pretende-se investigar, com base em estudo de casos, como os arquitetos têm abordado tais aspectos. O estudo de casos é focado no método de projeto arquitetônico, a partir do qual cada reutilização deverá ser analisada e prevê as seguintes etapas:

1. **SELEÇÃO DA AMOSTRA** - para selecionar as reutilizações com maior potencial de análise, empregamos alguns critérios, segundo o olhar do pesquisador, a partir do conhecimento do tema e pela revisão de literatura consubstanciados pelo texto de Cantacuzino (1979, p. 09). Tais critérios foram empregados para a seleção e delimitação geográfica adotada para o estudo de caso, qual seja a cidade de Pelotas (RS), considerando que a mesma possui projetos e obras de reutilização (casos) que podem proporcionar um estudo mais enriquecedor mediante a abordagem prevista para a pesquisa.
2. **FORMATAÇÃO DA FICHA DE CADASTRO DESCRITIVO** – Para elaborar uma estrutura de DESCRIÇÃO dos projetos de reutilização, buscou-se o desenvolvimento de uma ficha com base nos principais referenciais teóricos obtidos na revisão de literatura. O mérito desta ficha está na busca pelo desenvolvimento de um material destinado especificamente a projetos de reutilização, voltado ao ambiente construído, a partir dos principais condicionantes contextuais e critérios de projeção envolvidos em tais projetos, dentre os quais são destacados: a segurança contra incêndio e a acessibilidade espacial. (Ver Apêndices)
3. **ELABORAÇÃO DE ENTREVISTA COM ARQUITETOS**– A entrevista é semi-estruturada e com questões que buscam evidenciar principalmente os procedimentos envolvidos no projeto de reutilização, para fins da ANÁLISE que é um dos objetivos da pesquisa.
4. **CONTATO COM ARQUITETOS** – Aplicação de entrevista com os profissionais autores dos projetos selecionados, atuantes na área da

preservação e recuperação do patrimônio. O Contato com Arquitetos tem por objetivo a coleta das principais informações a respeito dos projetos de reutilização por eles realizados e, principalmente dos dados de concepção e dos componentes gráficos dos projetos (plantas, cortes e fachadas).

5. **CONTATO COM A REUTILIZAÇÃO** – visita, observação da realidade, levantamento fotográfico e preenchimento da ficha de Cadastro Descritivo elaborada pela pesquisa.

1.6 – DELIMITAÇÕES DA PESQUISA

Sendo a diretriz deste trabalho, a análise de projetos de reutilização do patrimônio edificado, pretendemos aqui tornar ainda mais claro e dinâmico o entendimento de suas delimitações, através de um esquema síntese (vide quadro 2). Foram utilizados de ícones para ilustrar cada uma das categorias de concepção analisadas nos projetos de reutilização e explicadas no item 3.3.1 do capítulo 3.



Quadro 2 – Quadro resumo: Esquema delimitativo da pesquisa

Fonte: preparado pelo autor, 2007



CAPÍTULO 2 – ARQUITETURA E SEUS TEMPOS

A arquitetura tem íntima relação com o tempo. Ela é projetada em um intervalo de tempo. Ela é construída durante um intervalo de tempo para, então, ser finalmente utilizada ao longo de um outro tempo. É desse tempo, em que a arquitetura permanece utilizável, que advêm as principais elucidações teóricas e análises críticas pretendidas nesse trabalho. É aqui proposto um **percurso de reflexão** que pretende demonstrar os diferentes tempos aos quais a arquitetura é submetida: a permanência, a transformação e por fim a reutilização, tema principal do presente trabalho.

2.1– ARQUITETURA E A PERMANÊNCIA NO TEMPO

(...) o tempo não pode ser percebido por si. Logo tem que ser encontrado nos objetos da percepção, isto é, nos fenômenos, o substrato que representa o tempo em geral e no qual toda a variação ou simultaneidade pode ser percebida na apreensão através da relação dos fenômenos com tal substrato. (...) Só no permanente são possíveis relações de tempo, isto é, o permanente é o substrato da representação empírica do próprio tempo e unicamente nele é possível toda a determinação do tempo.

(KANT, 1999, P. 168)

O tempo em que a arquitetura permanecerá enquanto espaço utilizável é quase sempre indeterminado, por ocasião de seu projeto e de sua construção. Sua vida útil é uma incerteza, e ao longo dela ocorrerão inúmeras perdas e conseqüentes necessidades de intervenção. A permanência do espaço da arquitetura se dará ao longo de diferentes temporalidades e com tais temporalidades surgirão algumas relações das quais nos fala Coutinho (1970) em sua obra *O espaço da arquitetura*:

De todas as artes, a arquitetura é a única efetivamente sujeita a prejuízos, a danos decorrentes da necessidade de se atender a reclamos da prática (...) Em virtude de ser realidade, e de ater-se à realidades, o espaço arquitetônico se vê, a cada hora, sob o risco de dissolver-se por força de alguma alteração no maciço continente, alteração que se executa em face de motivos estranhos à estética. Naturalmente que nenhum espectador, por mais restrições que faça a respeito de uma tela, inclusive

sendo o proprietário, irá ao exagero de por ou retirar elementos nela contidos; entretanto, quanto à arquitetura, é bem menor o zelo pela autoria da edificação, as contingências estéticas, notadamente as sociais, conspiram contra o prédio que se confeccionou em unidade artística, abrangendo, no ato da aluição, a perdurabilidade que tanto almeja o criador. (COUTINHO, 1970, P. 86)

Em muitos casos, a permanência da obra arquitetônica, enquanto espaço, se dá devido à demanda por sua utilização, em virtude da qual se dão as intervenções que se fazem necessárias ao longo do tempo. Um exemplo pertinente é o prédio do Parlamento Alemão (Reichstag) remodelado por projeto do arquiteto Sir Norman Foster, Prêmio Pritzker de 1999. Vencedor de concurso internacional para tal projeto, o arquiteto utilizou-se da mais alta tecnologia para a reutilização do plenário no interior do Reichstag – um edifício inaugurado em 1894, incendiado em 1933, parcialmente destruído em 1945 e restaurado nos anos 60 – através da construção de uma enorme cúpula em aço e vidro que proporciona economia energética pela iluminação e ventilação natural do interior do edifício além de se assemelhar em termos formais com a cúpula original do edifício. (Figuras 01 e 02).



Figura 01: Reichstag – estado original.

fonte: <http://www.firstworldwar.com>



Figura 02: estado atual após intervenção.

fonte: <http://www.berlin-info.de>

Entretanto, há inúmeros casos em que, mesmo não havendo tal demanda por utilização, a obra arquitetônica resiste. É o que acontece com grande parte dos monumentos que chegam até os nossos dias. Ao considerarmos o caso de edificações em estado de ruína (Figuras 03 e 04), embora não sejam mais utilizáveis, enquanto espaço, elas resistem, muito provavelmente, em função de algum significado histórico e/ou cultural que, ao garantir sua permanência no tempo,

acaba por justificar e até por possibilitar novas potencialidades de utilização em outros tempos.



Figuras 03 e 04: ruínas dos sítios arqueológicos de São Miguel das Missões e de São João Batista – RS

fonte: Acervo Escritório Técnico Iphan Missões

Coutinho (1970) faz referência a tais significados ao observar que ao considerarem-se apenas aspectos associados à funcionalidade do espaço da arquitetura, sem a apreciação de seus valores subjetivos, carregados através de sua consistência material, caso em que se enquadrariam as ruínas, se teria uma perda irreparável ao simplesmente demolir e substituir uma determinada obra por outra:

Na demolição de uma casa, ainda se considerando que no terreno erguer-se-á, sob o contentamento unânime, um edifício de mais grato uso e de mais harmonioso aspecto, sempre se evidencia peculiar tristeza, quer hajam sido alegres, quer hajam sido melancólicos os fins a que se dispunha a casa; dá-se, com o desaparecimento do vão, o desaparecimento, agora impossível de remediar-se, de toda uma série de conjunturas, em linguagem humana, que se verificou a expensas do estojo espacial, de modo a se poder dizer, de qualquer demolição, que ela representa uma segunda morte no tocante aos fatos que aconteceram no acabado albergue. (COUTINHO, 1970, P. 87)

Considera-se, portanto, que a arquitetura permanece ao longo do tempo, em função de diversos e, muitas vezes, incomensuráveis fatores, dentre os quais, evidenciam-se não só aqueles relativos à sua capacidade de utilização prática, como também uma série de outros relativos a conceitos não tão palpáveis tais como suas relações com a cultura, com a memória e sua conseqüente designação como patrimônio. Pode-se dizer que, tais fatores, ao se correlacionarem, despertam o interesse de uma determinada sociedade em assegurar a permanência da obra

arquitetônica para além de seu tempo de utilização projetado inicialmente, preservando-a e possibilitando sua inserção em novos tempos.

2.1.1 – O patrimônio e o interesse histórico e cultural

Nós podemos viver sem (a arquitetura), adorar nosso Deus sem ela, mas sem ela não podemos nos lembrar.

(The Seven Lamps of Architecture – J. Ruskin)

Segundo Funari (2000), as línguas românicas usam termos derivados do latim *patrimonium* para se referir à "propriedade herdada do pai ou dos antepassados, uma herança". Os alemães usam *Denkmalpflege*, "o cuidado dos monumentos, daquilo que nos faz pensar", enquanto o inglês adotou *heritage*, na origem restrito "àquilo que foi ou pode ser herdado" mas que, pelo mesmo processo de generalização que afetou as línguas românicas e seu uso dos derivados de *patrimonium*, também passou a ser usado como uma referência aos monumentos herdados das gerações anteriores. Em todas estas expressões, há sempre uma referência à lembrança, *moneo* (em latim, "levar a pensar", presente tanto em *patrimonium* como em *monumentum*), *Denkmal* (em alemão, *denken* significa "pensar") e aos antepassados, implícitos na "herança". Ao acrescentarmos termos como histórico e cultural, delimitamos, em termos conceituais, os domínios particulares do presente trabalho, cabendo salientar que há um direcionamento para o estudo da parcela do patrimônio edificado composto por edificações de interesse histórico e cultural.

Cada povo é conduzido por sua história. A cidade madura é reflexo de acontecimentos acumulados, de batalhas sofridas; de doenças e curas empreendidas e de tempos de fartura e de miséria; exatamente como a história de cada indivíduo, onde os acontecimentos de sua infância e adolescência são condicionantes da sua vida adulta. Negar, negligenciar ou camuflar a sua história é perder a própria identidade, é se propor a viver sem valor, sem raízes. (RIBEIRO, 2005)

No nosso entender, as correlações entre cultura e memória é que propiciam uma apropriação da história, e por conseqüência a noção do que é uma edificação de interesse histórico e cultural. O plano cultural em que ocorre o processo de atribuição de significados a determinadas edificações também engloba o conceito de

trabalho que pode ser considerado cultura, enquanto criação, percepção do homem e ação transformadora do homem sobre a natureza, sobre si próprio e sobre as relações entre os homens. A cultura também pode ser vista com um caráter cumulativo: uma vez criada, constitui novas bases para criações posteriores, relacionando-se dessa maneira a uma noção de trabalho.

A antropóloga Eunice Ribeiro Durham (1984, p. 28) destaca “um outro elemento importante na noção de trabalho e, especialmente, na de meios de produção: a de que o produto contém um trabalho morto que pode ser retomado e vivificado por um novo trabalho que se exerce sobre ele”. A autora cita o exemplo de uma caneta que é o produto de um trabalho. Ao permanecer guardada na gaveta, ou na loja, este trabalho que ela contém pode ser considerado morto. Entretanto se for usada para escrever um texto, um artigo, um livro, investida nesse novo trabalho, ganha vida e passa a ser um instrumento de produção, inclusive, cultural.

A reutilização da caneta, enquanto produto, para um novo trabalho, retirando-a de uma condição de desuso e infundada obsolescência, demonstra, até certo ponto, o conceito de patrimônio aqui pretendido, bem como de suas possíveis relações com a cultura. Assim sendo, são aspectos eminentemente culturais que vão determinar a importância de determinados bens e suas possibilidades de utilização e de reutilização, sejam estas de caráter prático ou simbólico. Até os bens materiais mais úteis estão imersos numa espessa camada de relações sociais, elaborações estéticas e formas rituais na qual reside grande parte de sua significação.

Devemos conceber o patrimônio cultural como cristalizações de um “trabalhador morto” que se torna importante exatamente na medida em que se investe nele um novo “trabalho cultural”, através do qual esse bem adquire novos usos e novas significações. Aliás, uma das características desse processo de construção cultural reside exatamente no fato de que, quanto maior a carga simbólica conferida no passado a um bem cultural, tanto mais ricas serão as possibilidades de sua utilização futura.

(DUHRAM, 1984, P. 30)

O patrimônio pode ser considerado produto e instrumento da cultura, sendo que isso só acontece, na medida em que o mesmo possa ser apropriadamente utilizado. A noção de cultura (do latim *colere* que significa cultivar) é sempre relacionada, não apenas às obras, mas a certa capacidade humana de produzi-las e usufruí-las. No

senso comum, a cultura é relacionada a um conjunto de conhecimentos ou informações que não são utilizados no dia-a-dia das pessoas comuns e como um produto superior, que exige qualidades superiores para ser usufruída. Segundo tal princípio, o usuário de uma edificação de interesse cultural deveria ser dotado de uma capacidade especial ou de um olhar qualificado para apreciá-la e utilizá-la.

Entretanto, o **interesse cultural** que propomos, no presente trabalho, se relaciona às ações exercidas em e/ou a partir das obras e não aquele que diz respeito estritamente às obras, enquanto concepção e materialização. Pressupomos que a adaptação de edificações a um uso corrente da sociedade e que permita o acesso de diferentes classes econômicas e sociais é positivo e desconstrói um conceito estritamente elitista de cultura ainda vigente. É através dessa utilização, que o usuário poderá atribuir diferentes valores a estas edificações, enquanto artefato, criadas pelo trabalho de outras gerações. Estabelecemos até aqui um conceito de patrimônio mais adequado, suscetível de compreensão e de transmissão para gerações futuras. Mas qual a participação da memória nesse processo?

“na Arte Poética, Aristóteles afirma que poesia é superior à história porque se refere ao universal e ao possível, enquanto a história se refere ao particular e ao fato acontecido. Séculos depois, Cícero diria exatamente o contrário e faria da história a Mestra da Vida, dando a ela a tarefa de produzir exemplos, modelos e paradigmas de excelência para serem imitados no presente, imitação que Aristóteles atribuía à poesia, isto é, à literatura. Embora opostas, essas duas posições possuem um pressuposto comum, qual seja, a natureza peculiar da memória. Mnemosyne e Memória é a deusa que impede o esquecimento, está do lado da luz, da vidência inspirada, da antevisão do futuro pela compreensão profunda do sentido do passado. Clio e História estão do lado de Mnemosyne e da Memória como deusas que não esquecem e que permitem a vingança dos crimes do passado por um presente que redime.”

(CHAUÍ, 1991, P. 37)

Acreditamos que o **interesse histórico** por uma determinada edificação se dá através do uso da memória (palavra com origem latina transmitida pelo étimo *memor, oris* – que se lembra, que se recorda, que adverte, que traz à memória, reconhecido, grato – e *memoria, ae* - memória, lembrança, reminiscência, tempo passado, tradição) como instrumento que possibilita dispor de conhecimentos

passados, sendo que ela não pode guardar tudo para o presente e, portanto, constitui-se em elemento transformador e seletivo. O primeiro papel da memória seria o de garantir a existência do passado no presente possibilitando ao presente, ser percebido e vivenciado de diferentes maneiras, a partir do conhecimento do passado e o principal, situando no próprio presente, a oportunidade de apropriação desse mesmo passado.

Exilar a memória no passado é deixar de entendê-la como força viva no presente. Sem memória, não há presente humano, nem tão pouco futuro. Em outras palavras: a memória gira em torno de um dado básico do fenômeno humano, a mudança. Se não houver memória, a mudança será sempre fator de alienação e desagregação, pois inexistiria uma plataforma de referência e cada ato seria uma reação mecânica, uma resposta nova e solitária a cada momento, um mergulho no passado esvaziado para o vazio futuro.

(MENESES, 1984, p. 34)

Ao construir a memória, a qual não trabalha apenas através de lembranças, mas também de esquecimentos, o homem intervém não só na ordenação dos vestígios, dos registros, mas também na sua releitura. Portanto, a memória é a expressão de modos como os grupos se apropriam e fazem uso do passado no presente, sendo que este é o segundo e principal papel que ela assume na construção do conceito aqui pretendida.

Tal conceito evoca um sentido de patrimônio e de edificações de interesse histórico e cultural que devem possibilitar que nos façamos presentes, não só no espaço material, construído ou urbano, mas no espaço da história. A história e os seus tempos são lugares em que fundamentalmente queremos estar e atuar, através da preservação e utilização do patrimônio, sem que sejamos exilados dos mesmos pelo caráter efêmero e fugaz das épocas em que vivemos e das que ainda virão.

Portanto, para os fins do presente trabalho, consideramos edificação de interesse histórico e cultural aquela em que há a permanência de um produto cultural do passado e em que é possível sua apropriação e conseqüente uso como instrumento cultural no presente. Um interesse que possibilite compreender e atuar aqui e agora, sem esquecer as dificuldades inerentes à preservação, da qual advêm divergências e contestações. Relaciona-se com um conceito de patrimônio que não

se compromete apenas a ampliar o acesso aos bens culturais acumulados ou a preservar raridades e sim a utilizar espaços de relação, de encontro, lugares, capazes de estimular novas produções e de promover a convivência com as diversidades sócio-culturais.

2.1.2 – O patrimônio e a preservação

“(...) os produtos de obras que aparecem hoje como monumentos históricos buscaram, sobretudo satisfazer as suas próprias necessidades práticas ou suas exigências de ideal, a denominação de monumento não pode ser entendido num senso objetivo, mas somente subjetivo. Não é sua destinação original que confere a essas obras a significação de monumentos: somos nós, súditos modernos, quem atribuímos”

Alois Riegl

Lê culte moderne dès monuments (der moderne denkmalkutus)

O patrimônio cultural, principalmente o edificado, em qualquer sociedade, é sempre produto da seleção de alguns elementos, enquanto outros seriam passíveis de esquecimento, e conseqüente destruição. A tarefa de preservar poderia ser encarada como uma luta contra o tempo, contra o esquecimento, contra a corrosão, além de ter, antes de tudo, um caráter seletivo, afinal, nem tudo pode ser preservado. A necessidade de seleção implica em recorrer a valores que dificilmente entram em consenso, principalmente nas sociedades contemporâneas democráticas, marcadas por pautas culturais as mais diversas e fragmentárias. O conceito de patrimônio pode se relacionar a algo que para alguns seja motivo de orgulho, digno de preservação sendo que para outros possa representar motivo de vergonha e, portanto seja merecedor de destruição.

O acervo arquitetônico da cidade de Antônio Prado no Rio Grande do Sul (Figuras 05 e 06) pode ser tomado como um exemplo dessas duas possibilidades presentes no processo de seleção do que deve ser preservado. As edificações alinhadas, de mesma altura, com dois pavimentos, adornadas por lambrequins e construídas em madeira por colonizadores italianos, são tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN – e, portanto, passaram por uma seleção que determinou sua conseqüente preservação integral.



Figuras 05 e 06: Casario em madeira no Centro Histórico de Antônio Prado – RS

Patrimônio tombado em nível nacional pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

fonte: <http://www.cameraviajante.com.br>

Entretanto, tal seleção, é frequentemente questionada por alguns habitantes da cidade, para quem tais edificações são tidas como motivo de vergonha, pois evidenciam, tanto as dificuldades pelas quais seus ancestrais italianos passaram para se adaptar à colônia, quanto a estagnação econômica e a dita falta de progresso da cidade que permitiu a tais edificações chegar até os dias de hoje.

“Há anos, um prefeito de Antônio Prado interpelou-me: quando, em vez da vergonha, eu divulgaria o progresso do município? Respondi com outra pergunta: se as vergonhosas ruínas da igreja missioneira de São Miguel fossem substituídas por uma igreja nova, este progresso atrairia quantos visitantes?”

(Posenato, 1989, p. 24)

Há também, o perigo da seleção ser pautada por fatores que dizem respeito apenas a uma parcela da população, conforme nos alerta a antropóloga Eunice Ribeiro Duhram:

“(…) a história que se preserva tende a ser a história das classes dominantes. Os monumentos que se conservam são aqueles que estão associados com os feitos e a produção cultural das classes dominantes. Raramente se preserva a história dos dominados”.

(Duhram, 1984, p. 33)

O perigo da seleção do que preservar também é mencionado por Maria Célia Paoli (1991) através de Walter Benjamin e a chamada “história dos vencedores”:

“(…), sobre cujos feitos foram produzidos os documentos e erigidos os monumentos, referência única ao que se ensina nas escolas, se mostra aos turistas, se celebra nos feriados nacionais. Ao esconder e silenciar as outras narrativas dos acontecimentos passados e presentes, essa história se torna a oficial: a história necessária e documentável, em referência à qual o valor de outros projetos e de outras presenças – quando aparecem – são medidos e julgados e que também decreta a insuficiência e até a ilegitimidade da memória social ou popular.” (PAOLI, 1991, p. 26)

É possível constatar a existência de duas abordagens sobre o patrimônio, com ênfase no edificado. Uma delas dá pouco significado presente a tudo aquilo produzido no passado, vendo-o como algo superado e antigo que sobrou do movimento de recriação continuada da cidade e que só merece ser preservado, a partir de critérios exclusivamente estéticos ou aqueles ditados pela racionalidade do mercado. Uma segunda abordagem opta por ser demasiadamente apegada ao passado, às coisas que tenham aparência de antiguidade, associada a um certo sentimento de perda, que deseja preservar a consistência material como documentos, objetos, monumentos e edificações, para manter-se ligada à nostalgia de algo que não existe mais.

A preservação, enquanto parte de uma nova construção historiográfica, deveria ser alicerçada no reconhecimento do direito ao passado enquanto dimensão básica da cidadania e também das referências de grupo (memórias coletivas) mesmo quando estas tenham um fraco nexos com a história instituída. É exatamente aí que se encontra o desafio: fazer com que experiências silenciadas, suprimidas ou privatizadas da população se reencontrem com a dimensão histórica. (PAOLI, 1991, p. 26)

Segundo Arantes (1984, p.8), as iniciativas de preservação, principalmente na atualidade, sejam elas por parte da iniciativa privada ou do poder público estarão sempre vinculadas a uma das duas vertentes:

Vertente ideológica – em que a constituição e defesa do patrimônio são os meios pelos quais se dá forma e conteúdo a grandes abstrações tais como a nacionalidade e a identidade. Desse ponto de vista, o problema não é o apenas preservar ou não, mas determinar o que defender e como fazê-lo. Essa é, em geral, a vertente em que se apóiam os órgãos responsáveis pelo patrimônio.

Vertente comercial ou econômica – em que a questão dos interesses econômicos tem prioridade por trata-se de bens de alto valor no mercado imobiliário. Muitas pessoas consideram ociosas ou anti-econômicas as construções tidas como antigas, mas passam a aproveitar a potencialidade comercial desses bens e o lucro que se vislumbra em curto prazo pela sua reutilização mais intensiva. Entretanto, alguns investidores percebem melhor o lado comercial do valor de raridade e da significação social mais ampla desses bens, particularmente em termos de prestígio. Estes jogam mais a médio e longo prazo: investem na defesa e valorização (social e comercial) de áreas que, preservadas vão sendo incorporadas às faixas mais altas do mercado, recebendo população de classe média e alta como residentes ou turistas, que, por sua vez, têm se aliado aos preservacionistas, proporcionando muitas das iniciativas que vêm sendo executadas no Brasil e em outros países.

Da relação, ou conflito, entre tais vertentes surgem ameaças ou oportunidades dos processos envolvidos na preservação do patrimônio edificado, enquanto bem cultural de uma determinada sociedade. A viabilidade de tais processos, nas sociedades de mercado, em que se fala de geração de valor de troca, acaba por inserir o patrimônio no circuito das mercadorias, abrindo o mercado tanto àqueles profissionais comprometidos com o resgate da cultura e da história, quanto àqueles não tão comprometidos. Gera-se uma adesão descuidada aos fascínios mercadológicos de uma ainda despreparada “Economia da Restauração” definida por Storm Cunningham (2003) como o “conjunto de atividades criado por milhares de ações que estão restaurando nosso ambiente natural e construído”.

“Estas ações que o autor de *The Restoration Economy* enquadra no Desenvolvimento Restaurador, hoje dominam as preocupações dos cidadãos, dos setores governamentais e de negócios, envolvendo tanto a reconstrução de cidades quanto a ecologia de vastas áreas do nosso planeta. (...) dentre as “indústrias da restauração”, apenas as que tratam das ações de renovação da infra-estrutura e do patrimônio cultural – onde se incluem a recuperação de cidades, zonas portuárias e museus, a reabilitação de monumentos e de sítios históricos, além da adaptação de uso de edifícios antigos –, podem estar a movimentar muito mais de um trilhão de dólares por ano em todo o mundo.”

(GUIMARAENS, 2004)

Vejam os um exemplo hipotético da relação ameaça/oportunidade gerada pelo mercado do patrimônio cultural edificado: uma empresa qualquer pode vir a se interessar pela preservação e intervenção em uma edificação que seja compatível com sua estratégia de marketing, enquanto que, outras edificações do entorno, que possam ser consideradas de maior interesse histórico e cultural, pelos especialistas, sejam mantidas em estado de ruína. Este caso remete aos valores que as edificações representam, demonstrando que o poder público não pode eximir-se completamente, deixando a seleção ao sabor da iniciativa privada que tem seus critérios próprios.

Há ainda o perigo da preservação ser feita visando apenas o atendimento à demanda dos turistas, os quais têm sua atenção voltada para aspectos visuais dos lugares e para o pitoresco, para tudo que atrai aos sentidos, implicando em intervenções arquitetônicas que na maioria das vezes tendem a recriar paisagens não mais existentes. Tais recriações tentam produzir uma imagem singular da cidade, fruto daquilo tido como sua cultura e identidade próprias, uma imagem componente do processo contemporâneo chamado, por Henry-Pierre Jeudy (2005), de espetacularização das cidades. Essa espetacularização se insere nas novas estratégias de *marketing*, ou do chamado *branding* urbano, ditas de revitalização, constroem novas imagens para as cidades tentando assegurar-lhes um lugar em redes de turismo.

Para Jeudy, a cidade se tornou o principal alvo dos cuidados patrimoniais e por esta razão passou a sofrer cirurgias plásticas ou *liftings*. Sua restauração permanente é o espelho atual do porvir das sociedades contemporâneas. (...) cidades distintas, com culturas distintas, se parecem cada vez mais. Essa contradição pode ser explicada: cada vez mais as cidades precisam seguir um modelo internacional extremamente homogeneizador, imposto pelos financiadores multinacionais dos grandes projetos urbanos. Este modelo visa basicamente o turista internacional – e não o habitante local – e exige um certo padrão mundial, um espaço urbano tipo, padronizado. (JACQUES, 2005)

A chamada “Economia da Restauração” e a “Espetacularização das cidades” podem trazer consigo os efeitos perversos da valorização do patrimônio (Choay, 2001, p. 226) e acabam por deixar em aberto uma questão referente à preservação:

até que ponto as intervenções no patrimônio contribuem para sua efetiva valorização e a quem deve atender tal valorização? Cabem aqui as palavras de Canclini (1994, p. 94): “Toda operação científica ou pedagógica sobre o patrimônio é uma metalinguagem, não faz falar as coisas, mas fala de e sobre elas”, quando ressalta que políticas culturais voltadas ao patrimônio devem resgatar os objetos “culturalmente representativos” da sociedade em suas diferentes temporalidades e espacialidades.

Uma visão inicial reducionista que enfatizava a noção do patrimônio nos aspectos históricos consagrados por uma historiografia "oficial", centrada em episódios bélicos e figuras paradigmáticas - quando não em recortes cronológicos arbitrários foi-se projetando até uma nova perspectiva mais ampla que incluiu o "cultural", incorporando ao "histórico" as dimensões testemunhais do cotidiano e os feitos não-tangíveis. Foram superadas assim as primeiras legislações que protegiam bens segundo sua antiguidade (cem anos, geralmente) e também perfilaram-se aberturas temáticas que transcenderam os edifícios de "prestígio", como as edificações oficiais e as igrejas. Assim, desde um moinho até uma estação de trem puderam ser incorporadas sem problemas às definições do patrimônio. (GUTIERREZ, 1992, p. 121)

O patrimônio edificado é, antes de tudo, a parcela da arquitetura que teve sua permanência no tempo assegurada, devido ao seu intrínseco interesse histórico e cultural. O que pretendemos aqui foi explicitar alguns conceitos envolvidos com tal sentido de permanência da arquitetura no tempo, procurando direcionar o olhar para as possibilidades que a reutilização, tema central do presente trabalho pode proporcionar para a preservação, a qual está muito além da simples manutenção da consistência do material edificado.

“Preservar um bem cultural é conservar, livrar, defender, resguardar, tombar, restaurar, revitalizar, e dar-lhe uma nova função, um uso adequado, um novo sentido.”
(LEMOS, 1981)

Ao permitir que um patrimônio ainda não tão evidente e designado como tal venha a se fazer presente no cotidiano da população local, o que se faz vai muito além de simplesmente servir como um conjunto de artefatos direcionados ao desfrute dos turistas, posto que a prática da reutilização possibilita relações de cidadania e de pertencimento histórico/social.

Segundo nossa abordagem preservar não significa estagnar, mumificar, ou paralisar investimentos em construções antigas ou obsoletas com a única intenção de contar uma história visto que tais construções se colocadas em uso e adaptadas a funções compatíveis com os dias atuais podem contar muitas outras histórias e transmitir seu legado para o futuro, valorizando o imóvel seu entorno imediato e a cidade. Pressupomos que a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural insere-as em novos contextos culturais, e são incorporadas a um conceito de patrimônio muito mais dinâmico e adequado aos nossos tempos de constante transformação.

2.2 – ARQUITETURA E A TRANSFORMAÇÃO NO TEMPO

A necessidade de transformação ou de intervenção sempre se fez presente dentro do escopo de atividades de arquitetura, sendo que, na atualidade, tal prática tem recebido maior destaque e por sua vez tem conferido uma maior responsabilidade ao projetista. É cada vez mais exigida a capacidade de reconhecimento das potencialidades de pré-existências e uma adequada valorização destas mesmas potencialidades, o que caracteriza uma necessidade de interpretação arquitetônica.

2.2.1 – A pré-existência arquitetônica

(...) todo problema de intervenção é sempre um problema de interpretação de uma obra de arquitetura já existente, porque as possíveis formas de intervenção que se delineiam sempre são formas de interpretar o novo discurso que o edifício pode produzir. Uma intervenção é tanto como tentar que o edifício volte a dizer algo e o diga em uma determinada direção (SÓLA-MORALES, 1987, P. 31)

A intervenção ou o próprio ato de intervir, pode ser considerado dos mais recorrentes na arquitetura. A natureza do ato criador, seu sentido utilitário, materializado nas necessidades constantes de uso, leva o artefato criado a ser alvo de constantes intervenções. Assim sendo, por uma edificação de uso residencial, construída no século XVIII, passam várias gerações que convivem com o espaço construído e ao longo do tempo de sua existência e realizam intervenções visando adequá-la a seu *modus vivendi*. A arquitetura após permanecer, é então transformada através de um constante modificar, de caráter dinâmico que confere adições e subtrações coexistentes mas sujeito à situação existente.

As transformações ocorridas em edificações pré-existentes foram voltadas, ao longo da História, para sua adaptação às necessidades da época e ditadas por exigências práticas e/ou de uso, gerando preceitos e princípios teóricos que fundamentam tais estratégias e que se baseiam em pelo menos dois séculos de produções teóricas associadas a experiências práticas relevantes.

Além disso, intervir em edificações de interesse histórico e cultural é tarefa que pressupõe, ou deveria pressupor, a necessidade de um projeto, seja qual for o caráter e o objetivo de tal intervenção. O projeto também tem uma função documental da obra arquitetônica, visto que impõe etapas anteriores de levantamento e de diagnóstico. Comumente, a tarefa projetual, no campo da intervenção no patrimônio edificado, evoca entre os profissionais a consulta ou o cumprimento de preceitos teóricos ou de documentos internacionais sobre o tema.

Apresentamos a seguir, de forma resumida, o conteúdo teórico formulado pelos tratadistas do restauro e também o conteúdo das principais cartas e recomendações elaboradas pelos organismos nacionais e internacionais, visto que, tais conteúdos são comumente utilizados como embasamento para as intervenções realizadas na atualidade. Tal conteúdo oferece importantes reflexões sobre a identificação dos valores do patrimônio cultural edificado, aspecto determinante para um estabelecimento dos limites da intervenção neste mesmo patrimônio e, portanto, relevante para os projetos de intervenção, dentre eles, os de reutilização.

2.2.2 – A intervenção segundo os tratadistas do Restauro e as Cartas Patrimoniais

Segundo Kühl (1998, p.180) a partir do Renascimento e no período compreendido entre os séculos XV e XVIII, surgem noções que ao se conjugarem deram origem às vertentes teóricas da restauração: o respeito pela matéria original; a idéia de reversibilidade e distinguibilidade da intervenção; a importância da documentação e de uma metodologia científica; o uso como um meio de preservar os edifícios e não como a finalidade da intervenção; o interesse por aspectos conservativos e de mínima intervenção; a noção de ruptura entre passado e presente. Também foi preponderante o despontar do Iluminismo, os debates gerados pelas aceleradas transformações decorrentes da Revolução Industrial e as destruições após a Revolução Francesa.

Conforme Meira (2004, p. 45), na França no século XVIII, houve muitas destruições e vandalismos aos monumentos em decorrência da Revolução, com o intuito de apagar os símbolos das antigas classes dominantes, a nobreza e o clero. Em reação, houve as primeiras iniciativas de proteção ao patrimônio construído, criando-se a primeira legislação francesa sobre o assunto. Nesse período, começam a surgir as posturas teóricas relativas às intervenções, resultantes do pensamento dos denominados **tratadistas do restauro** que, segundo Kuhl (1998, p.180) defendiam diferentes teorias tais como: a que se deveria atingir o estado completo idealizado da obra, normalmente tendo como objetivo a unidade de estilo, não importando se, para tanto, tivessem que ser sacrificadas várias fases da obra e feitas substituições maciças, cujo mais notório representante foi **Eugène E. Viollet-le-Duc** (1814-1879); a que preconizava respeito absoluto pela matéria original – encabeçada por **John Ruskin** (1819-1900) – aconselhando manutenções periódicas para prolongar o mais possível a vida do edifício, mas admitindo a possibilidade de perda de um dado bem. As experiências díspares e, mesmo, antitéticas (que encontravam representantes em suas várias versões, concomitantemente, em diversos países), foram reformuladas no final do século XIX, em especial por **Camillo Boito** (1836-1914), consolidando uma via que se contrapôs à prática difusa de tentativas de voltar a um suposto estado original, unidade de estilo, ou estado anterior qualquer – que acarretou a destruição ou deturpação de muitos documentos históricos. Preconizava o respeito pela matéria original, pelas marcas da passagem do tempo e pelas várias fases da obra, além de recomendar a mínima intervenção e, no caso de acréscimos, a distinguibilidade da ação contemporânea, para que esta última não fosse confundida com aquilo que subsistia da obra, o que poderia levar o observador ao engano de considerá-la como antiga.

Um importante teórico foi o austríaco Alois Riegl (1858-1905), que no livro *El culto moderno a los monumentos*, escrito em sua versão original em 1903, discursa sobre os valores que podem ser atribuídos aos monumentos (vide quadro 3),.

“Sua análise é estruturada pela oposição de duas categorias de valores. Uns, ditos “de rememoração” (*Erinnerungswerte*), são ligados ao passado e se valem da memória. Outros, ditos “de contemporaneidade” (*Gegenwartswerte*), pertencem ao presente.” (CHOAY, 2001, P. 168)

Quanto aos valores rememorativos, Riegl coloca que no monumento em que o **valor de antiguidade** prevalece não pode haver qualquer tipo de intervenção já que

ser antigo (velho) é o que determina o seu valor; quando o **valor histórico** se destaca são permitidas ações de conservação, pois o valor histórico de um monumento será tanto maior quanto menor seja a alteração sofrida em seu estado original, mas a intervenção não deve reconstituir as partes deterioradas e sim, impedir a deterioração a partir do momento presente. Preserva-se o mais possível a sua forma original a fim de que o valor histórico seja mantido. O **valor rememorativo intencionado** prevalece nos casos em que se considera que o bem tem desde o princípio a intenção de permanecer para a posteridade e para tanto foi edificado. Nesses casos, as ações de restauração, sem as quais os monumentos deixariam rapidamente de ser intencionados são fundamentais.

Quanto aos valores de contemporaneidade, Riegl admite a restauração nos monumentos de **valor instrumental**, visto que o importante é manter a sua função útil, independentemente dos tratamentos que se façam necessários para tal. Já o **valor artístico** é dividido em duas classes, o **valor artístico de novidade** e o **valor artístico relativo**. O primeiro corresponde a uma necessidade contemporânea de se apreciar as obras humanas como algo recém-surgido, em seu estado de gênese. O segundo permite que obras de gerações anteriores sejam apreciadas não só como testemunho histórico, mas também com relação à sua concepção, forma e cor. Nesta classificação, por não existir um valor artístico absoluto, mas apenas um relativo, contemporâneo, as intervenções de preservação vão depender do caráter de valorização que se atribui à obra. Positivo, se o monumento corresponder à vontade de arte contemporânea, o natural é que não se deseje perder o monumento, que este possa manter o seu estado atual, nem que para isso seja necessária uma restauração *in integrum*. Se negativo, o monumento ficará fadado ao esquecimento.

Os valores dos monumentos		GRAUS DE INTERVENÇÃO	
Rememorativos	De Antiguidade	Não permitida	
	Histórico	Ações de conservação	
	Rememorativo Intencionado	Fundamental: restauração	
De Contemporaneidade	Instrumental	Fundamental: restauração	
	Artístico	De Novidade	Fundamental: restauração
		Relativo	Se positivo – restauração Se negativo – não intervenção

Quadro 3 – Sistematização dos valores por Riegl e seus graus de intervenção.

Há ainda os conceitos de **Cesare Brandi** (1906-1988) que preconizam a reversibilidade dos tratamentos, a integração das lacunas de matérias, sem o

emprego de *anastilose*² e o respeito pela ação do tempo nos materiais. Na *Teoria del restauro*, adverte que o restauro deve restabelecer a unidade potencial da obra de arte “desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar qualquer traço da passagem da obra de arte no tempo” (BRANDI, 2004, p. 47).

Segundo Kuhl (1998, p.198) as teorias levaram muito tempo para se afirmar e serem difundidas. Havia a necessidade de se estabelecer princípios de reconhecimento internacional para intervenção no patrimônio, para além dos postulados teóricos. Segundo Custódio (2000, p. 182) para orientar a prática da preservação, foram criados organismos internacionais e estabelecidas diretrizes que ficaram conhecidas como as Cartas de Restauração. Esses documentos estabelecem critérios de intervenção e discutem conceitos como autenticidade ou falsidade. Segundo Cury (2000, p.7), em tais documentos, também chamados de **cartas patrimoniais**, que são advindos de encontros ocorridos a partir do final do século XIX, estão estabelecidas as normas, procedimentos e conceitos sobre a restauração, desde a definição de monumento e seu entorno a conjuntos arquitetônicos, além de tratar de temas voltados à arqueologia, comércio de bens, restauração e patrimônio imaterial.

A reutilização das edificações de interesse histórico e cultural também é discutida e tem seu espaço em tais documentos (vide quadro 04). Provavelmente, a consideração de tal prática tenha origem na preocupação quanto a intervenções que, mesmo visando reutilizar a edificação, não considerem a permanência de seus principais aspectos de interesse histórico e cultural.

Quanto à utilidade prática de um monumento arquitetônico deveremos levá-la em consideração, não nos preceitos restaurativos, mas na forma da projeção arquitetônica. Ao monumento arquitetônico se deverá dar uma utilização não somente pela sua composição formal, mas também pela sociedade na qual está inserido, isto será levado em conta não nos preceitos restaurativos, mas na forma da concepção arquitetônica. No entanto, deve-se ter cuidado na proposição de uma utilização, para que seja adequada ao monumento e para que a restauração não se dê prioritariamente em função disso (STELLO, P. 36, 2005).

As cartas ditam alguns princípios para a reutilização, inclusive colocando-a como uma alternativa adequada à permanência da edificação, desde que sejam considerados seus principais valores.

² Recomposição de partes existentes, mas desmembradas.

CARTA DE ATENAS - Outubro de 1931
Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos em Monumentos

Manutenção regular e permanente; respeito à obra histórica e os estilos que por ali passaram; emprego de materiais e técnicas modernas sem alterar o aspecto e o caráter do edifício; "anastilose" em casos extremamente necessários.

*"A conferência recomenda que se mantenha uma **utilização dos monumentos**, que assegure a continuidade de sua vida, destinando-os sempre a finalidades que respeitem o seu caráter histórico ou artístico."*

CARTA DE VENEZA - Itália - maio de 1964
II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos

Restauração - operação de caráter excepcional para conservar e revelar os valores estéticos e históricos, terminando onde começa a hipótese; ênfase na autenticidade; técnicas modernas com eficácia; respeito às contribuições de outras épocas; adições integradas, distintas das originais; "anastilose";

*"Artigo 5º - A conservação dos monumentos é sempre favorecida por sua destinação a uma **função útil** à sociedade; tal destinação é, portanto, desejável, mas não pode nem deve alterar a disposição ou a decoração dos edifícios. É somente dentro destes limites que se deve conceber e se pode autorizar as modificações exigidas pela evolução dos usos e costumes."*

CARTA DO RESTAURO - Itália - 6 de abril de 1972
Ministério de Instrução Pública Governo da Itália

Restauração é qualquer intervenção para manter o funcionamento, facilitar a leitura e transmitir ao futuro as obras de excepcional valor; proibições: acréscimos de "estilo" mesmo com documentação gráfica; remoções que anulem a trajetória da obra através dos tempos; modificação ou eliminação das pátinas; permissões: acréscimos ou reintegrações de pequenas partes executadas de forma harmônica, com material diferenciado e datado; "anastilose" com documentação rigorosa e técnicas claramente distinguíveis; rigorosa documentação sobre as intervenções; pesquisas multidisciplinares; estudo aprofundado do monumento; substituições devem ser distinguíveis dos originais.

*"Sempre com o objetivo de assegurar a sobrevivência dos monumentos, vem-se considerando detidamente a possibilidade de **novas utilizações para os edifícios monumentais** antigos, quando não resultarem incompatíveis com os interesses histórico-artísticos. As obras de adaptação deverão ser limitadas ao mínimo, conservando escrupulosamente as formas externas e evitando alterações sensíveis das características tipológicas, da organização estrutural e da seqüência dos espaços internos."*

CARTA DE BURRA - Austrália - 1980
ICOMOS Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

Restauração é o restabelecimento da substância do bem em um estado anterior conhecido; respeito à substância existente; emprego de técnicas tradicionais ou modernas com base científica e com eficácia garantida; as modificações devem ter o menor impacto possível; a retirada de um conteúdo de significação cultural só pode ser permitida para a sua salvaguarda; para executar a restauração são necessários dados suficientes do estado anterior da substância do bem; respeitar os testemunhos encontrados; deve parar onde começa a hipótese; as contribuições de todas as épocas devem ser respeitadas (o que for retirado deve ser de pouca importância e para conservação do bem); qualquer intervenção deverá ser precedida de estudo com todos os dados coletados; qualquer ação de conservação deve ser justificada;

*"a adaptação será o agenciamento de um bem a uma nova destinação sem a destruição de sua significação cultural (...) o **uso compatível** designará uma utilização que não implique mudança na significação cultural da substância, modificações que sejam substancialmente reversíveis ou que requeiram um impacto mínimo."*

CARTA DE BRASÍLIA - Brasil - 1995
Documento regional do Cone Sul sobre autenticidade

A intervenção contemporânea deve resgatar o caráter do edifício ou do conjunto (destarte rubricando sua autenticidade) sem transformar sua essência e equilíbrio, sem permitir arbitrariedades, mas enaltecendo seus valores.

*"A adoção de **novos usos** para aqueles edifícios de valor cultural é factível sempre que exista reconhecimento apriorístico do edifício e diagnóstico preciso de quais as intervenções que ele aceita e suporta. Em todos os casos, é fundamental a qualidade da intervenção, e que os novos elementos introduzidos sejam de caráter reversível e se harmonizem com o conjunto."*

Quadro 4 – Cartas patrimoniais e os novos usos - Fonte: preparado pelo autor a partir de Cury, 2000

Segundo Frota (2001, p.220) as cartas de Atenas (1931) e Veneza (1964) são exemplos claros da ascensão da noção de ruptura e da valorização de uma visão cada vez mais técnica e especializada do processo de intervenção. Segundo o autor, o problema deixa de ser tratado como ofício arquitetônico e passa a ser circunscrito ao universo técnico, limitando cada vez mais o diálogo com o presente.

As operações de restauração e de reconstrução são muito variadas e só constituem um primeiro plano da diversidade modificadora que pode se dar em arquitetura. Se, como indicamos, intervir é modificar, cabe perguntar-nos sobre a amplitude de uma possível teoria da intervenção sobre o patrimônio construído. (DE GRACIA, 1992, p.181)

Aparte de todo um conjunto de posturas mais radicais tanto a favor de um lado ou de outro, o que pretendemos extrair do conteúdo das teorias dos principais tratadistas do restauro e das cartas patrimoniais é que um projeto de intervenção em pré-existências de interesse histórico e cultural, deve ter como objetivo principal a recuperação do(s) valor(es) de tais pré-existências, pois é fundamental que após qualquer intervenção o imóvel tenha sido valorizado.

“Não está claro que, para prolongar a substância histórica de edifícios e conjuntos, seja melhor uma ou outra escola: seu ensinamento será válido se, qualquer uma delas, se apresente desprendida da estrutura ideológica que possa limitar sua compreensão e adaptação diacrônica.”

(DE GRACIA, 1992, P.184)

Também foi possível aprender algumas noções que permeiam os projetos de reutilização e que, portanto, interessam às nossas análises tais como o valor, a autenticidade e o emprego de materiais e técnicas construtivas contemporâneas e/ou antigas. Acaba-se por enunciar um mesmo princípio fundamental para a intervenção que é, acima de tudo, conhecer o edifício como objeto histórico e físico, entender seu comportamento mediante a passagem do tempo e respeitar intervenções ocorridas, caso sejam significativas; compreender o que ele representa e o que representou no passado e principalmente determinar seus valores intrínsecos e conseqüentemente a autenticidade do que existe na edificação. Enfim, estudá-lo, entendê-lo para que erros de interpretação embasando as tomadas de decisões projetuais não venham a danificar irremediavelmente aquilo que Carlos Chanfrón denomina de “capacidade peculiar de delação” que a edificação detém e que é condição fundamental e necessária para o re-conhecimento da cultura que a produziu e daquela em que se encontra inserida no momento da intervenção.

2.3 – ARQUITETURA E SEUS NOVOS USOS NO TEMPO

O fato de as edificações sobreviverem aos fins para os quais foram criadas e a necessidade contínua de adaptá-las a novos usos faz com que se experimente um sentido de continuidade e permanência o qual se estende ao entorno físico em que sua vida vem se desenvolvendo.

(LEMOS, C. ,1984)

Como é possível compreender até aqui, a arquitetura permanece e se transforma no tempo sendo que tais transformações se dão em decorrência das necessidades impostas pelas sociedades. Conforme Fitch (1981, p. 21) há um amplo espectro de possíveis transformações no artefato arquitetônico que, segundo sua profundidade, podem ser assim agrupadas: preservação, restauração, conservação, consolidação, reconstituição, **adaptação a novo uso**, mudança para novo sítio, reconstrução, réplica.

A adaptação de edificações pré-existentes a novos usos é uma das possibilidades e é, essencialmente, um problema de arquitetura. Em particular, no caso de edificações de interesse histórico e cultural, as soluções vão além da recuperação de estruturas e de fatores técnicos e construtivos, mas demandam um processo de análise e interpretação de estratégias do ofício arquitetônico em que, dentre outras soluções desejadas, encontra-se também a recuperação de aspectos de relevância histórica cultural.

“Um tradutor que não melhora o texto ou que o destrói pode até se converter em um excelente escritor, que invente e crie novos textos, mas como tradutor terá desaparecido (...) Uma tradução pode ser, como tradução, cem por cento criativa; não é uma tarefa inferior à do criador do texto, é simplesmente uma tarefa diferente”. (MUNTAÑOLA, 1995. p. 53)

A postura exigida do projetista compara-se a de um tradutor ou a de um intérprete que seja capaz de valorizar as qualidades ainda preservadas do artefato arquitetônico, aliando-as aos diversos condicionantes e exigências atuais. Essa prática encontra sua definição em várias expressões comumente empregadas tanto no meio profissional quanto no meio acadêmico. Assim sendo, verbos como reabilitar, refuncionalizar, renovar, revitalizar, reconverter, refazer, remodelar, entre outros constituem uma terminologia ainda desprovida de um maior rigor teórico.

Todos eles começam com a preposição *re* e na maioria dos idiomas. É natural, porque esta arquitetura opera sobre uma anterior. Mas o único sentido da preposição é aqui sinônimo da disciplina mesma. “*Re*” significa “de novo”. Sem dúvida, trata-se de uma arquitetura “nova”, absolutamente nova, realizada dentro de uma arquitetura “velha”. (GLUSBERG, 1994, p.66)

Em meio a tantos termos possíveis de definir a adaptação a novos usos poderíamos empregar dois que parecem ser mais recorrentes quais sejam: *Reciclagem e Reutilização*.

Atualmente, no campo da conservação arquitetônica, existe uma grande confusão conceitual. A imprensa não-especializada contribui para isso, pois rotula qualquer reforma executada em bens antigos como sendo de restauração. A necessidade contemporânea de adaptar ou recondicionar edifícios antigos para novos usos, tecnicamente denominados de reutilização ou reciclagem, também tem contribuído para essa confusão, abrindo campo para qualquer espécie de intervenção, em que o novo uso, muitas vezes fugaz, é prioritário em relação aos valores próprios do edifício. (CUSTÓDIO, 2000, p. 184)

No entanto, nos parece que o termo *reciclagem*, embora seja comumente empregado a quaisquer objetos que tenham sofrido algum tipo de mudança, de modificação, não seja adequado. Mesmo que tratemos aqui de intervenções em construções pré-existentes, que as adaptam a novas condições de uso, sempre se procura em maior ou menor grau recuperar e valorizar os elementos que as caracterizam como edificações de interesse histórico e cultural. Trata-se de uma operação que em pouco ou nada se aproxima de quaisquer processos que tendam simplesmente a resgatar a matéria prima de um objeto para produzir outro sem vínculo algum com sua forma original. Portanto, por que falarmos de reciclagem?

A reutilização, que consiste em reintegrar um edifício desativado a um uso normal, subtraí-lo a um destino de museu, é certamente a forma mais paradoxal, audaciosa e difícil da valorização do patrimônio.

(CHOAY, 2001, p. 219)

Assumimos para o presente trabalho o termo *reutilização*, também empregado por Françoise Choay em *Alegoria do Patrimônio*, ressaltando que tratamos de uma reutilização para além daquela de caráter meramente funcional e sim de uma reutilização em que se construa sobre o construído, utilizando-se da pré-existência como base para novas configurações, tanto funcionais, quanto estéticas.

De modo análogo aos levantamentos sobre o histórico de uma edificação que são necessários para um projeto de reutilização mais coerente, também consideramos pertinente para o presente trabalho, um estudo sobre a história da reutilização enquanto prática arquitetônica. Nosso percurso de reflexão passa pelas diferentes abordagens dessa prática ao longo da história, desde as suas possíveis origens, passando pelos principais avanços nos conceitos relacionados com o tema, até chegar ao estágio atual. Inspirados pelo conceito de *arquitetura como palimpsesto* (uso metafórico que se refere a qualquer superfície escrita que tenha sido apagada e usada para um novo texto) utilizado por Robert (1994, p.6), fizemos uma reflexão sobre como os arquitetos enfrentaram o desafio de adaptar a arquitetura a novos usos no tempo.

2.3.1 - Possíveis origens

A prática de adaptar edificações para novos usos é tão antiga quanto o tempo. (...) Em cada caso, a edificação foi revalorizada e posta em uso, portanto ela sobreviveu, embora com alguma reabilitação.

(FEILDEN, 1994, p.259)

A adaptação de edificações preexistentes, embora tenha se feito presente em diversos momentos da história nem sempre foi encarada, do ponto de vista da arquitetura como uma prática louvável, ou seja, como é sabido, durante diferentes períodos os arquitetos ocuparam ou tentaram ocupar o papel de gênios de seus próprios tempos, procurando mascarar a necessidade implícita da busca de referências no projeto de arquitetura, através da frágil idéia de substituição total do existente.

Antes do século XIX a prática arquitetônica confiava em seus próprios valores sincrônicos. Uma arquitetura substituía outra com a segurança de que tal substituição trazia consigo uma certeza: a melhor arquitetura possível era a que se podia fazer naquele momento histórico. Essa segurança é que permitia demolir uma igreja românica, no século XVIII, com a convicção de que a nova edificação superava as condições objetivas da qualidade física e figurativa da anterior. (DE GRACIA, 1992, P.59)

Entretanto, conforme Powell (1999, p. 9) a história dos edifícios construídos pela humanidade por centenas de anos demonstra constantes mudanças nos usos dos mesmos, sendo que no passado, a conversão de edifícios era feita sem

considerar sua história, sendo impulsionada apenas por **questões funcionais e econômicas**. Os regimes políticos, religiosos e econômicos nascem e desaparecem, sendo que na maioria dos casos as edificações sobrevivem às civilizações. Os templos gregos e romanos se converteram em igrejas cristãs, os mosteiros ingleses se reciclaram como casas de campo e os palácios russos, depois da Revolução, se converteram em museus do povo. Muitas vezes são edificações que por situações circunstanciais têm seus usos modificados por um determinado período, tal como a arena romana situada em Nimes ao sul da França que foi convertida em uma pequena vila fortificada na Idade Média (ROBERT, 1994, p.7) ou a nave da abadia medieval de Malmesbury, em Wiltshire (figuras 07 e 08) que durante o período da Reforma se dividiu para ser utilizada como fábrica têxtil.



Figura 07: Abadia medieval
fonte: <http://www.paradoxplace.com>



Figura 08: Abadia medieval
fonte: <http://www.armin-grewe.com>

(...) na Itália, as transformações, ao longo dos séculos, de castelos, cidadelas e conventos em museus, albergues ou habitações, evidenciaram uma tradição criativa: é um processo adaptativo de conservação dos monumentos menos rigoroso mas mais estimulante.

(BAGLIONI A. & GUARNERIO G., 1980, p.57)

A história da arquitetura também oferece exemplos de obras em que houve a participação de mais de um arquiteto que foram sucedendo-se ao longo do tempo, o que resultava em alterações das técnicas construtivas empregadas e do uso da edificação, ou então de estruturas remanescentes de edificações arruinadas ou inacabadas que acabaram dando lugar a projetos de usos diferentes dos inicialmente previstos. Cabe aqui o exemplo do Palácio Farnese (Figuras 09 e 10) de Caprarola na Itália, projetado pelo arquiteto Vignola em 1559, e construído sobre as fundações inicialmente previstas para sustentar uma fortaleza medieval.



Figura 09: Palácio Farnese
fonte:<http://repository.demaniore.com>



Figura 10: Palácio Farnese
fonte:<http://www.uwrp.org>

Também é mencionado o anfiteatro romano de Lucca absorvido pelo tecido urbano posterior (Figuras 11 e 12), tendo sido suas casas construídas sobre a estrutura escalonada, sendo na zona central construídos novos edifícios, o que proporcionou o desenvolvimento de uma “entidade urbana específica” (ROBERT, 1994, p.7). Fato curioso é que até o século XIX os arqueólogos não tinham redescoberto o monumento original. Tal reaproveitamento de estrutura remanescente também pode ser considerado uma reutilização e se relaciona ao conceito de *lugar* em arquitetura, ou seja, mesmo não havendo nenhum indício aparente da existência do anfiteatro, ele pode ser percebido na escala urbana como o lugar onde havia um anfiteatro. Tal possibilidade nos interessa, por constituir-se em instrumento conceitual de extrema utilidade em projetos de reutilização que vão além a escala do edifício singular, chegando à visão de conjunto na **escala urbana**.



Figura 11: Anfiteatro romano
Fonte: <http://www.toscana-pur.de>

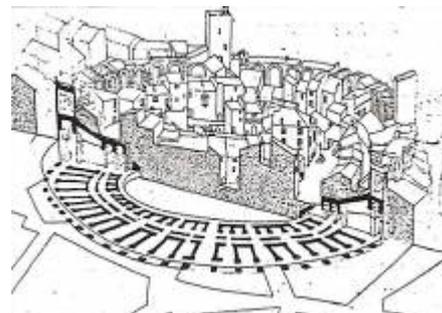


Figura 12: Anfiteatro romano
Fonte: ROBERT, 1991.

Além disso, o exemplo de Lucca também mencionado por Rossi (2001, p. 302) juntamente com o palácio diocleciano de Spalato na costa sul croata (Figuras 13 e

14) demonstram o quanto à reutilização pode ser instrumento de projeto para além da arquitetura, mas com influências diretas no nível urbano.

(...) o caso de Spalato que a meu ver constitui não um exemplo excepcional, mas certamente o mais convincente. Isto é, o de um grande edifício, um palácio, que se torna cidade e transforma suas características internas em características urbanas, demonstrando a riqueza infinita das transformações analógicas na arquitetura quando esta age sobre formas precisas.

(ROSSI, 2001, p.302)

Tais formas precisas têm origem na questão da **tipologia** fortemente defendida pelo mesmo autor que reforça tal conceito ao dizer que “Spalato reencontra em sua forma tipológica toda a cidade; portanto o edifício é relacionado analogamente a uma forma de cidade.”



Figuras 13 e 14 - Palácio diocleciano de Spalato, na Croácia

Fonte: <http://www.colorado.edu/Classics/clas4091/Graphics/Spalato.jpg>

Compreendemos que foi a tipologia original do palácio como forma arquitetônica que possibilitou a modificação de seu uso de forma tão adequada, o que denota a potencialidade que edifícios de tipologia única têm para a atribuição de diferentes funções. Também merecem destaque outros exemplos que demonstram tal potencialidade para a adaptação de diferentes usos ao longo da história, o que no nosso entender é o que garante a existência de tais edificações até os dias de hoje. Aqui cabem referências aos banhos de Diocleciano em Roma na Itália (Figura 15) que já foi igreja, museu, cinema e planetarium e ainda o mausoléu de Adriano (Figura 16) que se tornou fortaleza, casa papal, prisão, castelo St. Ângelo e hoje abriga um museu.



Figura 15: banhos de Diocleciano
fonte: <http://www.romaviva.com>



Figura 16: mausoléu de Adriano
fonte: <http://faculty.washington.edu>

Como último exemplo de intervenção com modificação de usos selecionamos o projeto de Palladio para o antigo Palazzo de La Razione de Vicenza que, no século XVI converteu-se em sua nova Basílica. Tal intervenção é citada por Argan (1969, p. 102). como parte da transformação de Vicenza, anteriormente uma colônia romana em uma cidade clássica: o velho palácio municipal tornou-se uma basílica pública romana, pela adição de soberbas fachadas, melhorou os palácios de ambos os lados da rua principal.

A reutilização promovida por Palladio também é mencionada por De Gracia (1992, p. 181) como uma operação envoltória em que o arquiteto manifesta a preocupação italiana do século XVI com a condição plástica da obra representada fundamentalmente pelas fachadas.

A nova edificação de Palladio preservou o potencial simbólico do lugar e ao mesmo tempo reforçou a imagem e modificou a escala.

(ROBERT, 1994, p.7)



Figura 17: - Palazzo de La Razione de Vicenza reutilizado como basílica
fonte: <http://www.bed-breakfast-italy.com/>



Figura 18: - Palazzo de La Razione de Vicenza reutilizado como basílica
fonte: <http://www.vitourism.it>

Tal preocupação indica que a noção teórica de modificação vigente durante o Quattrocento italiano também estava ligada à consciência histórica da arte que

começava a surgir durante o Renascimento a partir da qual, presente e passado não podem se equivaler sendo que intervir na arquitetura do passado supõe a adoção de um particular **compromisso crítico**, para além da já mencionada preocupação única com as potencialidades funcionais e econômicas das edificações. Tal compromisso se expressa no projeto de Palladio, que busca essencialmente a modificação do edifício como símbolo, transformando o Pallazo de La Ragione numa grande Basílica, pois passou a abrigar o conselho de justiça e as decisões políticas e também se localizava em frente ao antigo fórum.

Assim como os antigos construíam suas basílicas de forma que no inverno e no verão os homens tivessem um lugar para se reunir para tratar comodamente de suas causas e negócios, assim em nosso tempo certas cidades da Itália, e fora, se constroem salas públicas as quais se pode chamar merecidamente de Basílicas porque dentro é a morada do supremo magistrado, cumprindo assim parte das funções das basílicas

(PALLADIO, 1998, p. 203)

A Basílica, com sua nova loggia e adaptada a um classicismo romano desejado pela nobreza vicentina da época, simbolizava o Renascimento da cidade, o poder econômico conquistado no período e a atividade intelectual urbana das elites fascinada pelo classicismo romano. O arquiteto expressava os anseios da sociedade da época e exercia o já mencionado compromisso crítico ao propor a reutilização.

As obras de reutilização selecionadas como exemplares de **possíveis origens** de tal prática como modificação arquitetônica demonstram que os projetos podem se relacionar em diferentes níveis com alguns aspectos que os impulsionam e/ou condicionam, tais como:

1. as questões funcionais e econômicas
2. a tipologia original
3. o compromisso crítico da intervenção

Tais aspectos se mostrarão recorrentes em outros momentos da reutilização como prática projetual, como é possível constatar no decorrer do presente trabalho.

2.3.2 – A reutilização em outros momentos

(...) a reconversão não é exclusiva dos centros históricos ou de edifícios monumentais. As pré-existências sobre as quais intervir podem ser de outra natureza: edifícios industriais, casernas, estações, igrejas transformadas sem dever obrigatoriamente assumir grande destaque dentro da cidade.

(BAGLIONI A. & GUARNERIO G, 1980, p.57)

A prática de projetos arquitetônicos adaptando o patrimônio edificado a novos usos confunde-se com a própria evolução das práticas de preservação e intervenção em pré-existências de um modo mais amplo, muitas vezes, não restrito a centros históricos de cidade notáveis, sendo de especial interesse para a presente pesquisa que se tenha uma noção do que propunham os arquitetos desde o início do século, passando pelo Movimento Moderno até as práticas mais recentes.

2.3.2.1 – A excepcionalidade na abordagem modernista

Após a Segunda Guerra Mundial, em meio ao fervor reconstrucionista das cidades européias destruídas, começa a aparecer entre os arquitetos certo complexo de culpa por não haver valorizado corretamente o interesse público pelos cascos históricos.

(DE GRACIA, 1992, p. 96)

Tal como o momento das grandes transformações urbanas vividas na Europa durante o século XIX, como a Paris de Haussmann de 1853 a 1869, Barcelona com início em 1859 e vigente até hoje ou Viena de 1859 a 1872, a destruição de muitas cidades européias durante a II Guerra Mundial e a sua posterior reconstrução no Pós-Guerra gerou um novo momento de reflexão à volta dos critérios e das políticas de intervenção nas cidades.

A *tabula rasa*, em sua dimensão operacional, precondição para a implementação das idéias modernas, foi muitas vezes possibilitada pela própria guerra, com a destruição de grandes áreas nas cidades, que precisaram ser reconstruídas em tempo mínimo, já sob a erige do urbanismo moderno. (MOREIRA, 2004, p. 43)

Segundo Powell (1999, p. 9), a visão arquitetônica de Le Corbusier e de seus

contemporâneos enxergava as velhas cidades européias como um mausoléu de uma cultura morta e a arquitetura moderna transformaria o mundo, sonho que acabaria com a segunda guerra mundial.

O boom contrutivo do pós-guerra foi um triunfo para a modernidade, mas não teve seu retorno. O fracasso de muitos dos novos planos de habitação social foi o símbolo da crise do sonho moderno. A desilusão, causada pelo opção destrutiva típica do urbanismo da época, produziu uma pressão popular por uma nova direção.

(POWELL, 1999, p. 9)

Segundo Fernández (2002, p. 25) a experimentação e aplicação prática das teorias racionais-funcionalistas do Movimento Moderno era uma das possibilidades de intervenção nesse período havendo ainda o restauro de edifícios e históricos como foi o caso de Viena e a reciclagem de infra-estruturas industriais não utilizadas.

Já no Brasil, o Movimento Moderno teve importante participação, em termos de intervenção urbana, da inserção do novo junto ao antigo, visto que, práticas preservacionistas começam a ser realizadas desde 1937, pelo então Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN - , hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN - o qual foi conduzido em seus primeiros tempos pelos modernistas Rodrigo Melo Franco de Andrade, Mário de Andrade, Lúcio Costa, entre muitos outros, tendo sido, portanto, uma criação moderna.

(...) o que, a princípio, poderia parecer um contra-senso. Mas, como se percebe pela análise dos impulsos preservacionistas no final do século XIX, a preocupação com o patrimônio é intrinsecamente moderna, justificada pelo próprio movimento de destruição e reconstrução da cidade em novas bases. Na perspectiva da destruição de tudo, algo deveria ser “salvaguardado”. Portanto, a preservação do patrimônio histórico e cultural faz parte do projeto moderno de cidade (...) (MOREIRA, 2004, p. 48)

Com o objetivo geral de reforçar a identidade nacional e contribuir para a formação e educação dos cidadãos, a proteção do patrimônio histórico e artístico brasileiro pelo SPHAN se constituía em práticas sociais, arquitetônicas e urbanísticas que dependiam, fundamentalmente, da regulamentação de proteção

dos bens patrimoniais móveis que se dá com o instituto do tombamento pelo Decreto-lei nº 25, em 30 de novembro de 1937, que ainda é instrumento de preservação vigente.

Para os modernistas, o caráter patrimonial é compreendido como resultante da excepcionalidade artística ou histórica dos monumentos isolados, e não como resultado da excepcionalidade do conjunto urbano como um todo. A intervenção modernista no patrimônio se estabelece em função da garantia da visibilidade dos monumentos isolados. Acreditamos que uma intervenção ocorrida nesse período e que exemplifica a abordagem modernista no âmbito brasileiro seja o Museu das Missões, junto às ruínas de São Miguel das Missões, no Rio Grande do Sul (Figs. 19 e 20) cujo projeto é do arquiteto Lucio Costa, que vinte anos mais tarde se tornaria conhecido pelo projeto urbanístico de Brasília. O arquiteto sugeria alguns critérios para a construção e localização do novo espaço.

O 'museu' deve ser um simples abrigo para as peças [...] e como a casa do zelador precisa ficar no recinto mesmo das ruínas, é natural que os dois sejam tratados conjuntamente, ocupando a construção, de preferência, um dos extremos da antiga praça para servir de ponto de referência e dar uma idéia melhor das suas dimensões. (COSTA, 1941)



Figuras 19 e 20 – Museu das missões junto às ruínas da Igreja de São Miguel das Missões – RS
Fonte: acervo próprio, 2004.

Conforme o nosso entendimento, muito mais do que a inserção de uma edificação para o atendimento de uma demanda funcional específica (museu), junto ao entorno de um monumento de caráter excepcional, o Museu das Missões também pode ser considerado um exemplo de reutilização do patrimônio, visto que, a nova construção se apropria de um contexto proporcionado pela ruína, utilizando-se da mesma, como instrumento conceitual do projeto arquitetônico do novo espaço. Atualmente um outro espaço do conjunto de ruínas de São Miguel das Missões também é reutilizado como sala de projeção para turistas e visitantes.

2.3.2.2 – A linguagem no patrimônio reutilizado por Scarpa

O projeto de museus, principalmente reutilizando edificações históricas, também foi de interesse do arquiteto vienense Carlo Scarpa o qual se utilizava critério de intervenção diferente daqueles adotados pelo Movimento Moderno:

Quando Scarpa delineava novos projetos em contextos históricos, esta predileção consistindo em construir no construído era considerada como um defeito (...) Hoje, a predileção de Scarpa parece ser o seu maior mérito. A sua arquitetura indo ao encontro do espírito do século, que não escutava as sirenas do utopismo moderno, soubera explorar domínios de qualquer forma afastados do espírito missionário das ideologias habituais. (LOS, 2002,p. 33)

Segundo Los, após Scarpa “reconhece-se agora, que uma grande parte dos projetos elaborados pelos arquitetos do passado estava situados em contextos históricos: Brunelleschi, Alberti, Bramante, Palladio ou Borromini construíram todos, como Scarpa, com as estruturas existentes.”

Os museus não são nunca espaços neutros que seriam abertos para a exposição de obras de arte sejam eles quais forem, são, pelo contrário, intervenções críticas que – partindo das obras de arte – representam complementos que as completam e são essenciais para sua compreensão. O projeto insere também no construído as componentes críticas através das quais a obra de arte original atinge consciência de si própria, ele faz falar de novo o edifício existente ao transformar o seu contexto. (LOS, 2002, 33)

Um projeto que demonstra um pouco dos critérios adotados por Scarpa ao projetar novos usos para o patrimônio cultural edificado é o Museu de Castelvecchio (1956-1964) em Verona (Figs. 21 e 22) que incluía desfazer uma restauração historicista anterior, realizada nos anos vinte, quando a fortaleza se converteu em museu pela primeira vez.



Ilustração 21 e 22 – Museu de Castelvecchio em Verona

fonte: NAKAMURA, Toshio. 1990. p. 57 e p. 60

“Nessa época se enfatizava a conversão e Scarpa desejava transformar o edifício e promover o encontro do público com as obras de arte que ele continha. Justapôs a obra antiga com a nova, utilizando uma extraordinária variedade de materiais como cimento, pedra, aço, bronze, madeira e gesso e potencializou a grande diversidade de espaços de que o edifício dispunha, considerando o uso apropriado da luz natural como o ingrediente principal na exposição dos objetos.” (POWELL, 1999, p. 11)

Para Powell (1999, p. 11), na reutilização do Museu de Castelvecchio, “Scarpa não só projeta uma mudança nas plantas baixas do novo e do antigo, ininteligíveis para os primeiros pensadores do movimento moderno, como também a nova técnica dos exaltados arquitetos do final do século XX, para os quais o passado não é nem irrelevante nem algo que se deva reverenciar cegamente”.

Nosso interesse na arquitetura de Scarpa, em especial no projeto do Castelvecchio, deve-se ao fato do mesmo demonstrar um critério metodológico na escolha dos materiais para a intervenção e na preocupação com a condição plástica da arquitetura.

A presença moderna em pequenos detalhes que não afetam o caráter tipológico demonstra a formação neoplástica de Scarpa. Também o variado uso de materiais se reconhece seu pulso moderno, ainda que cheio de nostalgia. Em todo caso o material, ou melhor, a matéria tem em Scarpa um cuidadoso manipulador.

(DE GRACIA, 1992, p. 191)

A dita manipulação dos materiais construtivos em projetos de reutilização assume papel fundamental visto que evidencia intenções próprias do arquiteto frente à necessidade de modificação do existente. Dessa necessidade surge a possibilidade de utilização ou porque não de criação de uma **linguagem** (através dos materiais ou técnicas construtivas) própria onde por vezes o arquiteto convida o edifício a falar e por outras o deixa silencioso, para que as mensagens dos materiais contemporâneos se façam ouvir. No nosso entender, a linguagem dos materiais construtivos, em tais projetos, passa a ser mais do que a mera diferenciação entre o que é novo e o que é antigo. Trata-se de algo próximo ao conceito de Collage Temporal de Lynch (1972, p.193). Configura-se o verdadeiro diálogo entre os diferentes tempos da construção – o original, o inacabado, o arruinado e a intervenção atual – e eleva os materiais da inexpressiva condição de componentes da envoltória do espaço a uma prestigiosa condição de responsáveis pela configuração do lugar, este definido em termos qualitativos do espaço.

2.3.2.3 – A nova função segue a forma do patrimônio industrial

Uma forma existente pode acomodar uma nova função? Todo o trabalho sobre os edifícios existentes gira em torno dessa dialética forma/função: uma reconversão só pode ser um sucesso, se há uma boa adequação entre a nova função e forma existente. (ROBERT, 1999, p. 13)

O que pode ser considerado um fenômeno de extrema relevância para a evolução das práticas de reutilização e conseqüentemente um provável fim para a máxima de caráter eminentemente moderno *A forma segue a função* é o surgimento de uma nova categoria de patrimônio edificado sujeito a esse tipo de projeto: os edifícios industriais. O interesse por essas edificações surgiu nos finais da década de 70, nos Estados Unidos e na Inglaterra, acelerando-se na década de 80, em função dos novos modelos geográficos de produção que surgiam.

Durante os anos setenta e princípio dos anos oitenta, a mudança de atitude dos americanos com respeito aos edifícios industriais antigos foi tão grande que o que antes haviam sido fábricas se converteram em destinos turísticos de primeira importância (...). O novo interesse em adaptar edifícios a novas necessidades nos Estados Unidos teve como consequência que construções antes ignoradas ou desconhecidas se converteram em lugares de interesse histórico. (POWELL, 1999, p. 13)

O sistema de produção flexível e disperso por várias localidades do planeta disponibilizou um grande número de edifícios industriais, com potencial de reutilização, pela simples razão que, em alguns casos, converter um edifício é um processo bem mais barato e menos complexo que construí-lo do zero.

Acima de tudo, a reconfiguração dos prédios industriais para dar-lhes outros usos e os planos de reestruturação urbana lembram-nos de como o mundo do trabalho mudou nas últimas décadas do século XX. O declínio da indústria pesada na Europa ocidental e nos Estados Unidos e a transferência da produção e dos empregos para a mão-de-obra menos bem paga em outros lugares do mundo levaram a uma polarização crescente (...) Ao mesmo tempo, a maior consciência do impacto negativo de muitas indústrias sobre o meio ambiente continua a impelir pequenos e grandes fabricantes para longe de locais urbanos, para áreas rurais decadentes ou para nações do terceiro mundo. (GHIRARDO, 2002, p. 245)

Nesse contexto, os blocos de oficinas e edifícios industriais dos anos cinquenta e sessenta são reconhecidos como objetos de interesse, preservados e adaptados para novos usos, sendo que alguns casos são exemplares das possibilidades de reutilização desse patrimônio tais como a Chocolataria Menier em Noisel, próxima a Paris (Fig. 23), que foi convertida para sede social da multinacional Nestle (1995), a antiga estação de energia elétrica Bankside Power Station em Londres (Fig. 24), convertida na galeria mundialmente reconhecida Tate Modern (1995) e a Fábrica FIAT em Lingotto, na Itália (Fig. 25), transformada em centro de eventos e comércio, hotel e escritórios por Renzo Piano (1984).



Figura 23: Chocolataria
fonte: <http://perso.orange.fr/>



Figura 24: Tate Modern
fonte: <http://www.industcards.com/>



Figura 25: Fábrica da FIAT
fonte: <http://rpbw.r.ui-pro.com/>

O que se demonstra com tais projetos é o fato de estruturas industriais abandonadas ou obsoletas terem sido objeto de projeto arquitetônico e de modificações significativas com vistas à sua reutilização, sendo que no nosso entender foi a potencialidade de reutilização que conferiu a tais edificações um caráter importante dentre as diferentes tipologias construtivas. Compreendemos que, muitas vezes não é o caráter singular de tais edificações que é capaz de classificá-las como patrimônio, processo facilmente justificável em edificações pré-industriais, mas exatamente o seu potencial de receber uma nova função, ou seja a nova função segue a forma do remanescente industrial incorporando-o como patrimônio edificado. Em épocas recentes, além das fábricas algumas edificações situadas em zonas portuárias de vários países ao redor do mundo e também estações ferroviárias têm sido convertidas para os mais variados usos.

Compreendemos que três pontos são relevantes a partir da descrição dos projetos selecionados, empreendida no item 2.3.2:

1. A excepcionalidade artística ou histórica dos monumentos isolados utilizada como instrumento conceitual do projeto de reutilização.
2. A possibilidade de criação de uma linguagem própria em projetos de reutilização através dos materiais da edificação pré-existentes e dos materiais empregados na intervenção.
3. A submissão das novas funções à forma pré-existente e o potencial de tais funções para elevar determinadas edificações à condição de patrimônio.

2.3.3– UM REUTILIZAR CONTEMPORÂNEO

Um dos fenômenos culturais e políticos mais surpreendentes dos anos recentes é a emergência da memória como uma das preocupações culturais e políticas centrais das sociedades ocidentais. Esse fenômeno caracteriza uma volta ao passado que contrasta totalmente com o privilégio dado ao futuro, que tanto caracterizou as primeiras décadas da modernidade do século XX.

(HUYSEN, 2000, p.9)

No mundo todo, os projetos de intervenção em edificações de interesse histórico e cultural, incluindo aqui as reutilizações, podem ser considerados,

conforme Huyssen (2000, p.10) como “discursos de memória, que se aceleraram na Europa e nos Estados Unidos no começo da década de 1980, impulsionados, então, primeiramente pelo debate cada vez mais amplo sobre o Holocausto.” Além do fenômeno impulsionado pelo Holocausto há outros que destaca como responsáveis pela construção da memória narrativa atual no seu escopo mais amplo compondo o que o autor denomina de passados presentes, entre os quais, “a restauração historicizante de velhos centros urbanos, cidades-museus e paisagens inteiras, empreendimentos patrimoniais e heranças nacionais, a onda da nova arquitetura de museus (que não mostra sinais de esgotamento)” (HUYSEN, 2000, p.14).

Acreditamos que a valorização do patrimônio, especialmente através de projetos de reutilização, por serem o enfoque desse estudo, se colocam dentro de uma continuidade do processo crítico aos parâmetros da cidade moderna, constituindo instrumentos de recuperação de alguns valores da cidade tradicional, transformando as cidades de hoje em lugares verdadeiramente habitáveis, habitados e principalmente, dotados de uma identidade coletiva. Aparte de discutir ou enquadrar a reutilização de edificações como uma corrente pós-moderna, cabe aqui o que nos diz David Harvey em sua obra A Condição Pós Moderna:

“Considero o pós-modernismo no sentido amplo como uma ruptura com a idéia modernista de que o planejamento e o desenvolvimento devem concentrar-se em planos urbanos de larga escala, (...) ,tecnologicamente racionais e eficientes, sustentadas por uma arquitetura absolutamente despojada (as superfícies funcionalistas austeras do modernismo de estilo internacional). O Pós-modernismo cultiva, em vez disso, um conceito de tecido urbano como algo necessariamente fragmentado, um *palimpsesto* de formas passadas superpostas umas às outras e uma colagem de usos correntes,...”

(HARVEY, 2004, p. 68)

Os projetos de reutilização que trazem as edificações a usos correntes no nosso tempo, ocorrem **além dos limites dos centros históricos** e também consideram conjuntos de edificações pertencentes a outros trechos das cidades, visto que, muitas destas edificações também têm um potencial para adaptação a novos usos. Os novos usos da arquitetura expressam em primeira instância a cultura das sociedades, visto que a arquitetura constitui-se em uma resposta às demandas

de tais sociedades. Detendo-nos em destacar a crescente inserção da prática da reutilização na arquitetura contemporânea, tentamos demonstrar a seguir, através de exemplos pertinentes, o quanto ela têm ocorrido em nível europeu, sul-americano, brasileiro e sul-brasileiro, até a escala do estudo de caso proposto, a cidade de Pelotas - RS.

2.3.3.1 – Europa

“Quando uma história, um sinal ou um significado vem ligar-se a um objeto, aumenta o seu valor enquanto marco.” (LYNCH, 1997, p.90)

A Europa tem vários projetos dos mais renomados arquitetos do mundo, os quais reutilizam estruturas pré-existentes de forma a valorizá-las não só como objetos preservados, mas também lhes conferindo novos valores. Na Alemanha, novamente unificada e democratizada, destaca-se o projeto de Daniel Libeskind vencedor de concurso para a ampliação do Museu de Berlim com o Museu Judaico (1997) (Figs. 26 e 27).



Figura 26- Museu Judaico
fonte: <http://www.panix.com>



Figura 27- Museu Judaico
fonte: <http://www.mnhn.lu>

Na Espanha os investidores também descobriram o poder da arquitetura para converter partes dos cascos tradicionais de suas cidades em novos espaços terciários e de lazer, destacando-se ampliação do Museu do Prado, por Rafael Moneo (Figs. 28 e 29), a vila olímpica de Barcelona e também o caso de Bilbao, que apesar de não se tratar de uma reutilização propriamente dita, contribuiu para o debate do tema novo/antigo em âmbito mundial através do projeto do Museu Guggenheim do arquiteto Frank Gehry também Prêmio Pritzker.



Figuras 28 e 29 - Museu do Prado
fonte: <http://people.deas.harvard.edu>

Na França, além do emblemático Museu d'Orsay (Figs. 30 e 31) instalado em uma antiga estação ferroviária, as reutilizações de Marais, em Paris, também são exemplares, visto que no século XVIII tratava-se de um bairro em evidência onde a nobreza construía seus palácios privados; durante os primeiros anos do século XX se degenerou e atualmente, devido às reutilizações empreendidas, volta a estar em evidência tendo se convertido em um lugar elegante para viver e um dos destinos favoritos dos turistas.



Figura 30: Museu d'Orsay
fonte: <http://www.aviewoncities.com>



Figura 31: Museu d'Orsay
fonte: <http://static.flickr.com>

Cabe também o exemplo da Áustria e especialmente a cidade de Viena que desenvolveram nos últimos quinze anos uma grande virada em relação ao conservadorismo cultural das décadas do pós-guerra que preservou uma imagem própria incondicionalmente ligada à cultura burguesa. Segundo Powell (2006, p.18) vários projetos de reutilização já demonstram uma maior ousadia em suas intervenções, encaradas como possibilidades de contrastar o novo com o antigo. Aqui destacamos projetos de Coop Himmelblau (Fig. 32) através das intervenções realizadas em telhados de antigas construções de Viena e o de Hans Hollein (Fig. 33) para a nova cobertura da área de acesso do museu Albertina também em Viena.



Figura 32: Cobertura de prédio de escritórios por Coop Himmelblau
Fonte: <http://www.icomos.at/heritage-at-risk.htm>



Figura 33: cobertura de acesso do museu Albertina por Hans Hollein
Fonte: <http://www.hollein.com>

Para além da questão formal ou plástica, podemos dizer que as intervenções em Viena demonstram uma emergente necessidade de metamorfose do patrimônio e que tal conceito de metamorfose já vem sendo posto em prática por arquitetos europeus. Na Europa, é notório que muitas edificações de interesse histórico e cultural têm servido de base para a renovação das posturas frente ao patrimônio e demonstrado uma maior intencionalidade dos arquitetos que passam a uma maior ousadia projetual e relegam o conservacionismo. A dinâmica urbana, na qual as qualidades ou deficiências de qualquer edificação vêm à tona, impõem desafios contemporâneos de diversas ordens, desafios estes a serem enfrentados pelos arquitetos em seus projetos de reutilização.

2.3.3.2 – América do Sul

Em uma América em crise, com carências dramáticas e postergações que devem ser revistas em curto prazo, a dimensão do patrimônio cultural deve projetar-se na perspectiva do seu compromisso social. Não havendo espaço para o desperdício e para a má utilização funcional dos recursos - de per si escassos - devemos entender que nossa linha de defesa e ação é hoje a do "patrimônio construído". (GUTIERREZ, In: CUNHA. 1992, p. 121)

A reutilização de edificações de interesse histórico no âmbito da América Latina tem se dado principalmente como instrumento de recuperação de algumas áreas degradadas das cidades, áreas centrais, periferias antigas e zonas portuárias semidesativadas. A reutilização como parte das estratégias de recuperação dessas áreas tem se direcionado a manter e adensar tais tramas urbanas com o objetivo principal de potencializar a qualidade de vida em zonas equipadas mas aparentemente condenadas à não-urbanidade.

Embora, se mantenham muito no campo da reutilização visando à dotação de equipamentos de uso eminentemente terciário ou para atividades de entretenimento, alguns exemplos significativos podem ser aqui citados como o projeto de Clorindo Testa para o centro cultural Recoleta em Buenos Aires (Fig. 34), no qual, conforme Segawa “uma capela neogótica se converteu em um auditório, os antigos claustros abrigaram galerias de arte e áreas para exposições, e ainda houve a articulação do centro comercial e de Design” e ainda os projetos da Livraria El Ateneo (Fig. 35) e do Puerto Madero em Buenos Aires (Fig. 36).



Figuras 34, 35 e 36 - Centro cultural recoleta, Livraria El Ateneo e porto Madero em Buenos Aires
Fonte: acervo próprio, 2004

2.3.3.3 – Brasil

“A questão pós-moderna abriu as sensibilidades e a tolerância com a diversidade de posicionamentos, com a apreensão e a compreensão de outras formas de instrumentar o raciocínio do projeto. Fenômenos percebidos mundialmente aportavam entre os arquitetos brasileiros: a percepção da falência de panacéias arquitetônicas (soluções supostamente válidas para todas as realidades), o maior diálogo com o contexto urbano ou o ambiente natural na implantação dos edifícios, o reconhecimento da história como referência projetual, a revalorização da reciclagem de edifícios como atitude de preservação cultural, a produção do espaço como resultado de uma colaboração entre arquitetos e usuários,...” (SEGAWA, 2002, p.191)

O Brasil apesar de ainda ter muito a percorrer no que diz respeito ao processo de reutilização de edificações de interesse histórico e cultural, possui exemplos pertinentes que concorrem em nível mundial como iniciativas bem sucedidas. Destaca-se a atuação da arquiteta natural de Roma Lina Bo Bardi que teve uma maneira muito peculiar de atuação em projetos de reutilização do patrimônio, principalmente em duas de suas obras que se tornam mais significativas para o estudo aqui proposto: o Solar do Unhão em que converteu o antigo engenho de

açúcar do Unhão em Museu de Arte Popular (1959) e O SESC – Fábrica da Pompéia em que adaptou e ampliou a antiga fábrica de tambores da Pompéia, em São Paulo, convertendo-a em Centro cultural e Lazer (1977).

Alguns exemplos de Minas Gerais também contribuem para uma compreensão de como os arquitetos brasileiros têm tratado da questão da reutilização do patrimônio edificado. No projeto da Capela de Santana do Pé do Morro (figs. 37 e 38) havia a necessidade de construir uma capela para abrigar 6 imagens históricas de alto valor, sob a responsabilidade de uma siderúrgica. Três paredes de uma ruína foram reutilizadas para o projeto de uma estrutura metálica de perfis com vedação em vidro e painéis em madeira com vidros de cores. O emprego do aço corten na estrutura conferiu ao volume da capela a cor de ferrugem que, segundo o arquiteto autor do projeto Éolo Maia, remete ao próprio tom de terra do minério de Minas. O arquiteto defende que procurou alcançar o equilíbrio entre as duas construções evidenciando os valores de cada uma e integrando-as à paisagem.



Figuras 37 e 38 – Capela de Santana do Pé do Morro

Fonte: <http://www.eolojo.com.br/prj019-santana.htm>

Outro exemplo é o projeto de reutilização para o Colégio do Caraça (figs. 39 e 40), inicialmente uma ruína do colégio original incendiado em 1968 e que hoje em dia abriga o uso de centro cultural. Os arquitetos Rodrigo Meniconi e Maria Edwiges Leal não pretendiam a simples consolidação das paredes em ruína remanescentes após o incêndio e então projetaram entre 1986 e 1989 a inclusão de um organismo novo capaz de atualizar os valores do velho colégio. Foram considerados o respeito extremo às ruínas, a autonomia e flexibilidade do novo programa, a cuidadosa manutenção da forma e o contraste entre aparência das pedras marcadas pelo incêndio e os materiais contemporâneos como aço, vidro e concreto armado.



Figuras 39 e 40: Colégio do Caraça / Fonte: LEAL, 1992

Mais recentemente, outra reutilização envolvendo ruínas remanescentes de incêndio teve lugar em Minas Gerais, mais precisamente em Ouro Preto, junto ao conjunto arquitetônico barroco da Praça Tiradentes. No local do antigo Hotel Pilão incendiado em 2003 (ver pg. 89) foi construído um prédio de três andares (figs. 41 e 42) que reproduz toda a composição formal do prédio incendiado, suas fachadas, as dimensões e as formas do telhado, das portas e janelas, na tentativa de recompor o conjunto da praça. As escavações arqueológicas revelaram as fundações de três casas coloniais, datadas de 1812, e que foram evidenciadas através da reutilização.

Figura 41 e 42: Ruína de um casarão em Ouro Preto reutilizada após incêndio
Fonte: HEIDTMANN e AFONSO, 2007

A reutilização do Palacete Comendador Catharino, em Salvador, como Museu Rodin, pelos arquitetos Marcelo Ferraz e Francisco Fanucci, também merece menção, por tratar-se de um projeto que visou preparar a edificação existente espacial e tecnicamente para o novo uso, através da inserção de um novo volume edificado que se conecta a edificação existente por meio de uma passarela elevada de concreto que procurou não interferir nas centenárias árvores do jardim e não competir com as pré-existências.



Figura 43 e 44: Museu Rodin

Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/institucional/inst149/inst149.asp>

Também merecem destaque os projetos realizados em São Paulo (áreas próximas à Estação da Luz no denominado Parque da Luz) que têm evidenciado a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural como uma alternativa de combate ao abandono e degradação do centro visto que suas grandes dimensões e a abundante oferta de infra-estrutura, ao serem abandonadas trariam não apenas um dano para o patrimônio histórico da cidade e um prejuízo social, mas também uma perda econômica irremediável, tanto por seu aproveitamento quanto por sua importância simbólica. São parte desse conjunto de projetos a Pinacoteca e o Museu da Língua Portuguesa (Fig. 45 e 46) ambos projetados por Paulo Mendes da Rocha.

Figura 45: Pinacoteca
<http://www.arcoweb.com.br>Figura 46: Museu da Língua Portuguesa
<http://www.arcoweb.com.br>

Apesar dos projetos realizados no Parque da Luz serem de uma qualidade técnica e conceitual muito acima do esperado, eles também podem ser questionáveis, visto que continuam associados à preservação do patrimônio edificado que restringe seus usos a atividades tidas como culturais. A princípio, tais práticas podem ser consideradas como um mero atendimento a interesses turísticos e de imagem. Consideramos que a reutilização, principalmente em um país como o

Brasil, pode ser muito mais útil se for direcionada a atividades mais presentes no cotidiano da população, o que contribuiria para aproximá-la de edificações ainda vistas como parte do cotidiano de uma elite sócio-cultural.

2.3.3.4 – Sul do Brasil

Também a região sul do Brasil tem sido contemplada por projetos de reutilização servindo como catalisadores de uma nova cultura projetual entre os arquitetos, proporcionada principalmente pelo enorme acervo disponível de edificações de interesse histórico e cultural e também pela disponibilidade de recursos destinados a projetos desse tipo.

Na Cidade de Curitiba, no Paraná, a antiga estação ferroviária Portuguesa (Figs. 47 e 48) reutilizada como um complexo dotado de shopping, centro de eventos e museu merece destaque devido ao amplo emprego de estruturas metálicas e do vidro resultando no maior telhado de vidro do Brasil, com mais de 11 mil m² de área.



Figuras 47 e 48 – Shopping estação em Curitiba

<http://www.arcoweb.com.br>

Em nível federal alguns programas como o MONUMENTA em cidades como São Francisco do Sul em Santa Catarina, Porto Alegre e Pelotas no Rio Grande do Sul destinam grandes recursos governamentais para tais projetos de reutilização. Também as aplicações de recursos públicos advindos das leis de incentivo à cultura (das quais podem se beneficiar projetos de reutilização de edificações históricas) e aqueles provenientes de subsídios ou isenção de impostos, tais como isenção de IPTU para imóveis tombados, dentre outros possibilitaram projetos de reutilização na capital gaúcha, dentre os quais, destacamos: o Centro Cultural Érico Veríssimo e o Santander Cultural.

O projeto do Centro Cultural Érico Veríssimo (fig. 49) buscou como diretriz geral do projeto a integração da edificação utilizando-se dos antigos poços de luz, os

quais foram incorporados à edificação através de uma cobertura e de entrespisos em aço e vidro que distribuem a circulação dos novos elevadores nos diferentes andares agora integrados pelo vazio interno ao prédio (ver figs 53 e 54). Por sua vez, o Santander Cultural (fig. 50), de Roberto Loeb surgiu da reutilização do antigo Banco Nacional do Comércio, prédio de influências ecléticas e do neoclássico francês, em um Centro de exposições dotado de impressionantes elementos de arquitetura contemporânea como o piso de vidro estrutural do átrio superior que convivem com os espaços de maior riqueza artística e espacial que tiveram seus principais elementos rigorosamente restaurados.



Figura 49 – Centro Cultural Érico Veríssimo
fonte: <http://www.arcoweb.com.br>



Figura 50 – Santander Cultural
fonte: <http://www.arcoweb.com.br>

Ambos projetos podem ser considerados de ótima qualidade técnica e de excepcional ousadia, principalmente no que diz respeito as adaptações funcionais e tecnológicas efetuadas. Embora tenham trazido muitos benefícios para a cidade, pois sua reutilização exerce papel fundamental como núcleos de cultura e memória ainda são elementos isolados, ou seja, não foram acompanhados de uma intervenção de requalificação no espaço urbano.

2.4 – ARQUITETANDO UM MÉTODO

O capítulo 2 nos permitiu percorrer a arquitetura através de sua tríade temporal, por nós enunciada: a permanência, a transformação e os novos usos, fazendo emergir uma série de considerações parciais sobre o tema da reutilização de edificações de interesse histórico e cultural, em seus diferentes momentos e contextos, bem como das particularidades que ela pode assumir em função dos diferentes contextos em que ocorre.

A prática da reutilização deveria ser objeto de uma pedagogia especial. Ela deriva do bom senso, mas também de uma sensibilidade inscrita na longa vida das tradições urbanas e dos comportamentos patrimoniais, que por isso varia de país para país. (CHOAY, 2001, p. 222)

As **possíveis origens da reutilização** nos demonstraram a importância das questões eminentemente funcionais e econômicas, da tipologia da edificação original e do compromisso crítico do arquiteto ao propor reutilização.

Em **outros momentos**, constatamos a utilização da excepcionalidade artística ou histórica dos monumentos isolados como instrumento conceitual do projeto de reutilização, a possibilidade de emprego de uma linguagem específica nos projetos através dos materiais da edificação pré-existentes e dos materiais empregados na intervenção, a submissão das novas funções à forma pré-existente e o potencial de tais funções para elevar determinadas edificações à condição de patrimônio.

O **reutilizar contemporâneo** nos mostrou que extrapola os limites dos centros históricos e também ocorre em conjuntos de edificações pertencentes a outros trechos das cidades. Na **Europa**, é notório que muitas edificações de interesse histórico e cultural têm servido de base para a renovação das posturas frente ao patrimônio e demonstrado uma maior intencionalidade dos arquitetos que passam a uma maior ousadia projetual e relegam a preservação extremista. A reutilização na **América Latina** tem se dado principalmente como instrumento de recuperação de áreas degradadas das cidades, áreas centrais, periferias antigas e zonas portuárias semidesativadas. Já no **Brasil**, muitos projetos continuam associados à preservação do patrimônio edificado que restringe seus usos a atividades tidas como culturais que podem ser considerados atendimentos a interesses turísticos e de imagem.

Do percurso de reflexão, é possível apreender que há diferentes abordagens para se empreender a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural e que é tarefa do arquiteto, através de seu projeto, optar por uma determinada abordagem, sendo que, muito de seu modo particular de concepção no projeto pode ser evidenciado na obra arquitetônica materializada. A somatória das partes do existente com o novo adquire características próprias que podem indicar que muitas decisões tenham sido tomadas com base no edifício existente.

“Uma nova orientação estética, transcendendo o jogo arbitrário das formas é seguramente necessária, embora não se reclame que se assemelhe aos estilos do passado... As novas concretizações não podem nem imitar o passado nem quebrar completamente com a tradição. Elas são dependentes da existência de sistemas simbólicos capazes de evolução. Isto implica que devemos conservar os princípios da tradição, mais do que os seus motivos (...)

(NORBERG-SCHULZ, 1998, p.109)

Cabe ao arquiteto projetar e assumir uma linguagem arquitetônica que se adeque àquilo que possibilitam as necessidades funcionais do novo programa, a estrutura formal da edificação existente e a estrutura formal dos novos elementos a serem inseridos na composição (do latim *compositio*, derivado de *componere*, por (*ponere*), com (*cum*), dispor conjuntamente). Segundo Byard (1999) essa nova composição formal se relaciona a uma “arquitetura combinada” – construções antigas que são alteradas ou que têm partes adicionadas – em que não há limitações de expressão arquitetônica, sendo o sucesso sempre dependente de **como** a intervenção é realizada.

Conforme queríamos demonstrar, evidencia-se que tal realização bem sucedida estará fortemente vinculada ao modo ou ao **método de projeto** que conduz a essa realização e o projeto é que determinará o compromisso crítico, a linguagem e a tipologia como elementos com maior ou menor influência, visando a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural.

Reutilizar é arquitetar e arquitetar é verbo que tem seu significado fortemente associado a um processo, o que segundo Elvan Silva (2000, p. 90) “tem um suporte lingüístico para esta concepção, na medida que, em muitos idiomas, encontra-se o verbo arquitetar ou seu correspondente: em espanhol diz-se *arquitectar*, em francês *architecturer*, em italiano *architettare*“. A partir do que obtivemos no presente capítulo, concluímos ser necessária uma segunda parte da revisão de literatura que estruturasse nossa pesquisa de campo, considerando todos os aspectos apreendidos e possibilitando-nos **arquitetar um método** de descrição e análise das reutilizações. O capítulo 3 apresenta os conteúdos teóricos que constituem tal método.



CAPÍTULO 3 – O PROJETO DE REUTILIZAÇÃO

A arquitetura deve responder satisfatoriamente às prioridades e necessidades dos usuários e tal objetivo se desdobra em várias dimensões, as quais podem ser relacionadas às “partes em que se divide a arquitetura” de acordo com o arquiteto e engenheiro romano Marcus Vitruvius Pollio (90-20 a.c.) que, no capítulo III do Livro I de seu tratado, determina sua tríade formada por:

1. solidez construtiva ou firmeza (firmitas);
2. função, utilidade ou conveniência (utilitas);
3. beleza ou encanto (venustas);

(...)Firmitas é assegurada quando as fundações são levadas até o solo firme e os materiais sabiamente selecionados; utilitas, quando o arranjo das partes é perfeito e não apresenta obstáculos ao uso, e quando cada classe de edifício é designada a sua orientação conveniente e apropriada; e venustas, quando a aparência da obra é agradável e elegante, e quando os seus membros estão em proporção devida de acordo com os corretos princípios da simetria. (VITRÚVIO, 1960, I, Cap. III, p. 17)

As dimensões técnicas, funcionais e estéticas correlatas aos três grandes parâmetros vitruvianos também podem encontrar sua forma científica nos três grandes grupos de documentos essenciais em projetos de arquitetura: Cortes, Plantas e Fachadas (MIRANDA, 1999, p. 59). Nosso método de descrição inclui a apresentação de tais documentos (tríade documental) a fim de proporcionar uma leitura o mais completa possível do projeto em seus tempos (tríade temporal) e encaminhando à análise em que as categorias de Vitruvius (tríade vitruviana) também serão incorporadas ao método para que possamos identificá-las nos projetos selecionados.

Etimologicamente, projetar vem do latim *projectu*, e significa lançar para diante. O arquiteto, em sua condição primordial de projetista, ocupa-se em transformar situações existentes em situações preferidas, sendo que segundo Elvan Silva (2006, p. 35) “o projeto arquitetônico pode ser descrito como uma proposta de solução para um problema específico de organização do entorno humano”.

(...) o problema básico do projeto se reduz em procurar estabelecer, para um determinado contexto insatisfatório, a forma arquitetônica que se ajuste a esta satisfação, neutralizando-a. (SILVA, 2006, p. 57)

A partir de um programa definido pelas necessidades do usuário do ambiente ou edificação se analisam as diversas características físicas do local e desenvolve-se o projeto.

Em Arquitetura e Urbanismo o termo programa funcional ou programa de necessidades está quase sempre associado a uma atividade específica do conhecimento humano, incluindo características tão arraigadas que parece impossível dissociá-las de uma solução formal. Por exemplo, quando se fala em indústria a primeira imagem que nos vem à mente são os galpões muito altos, espaçosos providos de iluminação zenital. Quando se fala em escola todos imaginam um edifício repleto de salas de aula e possivelmente com espaço disponível para o recreio e as práticas desportivas. Ninguém discute se esses itens do programa são realmente essenciais para o desenvolvimento das atividades que aí acontecem e portanto existe muita resistência para que se altere o uso de uma edificação que foi anteriormente planejada para outras funções.

(AFONSO, 1999, p.308)

No projeto de reutilização, além do programa decorrente do novo uso do imóvel, o arquiteto está trabalhando sobre uma edificação pré-existente, e que possui uma série de valores históricos e/ou culturais, os quais se pretendem preservar em determinada medida. Tais valores podem definir as diretrizes básicas do projeto de reutilização e nortear as decisões futuras de projeto, visto que a edificação, além de objeto arquitetônico, deve ser considerada também como um documento a ser interpretado. Essa é a principal particularidade dos projetos de reutilização, que a princípio os diferenciam dos projetos de arquitetura, de uma maneira mais ampla, ou seja, que nesses casos, já há um projeto materializado na própria edificação, sobre a qual será concebido outro projeto.

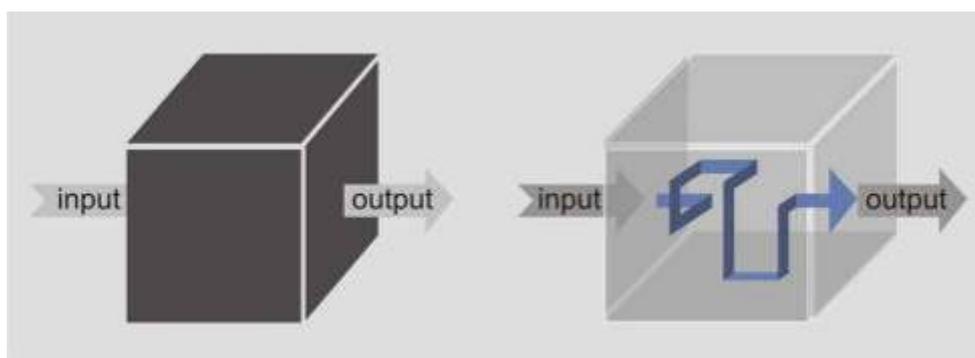
Em algum momento passado esse projeto original constituiu uma solução para um conjunto de condições dadas e agora esta se vê obrigada a responder a uma nova necessidade de uso, um novo programa funcional diferente do original, o que implica por si só, para além dos aspectos documentais da obra (interesses históricos e culturais), em uma série de adaptações que por sua vez são influenciadas ou

regidas por diversas condicionantes fundamentais para o processo de concepção do projeto.

Dentro de uma analogia cibernética, a abordagem convencional, baseada no subjetivismo intuitivo, pode ser comparada a uma caixa-preta (black box), que representa um mecanismo do qual não se vê o funcionamento, sendo apenas cognoscíveis a entrada ou formulação do problema (input), e a saída ou resposta (output)(...)se o funcionamento não pode ser testemunhado, não pode ser obviamente analisado, nem ser limitado ou transmitido.

(SILVA, 2006, p. 53)

Conforme Elvan Silva a idéia de concepção do projeto como uma caixa-preta “não é mais considerada satisfatória, pois implica a impossibilidade de aperfeiçoamento do processo projetual e da incorporação de novos instrumentos lógicos de apoio aos processos decisórios, já presentes em outros campos do conhecimento aplicado (...) uma das tendências do moderno pensamento arquitetural é justamente o esforço de codificação do processo do tipo “caixa transparente” ou “caixa de vidro” (glass box), ou seja, similar aos mecanismos dos quais é possível observar-se o funcionamento.”



Figuras 51 e 52 – Esquemática da caixa preta em que se conhece apenas os dados de entrada e saída e da caixa transparente em que se consegue compreender o modo de funcionamento

Fonte: desenho do autor, adaptado de SILVA, 2006.

A elucidação do processo projetual proposta por Silva (figs. 51 e 52) é aqui fundamental, visto que o presente estudo trata justamente da demonstração de possíveis aproximações do processo de projeto de reutilização a um método bem

como as principais condicionantes envolvidas, explicitando o processo, de forma a poder reaplicá-lo como um todo ou de forma parcial, em casos similares futuros.

3.1 – CONSIDERAÇÕES SOBRE MÉTODO E PROJETO DE REUTILIZAÇÃO

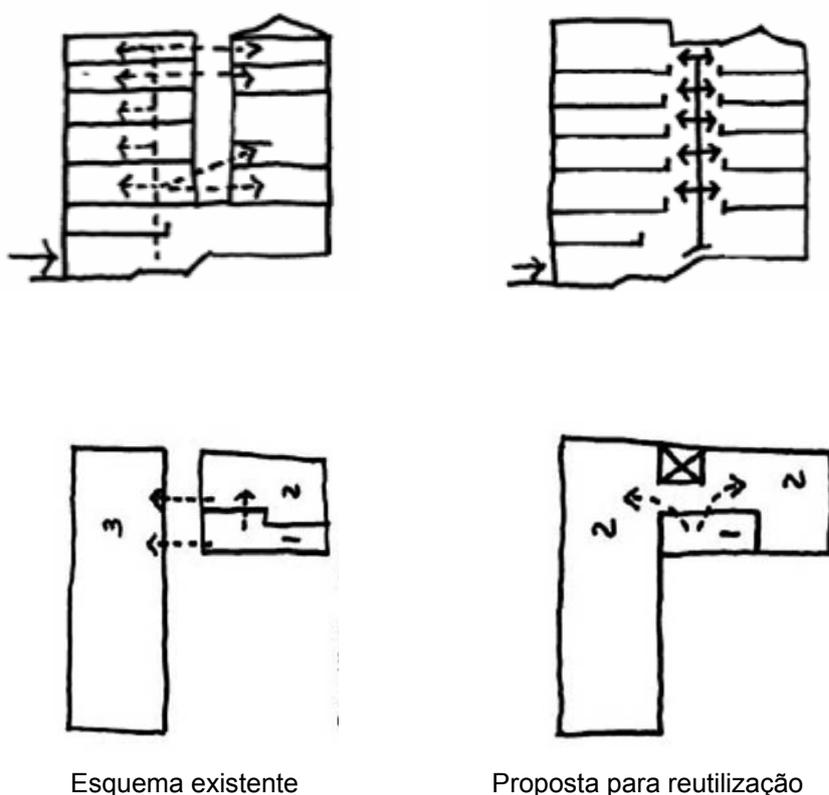
“Um maior humanismo na arquitetura depende de metodologias projetuais fundamentadas numa melhor compreensão do inter-relacionamento entre o homem e a paisagem construída, principalmente a níveis psicológico, comportamental, social e cultural.” (RIO, 1996, p.18)

Segundo o Dicionário Aurélio: **Método** (Do gr. *méthodos*, “caminho para chegar a um fim”). Caminho pelo qual se atinge um objetivo. Programa que regula previamente uma série de operações que se devem realizar, apontando erros evitáveis, em vista de um resultado determinado. Modo de proceder; maneira de agir; meio. Uma vez que a análise proposta busca algumas aproximações a um método de projeto que tenha sido empregado pelos arquitetos diante da demanda por reutilização de uma edificação de interesse histórico e cultural, cabem aqui algumas considerações sobre as relações entre método e projeto arquitetônico.

Por mais rigoroso que seja o processo metodológico, vários fatores podem intervir e cabe ao arquiteto dar a eles uma ordem de prioridade, imprimindo a noção de subjetividade às decisões finais. Devido a isso, não existem projetos iguais, como também não existe um método de projeto que possa ser totalmente generalizado a todos os arquitetos, mas apenas a constante do projeto como transferência da idéia à sua materialização. Tal subjetividade deve ser entendida como aquela de caráter eminentemente crítico que leva o arquiteto a projetar dentro de seus próprios horizontes segundo sua capacidade projetual.

O processo de ideação-crítico e os valores envolvidos dificilmente são explicitados pelos arquitetos, levando à já mencionada “caixa-preta”. Em um projeto de reutilização de uma edificação de interesse histórico e cultural na cidade de Porto Alegre, o arquiteto demonstra a maneira como organizou suas prioridades a fim de desenvolver o projeto e onde é possível verificar a ausência tal “etapa”. Sobre o método por ele adotado, nos diz:

Os procedimentos de trabalho não fugiram à maneira tradicional de projetar - ou reprojeter - em uma pré-existência de valor histórico, mas vale como registro, arrolar os principais procedimentos: Visita ao local, Conhecimento do problema, programa de necessidades - o quê, levantamento do local (exaustivo) e contexto - onde, conhecimento dos recursos técnicos - como, conhecimento dos recursos econômicos - com quanto, organograma - organização, fluxograma - percursos, Levantamento da documentação (motivo do tombamento e quem fez), Levantamento cadastral, Diagnóstico: patologias da construção, problemas e potencialidades arquiteturas, Fotos e desenhos, Análise de alternativas e possibilidades, Croquis, cálculos e verificações gerais - domínio das variáveis, Proposta conceitual, croquis e texto, Estudo Preliminar / Anteprojeto Arquitetônico, Aprovação em órgãos e comissões - negociação, Gerenciamento dos projetos complementares, Projetos Executivos, Fiscalização da Execução. (KIEFER, 2005)



Figuras 53 e 54– Croquis do arquiteto - proposta funcional de projeto de reutilização

Fonte: KIEFER, 2005.

Para Gasperini (1988) devido à evolução da ciência e da técnica e a quantidade de problemas a serem resolvidos não é possível hoje pensar na elaboração de um

projeto sem antes organizar as tarefas a serem desenvolvidas, agrupadas de forma a facilitar a sua execução. Por tudo isto é preciso planejar o processo de trabalho. Mas sempre a tomada de decisões final vai estar carregada de um componente subjetivo. Em um projeto de reutilização, mesmo que haja a preexistência como condicionante, ainda se mantém a possibilidade de manifestação da subjetividade crítica do projetista, ou seja, dois projetistas com formações culturais diferentes chegariam a soluções diferentes para um esmo problema projetual.

Ainda segundo Elvan Silva (2006, p. 72) em termos simplificados, pode-se afirmar que o processo de projeção na arquitetura está sujeito a duas categorias principais de fatores morfogenéticos:

1. **condicionantes contextuais**, decorrentes de circunstâncias preexistentes, como a caracterização do sítio, exigências programáticas específicas, legislação aplicável, imperativos de ordem sociocultural.
2. **critérios de projeção**, que traduzem a concepção do projetista perante o problema a ser solucionado.

Da quantidade e do teor dos **condicionantes contextuais** dependerá o grau de liberdade de escolha do projetista. Entende-se que essa limitação restringe as possibilidades de expressão do arquiteto, mas ela é uma decorrência do fato de ser a arquitetura um fenômeno sociocultural e, portanto, sujeito às convenções da organização social da coletividade.(...) Os **critérios de projeção** têm cunho subjetivo, ou seja, refletem o pensamento pessoal do projetista e corporificam sua concepção particular do tema em estudo. É por isso que, dado um mesmo programa e um mesmo sítio, n arquitetos produzirão n proposições diferentes. Estas diferenças demonstrarão, entre outras coisas, que os diversos projetistas baseiam-se em escalas de prioridades não-coincidentes. (SILVA, 2006, p. 72)

Tal divisão (condicionantes contextuais e critérios de projeção) foi incorporada no presente trabalho para fins de elaboração das fichas de cadastro descritivo a serem empregadas no estudo de casos conforme conteúdos apresentados a seguir.

3.2 – CADASTRO DESCRITIVO

Para obter um melhor desempenho na coleta de dados, bem como uma melhor compreensão de tais dados foi elaborado um sistema que permite a **descrição** dos principais aspectos do projeto de reutilização. Para tal nos apoiamos no conceito de Cadastro Técnico Multifinalitário de Loch (1990) segundo o qual "O Cadastro deve ser entendido como um sistema de registro da propriedade imobiliária, feito na forma descritiva, em conjunto com o registro dos imóveis e principalmente na forma cartográfica".

Apesar da presente pesquisa não ter seu foco direcionado ao Cadastro Técnico Multifinalitário, esse campo de conhecimento tem grande importância para a preservação do patrimônio histórico edificado, especialmente no caso da cidade de Pelotas como é descrito no item 4.1. Além disso, serviu aos propósitos de nossa pesquisa, ao permitir uma melhor descrição dos projetos e de seus dados principais, divididos em condicionantes contextuais e critérios de projeção, os quais são apresentados sob a forma de cadastro. Trata-se de um cadastro descritivo que permite uma leitura sucinta do projeto e complementa a análise, esta constituindo um produto diferente da descrição.

3.2.1 – CONDICIONANTES CONTEXTUAIS

Consideramos que em projetos de reutilização, a edificação pré-existente e suas características principais podem indicar o caminho a ser seguido na intervenção. As principais informações desse gênero são apreendidas na ficha de cadastro descritivo denominada **CONDICIONANTES CONTEXTUAIS** relativa à classificação tipológica e à história da edificação (datas, autores dos projetos, proteção, usos ao longo do tempo), principalmente através de registros documentais e fotogramétricos obtidos pela pesquisa.

3.2.1.1 – CLASSIFICAÇÃO TIPOLOGICA

No âmbito de nossa pesquisa, a tipologia pode ser definida como uma atividade científica relacionada à classificação de indivíduos ou objetos de um conjunto em grupos diferenciados, segundo alguns traços característicos dominantes. Segundo Leupen (1999, p. 133), a noção de tipo entrou no discurso arquitetônico baseando-

se no significado de instrumento para classificar utilizado por cientistas do século XVIII, para descobrir a Natureza. Ao classificar e sistematizar a experiência arquitetônica, a tipologia torna possível a utilização desse legado – repertório de experiências formais e espaciais, ancoradas nos acontecimentos culturais e sociais da arquitetura e da cidade – no processo de projeção. O conceito de tipo também remonta ao significado histórico, tanto por permanência, quanto por confrontação³.

Consideramos a tipologia num sentido de aproximação com a história e também de validação da produção arquitetônica, sendo que para a classificação tipológica utilizamos os estudos desenvolvidos pelo Grupo Forma Urbana do Núcleo de Estudos da Arquitetura Brasileira, sediado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas. A classificação sistematizada pelo grupo partiu do “Inventário Arquitetônico da Cidade de Pelotas - século XIX”, elaborado em 1983-1985, e foi sendo ampliada e modificada à medida que se estenderam os estudos de Técnicas Retrospectivas no projeto arquitetônico e urbanístico (Jantzen & Oliveira, 1996) a vários municípios da Região Sul, todos próximos à cidade de Pelotas.

Essas classificações tipológicas, apresentadas no Cadastro Descritivo, foram empreendidas nos projetos analisados por nós, para que pudessemos confrontar os resultados da análise da concepção arquitetural a tal classificação, verificando a importância que a tipologia original assumiu nos projetos.

3.2.1.2 – O REGISTRO DA HISTÓRIA E A FOTOGRAMETRIA

Ao procurarmos levantar os dados relativos à história das edificações reutilizadas em estudo emergiram as possibilidades de registro através de fotografias antigas bem como o uso da fotogrametria como ferramenta para a elaboração do projeto de reutilização, propriamente dito.

A fotogrametria pode ser definida como a “ciência e a tecnologia de se obter informações seguras à cerca de objetos físicos e do meio, através de registro, medição e interpretação das imagens fotográficas” (Loch & Lapolli, 1994). Tem por

³ Solá-Morales Rubió (1996) enfatiza as possibilidades de enriquecimento do significado da intervenção arquitetônica, seja fazendo confrontar a arquitetura pré-existente, seja aproximando-se a ela por analogia.

finalidade determinar a forma, as dimensões e posição dos objetos contidos numa fotografia, através de medidas efetuadas sobre a própria imagem fotográfica. Segundo Loch (1998), a fotogrametria terrestre também é denominada fotogrametria a curta distância, ou ainda arquitetural, quando tem por objetivo a documentação da arquitetura. Precursora de todas as áreas da Fotogrametria, desde a segunda metade do século passado a fotogrametria arquitetural tem sido utilizada principalmente na documentação e preservação de edificações de interesse histórico e cultural. Na reunião do ICOMOS em Washington (1987), a técnica fotogramétrica foi apontada como a mais indicada para o levantamento arquitetônico preciso de monumentos e sítios históricos.

Uma das técnicas de fotogrametria disponíveis implica em que após a aquisição, as imagens passem por um processo de correções geométricas, basicamente de inclinação e de escala, em um processo denominada Retificação. Partindo das imagens retificadas, em um CAD (Computer Aided Design), podem ser obtidos desenhos precisos das edificações produzindo-se, como resultados, as restituições, ortofotos, fotos retificadas, e detalhes, em 2D e/ou 3D. Em projetos de reutilização de edificações de interesse histórico e cultural as ortofotos constituem-se num dos mais úteis produtos fotogramétricos. Sendo uma fotografia de precisão e retificada, portanto em escala constante ao longo de toda a imagem pode, em alguns casos vir a substituir os desenhos das fachadas além de possibilitar a tomada de medidas lineares ou a verificação de aspectos como textura, cor e detalhes arquitetônicos.

Em nossa pesquisa procuramos fotos de outras épocas das edificações em estudo que proporcionassem uma compreensão simplificada de sua evolução e das modificações de caráter arquitetônico que elas sofreram ou não. Além disso, cabe ressaltar que, em alguns dos projetos analisados foram fotografias que possibilitaram algumas decisões projetuais tomadas pelos arquitetos e suas equipes, direcionando a abordagem que a reutilização deveria seguir.

3.2.2 – CRITÉRIOS DE PROJETAÇÃO

Os critérios de projeção, como mencionado anteriormente, traduzem a abordagem do projetista perante o problema a ser solucionado. Para a elaboração das fichas descritivas, denominadas **CRITÉRIOS DE PROJETAÇÃO**, abordamos quatro diferentes temas ou grupos. Primeiro, a classificação da intervenção para a qual buscamos o apoio bibliográfico de Francisco De Gracia (1992: p. 187). Os outros três temas são: adaptações funcionais e tecnológicas, acessibilidade espacial e segurança contra incêndio. A escolha desses três campos de decisão projetual se deu em virtude dos conhecimentos específicos de tais campos terem sido adquiridos nas disciplinas do curso de mestrado a que cada um corresponde, respectivamente:

1. Inovações nos sistemas de vedação vertical – Prof. Dr. Fernando Barth
2. Desenho Universal – Profa. Dra. Vera helena Bins Ely
3. Segurança contra incêndios – Prof. Dr. João Carlos Souza

Obviamente, nos projetos selecionados, tais temas poderão ter sido abordados pelos arquitetos como problemas de ordem eminentemente técnica e/ou normativa, ou seja, sua resolubilidade pode ter sido considerada apenas em cumprimento de legislações específicas ou com a aplicação de conceitos que, embora de cunho técnico, tenham possibilitado resultados mais adequados. Em resumo, para resolver problemas projetuais nesses três campos, os arquitetos podem assumir uma abordagem visando o melhor desempenho ou uma abordagem prescritiva que simplesmente atende às normas e por isso optamos por situá-los como critérios de projeção. Consideramos que tais temas acabam, muitas vezes, explicitando a abordagem do arquiteto frente à necessidade do projeto de reutilização e é com esse objetivo que optamos por usá-lo, ressaltando que os mesmos não serão objeto de análise projetual, em específico.

3.2.2.1 – CLASSIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO

A classificação das possibilidades de intervenção em pré-existências arquitetônicas empreendida por nossa pesquisa e incorporada ao **CADASTRO DESCRITIVO** utiliza critérios propostos por De Gracia (1992). Segundo tal autor, as

conclusões teóricas do problema formal que implicam construir no construído se estabelecem, com caráter redutivo e esquemático, em quatro possibilidades de classificação das intervenções. A diversidade de relações, padrões, níveis, e atitudes constituem de fato um complexo conjunto de alternativas onde classificar os projetos analisados. Segundo o autor, a sistematização por ele oferecida é aberta e apresenta os defeitos de toda classificação – onde classificar as realidades ambíguas? – entretanto, contém os princípios de um corpus metodológico para abordar qualquer projeto em contextos históricos.

Segundo Francisco de Gracia: “(...) é fácil entender que a relação primária, em termos tipológicos entre uma forma existente (A), reconhecível por seus limites, e uma nova contribuição formal (B) responde a uma destas três possibilidades: inclusão, intersecção e exclusão.” (De Gracia, 1992: 187).

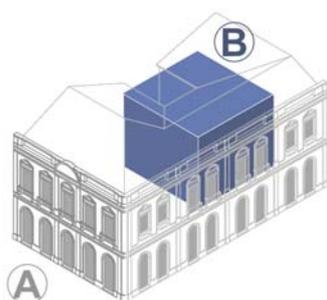


Figura 55: inclusão: o edifício antigo contém o novo.

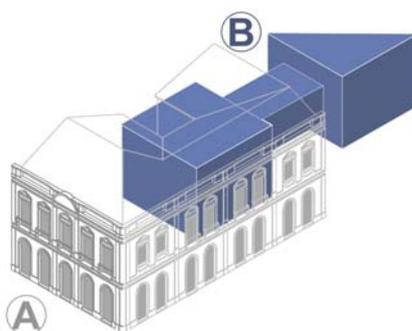


Figura 56: intersecção: edifício antigo e novo compartilham partes.

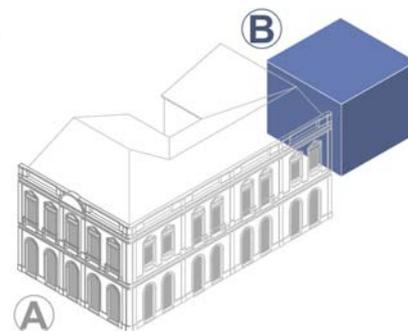


Figura 57: exclusão: Inexistem partes em comum entre edifício novo e antigo.

Fonte: desenho do autor adaptado de DE GRACIA, 1992

A inclusão pode ser traduzida neste âmbito como se o conjunto composto pelas partes da nova arquitetura estivesse contido dentro do edifício pré-existente. A forma e proporção deste elemento contido apresentam uma dependência da edificação que o contém para estabelecer uma relação com o ambiente externo. Entretanto, o elemento contido pode atingir proporções tais que o edifício original passe a ser um envelope, mera película ao redor do espaço contido, onde o espaço intersticial entre os dois seria desprezível. Na relação de intersecção, a edificação existente recebe a nova, compartilham uma parte de si mesmos, ou seja, têm uma parte de elementos comuns, como se uma parte do novo interpenetrasse o antigo, mas apresentasse, ao mesmo tempo, parte de seu conjunto externo ao edifício existente. Cada um dos

dois elementos mantém a sua identidade e definição como espaço. A terceira relação que pode se estabelecer entre eles é a de exclusão, onde inexitem pontos em comum entre o novo e o antigo, do ponto de vista da relação topológica entre eles; as duas partes não se tocam, são independentes entre si.

Quanto aos padrões de atuação:

1° padrão: A conformação do tecido urbano - Quando a intervenção atua no sentido de recompor ou participar do padrão do tecido urbano existente.

2° padrão: Oclusão do espaço urbano - Padrão de intervenção que trabalha com a possibilidade de obter uma melhoria do espaço urbano fazendo uso da arquitetura como elemento ativo da composição.

3° padrão: Continuidade da imagem - Quando são priorizadas as questões plásticas da arquitetura existente e sua relação visual com a nova intervenção.

4° padrão: Recriação tipológica - Ocorre quando são buscadas citações e referências em situações presentes no contexto da intervenção.

5° padrão: Colisão de estruturas formais - Quando a intervenção é realizada de modo a se contrapor drasticamente com as preexistências.

Quanto aos níveis de intervenção:

1° nível: A modificação circunscrita - Quando a intervenção fica limitada ao edifício como uma realidade individual, tratando-se de uma atuação que pode ir desde uma restauração até uma ampliação moderada, passando por uma transformação da estrutura interna.

2° nível: A modificação do lócus - Situam-se nesse nível as intervenções que por suas dimensões não chegam a ter repercussão a nível urbano, mas são capazes de interferir e marcar presença em seu entorno imediato.

3° nível: Pauta de conformação urbana - Num terceiro patamar estão as intervenções que causam repercussão morfológica a uma parte razoável da cidade.

Quanto às atitudes frente ao contexto, o autor propõe a arquitetura descontextualizada que é expressa através daqueles edifícios que simplesmente ignoram existências adjacentes; a arquitetura de contraste pela qual a intervenção não pretende colaborar formalmente com a continuidade do contexto, marcando sua presença em função da negação do existente; a arquitetura historicista em que os valores relativos a uma continuidade histórica são utilizados como agentes de projeto e não como condicionante e finalmente a arquitetura folclórica que se faz

presente nas intervenções capazes de chegar a uma verdadeira relação com a cultura.

O conjunto das quatro classificações propostas por De Gracia (1992) pretende demonstrar como a tipologia original ou pré-existente foi considerada no projeto de reutilização e como foi capaz de impulsionar ou condicionar as decisões projetuais.

3.2.2.2 – ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS

A reutilização de uma edificação pré-existente exige uma série de adaptações em maior ou menor grau. Muitas destas intervenções são condicionadas por demandas de ordem eminentemente técnica e funcional que acabam por alterar partes do objeto construído. A análise de tais alterações, aqui proposta, é adaptada das classificações propostas por Bruscoli (1988) que tratam dos acabamentos da edificação, da modificação de elementos construtivos, de práticas de restauro, das alterações em divisórias internas, do sistema estrutural e da modificação de áreas e volumes.

3.2.2.3 – ACESSIBILIDADE ESPACIAL

A promoção da acessibilidade espacial em projetos de reutilização, principalmente no que se refere ao deslocamento, se depara, na maior parte dos casos, com barreiras físicas tais como escadas e outros desníveis, as quais muitas vezes se constituem em elementos arquitetônicos de grande importância para a edificação de interesse histórico e cultural que se pretende reutilizar. Para ilustrar tal importância em diversas obras de arquitetura ao redor do mundo, muitas delas tendo justamente em suas escadas, um dos fatores pelos quais são considerados patrimônios históricos e culturais podemos citar os templos de Roma, imponentes por suas escadarias, a arquitetura medieval, em que as escadas são utilizadas como elemento de defesa por serem íngremes e escondidas, a arquitetura renascentista que deixa como legado, escadas de grande importância como a escada em espiral dupla do Castelo de Chambord na França (fig. 58), atribuída a Leonardo da Vinci. O período Barroco coloca a escada como um dos mais imponentes espaços dos palácios da época, o que é notório na "Scala Regia" de Bernini (fig. 59), situada no Vaticano, em que se destaca o efeito ilusório e cenográfico tipicamente barroco. No

século XX, o ressurgimento de antigos estilos na arquitetura dá importância às escadas como as da Ópera de Paris em estylo barroco.



Figura 58- Castelo de Chambord
fonte: <http://www.essential-architecture.com>



Figura 59- "Scala Regia"
fonte: <http://www.geh.org>

Demonstra-se o quanto que, em muitas edificações de interesse histórico e cultural, a acessibilidade pode constituir-se em um importante critério de projeção. Ela pode ser tratada como simples atendimento às exigências normativas ou procurar soluções de acordo com diretrizes de projeto mais abrangentes, que segundo Bins Ely (2005) definem a qualidade da performance das pessoas com restrições ao meio físico. Tais diretrizes decompõem a acessibilidade espacial em quatro componentes: o deslocamento, a orientação, o uso do espaço e a comunicação, cada uma com seus requisitos funcionais que foram incorporados ao nosso **CADASTRO DESCRITIVO**.

A garantia do deslocamento pelas edificações reutilizadas pode evitar a segregação e a discriminação, sendo que o recomendável é que a entrada principal das edificações seja acessível a todas as pessoas. Entretanto, em alguns casos, a única solução é a instalação de rampas em acessos secundários (Figs. 60 e 61).



Figura 60- Johnson Memorial
fonte: <http://www.edwardtuckerarchitect.com>



Figura 61- Rampa secundária
fonte: <http://www.edwardtuckerarchitect.com>

Algumas soluções projetuais, tais como instalação de rampas (temporárias ou permanentes) e elevadores ou plataformas elevatórias (figs. 62,63 e 64), todos com guarda-corpos e corrimãos, podem assegurar o deslocamento ao usuário e ainda preservar a integridade das principais características da edificação.



Figuras 62,63 e 64- plataformas elevatórias (vertical e inclinada) para cadeiras de rodas fonte: <http://www.thyssenkruppelevadores.com.br/site/content/produtos/acessibilidade.asp>

Portanto, quanto ao deslocamento, o ideal seria o projeto de reutilização assegurar a existência de um percurso acessível pelos principais compartimentos da edificação de interesse histórico e cultural. Quanto à orientação espacial no interior da edificação diz-se que ela dependerá dos elementos de sinalização adotados para promover tal orientação. Já o uso dos espaços e equipamentos só se dará com êxito caso estes estejam preparados para receber pessoas com diferentes habilidades e restrições dos mais variados tipos.

3.2.2.4 – SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIO

A segurança contra incêndio ocupa ou deveria ocupar lugar de destaque entre os critérios de projeção dos arquitetos ainda nas fases iniciais de projeto, principalmente no caso da reutilização de edificações de interesse histórico e cultural.

Segundo Souza (1996) a análise integral e consciente da segurança contra incêndios em edifícios deve formar parte do processo de elaboração do projeto arquitetônico para que seja efetivo e econômico. Todos os membros do projeto

tradicional devem incluir em seus campos de atuação específicos a consideração das condições de emergência que podem criar os incêndios. Destaca ainda que os cuidados para prevenção de incêndios vão desde o tipo de construção adotada incluindo a seleção de materiais ignífugos adequados até os sistemas mais sofisticados de prevenção e combate ao fogo.

No caso de edificações reutilizadas as perdas podem ser ainda mais representativas, justamente por tais edificações, na maioria das vezes, serem de interesse histórico e cultural. Apesar das ações tomadas em caso de incêndio estarem prioritariamente associadas à proteção dos ocupantes das edificações, as próprias edificações são representativas. Além disso, muitos dos projetos de reutilização são aplicados em espaços de exposição ou guarda permanente tais como museus ou bibliotecas e um incêndio pode provocar a perda irreparável de seus acervos. São vários os incêndios que provocaram tais perdas, dentre os quais, destacamos uma edificação comercial da Praça Tiradentes em Ouro Preto em 14/04/2003 (fig. 65) e o Mercado Público de Florianópolis em junho de 2005 (fig. 66).



Figura 65- Edificação comercial, Ouro Preto, MG
fonte: HEIDTMANN e SOUZA, 2006



Figura 66- Mercado Público, Florianópolis, SC
fonte: HEIDTMANN e SOUZA, 2006

Segundo Mattedi (2005, p. 35) a questão da segurança contra incêndio em edificações de interesse histórico e cultural é considerada delicada por natureza. O desafio consiste em atender metas aparentemente incompatíveis, como a de preservar a arquitetura histórica com a provisão das normas de segurança, ou seja, encontrar uma solução que atenda o nível de segurança com o menor impacto possível sobre a edificação. Em alguns casos, o projeto de incêndio promove um impacto maior (fig. 67) e em outros um impacto menor (fig. 68). O atendimento das metas pressupõe a compreensão do que vem a ser uma edificação segura contra incêndios para que a partir daí haja uma abordagem técnica coerente, capaz de dar

origem a soluções objetivas e concretas, para além da abordagem prescritiva de atendimento às normas.



Figura 67- Palácio Cruz e Souza, Florianópolis, SC
fonte: HEIDTMANN e SOUZA, 2006



Figura 68- MALG, Pelotas, RS
fonte: Acervo próprio

Conforme Souza (1996), diante das tendências mundiais, há que se criticar a atitude do projetista que considera segurança contra incêndios um simples problema de atendimento de códigos, normas e legislações. Em vez do cumprimento mínimo dos requisitos de segurança impostos caberia aos profissionais da área, arquitetos e engenheiros, um perfeito domínio dos conceitos de projeto contra incêndios que lhes permitisse projetar cada edifício com suas particularidades e características, do modo mais seguro e econômico.

Em nosso **CADASTRO DESCRITIVO** utilizamos os requisitos funcionais que devem ser atendidos pelos edifícios seguros contra incêndio propostos por Berto (2005), tendo em conta a seqüência de etapas do incêndio (início, crescimento no ambiente de origem, combate, propagação para outros edifícios, ruína parcial ou total do edifício).

3.2.3 – O método: Fichas de Cadastro Descritivo

As fichas de Cadastro Descritivo (ver apêndices) foram preenchidas através de visitas às edificações reutilizadas acompanhadas pelo arquiteto responsável pelo projeto e através de observações e descrições do ambiente construído, da análise do projeto arquitetônico, do registro de croquis e de registros fotográficos dos espaços internos e externos. O preenchimento visa sistematizar a observação, minimizar o tempo despendido com as visitas e objetivar a leitura e compreensão do Cadastro Descritivo de cada projeto segundo o seguinte esquema:

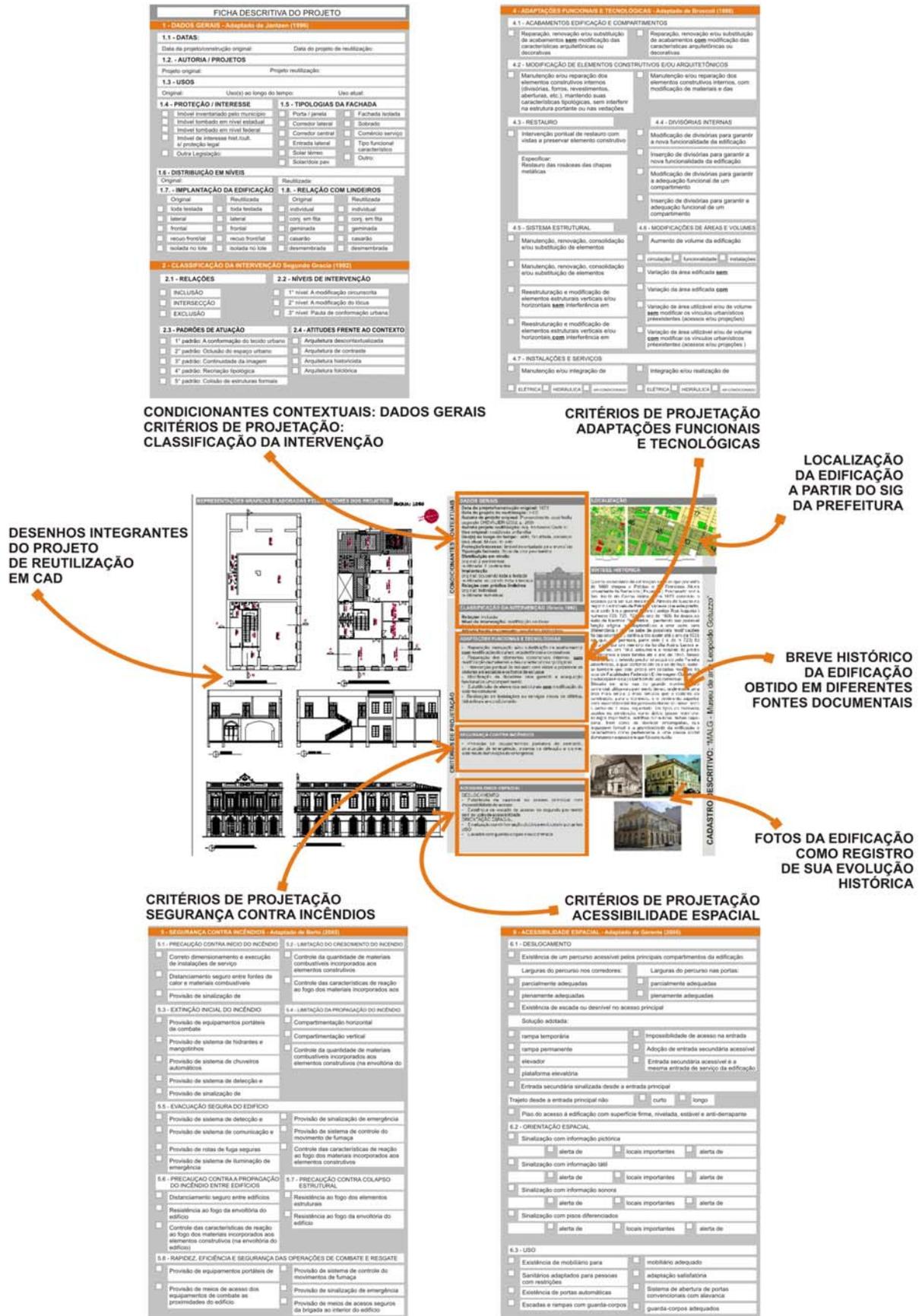


Figura 69 - Esquema de organização dos dados nas pranchas descritivas de projeto
Fonte: elaborado pelo autor

3.3– ANÁLISE

No campo da arquitetura ao se propor análises, normalmente, se direciona o olhar às obras construídas. Entretanto, como a pesquisa tinha como objetivo principal investigar como os arquitetos realizam projetos dentro do recorte proposto (elucidação dos métodos empregados por tais arquitetos), fez-se absolutamente necessário que deixássemos de interessar-nos somente pelas edificações propriamente ditas (descritas através do cadastro) e voltássemos nosso olhar à **concepção arquitetural**. No nosso entender é no processo de concepção que se dão as principais decisões projetuais que nos interessavam e que, após investigadas, seriam capazes de demonstrar o método que cada arquiteto empregou nos projetos selecionados.

3.3.1- A CONCEPÇÃO ARQUITETURAL

Boudon (1994, p. 01) denomina o processo de maior atenção à concepção do que à obra contruída de “deslocamento arquiteturoológico” e propõe que a concepção seja analisada segundo cinco categorias qual seja: IDÉIA, PERCEPÇÃO, USO, SISTEMA, DISCURSO. Segundo o autor tais categorias formam o vocabulário necessário para se pensar a arquitetura e o trabalho do arquiteto encontra-se escondido sob elas (Boudon, 1994, p. 01). Portanto o sentido da arquitetura se forma e pode ser interpretado através de tais categorias.

Devido a tal capacidade de interpretação enunciada por Boudon é que propomos aqui a utilização das categorias de concepção arquitetural como base conceitual para a análise dos projetos de reutilização selecionados. Através da busca de tais conceitos e da maneira como foram abordados em cada um dos projetos consideramos ser possível responder às questões propostas pelo estudo, elucidando e demonstrando o método empregado por cada um dos autores diante de cada uma das situações enfrentadas.

Os conceitos de Boudon permitem a análise do conteúdo das entrevistas dos autores, procurando estabelecer a relação entre suas falas e a noção de concepção arquitetural. Para tal categorização faz-se necessário uma demonstração do que o autor propõe para cada um dos cinco conceitos, como forma de aprender a noção de concepção arquitetural, conforme segue.

3.3.1.1 – IDÉIA

O conceito de idéia, que costumamos ter, relaciona-se primordialmente a algo extremamente abstrato ou, no caso específico da arquitetura, como algo que explicita algumas convicções ou opiniões próprias dos arquitetos. Entretanto, entender o conceito de idéia requer compreender que tal conceito tem como função principal “relacionar o intelecto e a produção material” (Boudon, 1994, p. 03). Por isso, mesmo quando o arquiteto se depara com situações pré-existentes, com grande capacidade de direcionar as principais decisões projetuais, não são tais condicionantes que definem automaticamente as soluções de projeto. As soluções podem partir da análise de condicionantes mas podemos dizer que acabam se apoiando sobre idéias dos arquitetos/equipes. A concepção do edifício pode se apoiar, por exemplo, sobre um esquema formal intuitivo que, nesse caso, configura sua idéia principal.

Boudon (1994, p. 05) relaciona o conceito de idéia ao de criação e coloca como um dos temas fundamentais dessa relação a questão da idéia gerar a obra ou dela ser gerada durante o trabalho de produzir a obra. Aparte de ser a priori e/ou a posteriori é a dimensão intelectual da idéia que sustenta a criação. O arquiteto normalmente se utiliza representações gráficas, que contêm tal dimensão intelectual, e que são capazes de capturar o objeto de um modo global, mesmo que indefinido. O chamado partido arquitetural, comumente empregado pelos arquitetos, pode ser considerado uma representação da idéia, visto que representa de modo sintético o objeto visado mesmo que, como representação, não dê conta do trabalho de elaboração da obra, permitindo isso sim a sua evolução.

Além do partido, a idéia também pode ser expressa através de esquemas ou conceitos que orientam as escolhas do arquiteto e que apesar de não trazer soluções a todos os problemas, são possibilidades para tomar-se decisões não arbitrárias e com base em razões. Entretanto, muitas vezes a idéia nem pode ser percebida e o arquiteto pode, inclusive, abandoná-la em função de outras que podem surgir no decorrer do trabalho (Boudon, 1994, p. 08). O arquiteto deve situar a idéia em um campo não-fixo porém sempre presente, enquanto dá conta das demais problemáticas impostas ao projeto, e o trabalho de concepção passe a demonstrar suas intenções que serão, no futuro, materializadas na construção. A representação gráfica ou desenho situa-se sempre entre a idéia e a materialização.

3.3.1.2 – USO

O conceito de uso é abordado como realidade inerente à arquitetura, e aqui merece destaque o desafio dos usos sociais que são cobrados do arquiteto que a concebe. Boudon (1994, p. 22) ressalta a ocorrência de uma defasagem entre a realidade do uso e as representações de que se valem os habitantes. O arquiteto, portanto, sempre lida com uma espécie de não correspondência de qualidade e de intensidade entre o que é concebido e o que é construído, que ocorre na passagem da representação ao objeto arquitetônico materializado.

São os fenômenos de apropriação dos espaços (assimilação, deformação, transformação, transgressão) que, através dos trajetos e deslocamentos corporais dos usuários, proporcionarão a qualificação de tais espaços. O espaço arquitetônico utilizado passa a não ser visto como é, mas sim como é percebido, de acordo com complexos modos de significação relacionados a ele. Para Boudon (1994, p. 23) o espaço é sempre lido e interpretado como lugar em que certas “dimensões arquitetônicas”, tais como lateralidade, frontalidade e proximidade são capazes de se relacionar com o uso propriamente dito.

Mas e como o arquiteto concebe/imagina os usos? A arquitetura usada, vivida, experimentada, real é objeto de concepção, mas a imagem difere da realidade. De que forma o uso pode ser suporte para a concepção? Diferentes noções podem ser empregadas pelo arquiteto para conceber através do uso tais como utilidade, comodidade, destinação, distribuição e função, que o auxiliam a avaliar suas propostas.

Entretanto, os usuários não recebem a obra como o arquiteto a idealiza. O uso concebido pelo arquiteto pode ser completamente desconsiderado e os espaços podem ser utilizados para outros fins. É nesse ponto que o conceito do uso assume importância para nossa análise, visto que ela lida com a adaptação da edificação para um novo uso, diferente do original para o qual foi concebida. Do confronto entre tais usos (originais, ao longo do tempo e propostos pelos projetos) e de suas possibilidades (pretendidas pelos arquitetos) é que surgem as situações de projeto que nos interessam captar nas entrevistas dos autores.

3.3.1.3 – PERCEPÇÃO

O espaço projetado e construído é percebido pelos sentidos. Visão, tato, audição, olfato. É a partir de características visuais, olfativas e até mesmo aerodinâmicas definem que se define a qualidade do lugar, sendo que, em arquitetura, a visão torna-se privilegiada (Boudon,1994, p. 12). Lugar é espaço qualificado e a posição do corpo com relação ao espaço, o que o olhar vê, o que dá sentido ao lugar é sempre subjetivo e depende de aprendizagens culturais e dos gostos pessoais de cada um.

O arquiteto pode, dentro da concepção arquitetural, imaginar as futuras ambiências dos lugares projetados, procurando prever e antecipar as experiências perceptivas que os usuários poderão ter na obra construída. Entretanto, uma vez concebido, um edifício pode ser percebido de modos muito diversos, pois os usuários são conduzidos a comparar o que vêem com padrões prévios aprendidos consciente ou inconscientemente, com suas experiências e conhecimentos.

As teorias recentes têm demonstrado que a percepção de uma forma depende menos de observações objetivas do que da competência do sujeito que percebe. O arquiteto não se limita à visão do envelope visível do edifício. Sua visão é acompanhada de hipóteses sobre a percepção da organização interna (Boudon,1994, p. 13).

A percepção é uma espécie de interpretação, pois o cérebro procura, através da visão, algo próximo a uma hipótese. O papel do arquiteto é antecipar a percepção de seu projeto, propondo hipóteses esquemáticas, colocando-se no ponto de vista dos que vão usufruir suas propostas, utilizando-se da percepção visual como ferramenta para o projeto. O arquiteto precisa saber ver como arquiteto, a ter um olhar que concebe, que seja capaz de desvendar a lógica compositiva/da concepção e para tal utiliza-se do desenho, de perspectivas e/ou de maquetes físicas ou eletrônicas que, embora sejam meios adequados, podem dar uma idéia diferente do que será percebido no espaço real materializado.

Procurar o conceito de percepção em cada projeto analisado tem o objetivo de desvendar as intenções de natureza perceptiva pretendidas pelo arquiteto, quaisquer sensações que o arquiteto tenha tido intenção de que o usuário tivesse, principalmente referentes à luminosidade, alturas, escalas, ritmos, espaços grandes ou fechados, aberto, enclausuramento, relações de tamanho e proporções.

3.3.1.4 – SISTEMA

A construção é apresentada por Boudon (1994, p. 30) associada à sistemas, em que o edifício é mais do que a soma das partes. A edificação é dotada de regras que especificam seu modo de pertencer a um ou outro sistema, visto que, pode pertencer a mais de um sistema.

O sistema é abstração (conjunto de relações coerentes formando um todo) mas só existe a partir de objetos concretos. O desafio da concepção é tornar concreto o que é abstrato no sistema. A apreensão de um sistema não é sempre evidente; às vezes a relação entre dois elementos pode ser considerada como parte de um sistema geral até então oculto. Pensar um edifício como sistema é entender que todos os elementos poderão evoluir juntos, ou reciprocamente.

Para exemplificar, podemos imaginar o sistema construtivo de determinada edificação. As paredes externas podem ser consideradas como pertencentes ao sistema de vedação vertical mas ao mesmo tempo podem fazer parte do sistema de distribuição de redes de infra-estrutura caso tais redes estejam fazendo uso de tais vedações como suporte. Além dos diversos sistemas que a edificação, compreendida como objeto isolado, já possui, ela também se insere em outros sistemas mais amplos, como os urbanos, que por sua vez se inserem em sistemas de abrangência maior, tais como sistemas de conexão regional e assim por diante.

Boudon (1994, p. 34) ressalta a o sentido de temporalidade dos sistemas que a edificação comporta e dos quais ela faz parte. Para ser dinâmico, um sistema deve permitir modificações de lugar de elementos e de relações. Pensar o projeto como sistema supõe aceitar a evolução conjunta dos elementos e do sistema, tratar da variação de elementos e da variação de relações entre eles.

Ao projetar a reutilização, o arquiteto altera, modifica, adapta os sistemas pré-existentes a novas realidades. Há os sistemas construtivos, estruturais, os urbanos e os históricos/culturais, visto que tais edificações têm características que as mantêm dentro de sistemas desse nível. Considerando que o arquiteto escolhe os sistemas sobre os quais decide intervir no projeto, a análise dos projetos é feita a partir da identificação da pertinência das edificações a sistemas, do conjunto de sistemas que elas contêm e como o arquiteto interviu em tais sistemas, bem como em suas temporalidades.

3.3.1.5 – DISCURSO

Os arquitetos desenham, projetam, representam a arquitetura, escrevem, produzem discurso (Boudon, 1994, p. 38). Mas quais são as finalidades das produções discursivas dos arquitetos? Palavras, frases, textos que atingem público, clientes ou a história da arquitetura, que papel têm?

O autor exemplifica com o discurso doutrinal do qual fazem uso os arquitetos, ressaltando que tal forma de discurso está a serviço do objeto arquitetural, tornando-o competitivo e que tem por vocação assegurar o concebedor, dar certezas e orientar no percurso criativo, fundando seu ponto de vista sobre a arquitetura.

O discurso adquire grande valor de representação para a arquitetura pois pode agregar a ela uma dimensão narrativa que a imagem não pode conter. O discurso autoriza a existência de continuidades e superposições temporais na imagem além de conectar a produção arquitetônica ao pensamento, ao espírito do tempo, às problemáticas sociais e culturais vigentes e/ou com intenção de serem retomadas.

Para nossa análise, torna-se notória, a existência de um discurso com o qual todos os arquitetos autores dos projetos selecionados tiveram que lidar em diferentes níveis e através de diferentes abordagens, qual seja aquele exatamente oposto à fórmula “forma segue e função” ditado pelas práticas modernistas.

Os projetos de reutilização se deparam com um discurso próximo a algo como “a função segue a forma”, visto que as edificações pré-existentes têm características que não deverão ser alteradas, até mesmo, por conveniência a um discurso preservacionista, do qual os arquitetos fazem uso, para legitimar suas intervenções. Diversos outros discursos permeiam os projetos de reutilização, tais como os que se relacionam às adaptações da edificação a necessidades da vida contemporânea ou outras necessidades que sejam determinadas por legislações específicas.

Consideramos que a acessibilidade espacial e a segurança contra incêndios, já mencionadas como critérios de projeção, embora também tenham grande relação com os conceitos de sistema e uso, deveriam ser enquadradas no conceito de discurso. Isso se deve ao fato de que a resolubilidade projetual de tais necessidades pode ser efetuada como mero atendimento prescritivo ou com vistas a um maior desempenho específico. Além disso a consideração de tais necessidades no projeto ainda é encarada como algo que compromete a preservação das edificações, o que pode ser extraído e interpretado das falas dos arquitetos autores.

3.3.2 – O método: Análise de conteúdo das entrevistas

O método de análise de projeto escolhido para a pesquisa, que se baseia na coleta de informações através de entrevistas com os arquitetos autores, utilizou uma aproximação ao método proposto por Bardin (1977, p.38) denominado análise de conteúdo. Trata-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Segundo Bardin (1977, p.38) a intenção do método “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção recorrendo a indicadores.” O material de análise são entrevistas (vide quadro 5), em número de cinco, que correspondem a sete projetos e constituem uma amostra representativa dentro do universo de projetos de reutilização possível para o presente estudo.

CONCEITO	PERGUNTAS-CHAVE DA ENTREVISTA
 <p>IDÉIA</p>	<p>1-No projeto em questão, houve uma busca de referência em algum outro projeto ou obra já realizada, em outros lugares e/ou por outros arquitetos?</p> <p>2-Houve uma IDÉIA (não se entende aqui idéia no sentido comum como convicções ou opiniões do arquiteto e sim no sentido de suas possíveis designações tais como esquema, partido, conceito) geral que norteou esse projeto? Que escolhas ou decisões foram tomadas unicamente em função dessa IDÉIA?</p> <p>3-Tal IDÉIA surgiu no princípio do projeto ou no decorrer do mesmo? Foi abandonada, adaptada ou substituída em algum momento?</p>
 <p>USO</p>	<p>4-Como foi definido o novo USO da edificação em questão? A préexistência foi considerada na definição do novo uso? Explique.</p> <p>5-Houve alguma modificação no novo USO (programa de necessidades proposto) em função da pré-existência arquitetônica (suas características, seu estado) ?</p> <p>6-Houve decisões projetuais condicionadas ou impostas unicamente pelo USO original, anterior ou pelo novo USO?</p>
 <p>SISTEMA</p>	<p>7-Houve a necessidade de troca, justaposição ou sobreposição do SISTEMA construtivo e/ou estrutural? Que critérios seguiram tais intervenções?</p> <p>8-A investigação histórica (caso tenha sido feita) da edificação, de partes dela ou de seu entorno limitou, condicionou ou direcionou o projeto? Como?</p>
 <p>PERCEPÇÃO</p>	<p>9-Houve a intenção projetual de estimular a PERCEPÇÃO (principalmente escala, deslocamento e uso ou preservação/exposição de materiais) dos futuros usuários em algum espaço da edificação reutilizada ou nela como um todo?</p> <p>10-Utilizou-se algum meio de representação para antecipar a PERCEPÇÃO dos usuários tais como perspectivas desenhadas, maquetes físicas ou eletrônicas?</p>
 <p>DISCURSO</p>	<p>11-Qual a importância dos projetos de reutilização de edificações de interesse histórico e cultural num âmbito geral? E no caso específico da cidade de Pelotas?</p> <p>12-O que você considera mais interessante: o restauro de caráter conservador ou a reutilização de caráter contemporâneo? Quais SUAs vantagens e desvantagens?</p> <p>13-Neste projeto foram mais considerados os valores rememorativos intencionados (o bem tem a intenção de permanecer para a posteridade) ou os valores de contemporaneidade instrumental (o importante é o permanecer útil)?</p> <p>14-O projeto de reutilização desenvolvido por você e/ou sua equipe teve uma seqüência de etapas definidas? Quais? Qual a mais importante?</p> <p>15-Como as necessidades de acessibilidade espacial, segurança contra incêndios e conforto, foram consideradas no projeto? Foi previsto o atendimento às normas vigentes ou houve um enfoque baseado no desempenho pretendido?</p> <p>16-Tais projetos foram realizados juntamente com o arquiteto, por você e/ou sua equipe? Houve necessidade de adaptações pós-ocupação?</p>

Quadro 5 – Relação das perguntas-chave com os conceitos de concepção

As diferentes fases da aproximação ao método de análise de conteúdo, por nós empregado, organizaram-se em torno das seguintes etapas:

a) A pré análise

É a fase de organização propriamente dita que tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise. A principal tarefa da pré-análise foi a preparação do material em que as entrevistas, gravadas em formato digital .mov, foram transcritas para documentos digitais em formato .doc. Logo após foram submetidas via correio eletrônico a cada um dos entrevistados para que os mesmos pudessem efetuar as alterações que julgassem necessárias. Após terem sido reenviadas pelos entrevistados foi feita a chamada “leitura flutuante” (BARDIN, 1977, p. 96) através da qual se verifica a pertinência do conteúdo das entrevistas, enquanto fonte de informação, capaz de se enquadrar às categorias de concepção (BOUDON, 1994) selecionadas para aplicação na análise.

b) A exploração do material

A exploração consiste em selecionar os trechos das entrevistas mais adequados ao encaixe dentro das categorias da concepção. Tal categorização (BARDIN, 1977, p. 117) é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo gênero, com os critérios previamente definidos. As entrevistas são recortadas em redor de cada tema-objeto, quer dizer, tudo o que foi afirmado acerca de cada objeto preciso no decorrer da entrevista, foi transcrito para uma ficha, não importando o momento em que a afirmação tenha ocorrido. A própria elaboração das entrevistas já previu a formulação de perguntas que direcionam a uma tentativa de separação antecipada, entretanto, os entrevistados ao serem perguntados a respeito de determinada categoria, acabam por falar de assuntos relacionados a categorias distintas e por isso faz-se necessária uma exploração capaz de reorganizar tais conteúdos sob forma de resultados mais direcionados aos objetivos previstos.

c) O tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação

De posse dos resultados pudemos propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou até que se referissem a outras descobertas inesperadas. As cinco dimensões que organizaram o sistema categorial (segundo BOUDON, 1994) : IDÉIA, USO, PERCEPÇÃO, SISTEMA e DISCURSO tornam-se variáveis empíricas, que emergem do conteúdo das entrevistas transcritas. O objetivo é estabelecer uma correspondência entre o nível empírico e o teórico, de modo a assegurar-nos – e esta é a finalidade de qualquer investigação – que o corpo de hipóteses possa ser verificado pelos dados do texto (BARDIN, 1977, p. 69). O modelo de apresentação do tratamento dos resultados encontra-se a seguir (fig. 70) e pretende facilitar a leitura da pesquisa a ser efetuada no capítulo 4.

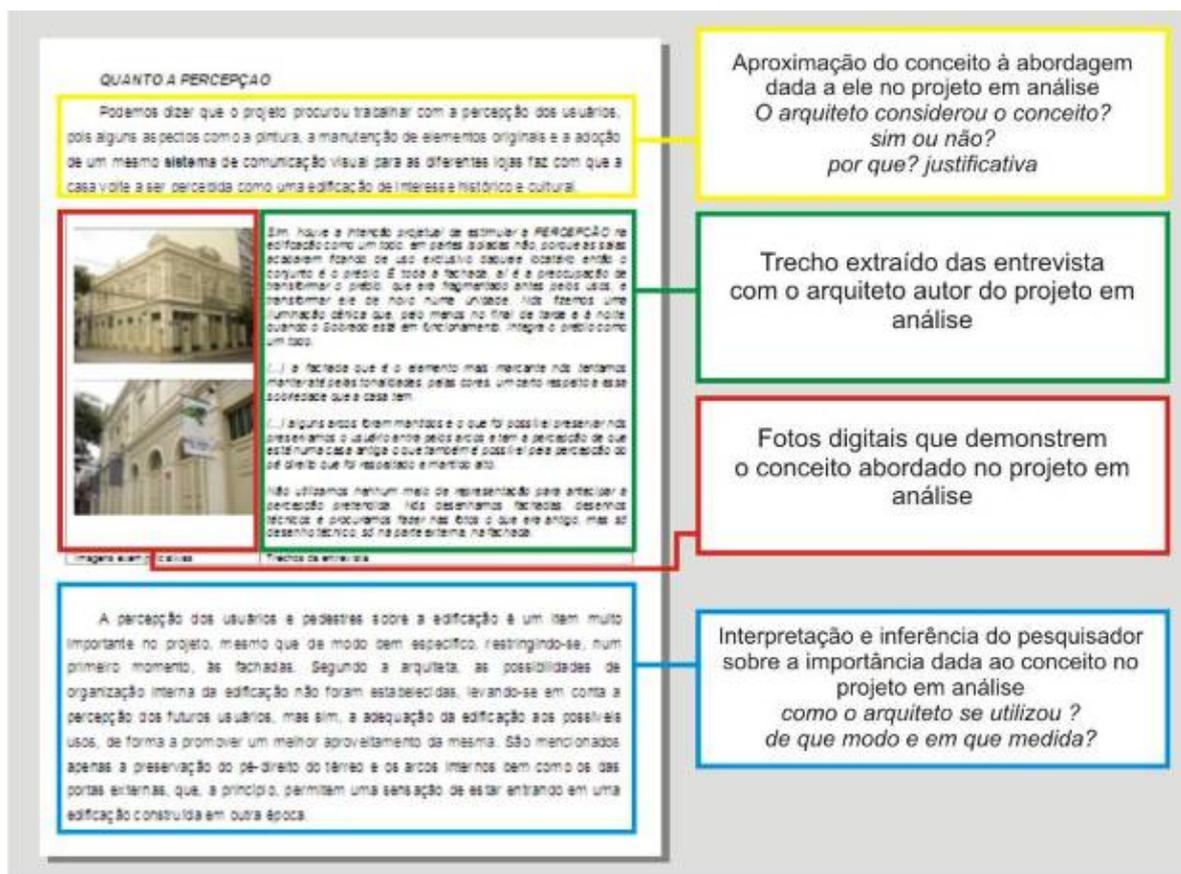


Figura 70 - Demonstração da apresentação da análise de conteúdo

A revisão de literatura empreendida e apresentada ao longo do capítulo 3 permitiu-nos desenvolver o método a ser aplicado na etapa prática da pesquisa e que se constitui em duas etapas principais quais sejam a aplicação e tratamento das fichas de cadastro descritivo e a análise de conteúdo das entrevistas com arquitetos.



CAPÍTULO 4 – PELotas E OS NOVOS USOS DO PATRIMÔNIO

“A história de um ambiente, as mudanças sociais e econômicas que sobre ele incidiram, as características físico-geográficas que o caracterizaram ou que vieram a mudar sua aparência são elementos que precisam ser levantados e levados em consideração na montagem de um plano de leitura não verbal. Esse levantamento primeiro e operacionalmente básico para a leitura chama-se contextualização.” (FERRARA, 1986, p.32)

Consideramos que, para uma melhor compreensão da atual demanda por projetos de reutilização no município de Pelotas, no Rio Grande do Sul, onde se localizam os projetos de reutilização de edificações de interesse histórico e cultural selecionados para o estudo, seria necessário contextualizar o acervo representativo de diferentes períodos de formação da cidade, ou seja, seus **sistemas** urbanos e histórico-culturais, bem como uma descrição da trajetória das práticas e do **discurso** preservacionista que originou os projetos a serem analisados.

O município dispõe de importante patrimônio histórico e cultural edificado, começando pelas construções pertencentes às antigas sedes de charqueadas, situadas às margens do Arroio Pelotas, chegando até os demais conjuntos de edificações presentes no meio urbano correspondente aos primeiros loteamentos e que formam o chamado centro histórico da cidade (fig. 71).

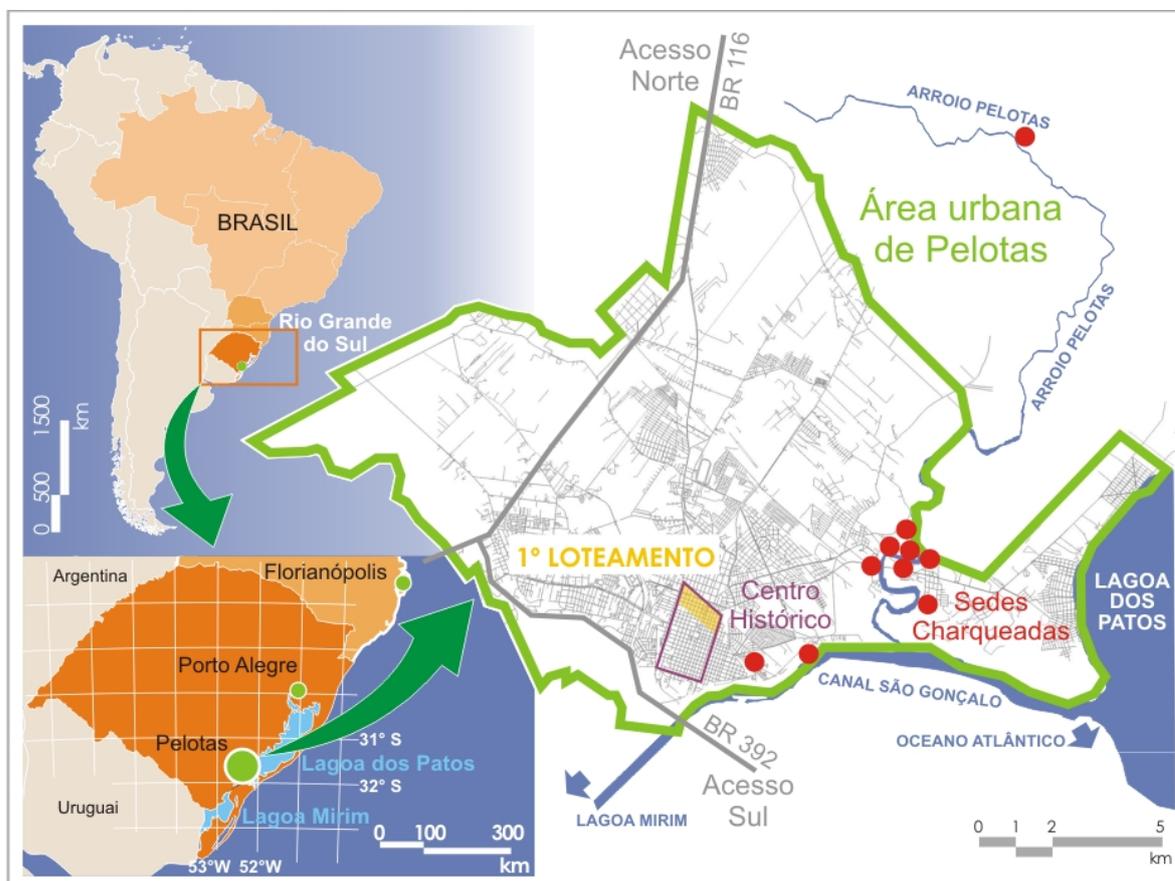


Figura 71 – Localização de Pelotas / fonte: preparado pelo autor, 2007

4.1 - O Contexto do Patrimônio em Pelotas

A formação urbana da cidade de Pelotas se deu pelo desenvolvimento gerado pela produção do charque, atividade que foi por muito tempo, a principal fonte econômica da região. As divisões dos terrenos das propriedades onde se dava a manufatura do charque foram feitas no sentido longitudinal de forma que os poteiros davam fundos ao Logradouro Público, lugar de comercialização do gado, e o espaço da matança, marginal, por onde os dejetos eram atirados e o charque, embarcado para exportação. Pelo mesmo caminho, chegavam o sal e os escravos.

As charqueadas eram compostas de dois ou três terrenos intercalados por estradas. Junto ao Logradouro Público, localizava-se o poteiro dos fundos, depois o poteiro do meio e, por fim, o terreno da charqueada. O gado ia da comercialização de poteiro em poteiro até alcançar a mangueira de matança, onde era abatido.(...)No mesmo terreno da produção do charque, em algum galpão, junto à graxeira, à tafona, ou a qualquer outra das benfeitorias, localizava-se a senzala. Um pouco mais afastada, estava a casa do senhor; um pomar de espinhos, ou chácara, ficava próximo à morada, ou no poteiro do meio. Mais um estabelecimento de olaria completava o programa de necessidades das fábricas.

(GUTIERREZ, 2001, p. 220)

A arquitetura residencial das charqueadas ainda permanece como “Testemunhos Materiais das Charqueada Pelotense” (fig. 72).

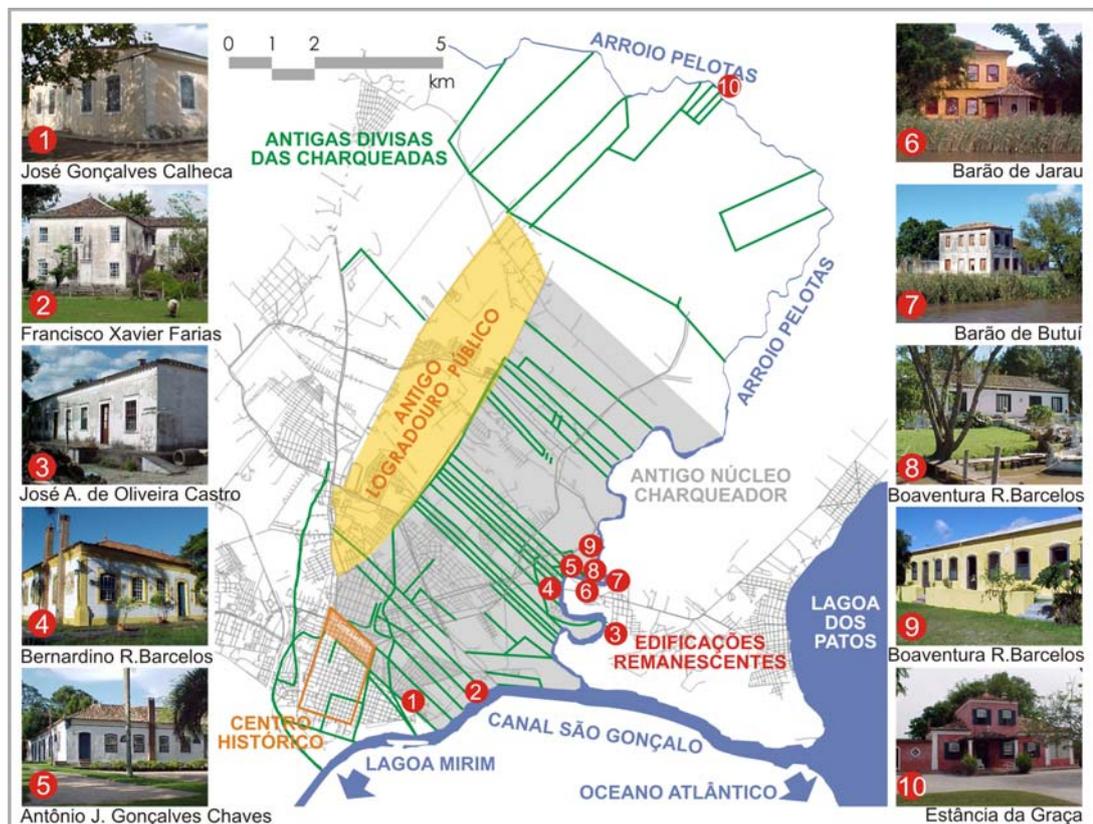


Figura 72 – Localização das charqueadas / fonte: adaptado de HEIDTMANN, 2001

Quanto à arquitetura residencial urbana, é possível dizer que seu surgimento também é extremamente vinculado às charqueadas. Segundo Gutierrez (2001, p. 175) “a freguesia que deu origem à cidade foi criada para atender à indústria da carne salgada”, tendo se caracterizado como “centro comercial e de serviços de apoio ao processo de produção do charque, às atividades que dele decorressem, à população que abrigava na sua sede e no seu entorno”. Além disso, os odores desagradáveis do entorno das charqueadas fez com que seus proprietários buscassem um local afastado para suas moradias. Esse espaço afastado das charqueadas surge através de um traçado reticulado que é originalmente estabelecido no primeiro loteamento em torno da capela, local em que já havia edificações esparsas (fig. 73).

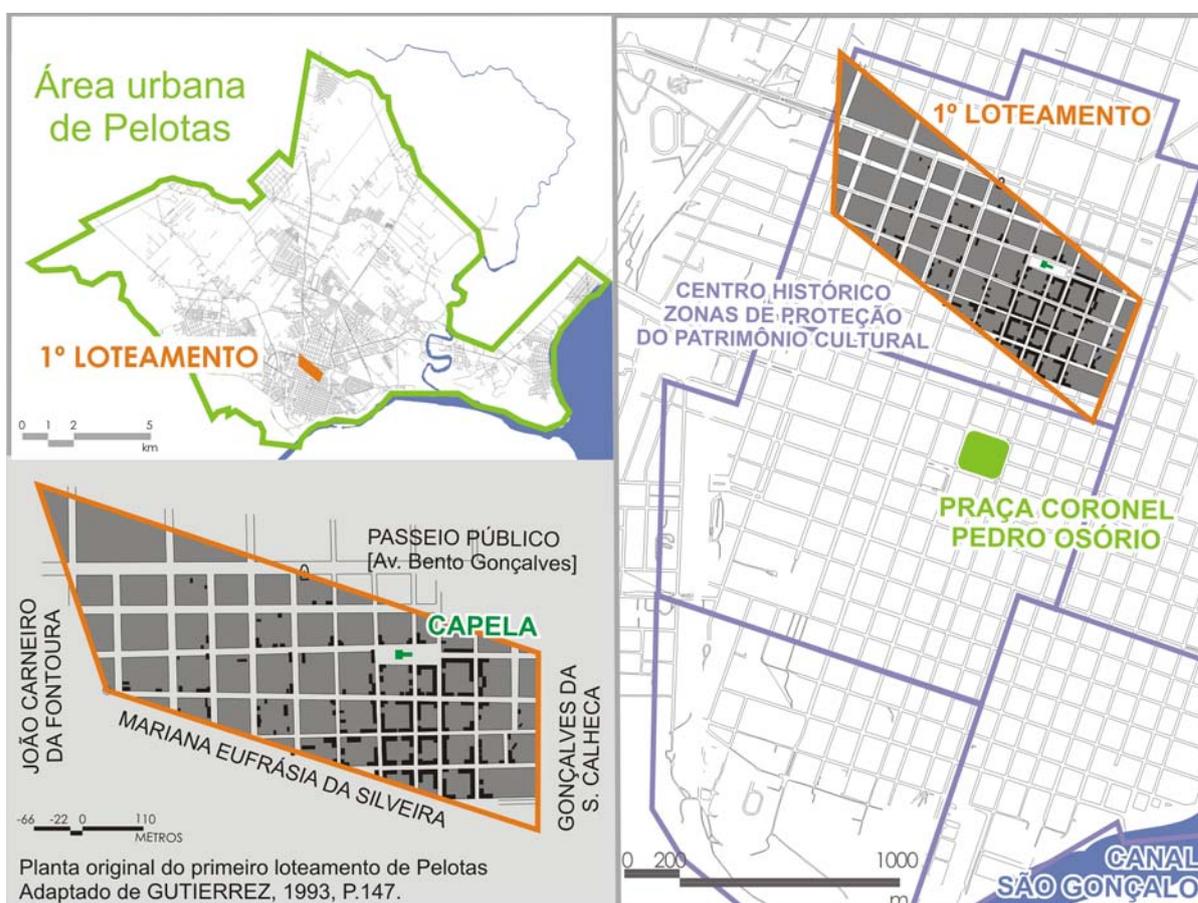


Figura 73 – Localização do centro histórico

fonte: preparado pelo autor, 2007

Pelotas é uma das chamadas “cidades de capela” (YUNES, 1995, p. 54), sendo que, suas expansões projetadas posteriormente mantêm seu reticulado original, o que a caracteriza até os dias atuais.

Em Pelotas, o reticulado torna-se marcante pelo fato da cidade ter-se desenvolvido sobre uma grande planície. As ruas retas, com perspectivas únicas, definem hoje a paisagem da área central, que corresponde aos espaços urbanos definidos pelos dois primeiros loteamentos.

(YUNES, 1995, p. 119)

Segundo Gutierrez (2004, p. 306) “os tijolos e as telhas de barro, moldados pela mão cativa, seguiram a trama traçada e foram fazendo o casco da cidade”. A construção foi condicionada ao cumprimento de regras e posturas policiais que determinavam recuos, alinhamentos, alturas, coberturas, materiais. A uniformidade dos lotes, de pouca testada e muita profundidade, condicionou a uniformidade das construções que eram erguidas sobre os limites laterais do terreno e sobre o alinhamento predial, constituindo, assim, elementos definidores das vias públicas.

Além disso, o forte contato que se mantinha com a Europa influenciou, segundo os moldes do ecletismo europeu daquela época, a transformação do pequeno núcleo colonial que ali existia em um próspero povoado que viria a se tornar uma das cidades mais ricas e importantes da Província do sul do Brasil.

A distância entre as cidades, a liberdade e criatividade de engenheiros, arquitetos e obras, e os materiais utilizados, vão contribuir para uma adaptação e recriação dos moldes europeus, de certa maneira “abrasileirando” o estilo Histórico Eclético. (...) Essas transformações não só evidenciam a riqueza criativa de nossos construtores, como também originam uma estilo característico dessas regiões marginais, estranho às suas origens, menos grandioso, monumental ou suntuoso, porém muitas vezes elegante e pitoresco, sobretudo nas construções residenciais. No caso de Pelotas, estas questões se ampliaram pela presença e trabalho, na localidade, de arquitetos de origem italiana ou francesa e resultaram numa originalidade peculiar (...)(SANTOS, 2002, p. 57)

No início do século, as charqueadas tiveram seu declínio com a abolição da escravidão e com a chegada dos grandes frigoríficos estrangeiros mas por ter sido a alavanca para o desenvolvimento econômico e social de Pelotas a atividade salgada deixou como herança, tanto os exemplares arquitetônicos das sedes das charqueadas quanto as edificações remanescentes no centro histórico da cidade.

Essa herança coletiva das épocas de desenvolvimento econômico, social e cultural, juntamente com sua configuração urbana singular, com seu traçado reticulado, ruas com pavimentação em paralelepípedos de granito e calçadas de ladrilhos hidráulicos compõe o significativo patrimônio a ser preservado que marca diferenciadamente a identidade da comunidade pelotense, em uma espécie de junção das influências locais, às características tradicionais ecléticas da Europa.

Além disso, todo o conjunto formado pelas outras edificações que foram sendo construídas em Pelotas, ao longo de sua história, acaba por formar um conjunto arquitetônico e urbano de grande interesse histórico e cultural.

Pelotas notabilizou-se por ter seu grande número de prédios construídos utilizando os mais diferentes códigos estéticos e arquitetônicos, havendo predomínio, até a década de 50, de um ecletismo acentuado. Esses prédios foram edificadas ao longo dos tempos e forneceram ao contexto urbano uma unidade e harmonia, gerada a partir do respeito entre as diversas arquiteturas do entorno. Esta unidade e harmonia foram obtidas pelo somatório de prédios isolados significativos com prédios mais simples que, em nenhum momento, pretendiam concorrer com os outros. Mesmo os prédios mais simples – habitações e pequeno comércio – possuíam códigos simbólicos e decorativos que, muitas vezes, reproduziam de maneira mais simplificada aqueles utilizados pelos prédios mais significativos (os monumentos), não havendo ruptura, nem mesmo no aspecto simbólico-ornamental. (MOURA e SCHLEE, 2002, p.17)

A preservação do Patrimônio Histórico e Cultural de Pelotas mostra-se viável e, seguindo tendências mundiais, ao incentivar o aproveitamento da riqueza cultural da região com investimentos apropriados, mostra-se capaz de obter retorno. As iniciativas com tais objetivos, incluindo, os projetos de reutilização, têm sido incentivadas pelo poder público e implementadas também pela iniciativa privada.

Entretanto, até chegar ao estágio de desenvolvimento em que se encontra atualmente, a preservação passou por vários momentos, inicialmente construída a partir das mesmas premissas e os mesmos conceitos adotados em nível nacional. Por exemplo, as primeiras ações efetivamente instituídas reportam-se ao tombamento de bens imóveis e, assim como ocorreu em todo território nacional, o reconhecimento desses bens como patrimônio cultural deu-se pelo seu caráter de excepcionalidade. Ao ampliar-se o conceito de patrimônio, através do processo de democratização e inclusão da sociedade nas práticas de políticas públicas, passaram a vigorar também o caráter urbano e o valor de conjunto.

No início dos anos 80, a aprovação do II Plano Diretor da cidade introduz os primeiros conceitos de preservação em nível municipal o que, levando-se em conta a época de elaboração, pode ser considerado um ato precursor. O novo plano declara a necessidade de criação das zonas de preservação, de tombamento de alguns exemplares, de elaboração do cadastro de prédios de interesse patrimonial e ainda traz a preocupação com o entorno dos prédios históricos.

Em 1982, com base no decreto federal 25/37, é instituído o tombamento em nível municipal através da aprovação da lei nº2708/82, que também cria o Conselho Municipal do Patrimônio Histórico e Cultural (COMPHIC), prevê a isenção de

Imposto Predial Territorial Urbano (IPTU) aos prédios tombados e a possibilidade de transferência do direito de construir equivalente ao potencial construtivo da zona.

Em 1988, forças político-econômicas locais, produtoras do espaço urbano, e contrárias à preservação, promoveram a aprovação de uma nova lei 3128/88, que, alterando a anterior, instituiu o condicionamento do tombamento definitivo à apreciação da Câmara Municipal, o que transformou um ato da competência do poder executivo, como determina o decreto 25/37, em conduta dependente do Poder Legislativo. Com isso, dos 236 prédios com tombamento provisório, decretado em 1987, somente 16 foram definitivamente protegidos, sendo que, destes, quatro são tombados em nível federal (Casarões nº 02, 06, 08 e o Teatro Sete de Abril) e um em nível estadual (Casa da Banha) (Fig. 76).

Em 1996, é aprovada uma nova lei municipal 4096/96 que, apesar de ter um cunho mais democrático e demonstrar claramente a intenção de preservar, não consegue efetivamente atingir os objetivos propostos. A extinção de alguns artigos das antigas legislações e a criação de um novo Conselho Municipal de Cultura, o CONCULT, provoca algumas dificuldades nas interpretações das legislações, favorecendo os grupos contrários à preservação. Porém, os técnicos do Poder Público Municipal e da Universidade Federal de Pelotas, voltam a mobilizar-se e, elaboram um Sistema Municipal de Preservação Cultural – SIMPAC, abordando as mais variadas questões referentes à defesa do patrimônio cultural de Pelotas, como formas de preservação, cadastro e classificação dos bens imóveis de interesse cultural, incentivos, restrições e avaliação do entorno para novas inserções. Depois de muita discussão envolvendo vários setores da sociedade, esse sistema bastante amplo foi aprovado, com restrições significativas se comparado à integridade do projeto original, resultando na Lei 4568/2000, com a regulamentação das Zonas de Preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas – ZPPCs, fazendo com que o inventário comece a assumir força de lei e de instrumento de proteção. Todos os bens inventariados são listados e as intervenções devem atender as recomendações quanto à conservação, reparação, restauração, consolidação e reciclagem, possibilitando, o monitoramento dos bens imóveis.

Os bens inventariados também são classificados quanto ao nível de preservação, para futura regulamentação. A prefeitura encontra-se finalizando os estudos para esta regulamentação que prevê 4 níveis distintos de proteção:

- **Nível 1:** Preservação de características externas e internas. Imóveis de relevância histórica e arquitetônica, passíveis de tombamento;
- **Nível 2:** Preservação das fachadas públicas e volumetria, passíveis de pequenas intervenções para viabilizar o uso.
- **Nível 3:** Preservação da ambiência urbana. Apresentam características de acompanhamento aos imóveis de nível 2 e 1, podem sofrer alterações na fachada;
- **Nível 4:** Não apresentam caráter de excepcionalidade, acompanhamento e nem complementaridade arquitetônica, ou descaracterizadas. Passíveis de demolição.

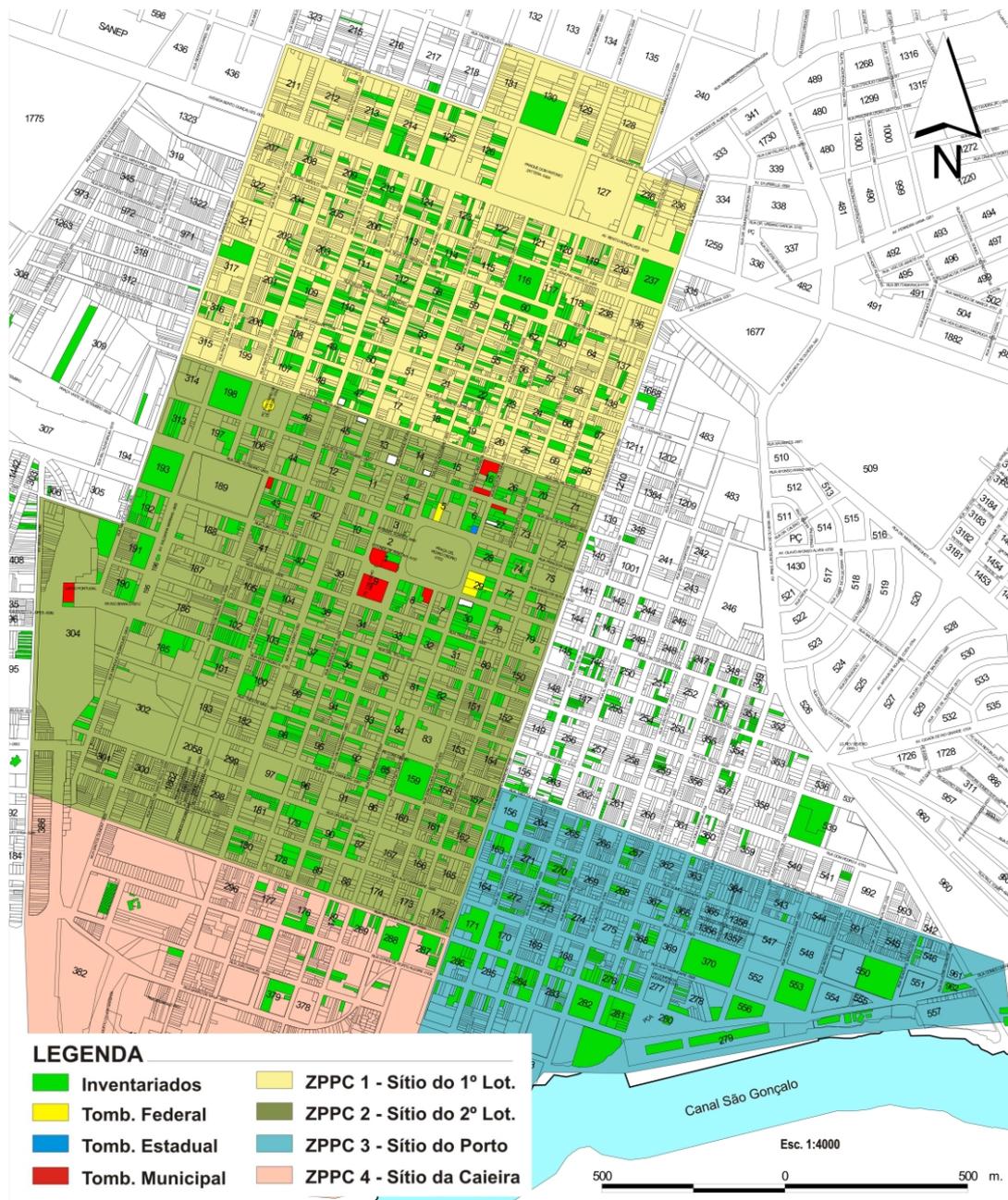


Figura 74 – Mapa em ambiente de SIG, com localização dos imóveis inventariados e ZPPC's
 Fonte: HEIDTMANN, 2006

Dando continuidade às ações até então instituídas, em 2002, a revisão no Código Tributário do município prevê a possibilidade de isenção de IPTU aos imóveis integrantes do inventário, através da lei 4878/2002, atual 5146/2005. Um passo de fundamental importância, dado a partir da possibilidade de isenção de IPTU, foi o emprego de tecnologias de geoprocessamento para o Cadastro e monitoramento dos imóveis inventariados.

(...) quando se fala em geoprocessamento e planejamento dos municípios é que o Cadastro Técnico Multifinalitário passa a adquirir maior importância, uma vez que este deve ser fundamentado numa base cartográfica compatível com o detalhamento exigido pelas escalas dos mapas temáticos, tornando-se o *input* básico para qualquer informação georeferenciada que o município precise. (LOCH, 1993)

A administração municipal em conjunto com a UFPEL, desenvolveu um Cadastro Técnico em ambiente de Sistema de Informações Geográficas (SIG), dotado de dados cadastrais dos imóveis inventariados associados às coordenadas dos seus respectivos lotes, utilizando-se do potencial do CTM como ferramenta capaz de fornecer parâmetros para tributação, mais especificamente para a isenção de IPTU. O instrumento fiscal é utilizado como incentivo à preservação, ou seja, o recurso do IPTU deve ser revertido em melhorias no imóvel e como incentivo à recuperação do prédio, sendo que todas as solicitações encaminhadas pela primeira vez têm o benefício concedido. Normalmente, é necessário bastante tempo para alterações no contexto urbano serem percebidas, mas, no caso específico de Pelotas, já existe um número expressivo de imóveis inseridos no processo de recuperação e conservação, via isenção de IPTU (fig. 75)



Figura 75 – Monitoramento permite a fiscalização contínua de quaisquer alterações

Fonte: HEIDTMANN, 2006

Além dos resultados positivos obtidos através do Inventário, o fato da cidade ter sido contemplada pelo Programa Monumenta foi fundamental na concretização dos anseios preservacionistas, atraindo o olhar da comunidade para o legado arquitetônico de Pelotas. O Programa Monumenta, coordenado pelo Ministério da Cultura com verbas provenientes de empréstimo do Banco Interamericano de Desenvolvimento, tem como objetivo destinar recursos às prefeituras do país para a preservação de áreas prioritárias do patrimônio histórico e artístico urbano, incluindo espaços públicos e edificações, de forma a garantir sua conservação e a intensificação de seu uso pela população. Além disso, entidades privadas e particulares proprietárias de imóveis, que estejam dentro da zona de intervenção do programa, também podem conseguir financiamentos para recuperar suas edificações: fachadas, consolidação da estrutura e adequações interiores para melhoria de instalações. Dentre os projetos desenvolvidos em Pelotas está a recuperação da Praça Coronel Pedro Osório e dos principais prédios localizados no seu entorno, incluindo também o Largo do Mercado Público (fig. 76).



Figura 76 – Conjunto de edificações recuperadas pelo Programa Monumenta em Pelotas
fonte: preparado pelo autor, 2007

Uma intenção importante, citada nas especificidades do programa, é o princípio da sustentabilidade, segundo a qual o programa define que o prédio recuperado deve ter um uso que dê retorno financeiro e permita sua conservação ao longo do tempo. Em Pelotas parte dos projetos do programa previu a adaptação das edificações a um novo uso, ou seja, a reutilização das edificações (vide quadro 7).

Imóvel	Endereço	Reutilização proposta	Situação
Casarão nº2	Pça. Cel. Pedro Osório, 02	Sede Secretaria de Cultura	tomb. federal
Casarão nº6	Pça. Cel. Pedro Osório, 06	Centro cultural	tomb. federal
Casarão nº8	Pça. Cel. Pedro Osório, 08	Centro cultural (museu e cinema)	tomb. federal
Grande Hotel	Pça. Cel. Pedro Osório, 51	Centro administrativo	tomb. municipal
Finanças	Pça. Cel. Pedro Osório, 67	Centro de convenções	indicado IPHAN

Quadro 6 – Relação de prédios reutilizados pelo Programa Monumenta em sua primeira fase

O município também se encontra em pleno desenvolvimento do III Plano Diretor de Pelotas, que priorizará a preservação não apenas conceitualmente, como no Plano Diretor de 1980, mas também através da definição de instrumentos urbanísticos concretos, que assegurem a permanência do acervo remanescente. Para isso estão sendo identificadas e mapeadas áreas de especial interesse cultural no contexto urbano e rural como representantes de espaços com significação relevante, a partir de suas características morfológicas, funcionais, culturais e paisagísticas. A determinação de diretrizes urbanísticas para essas áreas, considerando as particularidades de cada região, visa promover a requalificação da paisagem urbana e a identificação de potencialidades e prioridades que vão auxiliar a tomada de decisões político-administrativas do município.

A contextualização demonstra que a conquista da preservação em Pelotas somente começou a frutificar quando as ações, para além de instrumentos urbanísticos e legislações específicas de preservação, passaram a envolver diversos segmentos da sociedade, somando esforços do poder público, iniciativa privada e população em geral.

Podemos constatar que a reutilização assumiu importante papel em tal processo, sendo que um dos primeiros projetos desse tipo desenvolvido na cidade foi o da edificação de dois pavimentos, mandada construir originalmente em 1875, por Theodósio Fernandes Rocha, um rico comerciante que a utilizava como

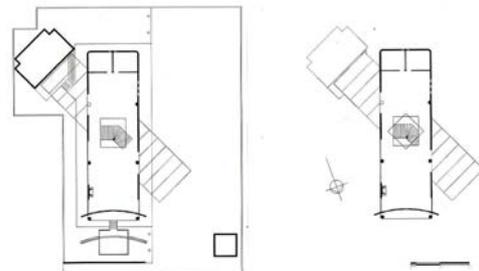
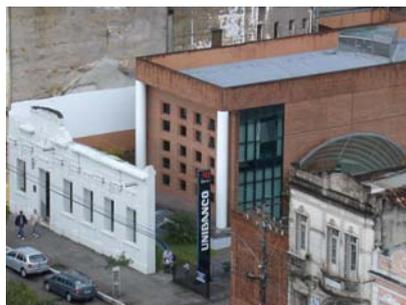
comércio no pavimento térreo e residia no pavimento superior. Segundo Moura (2002, p. 72) a partir de 1979, todo o edifício passou a sofrer grande e polêmica obra de reciclagem (o projeto é de 1977). O objetivo foi transformar os seus antigos espaços comerciais e residenciais em espaços apropriados à atividade bancária. A reciclagem do Banco Francês e Brasileiro (fig. 77) tornou-se um marco (não um modelo), abrindo o caminho para novas experimentações no campo da preservação do patrimônio arquitetônico pelotense.



Figura 77 – Banco Itaú (ex-Banco Francês e Brasileiro) – reutilização de casarão
Fonte: acervo próprio, 2007

Ao longo do tempo outros projetos fizeram parte desse conjunto de experimentações ocorridas em Pelotas e que caracterizaram um processo permeado por inúmeras polêmicas, sendo que, três iniciativas merecem menção. Apesar de não terem sido incluídas na amostra a ser analisada, de modo mais aprofundado pela pesquisa, tais reutilizações têm características que se relacionam às demonstradas em nosso percurso de reflexão da presente dissertação.

O primeiro projeto é o de uma agência bancária (1994) (fig. 78 e 79) em que a arquiteta utilizou-se da ruína de uma edificação pré-existente, antiga residência do General Osório, como instrumento conceitual para o projeto da nova edificação, a partir de um critério de **excepcionalidade** que se assemelha ao empreendido por Lúcio Costa no projeto do museu das missões.



Figuras 78 e 79 – Foto da agência bancária: excepcionalidade da ruína utilizada como instrumento conceitual para o projeto e plantas baixas simplificadas do projeto. Fonte: MOURA e SCHLEE, 2002

Pela descrição de Moura (2002, p. 230) a nova edificação, um grande prisma retangular em tijolo à vista, foi recuado em relação ao alinhamento predial, afastando-se e preservando a parede remanescente e é cortado por um eixo formado por uma estrutura metálica coberta com policarbonato demarcando o acesso principal do edifício. No centro deste eixo, é construída uma zenital (clarabóia) que, junto com outra, localizada no prédio do fundo, identificam-se com a grande clarabóia do Grande Hotel. Segundo a arquiteta autora do projeto ela buscou resgatar a essência do lugar a partir de uma releitura dos prédios do entorno, especialmente aqueles que configuram as esquinas da quadra: o Grande Hotel e o antigo Banco do Brasil (fig. 68).

Também o projeto desenvolvido para a reutilização de uma antiga edificação residencial como galeria de arte, situado na zona norte da cidade (figs. 80 e 81), pode ser mencionado como uma intervenção que utiliza recursos similares àqueles utilizados por Scarpa no museu de Castelvecchio ou por Paulo Mendes da Rocha na Pinacoteca de São Paulo. O emprego de uma **linguagem** dos materiais através da remoção do reboco de revestimento das paredes e exposição da textura da alvenaria de vedação demonstra uma estratégia difundida entre os arquitetos que desenvolvem projetos de reutilização de edificações de interesse histórico e cultural.



Figuras 80 e 81 – Linguagem dos materiais, alvenaria descascada e novo volume construído
Fonte: acervo próprio, 2006

Também destacamos a reutilização de estruturas fabris desativadas e ociosas existentes na cidade. Algumas delas têm sido reutilizadas como estabelecimentos de ensino superior de um conjunto que já configura um novo campus da UFPEL, na zona do Porto de Pelotas, tais como a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPEL (fig. 82). Um Centro Internacional de Eventos (fig. 83) também se tornou viável devido à reutilização de edificações pertencentes a uma importante indústria alimentícia desativada, esta situada na área industrial do município. Tais exemplos

demonstram a submissão das novas funções à forma pré-existente, ou seja, que a função segue a forma pré-existente, e tais funções evidenciam o **potencial de patrimônio** de edificações consideradas ociosas.



Figuras 82 e 83 – Faculdade de Arquitetura da UFPEL e Centro de Eventos de Pelotas
fonte: acervo próprio

Podemos concluir que a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural tem contribuído para, além da recuperação física do acervo edificado da cidade, para o próprio conhecimento de tal acervo, num processo de posta em valor e reencontro dos cidadãos pelotenses com sua identidade cultural que, até certo ponto, poderia ter sido considerada perdida. Algumas dessas iniciativas compõem o grupo de projetos selecionados para a análise empreendida por nossa pesquisa.

4.2– Estudo de casos

O desenvolvimento do estudo de casos teve que passar por uma etapa prévia de seleção da amostra em que foram selecionados os projetos mais compatíveis com os nossos objetivos e baseados nos seguintes critérios:

Relevância da reutilização - importância da sua reutilização em seu contexto urbano pela qualidade arquitetônica dos **trabalhos de conversão** em relação ao caráter do edifício original em diferentes níveis e pela **relevância social e/ou cultural** da atividade para a qual foi reutilizado.

Relevância da edificação original - Tipologia arquitetônica, aspectos estéticos e históricos, ou seja, edificações que, de alguma forma fazem parte da memória da cidade, que sejam reconhecidas pela população como parte significativa de seu acervo cultural regional (seu patrimônio, portanto), sem a necessidade de serem tombadas ou legalmente protegidas em quaisquer níveis pelo poder público.

Portanto, chegamos ao contato com os arquitetos a partir de suas obras e em tal contato obtivemos a nomenclatura, ou os apelidos dados aos projetos quando da época de sua realização, e passamos a empregá-la em nossa pesquisa. Tais nomes e sua vinculação com os critérios da pesquisa são apresentados no quadro 8 e a localização de cada um é apresentada na figuras 84.

Projeto	Relevância da reutilização	Relevância da edificação original
“O Sobrado da Quinze”	Reutilizado para atividades comerciais características da área central em que se localiza	Sobrado de figuração eclética inventariado pela SECULT
“Sobrado das filhas do Barão”	Reutilização que mantém as relações de conjunto urbano com as edificações contíguas	Sobrado de figuração eclética inventariado pela SECULT
“Feira Carioca”	Reutilização que rompe formalmente com a edificação original	Sobrado de figuração eclética inventariado pela SECULT
“MALG”	Reutilização para atividade museológica	Solar de dois pavimentos inventariado pela SECULT
“Casarão dos Assumpção”	Reutilização para atividade indefinida - flexibilização	Casarão no quadrante da praça Cel. Pedro Osório inventariado pela SECULT
“Barão da Conceição”	Reutilização com ampliação do espaço interno de utilização Aumento de nº de pavs.	Sobrado de três pavimentos de figuração eclética tombado pelo município
“Banco”	Reutilização para atividade bancária	Casa de corredor central inventariada pela SECULT

Quadro 7 – Relação de projetos selecionados segundo os critérios da pesquisa



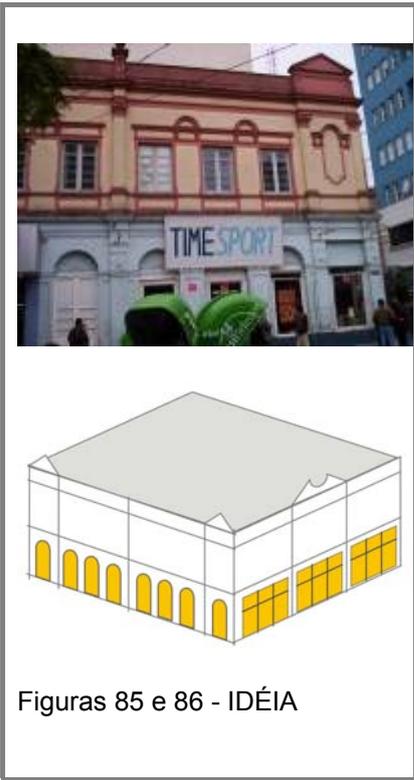
Figura 84 – Localização dos estudos de caso / Fonte: preparado pelo autor, 2007

A seguir são apresentados os estudos de caso contendo as análises de conteúdo das entrevistas com os arquitetos e as pranchas em formato A3 com os dados do Cadastro Descritivo dos respectivos projetos.

4.2.1 - Caso 01 – “O Sobrado da Quinze”

QUANTO À IDÉIA

A reutilização do Sobrado da Quinze surgiu do desejo pessoal do proprietário da edificação e diretor da construtora responsável pelo projeto de participar do processo de recuperação do patrimônio edificado de Pelotas e procurou aliar as necessidades de recuperação das instalações do prédio à regularização das atividades que nele ocorriam e a uma reordenação dos aspectos visuais da fachada (comunicação visual e pintura). O conceito de **IDÉIA** foi considerado, pois o projeto tem intenção de retornar à pureza do esquema formal original, recuperando sua legibilidade enquanto edificação de esquina, inscrita na perspectiva da rua.

 <p>Figuras 85 e 86 - IDÉIA</p>	<p><i>O prédio estava muito deteriorado, muito descaracterizado e o ponto é muito bom. O prédio precisava de uma grande reforma, principalmente nas instalações elétricas que eram bem precárias. As atividades não tinham alvará então tudo estava ali, pronto para ser revitalizado. A comunicação visual era confusa.</i></p> <p><i>Nós trabalhamos nesse prédio em que tivemos que manter as fachadas, porque é inventariado, de modo que todas as intervenções internas foram ao nosso critério, foi tudo permitido, só tivemos que manter o telhado e as fachadas. E o conceito que utilizamos foi o seguinte: tiramos tudo o que nos parecia e o que tínhamos dados de que eram construções posteriores à original e deixamos ele “cru”. Bom, a partir daquele “cru” o que conseguimos detectar que estava ruim, nós substituímos e o que estava bom nós analisamos, vamos preservar ou não? Houve um anteprojeto, algumas idéias, mas a gente só define efetivamente o projeto, depois que a casa está “limpa”.</i></p> <p><i>O casarão foi construído para ser comércio, então ele já tinha esse partido, uma das intervenções que a gente fez foi voltar às portas porque quando nós recebemos a casa, aquelas seis portas que têm arco na parte superior estavam fechadas como janelas.</i></p>
<p>fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: SOARES, 2007</p>

Embora demonstre que não houve representação da idéia através dos meios comumente utilizados pelos arquitetos tais como um partido ou um esquema que tenham norteado as decisões projetuais, o conceito se relaciona ao que a arquiteta chamou de “limpeza” da edificação, com vistas a devolvê-la à cidade, tanto por sua

reutilização quanto por sua volta ao cenário urbano da área central. A idéia também foi fortemente trabalhada através da recuperação da fachada, possibilitando maiores adaptações nos espaços internos da edificação, incluindo a reabertura das portas, antes utilizadas como janelas/vitrines das lojas do térreo.

QUANTO AO USO

O uso assumiu importante papel neste projeto, visto que as principais decisões projetuais foram pensadas a partir dos usos, tanto os que estavam instalados por ocasião do projeto quanto os usos originais.

	<p><i>Tivemos que fazer a limpeza, então para definir o projeto foi feita a intervenção in locu, mas já tínhamos mais ou menos o plano dos espaços, como queríamos criar os espaços: antes as salas eram interligadas e fechadas com divisórias simples a gente queria bloqueios mais rigorosos entre as salas para não transformar a edificação em um condomínio. Queríamos que cada loja tivesse a sua individualidade, isso já tínhamos definido: que deveria atender ao uso da boate, reestruturando os banheiros, tudo definições prévias.</i></p>
	<p><i>(...) nessa edificação em particular como nós podíamos fazer muita coisa, ficamos muito livres e o que norteou mesmo foi o uso. Isso foi o que deu o norte mesmo.</i></p> <p><i>(...) nós queríamos manter o uso, então foi restaurar as salas e manter as atividades que existiam lá ou pelo menos atividades afins, no superior, a boate, e se no lugar da loja que havia no térreo, houver a necessidade de se instalar um banco, não há problema algum pois as salas foram adaptadas para isto, elas podem receber outras atividades que não estavam lá.</i></p> <p><i>(...) houve uma adaptação do espaço físico ao uso que nós queríamos, é claro, como havia divisórias, uma parede que estava irregular, paredes soltas, que estavam trincadas, a gente foi reajustando todo o existente para adaptar ao uso que queríamos.</i></p>
<p>Figuras 87 e 88 - USO fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: SOARES, 2007</p>

A arquiteta teve liberdade de trabalhar toda a distribuição espacial das atividades internas à edificação, condicionada apenas pela manutenção do uso boate no pavimento superior e pela necessidade de distribuição das salas de uso comercial no pavimento térreo de acordo com os vãos de portas externas. Entretanto, a preocupação em compatibilizar a edificação para ser reutilizada de outra maneira também se fez presente, exatamente por se tratar de um imóvel com localização privilegiada na área central da cidade, o que o tornaria economicamente inviável caso pudesse ser reutilizado de um modo muito específico.

QUANTO À PERCEPÇÃO

Podemos dizer que o projeto procurou trabalhar com a percepção dos usuários, pois alguns aspectos como a pintura, a manutenção de elementos originais e a adoção de um mesmo **sistema** de comunicação visual para as diferentes lojas faz com que a casa volte a ser percebida como uma edificação de interesse histórico e cultural.

	<p><i>Sim, houve a intenção projetual de estimular a PERCEPÇÃO na edificação como um todo, em partes isoladas não, porque as salas acabaram ficando de uso exclusivo daquele locatário então o conjunto é o prédio. É toda a fachada, aí é a preocupação de transformar o prédio, que era fragmentado antes pelos usos, e transformar ele de novo numa unidade. Nós fizemos uma iluminação cênica que, pelo menos no final de tarde e à noite, quando o Sobrado está em funcionamento, integra o prédio como um todo.</i></p>
	<p><i>(...) a fachada que é o elemento mais marcante nós tentamos manter até pelas tonalidades, pelas cores, um certo respeito a essa sobriedade que a casa tem.</i></p> <p><i>(...) alguns arcos foram mantidos e o que foi possível preservar nós preservamos o usuário entra pelos arcos e tem a percepção de que está numa casa antiga o que também é possível pela percepção do pé direito que foi respeitado e mantido alto.</i></p> <p><i>Não utilizamos nenhum meio de representação para antecipar a percepção pretendida. Nós desenhamos fachadas, desenhos técnicos e procuramos fazer nas fotos o que era antigo, mas só desenho técnico, só na parte externa, na fachada.</i></p>
<p>Figuras 89 e 90 - PERCEPÇÃO fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: SOARES, 2007</p>

A percepção dos usuários e pedestres sobre a edificação é um item muito importante no projeto, mesmo que de modo bem específico, restringindo-se, num primeiro momento, às fachadas. Segundo a arquiteta, as possibilidades de organização interna da edificação não foram estabelecidas, levando-se em conta a percepção dos futuros usuários, mas sim, a adequação da edificação aos possíveis usos, de forma a promover um melhor aproveitamento da mesma. São mencionados apenas a preservação do pé-direito do térreo e os arcos internos bem como os das portas externas, que, a princípio, permitem uma sensação de estar entrando em uma edificação construída em outra época.

QUANTO AO SISTEMA

O projeto de reutilização alterou, significativamente, muitos dos sistemas pertencentes à edificação como também aqueles dos quais ela é parte integrante.

	<p><i>Um dos principais objetivos era refazer toda a instalação elétrica e hidráulica. As instalações elétricas estavam puxadas com “gatos” tudo uma confusão para cada loja. Nós setorizamos as instalações, todas elas estão bem refeitas, pensando na segurança.</i></p>
	<p><i>Ela é imponente ali naquela esquina privilegiada, mas internamente tivemos que adaptar, há toda uma nova tubulação de ar-condicionado, uma nova escada que não existia, havia uma laje com cobertura de vidro, tem uma série de artifícios que são da nossa época e são devido ao uso. Nós conseguimos preservar muita coisa, mas o piso, por exemplo, que era barrote, foi substituído por laje, o que é uma intervenção muito mais agressiva.</i></p> <p><i>(...) as paredes externas são muito largas e o entre piso, as paredes do superior são mais finas, os barrotes não podiam ser aproveitados e então nós substituímos até porque eles tinham um espaçamento muito largo e como a gente queria dar o uso de boate aquele espaçamento era insuficiente, teríamos que colocar mais barrotes no meio e não se acharia a mesma madeira, então a gente aproveitou a diferença de espessura entre a parede inferior mais larga e a parede superior mais fina e fizemos uma cinta periférica de concreto para dar estabilidade ao prédio.</i></p>
<p>Figuras 91 e 92 - SISTEMA</p>	<p><i>Há uma construção branca ao lado, que era pátio do sobrado, agora nós a separamos, é uma matrícula diferente. Nós que fizemos a intervenção também.</i></p>
<p>fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: SOARES, 2007</p>

O sistema estrutural foi substituído, ou seja, a estrutura de sustentação do piso do segundo pavimento, que era em barroteamento, foi removida e em seu lugar foi executada uma laje convencional de concreto armado, o que segundo a arquiteta visou uma adequação à segurança do uso como boate e também à possibilidade de outros usos futuros tais como lojas ou salas comerciais. O sistema urbano do qual a edificação é parte integrante também foi levado em consideração no projeto pela reconfiguração dada à edificação contígua. O já mencionado tratamento dado à fachada da edificação principal reutilizada tem uma intenção projetual de reintegrar a edificação a um sistema histórico e cultural do qual ela pode ser considerada um dos últimos vestígios, pelo menos, em seu entorno imediato.

QUANTO AO DISCURSO

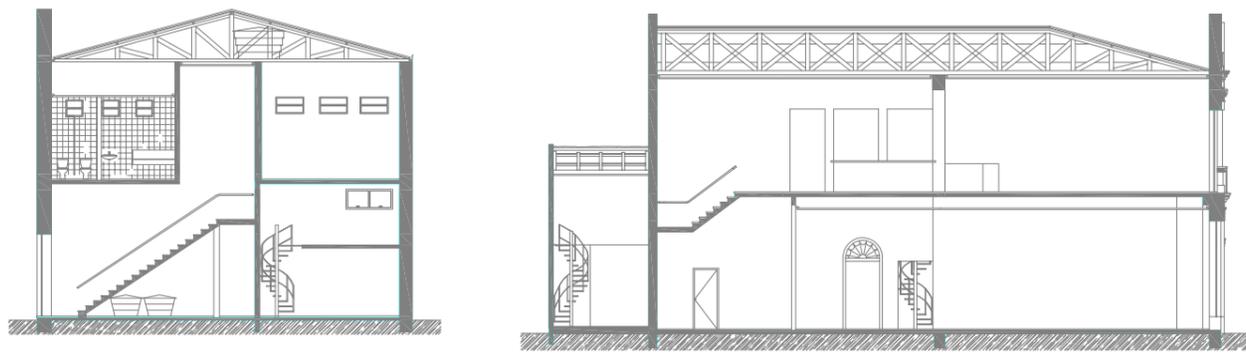
O projeto de reutilização lidou principalmente com um discurso relacionado ao uso, à devolução da edificação à uma condição de uso por parte da cidade e também a um discurso preservacionista, visto que procurou resgatar aspectos histórico-culturais através da análise de imagens antigas.

	<p><i>Com relação ao corpo de bombeiros nós fizemos tudo baseado nas exigências legais, mas tínhamos uma preocupação com a segurança, pois a boate é um local de reunião de público, com restrições quanto ao número de ocupantes e a edificação é limítrofe não é isolada portanto, na boate foi atendido tudo que foi solicitado. Já no térreo houve uma preocupação mais básica, extintores, e sinalização.</i></p>
	<p><i>(...)deixamos um espaço para o elevador, mas a aquisição e instalação seria por conta do locatário porque nós estávamos criando um espaço, a principio, para a boate, mas que também podia ser utilizado para outra atividade. Se no futuro quiser colocar um elevador tem essa possibilidade ou pelo menos uma plataforma elevatória, houve previsão de espaço. No térreo todos têm rampa removível. As pedras da escada têm uma faixa antiderrapante Todas as lojas têm sanitários adaptados para deficientes.</i></p>
	<p><i>(...) voltamos ao que era original não o estado de aquisição da casa mas original mesmo, como Casa Americana, foi o resgate do antigo uso até onde conseguimos dados. Uma coisa que tentamos foi buscar em fotos antigas na Secult, enfim, foi como que era a fachada, porque como o nosso objetivo e a exigência dos órgãos públicos era a preservação da fachada, então nós resolvemos tentar resgatar alguma coisa. (...)quando retiramos os rebocos, havia uma estrutura metálica por baixo e por trás do reboco que era o peitoril da janela, pela quinze e isso nós conseguimos mandar refazer, aproveitar as peças e deixar como era. A chapa estava enferrujada e eles construíram as paredes por cima para escondê-la e como a parede estava solta toda trincada nós tiramos e surgiu a peça metálica, com uma rosácea de uma liga que não é ferro fundido e está tudo preservado.</i></p>
<p>Figuras 93 e 94 - DISCURSO fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: SOARES, 2007</p>

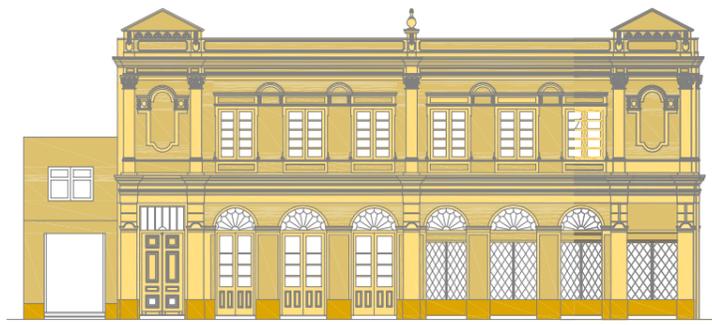
A acessibilidade espacial foi considerada na concepção do projeto, através de adequações como a execução de uma nova escada para garantia de rota de fuga do da boate, a construção de banheiros adaptados e a comunicação visual externa, que pode ser considerada orientação espacial. O discurso preservacionista assume relativa importância, a partir da tentativa de se resgatar uma temporalidade não mais existente, somente através de fotos. Tal discurso é permitido pelas condições da préexistência, sendo que também é negado quando se substitui o sistema estrutural da edificação em função da necessidade primordial de uso do segundo pavimento.



PLANTA BAIXA TÉRREO PLANTA BAIXA MEZANINOS PLANTA BAIXA PAV. SUPERIOR



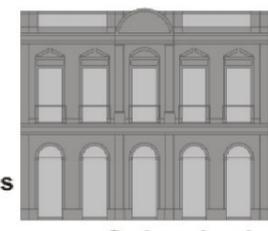
CORTE AA CORTE BB



FACHADA - ESTUDO DE CORES

CONDICIONANTES CONTEXTUAIS

DADOS GERAIS (baseado em JANTZEN e OLIVEIRA,1996)
 Data da projeto/construção original: indefinida
 Data do projeto de reutilização: 2006
 Autoria do projeto original: indefinida
 Autoria projeto reutilização: Cláudia R. S. Soares
 Uso original: comércio
 Uso(s) ao longo do tempo: comércio
 Uso atual: comércio e boate
 Proteção/interesse: inventariado pelo município
 Distribuição em níveis:
 original: 2 pavimentos
 reutilizada: 2 pav, + mezaninos térreo
Implantação
 original e reutilizada:
 ocupando toda a testada
Relação c/ prédios limieiros
 original: casarão
 reutilizada: desmembrada
Tipologia fachada:



Sobrado de figuração eclética

CRITÉRIOS DE PROJETÇÃO

CLASSIFICAÇÃO INTERVENÇÃO (baseado em Gracia,1992)
Relação: inclusão
Nível de intervenção: modificação do lócus
Padrão de atuação: oclusão do espaço urbano
Atitude frente ao contexto: arquitetura historicista

ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS (baseado em BRUSCOLI,1988)

- Substituição de acabamentos **com** modificação de caract. arquitetônicas e decorativas
- Reparação dos elementos construtivos internos, **com** modificação de materiais e caracts. tipológicas
- Intervenção pontual de restauro com vistas a preservar elemento construtivo e/ou decorativo notável: recuperação das rosáceas de elemento metálico da fachada
- Inserção de divisórias para nova funcionalidade
- Substituição de elementos estruturais **com** modificação do sistema estrutural
- Modificação de elementos estruturais verticais e/ou horizontais **sem** interferência em fachadas
- Variação da área edificada **sem** modificação do invólucro (fachadas e coberturas)
- Variação de área utilizável e/ou de volume **sem** modificar os vínculos urbanísticos pré-existent
- Realização de instalações ou serviços novos de elétrica, hidráulica e ar-condicionado

SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS (baseado em BERTO,1991)

- Controle da quantidade de materiais combustíveis incorporados aos elementos construtivos
- Provisão de equipamentos portáteis de combate, sistema de detecção e alarme, sinalização de emergência, rotas de fuga seguras, sistema de iluminação de emergência
- Resistência a fogo de novos elementos estruturais

ACESSIBILIDADE ESPACIAL (baseado em BINS ELY,2005)
DESLOCAMENTO

- Percurso acessível pelos principais compartimentos da edificação apenas no térreo; existência desnível no acesso principal solucionada com rampa temporária; existência de escada para acesso ao segundo pav. s/ solução de acessibilidade

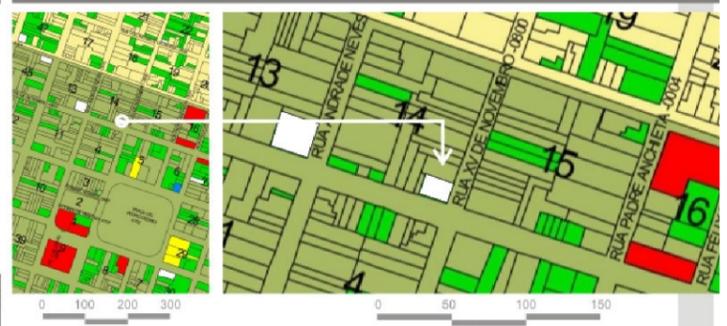
ORIENTAÇÃO ESPACIAL

- Sinalização com informação pictórica em locais importantes e pisos diferenciados p/ alerta obstáculos

USO

- Sanitários adaptados para pessoas com restrições; escadas e rampas com guarda-corpos e corrimãos; abertura convencional portas c/ alavanca

LOCALIZAÇÃO



SÍNTESE HISTÓRICA (fonte: Acervo Construtora R. Ramos)

Quanto ao histórico da edificação não foram obtidos registros capazes de determinar a data de sua construção, nem sobre sua utilização antes de se tornar um estabelecimento comercial em 1912 até o ano de 1983. A Casa Americana possuiu características que se assemelhavam com os antigos bazares árabes. O estabelecimento comercial que vendia artigos masculinos também era o ponto de encontro dos homens importantes da cidade para discutir política, economia e cultura. Além disso, a loja possuía um pátio no fundo do terreno e era toda ocupada pelos produtos que seriam vendidos. Já o pavimento superior foi ocupado pela Alfaiataria Rocco até meados de 1935, tal como os bazares, onde a sobreloja era o local do artesão. Ficou depois sem uso até aproximadamente 1940, quando passou a ser ocupado pelo Esporte Clube Pelotas. Essa ocupação pode ser comparada com os antigos "clubs" ingleses do século XVII e XVIII, onde os homens faziam seu lazer e discutiam os assuntos da sociedade. Não se tem registro exato de quanto tempo o E. C. Pelotas utilizou esse ponto, pois entre 1940 e 1965 esse mesmo espaço também foi ocupado pelo Clube Carnavalesco Diamantinos, permanecendo ainda um período entre estas datas sem qualquer tipo de ocupação. Na década de 70 o pavimento superior foi ocupado pelo Restaurante Sobrado, que passa a ser Boate Sobrado em 1975, assim permanecendo até os dias de hoje e que possuía características parecidas com as antigas tabernas e hoje é apenas uma casa de dança. Em 1983 o estabelecimento Casa Americana encerra suas atividades e também sua existência. Nessa época, o prédio sofre sua primeira intervenção através da qual o térreo passa a ser ocupado pela loja Timesport, especializada em artigos esportivos e uniformes escolares, e o pátio da loja passa a ser ocupado por uma casa lotérica, ambos usos que permaneceram até o início da intervenção aqui analisada.



Fig. 95: Foto antiga (1912) Fonte: primeiro planfleto publicitário da loja Casa Americana



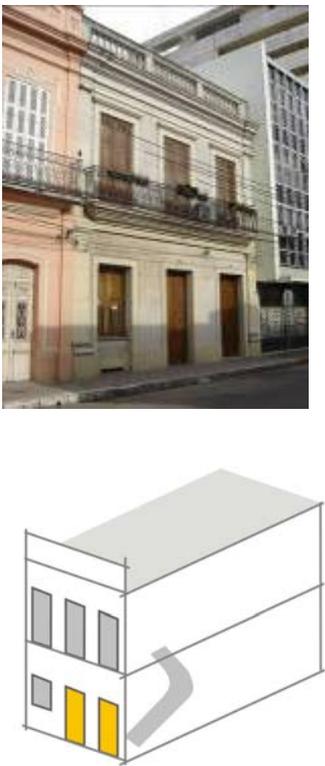
Fig. 96: Foto atual (2007) Fonte: acervo do autor

CADASTRO DESCRITIVO: "O SOBRADO DA QUINZE"

4.2.2 Caso 02 – “Sobrado das filhas do Barão”

QUANTO À IDÉIA

A arquiteta responsável pela reutilização considera que não houve um projeto propriamente dito. As intervenções basearam-se na manutenção da identidade do prédio o que direciona as decisões projetuais muito mais à recuperação das idéias edilícias originais, adaptando o interior da edificação às demandas de uso atuais.

 <p>Figuras 97 e 98 - IDÉIA fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p><i>Na verdade, quando o arquiteto olha outro projeto, ele cria uma espécie de banco de dados que, quando for necessário para um caso específico, ele consulta, elabora e tenta solucionar da melhor maneira, não tem como se fixar em um exemplo.</i></p> <p><i>(...) nós não tínhamos um projeto. A idéia era manter como estava, então não tínhamos grandes decisões de projeto, modificações em planta, eram só os complementares e muita coisa nós tínhamos que desmanchar para decidir o que faríamos.</i></p> <p><i>O conceito principal era de manter a identidade do prédio, tanto em plantas, fachadas quanto em materiais de revestimento..</i></p> <p>Trechos da entrevista – fonte: LEITE, 2007</p>
---	--

O conceito de idéia foi considerado, na medida em que se manteve, ao máximo, a idéia da edificação original tanto interna quanto externamente. Como não houve alterações formais mais significativas, em virtude da máxima preservação das características históricas mantidas e também recuperadas, podemos dizer que o projeto esteve mais direcionado ao conceito de discurso preservacionista, enfraquecendo o conceito de idéia.

QUANTO AO USO

A reutilização foi condicionada às atividades que mais provavelmente poderiam ocupar a edificação.



Figuras 99 e 100 - USO

fonte: acervo próprio, 2007

(...) foi ao contrário do que geralmente é feito. O uso teve que se adaptar a estrutura original.

(...) tínhamos que oferecer uma estrutura geral dentro do projeto, de prédio para uso comercial mas que ainda não sabíamos com certeza que uso específico teria. A única intervenção arquitetônica que nós fizemos foi separar a parte de cima da de baixo para poder alugar separado, porque visávamos o aluguel mais barato.

(...) não foi pensado para unifamiliar, tudo foi para um uso comercial, mas a partir daí a atividade que for se desenvolver aqui terá que se adaptar ao prédio existente. Tanto que quiseram instalar um curso pré-vestibular e nós não aceitamos, devido ao peso e ao desgaste, também não poderia ser um uso como restaurante, por exemplo. Então, o novo uso ficou condicionado ao existente.

As decisões foram impostas pelo uso original, por exemplo, os banheiros continuaram mais ou menos onde eram, as esquadrias são do mesmo tamanho.

Trechos da entrevista – fonte: LEITE, 2007

Tanto o pavimento superior quanto o inferior foram adaptados para receber usos que não pudessem causar maiores danos às características históricas mantidas e também recuperadas pelo projeto. Nesse sentido é que os usos originais também direcionaram as poucas alterações feitas em planta baixa, por exemplo, a distribuição funcional dos banheiros permaneceu a mesma e a copa foi adaptada em um espaço junto à escada refeita em concreto, ambos espaços no fundo da edificação, o que privilegia os demais espaços situados na parte frontal da edificação. Cabe ainda ressaltar toda a dimensão arquitetônica de lateralidade da circulação junto às antigas alcovas, agora salas de escritório, dimensão esta, característica da tipologia e que foi mantida no projeto.

QUANTO À PERCEPÇÃO

A reutilização procurou manter ao máximo as características existentes e a percepção foi considerada para algumas demonstrações de aspectos construtivos que remetem a outras fases histórico-culturais da própria edificação.

	<p><i>Houve essa intenção através das janelas didáticas (...)</i></p> <p><i>Quando não se conseguia manter o material de revestimento se fazia uma “ligação” com o que existia de alguma forma e quando havia alguma coisa escondida de outras reformas anteriores, fizemos as janelas didáticas, para sempre haver essa “ligação” com o que foi feito e a estrutura original.</i></p> <p><i>(...) os vãos de iluminação são originais e lá embaixo eu deixei uma parede exposta em que a argamassa é de barro e onde há um arco para comunicação interna entre as casas que eram construídas para as irmãs.</i></p>
	<p><i>Não utilizamos nenhum meio de representação para antecipar a percepção pretendida.</i></p>
<p>Figuras 101 e 102 - PERCEPÇÃO</p>	
<p>fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: LEITE, 2007</p>

As ambiências são preservadas e podemos dizer que a edificação é percebida, quase que da mesma maneira como era originalmente, com exceção das adaptações de redes necessárias aos prováveis uso de escritório ou sala comercial. As experiências perceptivas que as janelas didáticas propostas são enriquecedoras ao usuário pois o mesmo pode contemplar as pinturas em escaiola preservadas de outras épocas através de uma espécie de vitrine. O mesmo também acontece com a percepção proporcionada pela parede deixada exposta, sem reboco, em que a existência de um arco permite a “leitura” da antiga comunicação entre as casas das filhas do Barão de Butuí.

QUANTO AO SISTEMA

A reutilização recuperou parte dos sistemas histórico-culturais da edificação e suas relações com o entorno, principalmente através dos sistemas construtivos.



Figuras 103,104,105 - SISTEMA

fonte: acervo próprio, 2007

Na verdade, se buscou referência em outros projetos, apenas como embasamento sobre técnicas construtivas. (...) a única coisa que nós sabíamos era que tínhamos que fazer os complementares, ou seja elétrica, telefone, lógica (...) há pontos de energia no piso, na parede, com vistas a facilitar tais ligações para quaisquer uso.

(...) foi o inverso de uma obra normal, em que se começa com a fundação, depois paredes e por último o telhado, nessa obra começou ao contrário, pelo telhado para proteger o máximo possível e então começou a descer até a última etapa que é o acabamento.

(...) nós fizemos a laje treliçada porque os originais eram barrotes de 8 metros de vão. Nós tentamos mantê-los, mas barrotes de 9 metros não se consegue mais, mesmo porque não seria possível colocá-los no interior da edificação. Porque, originalmente, levantaram a parede colocaram os barrotes e levantaram as paredes do segundo pavimento (...) nós deixamos uns testemunhos, alguns barrotes dos poucos que estavam bons, deixamos a viga antiga e o resto se substituiu por laje. E no telhado, já que estava todo mexido, trocamos a estrutura de madeira por tesouras metálicas, que têm mais durabilidade.

(...) eu fiz toda uma investigação mas mantive o projeto original, então não houve condicionamento do projeto por parte da investigação (...) inclusive essa casa é implantada em "U", a parede que encosta na casa vizinha não tem amarração. Porque aquela foi construída primeiro, depois essa foi construída ao lado, tanto que há uma fenda que nós grampeamos na junção das edificações,

Trechos da entrevista – fonte: LEITE, 2007

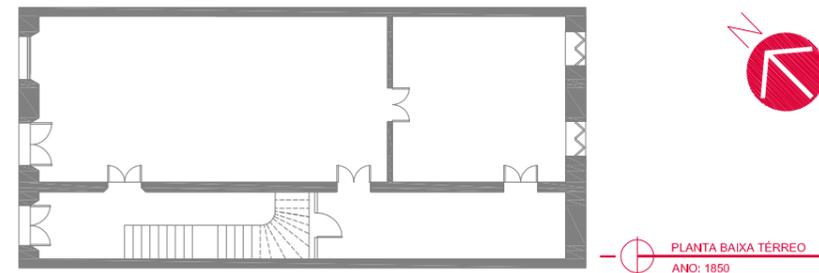
As múltiplas relações com diferentes temporalidades dos sistemas construtivos se tornaram possíveis através do projeto. A investigação histórica não pode ser considerada como limitante do projeto mas como parte integrante dos sistemas considerados para o desenvolvimento do mesmo, visto que são evidenciadas algumas das modificações executadas tais como as de revestimentos junto às escaiolas originais. A edificação foi deixada com revestimento em reboco natural o que procura evidenciar a intervenção, sem a opção por uma pintura com cores atuais. A pouca variação de sistemas proposta pelo projeto, restrita apenas à substituição do entrepiso de barroteamento em madeira por laje treliçada, evidencia o comprometimento com a história, ao mesmo tempo em que possibilita a evolução construtiva da edificação dentro da nova dinâmica dos sistemas urbanos existentes.

QUANTO AO DISCURSO

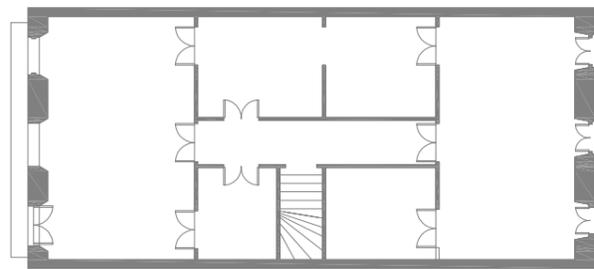
A reutilização apresenta forte relação com o conceito de discurso em arquitetura, principalmente o discurso preservacionista pelo qual todas as intervenções estiveram permeadas.

 <p data-bbox="304 1496 571 1556">Figuras 106,107,108 - DISCURSO</p>	<p data-bbox="660 539 1447 752"><i>Eu acho que a importância está na identidade de Pelotas, começando pelas charqueadas até os Barões. São todas as questões que contam a nossa história, o nosso desenvolvimento econômico, a ascensão e queda do império pelotense. Preservando a arquitetura se desenvolve toda uma consciência social, mostrando às pessoas que elas têm raízes, não apenas na família, mas também na cidade.</i></p> <p data-bbox="660 786 1447 965"><i>(...) a edificação é, por natureza, confortável porque tem porão ventilado, que é um conceito de conforto antigo e que funciona muito bem nessa edificação, numa alcova eu coloquei uma iluminação zenital, mas sempre tentando não mexer na estrutura, e para os complementares foram executados mais pontos do que a norma exige.</i></p> <p data-bbox="660 999 1447 1088"><i>(..) nós não tínhamos estrutura para colocar uma caixa d'água imensa, então ficamos condicionados a manter o original, colocando, no máximo extintores de incêndio.</i></p> <p data-bbox="660 1122 1447 1458"><i>A questão da acessibilidade é uma coisa muito controversa, porque geralmente é necessário cometer um assassinato na fachada ou no interior para dar acesso a deficientes, então é complicado. Há meios de fazê-lo, mas nunca é uma coisa discreta, nunca se consegue fazer uma rampa discreta, nesse projeto não foi previsto acesso a cadeirantes até porque na época em que a edificação foi construída originalmente não havia essa exigência então agora não tinha como se adaptar sem fazer um atentado na estrutura. Então por exemplo às soleiras da entrada nós teríamos que cortar elas, para fazer uma rampa nova, não tem lugar para elevador.</i></p>
<p data-bbox="236 1563 563 1594">fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p data-bbox="660 1563 1174 1594">Trechos da entrevista – fonte: LEITE, 2007</p>

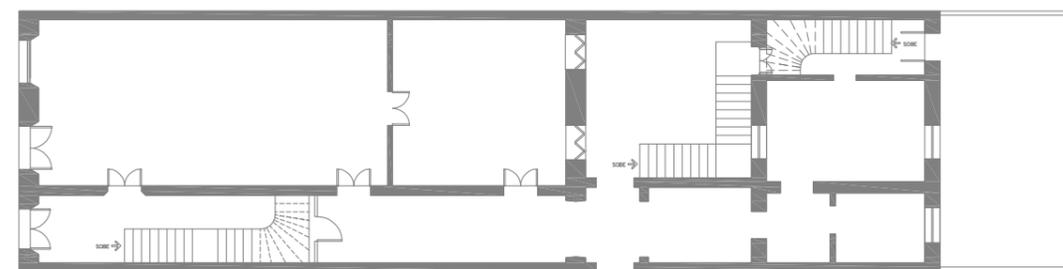
Entretanto, os aspectos relativos à acessibilidade espacial e segurança contra incêndios foram quase que absolutamente desconsiderados, até mesmo, em virtude da própria importância dada ao discurso preservacionista, através de todos os valores rememorativos ligados à história da edificação e que foram recuperados e expostos pelo projeto.



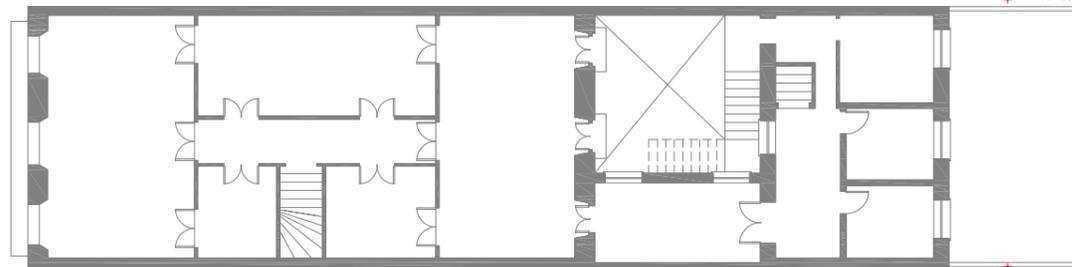
PLANTA BAIXA TÉRREO
ANO: 1850



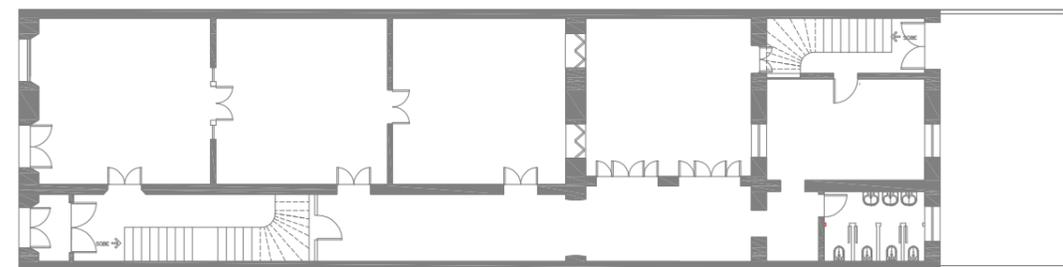
PLANTA BAIXA SEGUNDO PAV.
ANO: 1850



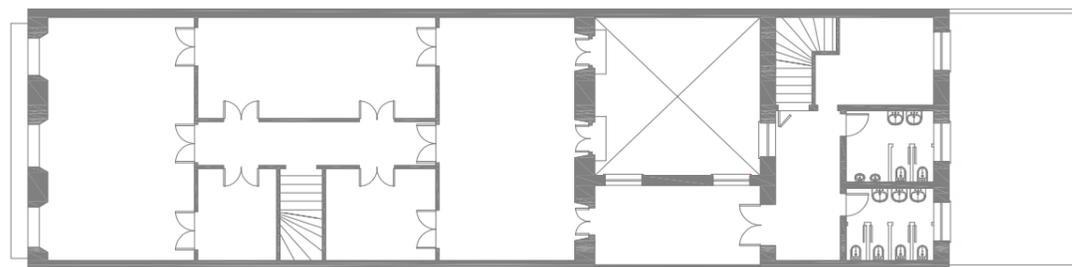
PLANTA BAIXA TÉRREO
ANO: 1915



PLANTA BAIXA SEGUNDO PAV.
ANO: 1915



PLANTA BAIXA TÉRREO
ANO: 2002



PLANTA BAIXA SEGUNDO PAV.
ANO: 2002



CONDICIONANTES CONTEXTUAIS

DADOS GERAIS (baseado em JANTZEN e OLIVEIRA, 1996)

Data da projeto/construção original: 1850
Data do projeto de reutilização: 1999
Autoria do projeto original: indefinida
Autoria projeto reutilização: Arq. Luísa Olivé Leite
Uso original: comércio térreo, unifamiliar no segundo pav.
Uso(s) ao longo do tempo: sede partido político
Uso atual: Salas para escritórios
Proteção/interesse: inventariado pelo município
Distribuição em níveis:
 original: 2 pavimentos
 reutilizada: 2 pavimentos
Implantação
 original: ocupando toda a testada
 reutilizada: ocupando toda a testada
Relação com prédios lindeiros
 original: conjunto em fita
 reutilizada: conjunto em fita
Tipologia fachada:



Sobrado de figuração eclética

CLASSIFICAÇÃO INTERVENÇÃO (baseado em Gracia, 1992)

Relação: inclusão
Nível de intervenção: modificação circunscrita
Padrão de atuação: continuidade da imagem
Atitude frente ao contexto: arquitetura historicista

ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS (baseado em BRUSCOLI, 1988)

- Reparação, renovação e/ou substituição de acabamento **sem** modificação das características arquitetônicas ou decorativas
- Manutenção e/ou reparação dos elementos construtivos internos (divisórias, forros, revestimentos, aberturas, etc.), mantendo suas características tipológicas, sem interferir na estrutura portante ou nas vedações externas
- Intervenção pontual de restauro com vistas a preservar e expor revestimentos de parede através de "janelas didáticas" em vidro
- Inserção de divisórias para garantir a adequação funcional de um compartimento
- Substituição de elementos estruturais **com** modificação do sistema
- Integração e/ou realização de instalações ou serviços novos de elétrica, hidráulica e ar-condicionado

CRITÉRIOS DE PROJETÇÃO

SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS (baseado em BERTO, 1991)

- Controle das características de reação ao fogo dos materiais incorporados aos elementos construtivos
- Provisão de rotas de fuga seguras através de escada secundária em concreto armado em substituição a escada em madeira existente
- Resistência ao fogo dos elementos estruturais
- Provisão de equipamentos portáteis de combate

ACESSIBILIDADE ESPACIAL (baseado em BINS ELY, 2005)

- DESLOCAMENTO**
- Existência desnível no acesso principal sem solução para acessibilidade
 - Existência de escada para acesso ao segundo pavimento e sem solução para acessibilidade
- ORIENTAÇÃO ESPACIAL**
- Inexistência de sinalização
- USO**
- Sistema de abertura de portas convencionais com alavanca

LOCALIZAÇÃO



SÍNTESE HISTÓRICA (fonte: LEITE, 2002)

Quanto ao histórico da edificação foi construída na rua do Comércio, atual rua Félix da Cunha 616/618, no início do século XIX, rua onde localizaram-se as primeiras casas de negócio da Freguesia de São Francisco de Paula. Este sobrado, localizado entre as ruas Princesa Isabel e Sete de Setembro, foi um presente que José Antônio Moreira (1806-1876), nascido na cidade do Porto, em Portugal, homem poderoso com grande fortuna acumulada pela exportação do charque e que chegou a obter o título de Barão de Butuí deu à sua filha Maria Angélica Moreira, em função do matrimônio com o Comendador Francisco Alves Ribas, pois na época, habitar um sobrado era sinal de riqueza. A demonstração de carinho não parou por aí, o casal foi agraciado com móveis e utensílios de mais alta qualidade, todos importados da Europa. Utilizado para uma atividade comercial, o pavimento térreo não era habitado pela família. O acesso à área de serviços era separado, tendo a entrada e a construção pela rua Gonçalves Chaves, ao fundo do terreno do casarão. A construção do sobrado das famílias Ribas e Moreira tem ligação com outros prédios históricos localizados no perímetro central. Especula-se que as outras casas que formam um conjunto arquitetônico com o casarão, também tenham sido construídas para as filhas do Barão, porém esta tese ainda não foi comprovada. A fachada principal, de base colonial é percebida através da composição dos vãos. Possuía no pavimento térreo 3 portas, equidistantes, sem a marcação de porta principal. Hoje, um dos vãos tornou-se uma janela, porém nota-se a soleira da porta ainda existente. Devido à produção de elementos cerâmicos na entressafra do charque, os casarões coloniais em Pelotas não foram construídos em pau-a-pique, como no restante do país. Portanto quando transformados para o estilo eclético, a colagem de elementos neoclássicos era facilmente suportada pela estrutura de tijolos, elementos como colunatas, cimalkhas e frontões eram facilmente aplicados nas fachadas.

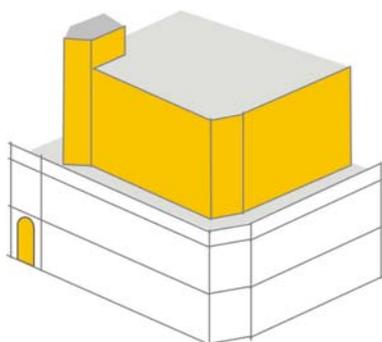


Figs. 109 e 110: fotos atuais (2007)
Fonte: acervo do autor

4.2.3 – Caso 03 – “Feira Carioca”

QUANTO À IDÉIA

A idéia foi manter a fachada original e gerar um volume completamente novo implantado com o mesmo contorno da edificação original, inclusive dotado de chanfro na esquina, mas recuado em relação à mesma, buscando o maior aproveitamento permitido pelos índices para o local.. O novo prédio tem parte de seu volume mais alto e levemente deslocado em relação ao alinhamento da fachada, no qual foi posicionado o novo acesso ao prédio e toda a circulação vertical.



Figuras 111,112,113 -
DISCURSO

fonte: acervo próprio, 2007

Acho que deve haver intervenções mais contemporâneas que mudam o uso e que necessariamente não precisam estar com o interior do prédio exatamente como era ou foi originalmente. Na Europa esse tipo de intervenção é uma prática recorrente que fazia parte da minha vida. Além disso, quando eu comecei a pensar em reformar esse prédio, eu comecei a procurar bibliografia sempre visando esse tipo de intervenção.

Estava totalmente deteriorado, não existia nem parede original. Eram apenas as paredes externas. Como não existia nada dentro do prédio, desde o início, a idéia foi aproveitar só a parede externa. A idéia não era voltar ao que era antes.

Em um caso como esse, eu acho que além do estado do prédio, conta muito o ponto do prédio na cidade. Devido à situação do prédio na cidade que é um local de grande concentração comercial, nós tivemos que reavaliar a questão. Então, essa esquina é uma esquina muito valorizada. O próprio terreno também é muito valorizado, então eu acho que nós não devemos lesar o proprietário porque ele tem um prédio antigo e porque o manteve.

O que eu pensei sempre? Que o prédio alto, o que sai de dentro do prédio antigo fosse o mais neutro possível para não interferir na fachada antiga. As cores o mais neutras possível para que as lojas embaixo pudessem se adaptar porque não é uma loja só, são três, então que cada uma pudesse colocar sua identidade sem a necessidade de pintar o prédio. Ainda sobre o partido, o prédio foi recuado em relação ao prédio antigo por uma intenção estética para “livrar” a fachada, isso inspirado em obras européias, foi esse meu partido, em função dessa idéia.

(...) prédio comercial na realidade tem que ser tratado como prédio de uso comercial (...) O comércio sempre tem que ter atenção chamada para ele. É uma coisa totalmente nova. Pode ser um prédio antigo, mas o comércio precisa chamar atenção.

Trechos da entrevista – fonte: ALAM, 2007

Este pode ser considerado um projeto que se enquadra na polêmica quanto às diferentes abordagens do patrimônio, visto que ele rompe com certos preconceitos que alguns profissionais mantêm ao desconsiderar uma série de aspectos

preservacionistas comumente defendidos por tais profissionais. Embora o conceito de idéia assuma importância, visto que se cria um edifício novo, o conceito também se enfraquece, pois as idéias edilícias originais são quase intencionalmente desconsideradas, restringindo-se à manutenção da fachada original.

QUANTO AO USO

A reutilização buscou permitir o uso pleno tanto da fachada quanto de sua nova distribuição interna para fins comerciais, agregando o novo volume para uso como salas de escritórios. Fortemente referenciado com intervenções européias o projeto busca valorizar aquilo que restava da edificação original o que, segundo a fala da arquiteta restringia-se às fachadas, potencializando a vocação para o uso comercial.



Figura 114 - USO

O uso foi definido em função da zona, do local que é comércio. Isso já definia automaticamente. Não tinha como fazer outra coisa.

Não existia nada dentro que condicionasse o projeto, a única coisa que condicionou foi a fachada realmente, então as janelas a entrada do prédio de cima e as três lojas eu defini independente do existente, em função da fachada. O que eu tinha? A fachada e as portas me definiam as paredes por dentro, então a partir disso eu defini o número de lojas no interior. A idéia não era fazer uma loja muito grande por funções econômicas, do que o mercado exigiria em Pelotas, ou seja, lojas menores com a possibilidade de se tornarem maiores.

fonte: acervo próprio, 2007

Trechos da entrevista – fonte: ALAM, 2007

Portanto, podemos afirmar que o principal aspecto quanto ao uso foi a intenção projetual de se valer do potencial da edificação original (a tipologia da fachada e vãos de aberturas) agregando novos usos, perfeitamente coerentes com sua localização, em uma edificação nova em altura. Trata-se de uma intenção ainda vista como ousada e até certo ponto condenável por aqueles defensores de uma abordagem mais conservacionista do patrimônio. Entretanto, como estratégia de projeto arquitetônico, demonstra alguns aspectos interessantes tais como a distribuição das salas na planta baixa do novo prédio o que possibilitou que muitas delas tivessem aberturas para as ruas principais correspondentes às fachadas originais da edificação e também o já mencionado posicionamento do acesso ao novo prédio em uma das portas laterais.

QUANTO À PERCEPÇÃO

A reutilização procurou lidar pouco com a percepção dos usuários, sendo que é possível citar alguns aspectos relevantes além do único mencionado pela autora.

	<p><i>O pé direito do térreo eu mantive o mesmo que existia e os lojistas fizeram alguma modificação como mezaninos. O pé direito não é tão alto. Tem 5 ou 4,5 m.</i></p> <p><i>Não utilizei nenhum meio de representação para antecipar a percepção. Não havia muito uso de maquetes eletrônicas, na época.</i></p>
<p>Figuras 115 - PERCEPÇÃO fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: ALAM, 2007</p>

Consideramos que a apropriação das salas situadas junto ao chanfro da esquina, tanto no segundo pavimento quanto nos demais, em que é possível se ter as visuais similares às da edificação original seja uma forte característica perceptiva proporcionada pelo projeto. A utilização de materiais contemporâneos no prédio novo promove uma forte sensação de contraste entre o antigo presente externamente e o novo presente nos ambientes internos.

QUANTO AO SISTEMA

A reutilização procurou substituir alguns dos sistemas normalmente considerados em edificações de interesse histórico e cultural, principalmente o sistema estrutural mas, ainda podemos dizer que, através da preservação da fachada, manteve a edificação dentro de seus sistemas urbanos (alinhamento predial, contato com vias públicas) e preservou parte do sistema histórico-cultural.

	<p><i>A fachada estava inteira, restaurei muito pouco porque ela não estava tão deteriorado.</i></p> <p><i>(...)eu demoli, porque toda a estrutura era de madeira e estava com perigo de cair por infestação de cupim.</i></p> <p><i>Os sistemas foram completamente novos, eu tive que desmanchar tudo.</i></p> <p><i>Eu não fiz nenhuma investigação histórica para recuperar os sistemas, porque a idéia era aproveitar só a fachada.</i></p>
<p>Figura 116 - SISTEMA fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: ALAM, 2007</p>

O conceito de sistema foi notadamente alterado principalmente devido à intencional adaptação a novas temporalidades. Toda a dinâmica urbana presente no contexto em que está inserida a edificação (calçadão central da cidade) justificou a sua evolução através de um projeto que inseriu um elemento completamente novo (prédio em altura) que passa a propor novas relações com sistemas pré-existentes, sem quaisquer buscas a referenciais históricos para a tomada de decisão projetual.

QUANTO AO DISCURSO

A reutilização proposta, como já mencionado, traz ao debate alguns aspectos polêmicos no que tange às abordagens do patrimônio edificado, principalmente por poder ser encarada como muito drástica. Entretanto, a autora procura justificar sua intervenção através da valorização do potencial de utilidade do espaço disponível no interior da fachada com o projeto de um prédio em altura completamente novo.

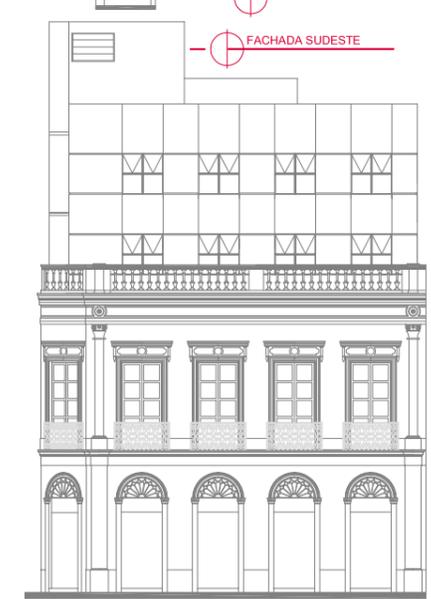
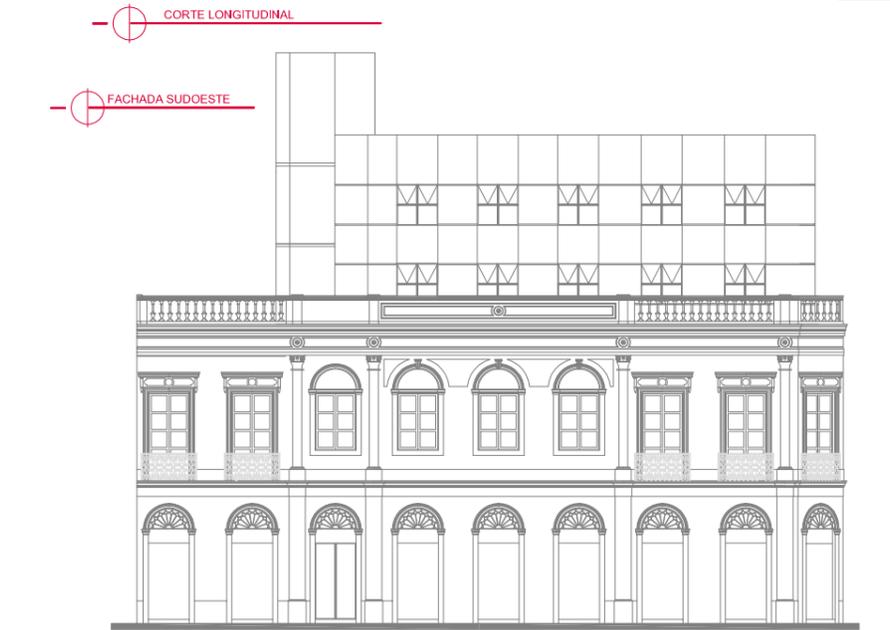
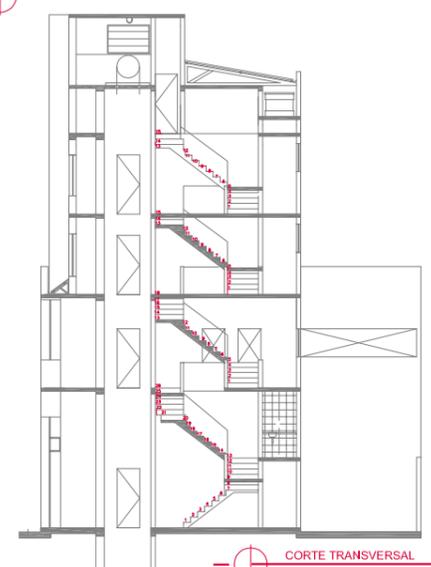
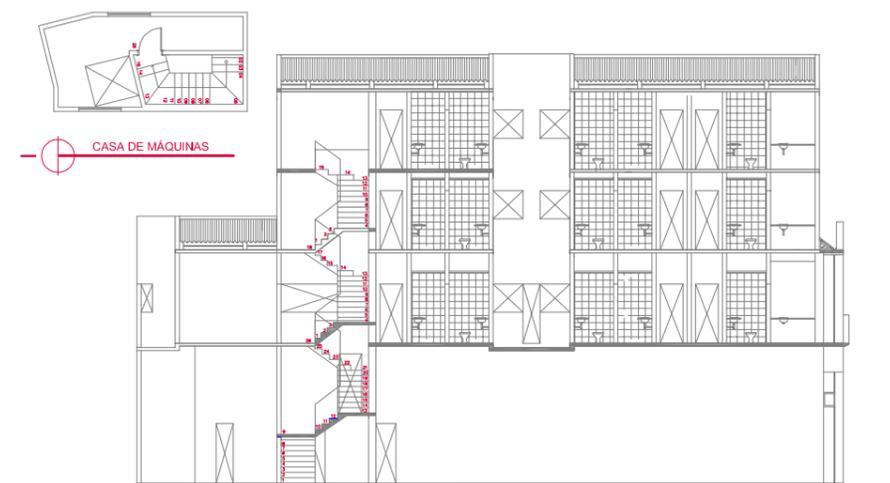
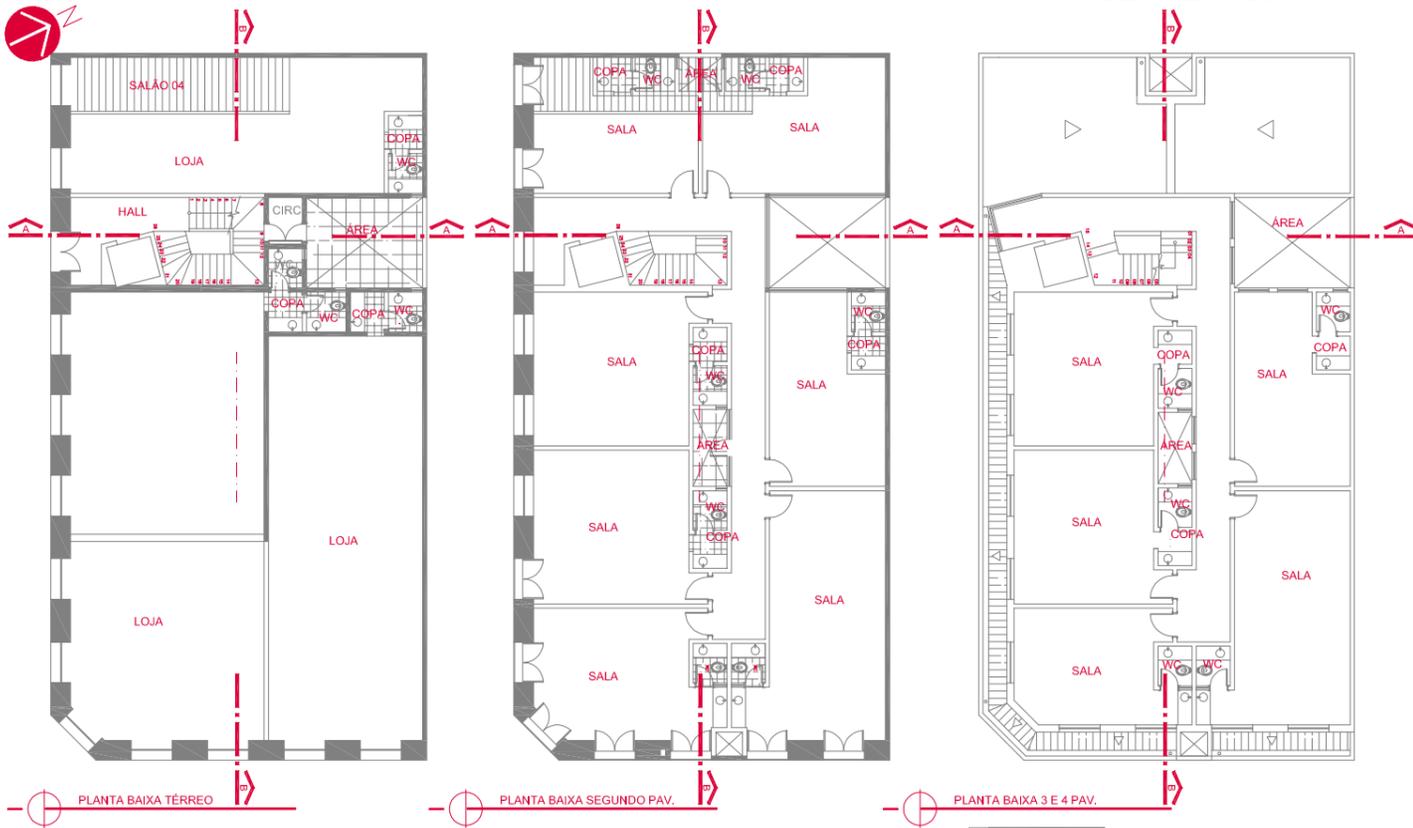
	<p><i>Nesse projeto eu considerei mais os valores de contemporaneidade, de utilidade da edificação, de seu espaço.</i></p> <p><i>Todas as necessidades foram consideradas como de um prédio novo. A única necessidade específica foi a nova norma da CEEE segundo a qual, o contador tem que estar na rua, mas foi liberado porque o prédio é antigo então eles liberaram. Mais nada. Até não tem grandes intervenções e por dentro como é moderno é tudo como novo, tem elevador para acessibilidade. Quanto à segurança contra incêndios há uma sala que o acesso é por dentro da caixa da escada. Essa teria que ser mais protegida. Todas as portas acabaram sendo feitas como se fossem portas corta fogo em madeira maciça para ficarem iguais.</i></p>
	<p><i>Sobre orientação interna nos corredores foram criados suportes para colocar a identificação de quem está usando a sala e a lâmpada é acesa quando há alguém lá dentro, ou seja, o usuário acende a luz que está iluminando a sua identificação no corredor.</i></p> <p><i>A importância é a história, ou seja, nós ficarmos sabendo como era aquela arquitetura, presente nesses marcos que perduram. Tu não podes destruir o teu passado, então essa é uma maneira de manter o teu passado um pouco vivo. Não sei se vivo, mas presente.</i></p>
<p>Figuras 117 e 118 - DISCURSO fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: ALAM, 2007</p>

O discurso assume importância na medida em que sustenta tal justificativa, qual seja a desconsideração de aspectos como a possibilidade de preservação da

volumetria da cobertura original ou do sistema estrutural original em detrimento do melhor aproveitamento possível da potencialidade construtiva permitida. Ao mesmo tempo, é assumido, em parte, o discurso preservacionista visto que a história do lugar e da arquitetura local é mantida presente na fachada. Podemos dizer que trata-se de um discurso muito ligado ao conceito de investimento muito recorrente em projetos de reutilização executados em países europeus. Houve ainda a preocupação com a acessibilidade espacial, resolvida através de elevadores e suportes padrão para orientação espacial, e a segurança contra incêndio resolvida através das portas corta-fogo. Cabe ressaltar que a consideração de tais aspectos no projeto foi feita com maior liberdade justamente por se tratar de uma edificação completamente nova.

REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS ELABORADAS PELOS AUTORES DOS PROJETOS

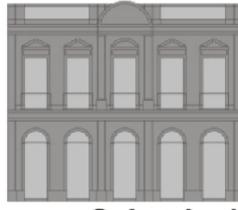
ESCALA: 1/250



CONDICIONANTES CONTEXTUAIS

DADOS GERAIS (baseado em JANTZEN e OLIVEIRA, 1996)

Data da projeto/construção original: indefinida
 Data do projeto de reutilização: 1997
 Autoria do projeto original: indefinida
 Autoria reutilização: Arq. Margarete Satte Alam
 Uso original: hotel
 Uso(s) ao longo do tempo: ferragem ou uma casa de armas, comércio de roupas e no segundo pav. outro hotel e depois salas de aluguel
 Proteção/interesse: inventariado pelo município
 Uso atual: Comércio e salas
Distribuição em níveis:
 original: 2 pavimentos
 reutilizada: 4 pavimentos
Implantação
 original e reutilizada:
 ocupando toda a testada
Relação c/ prédios limítrofes
 original e reutilizada: individual
Tipologia fachada: **Sobrado de figuração eclética**



CRITÉRIOS DE PROJEÇÃO

CLASSIFICAÇÃO INTERVENÇÃO (baseado em Gracia, 1992)

Relação: intersecção
Nível de intervenção: modificação do lócus
Padrão de atuação: colisão de estruturas formais
Atitude frente ao contexto: arquitetura de

ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS (baseado em BRUSCOLI, 1988)

- Substituição de acabamentos **com** modificação de caract. arquitetônicas e decorativas
- Reparação dos elementos construtivos internos, **com** modificação de materiais e das características tipológicas
- Substituição de elementos estruturais **com** modificação do sistema estrutural
- Modificação de elementos estruturais verticais e/ou horizontais **com** interferência em fachadas e vedações externas
- Aumento de volume da edificação para melhorar as condições de funcionalidade
- Variação da área edificada **com** modificação do invólucro (fachadas e coberturas)
- Variação de área utilizável e/ou de volume **com** modificação dos vínculos urbanísticos pré-existent (acessos e/ou projeções)
- Realização de instalações ou serviços novos de elétrica, hidráulica e ar-condicionado

SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS (baseado em BERTO, 1991)

- Controle das características de reação ao fogo dos materiais incorporados aos elementos construtivos
- Provisão de equipamentos portáteis de combate, sinalização de emergência, sistema de comunicação e emergência, rotas de fuga seguras, sistema de iluminação de emergência
- Compartimentação horizontal
- Resistência a fogo novos elementos estruturais

ACESSIBILIDADE ESPACIAL (baseado em BINS ELY, 2005)

DESLOCAMENTO

- Existência de desnível no acesso principal com impossibilidade de acesso
- Existência de elevadores como solução de acessibilidade para os pavimentos

ORIENTAÇÃO ESPACIAL

- Sinalização com informação pictórica em locais importantes

USO

- Escadas e rampas com guarda-corpos e/ou corrimãos

LOCALIZAÇÃO



SÍNTESE HISTÓRICA

Quanto ao histórico da edificação não foram obtidos registros mais relevantes, nem por parte da arquiteta autora da reutilização nem pelo pesquisador. A autora apenas mencionou que a edificação originalmente era um hotel, mais tarde veio a abrigar uma ferragem ou uma casa de armas e depois virou comércio de roupas com o nome Feira Carioca, sendo que o segundo pavimento continuou como um outro hotel e depois veio a ser salas de aluguel, usos que permaneceram até o início da intervenção aqui analisada.



Fig. 119: Foto antiga
Fonte: acervo Secult



Fig. 120: Foto ano 2003
Fonte: acervo do autor



Fig. 121: Foto ano 2003
Fonte: acervo do autor



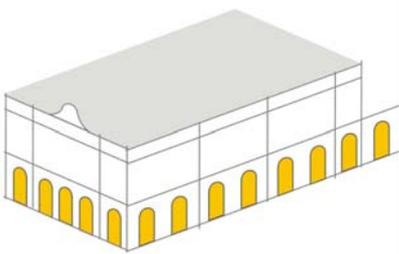
Fig. 122: Foto atual (2007)
Fonte: acervo do autor

CADASTRO DESCRITIVO: "FEIRA CARIOCA"

4.2.4 – Caso 04 – “MALG” (Museu de arte Leopoldo Gotuzzo)

QUANTO À IDÉIA

A reutilização apoiou-se em uma idéia profundamente relacionada ao aproveitamento do partido original da edificação, resignificando-o como um paralelepípedo transparente, através de uma nova permeabilidade visual, possibilitada pelos vãos das portas originais.

 <p>Figura 123 - IDÉIA</p>	<p><i>Nós fizemos todo o projeto em cima da idéia de “abrir e fechar portas”. No projeto do MALG houve uma idéia sempre vinculada ao uso mas que teve que ser totalmente adaptada.</i></p> <p><i>Houve a idéia de utilização de um conjunto comercial no térreo e de um “mix” de serviços no segundo pavimento, agregando um respeito à preexistência e à qualidade arquitetônica da casa. Agregando também cultura através de um bistrô sofisticado</i></p> <p><i>Ficou muito mais emocionante com o uso de museu porque ele se instalou num espaço de vitrine perfeita. Pode-se dizer que antes o museu era usado por uma população elitista e agora toda a população pela primeira vez pôde enxergar o que havia dentro do museu.</i></p>
<p>fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007</p>

O projeto teve a particularidade de ter sido adaptado mesmo após a conclusão da obra, isto porque, houve a necessidade de se instalar um museu no pavimento térreo, o qual havia sido pensado, no projeto, como espaço para uso comercial. A idéia de transparência inicialmente prevista devido ao uso comercial também foi extremamente rica ao uso museológico, principalmente no que tange a uma maior proximidade do público às obras de arte, que podem ser contempladas inclusive por quem está no passeio público.

QUANTO AO USO

O conceito de uso flexível, presente no projeto, foi extremamente enriquecedor possibilitando até mesmo sua já mencionada adaptação de uso, a posteriori.

	<p><i>Primeiro lugar: no térreo não poderia haver uma única loja. Teríamos que dividir os espaços do térreo em três lojas para formar uma espécie de condomínio de lojas independentes e com frente para os arcos. Isso ficou previamente definido. Há a entrada independente do MALG, nós fecharíamos aquele arco ali e no superior criaríamos uma espécie de “Flat Office”, em que teríamos banheiros centrais, uma espécie de bistrô lá no fundo e junto a esse espaço um grande conjunto de escritórios, e ainda um espaço de lazer no fundo, um terraço, um jardim.</i></p>
	<p><i>Eu não direcionei o projeto para um mercado corporativo institucional até porque naquela época já havia uma certa diminuição do mercado bancário. Era uma época ruim para bancos se interessarem por um imóvel como esse e, por sorte, o MALG apareceu para se instalar ali e ficou ótimo. Só que houve um excesso de banheiros no térreo, pois no projeto era um para cada loja. Por sorte a casa tinha uma grande área de luz e a gente pôde usar a área de luz para executar os banheiros e transferir essa área de luz lá para cima. Para nós podermos usar o múltiplo uso lá em cima tínhamos um problema porque o corredor cruzava uma sala de estar. Acabou sendo ótimo porque nós criamos um terraço em que pôde se cobrir e transferir essa circulação interna para a área de luz.</i></p>
	<p><i>A única coisa que nós ainda tínhamos que fazer era abrir as lojas entre si e essa abertura integraria todo o espaço do térreo. Além disso, no térreo, utilizamos uma linguagem bem mais contemporânea de intervenção justamente por se tratar do uso planejado para uma loja</i></p> <p><i>(...)a pré-existência foi considerada, por se tratar do uso como museu de arte, só que a pré-existência deveria ser neutra, com cores sóbrias, muito branco, para que no museu, a obra de arte se destacasse.</i></p> <p><i>Por tratar-se de um projeto privado, deveria haver viabilidade econômica, então a pré-concepção foi extremamente flexível e multi focada. (...) Nós temos que estar preparados para diversas possibilidades de utilização.</i></p>
<p>Figuras 124,125,126 - USO fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007</p>

A distribuição dos ambientes foi pensada dentro do melhor aproveitamento possível da edificação pré-existente, buscando-se uma viabilidade econômica requerida pelo cliente. Um aspecto interessante foi a criação de um corredor externo à edificação para proporcionar a circulação entre as salas do pavimento superior. Tal corredor criado para poupar as salas da inserção de divisórias, acabou por gerar uma ambiência extremamente qualificada, um espaço intermediário entre o interno e o externo.

QUANTO À PERCEPÇÃO

A reutilização visou agregar novos valores ao imóvel a qual passa a ser percebida como edificação de interesse histórico e cultural. O respeito ao existente, como no caso da recuperação das esquadrias em madeira do térreo, com a inserção das vitrines que também as protegem, despertou a percepção da população para o valor da própria edificação como remanescente material de outras épocas da cidade.



Figuras 127,128 - PERCEPÇÃO

fonte: acervo próprio, 2007

E se conseguiu uma sensação ótima porque o usuário cruza a área de luz e passa por uma espécie de espaço intermediário, que é externo e também interno sem a necessidade de interferir (o que era a minha grande preocupação) no forro de estuque da sala de estar. Sem a necessidade de uso de divisórias mais baixas que comprometeriam a visualização do forro em sua totalidade.

Não vamos tirar nenhuma esquadria. No térreo, vamos deixar as portas originais da casa comercial. O que nós vamos fazer então para poder agregar valor à edificação e seu uso é utilizar uma vitrine de vidro blindex externa a essas portas para que a população enxergue as portas originais, mas que quando as portas fossem abertas o transeunte tivesse a sensação de que era uma vitrine de loja e então o interior pudesse ser contemplado.

Com uma iluminação extremamente adequada porque era para loja, com lâmpadas hqi, com reforço nas vitrines, portanto, qualquer exposição que jogar obras de arte para a vitrine vai ser bem vista pela população.

No caso do museu a iluminação cênica para as obras pode ser considerada como uma intenção desse tipo e mesmo assim ela é bastante flexível porque o museu tem que mudar, ter possibilidade de modificações de layout para diferentes exposições. Também o emprego dos vidros no vão das portas, configurando a “vitrine” pode ser considerado algo relacionado à percepção.

Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007

O projeto explorou o conceito de percepção, principalmente por uma diferença de linguagem entre os pavimentos. O pavimento superior onde hoje se encontra o acervo permanente é percebido como um ambiente em que os traços de antiguidade da pré existência foram mantidos e recuperados enquanto que o pavimento térreo de exposições é percebido através de uma linguagem contemporânea que se neutraliza diante das obras de arte expostas e que também pode ser percebida pelos através da “vitrine” pelos transeuntes que passam a ser público do museu.

QUANTO AO SISTEMA

A reutilização modificou os sistemas de infraestrutura da edificação, ou seja de redes de energia e lógica, entretanto os sistemas construtivo e estrutural foram preservados.

 <p>Figuras 129 e 130 - SISTEMA</p>	<p>(...) não tivemos que intervir na estrutura original.</p> <p>(...) e pelo fato do forro de madeira do tipo saia-e-camisa estar muito comprometido o que nos levou a descartá-lo para poder trabalhar todo o processo de descupinização e fazermos a instalação elétrica mais flexível através de tomadas de piso para os escritórios. O layout de escritório determinou toda a rede lógica, elétrica e telefonia sendo que tudo corre por aquele espaço que existia entre um forro do térreo e o piso do superior. Por esses motivos, optamos por forro de gesso no térreo para que pudéssemos ter flexibilidade total. O barroteamento do entre piso permaneceu sem grandes intervenções, apenas alguns reforços metálicos. Já na cobertura tivemos que executar muitos reforços metálicos nas extremidades, mas mantivemos a madeira original.</p> <p>Não houve grandes modificações nos sistemas construtivos ou estruturais, a casa foi reutilizada na íntegra. Não se mexeu em paredes originais.</p> <p>Não tem que ser criativo tem que fazer shafts. A iluminação do MALG não é o mesmo circuito. Não há ligação nenhuma com as tomadas do térreo, não é possível desligar. Só pode lá no shaft em um único ponto em virtude de termos aproveitado os panos horizontais porque os planos verticais são parede de estuque em que não era possível ficarmos rasgando para inserir as redes. Então toda a fiação converge para um único local e aí desce centralizado num único ponto, não há disjuntor em cada sala.</p>
<p>fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007</p>

A opção por adequar os sistemas de redes através dos panos horizontais e preservando as paredes de estuque evidencia a preocupação em reutilizar a edificação sem causar maiores perdas em sistemas construtivos existentes. A manutenção da estrutura de barroteamento em madeira do entrepiso também demonstra o respeito à integridade dos sistemas originais, adaptando-os a uma nova temporalidade sem substituí-los.

QUANTO AO DISCURSO

A reutilização deve grande parte de sua concepção ao discurso do arquiteto autor, que foi orientado por tal discurso naquilo que ele próprio denominou de processo decisório. Podemos dizer que o próprio conceito de “abrir e fechar de

portas” ao qual ele se refere como sendo a principal idéia do projeto também evidencia uma dimensão narrativa que permeou a reutilização.



Figuras 131 e 132 - DISCURSO

fonte: acervo próprio, 2007

A reutilização é fantástica porque, na realidade, acaba inserindo na economia atual algo que já não teria mais utilidade. Então, realmente tem que se intervir, tem que reutilizar, transformar de residência para comércio ou outro usos. Alguns exemplares mais significativos em que se consiga convencer famílias a manterem o uso original, também são bem-vindos mas não tudo pois não tem como impedir tal processo. Eu acho que isso ainda vai valer muito no futuro, que ainda vai ser motivo de orgulho para um lojista ter uma loja em um imóvel de interesse histórico

(...) eu consegui convencer o proprietário a trazer uma empresa de restauro para executar o trabalho visto que eles já tinham experiência específica, enquanto eu desenvolveria o meu projeto arquitetônico. E isso foi um sucesso porque eu dominava os materiais, podia ser criativo e tinha nessa empresa alguém para dizer até onde eu poderia ir.

Sempre tem que se considerar a preexistência, tu tens que respeitar. Chega da idéia de que arquiteto é aquele que com uma folha em branco e um lápis na mão pode sair destruindo o mundo.

(...) ao projetar algo novo, já deve se prever uma utilização diferente do que está planejado.

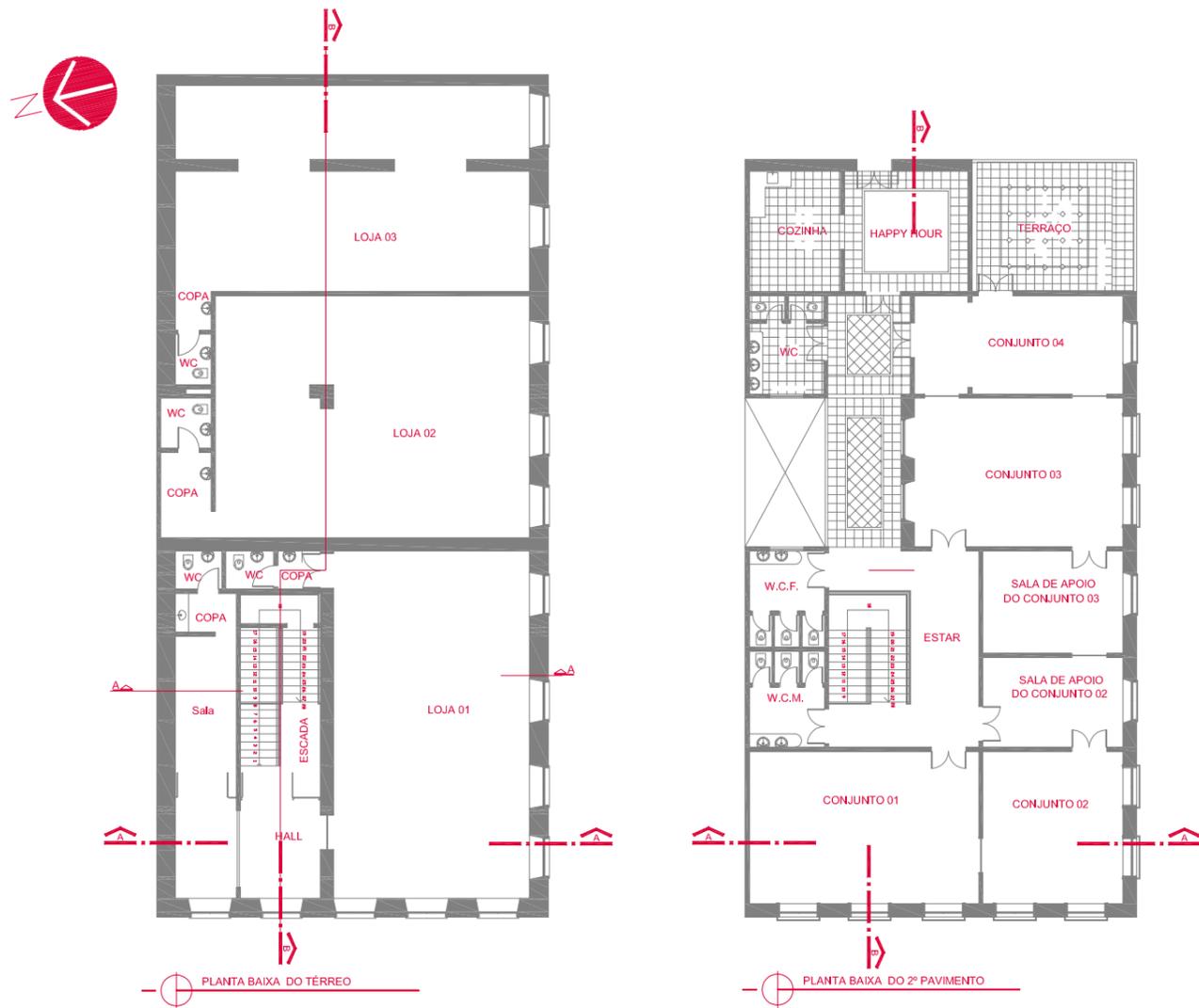
(...) a simplicidade do projeto vai definir a vida útil dele no tempo, ao contrário, antigamente quanto mais rebuscado mais perdurava, só que era obra de arte e hoje a obra de arte se dá pela simplicidade e se tu conceberes qualquer uso muito fechado que marque a intervenção, a ambição do cliente, acho que o uso não se perpetua e pode ser destruído em seguida.

(...) segurança contra incêndio é um desastre mas atualmente os bombeiros já começam a ser mais sensíveis. Nosso projeto foi um dos primeiros a convencê-los. Subcontratei os projetos mas tive que desenhar porque eu é que tinha a noção dos caminhos.

Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007

O projeto apesar de ter sido pensado para um conjunto de usos definidos, sempre admitiu adaptações, devido ao próprio discurso do arquiteto autor, o que foi de suma importância quando da necessidade de instalação do museu ao invés de lojas, o que foi feito quase que somente, através da abertura de novas portas.

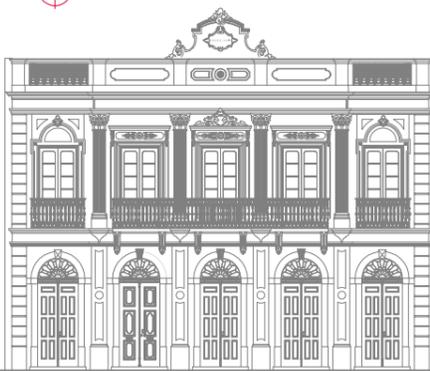
Entretanto, o discurso não incorporou maiores preocupações com a acessibilidade espacial e a segurança contra incêndios. O arquiteto utilizou-se de uma certa isenção de adaptações que é dada a edificações de interesse histórico e não previu a instalação de equipamentos para acesso ao segundo pavimento, o que, de certa forma se apóia também no discurso preservacionista de maior respeito à pré-existência, evitando maiores modificações.



CORTE AA'



CORTE BB'



FACHADA RUA GENERAL OSÓRIO

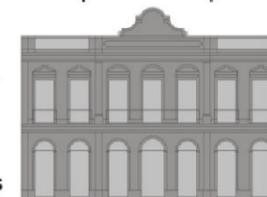


FACHADA RUA GENERAL NETO

CONDICIONANTES CONTEXTUAIS

DADOS GERAIS (baseado em JANTZEN e OLIVEIRA,1996)

Data da projeto/construção original: 1876
 Data do projeto de reutilização: 2000
 Autoria do projeto original: Provavelmente José Isella segundo CHEVALIER (2002, p. 260)
 Autoria proj. reutilização: Arq. Fernando Caetano
 Uso original: residência unifamiliar
 Uso(s) ao longo do tempo: asilo, faculdade, comércio
 Proteção/interesse: inventariado pelo município
 Uso atual: Museu de arte
 Distribuição em níveis: original e reutilizada: 2 pav.
 Implantação original e reutilizada: ocupando toda a testada
 Relação prédios lindeiros original e reutilizada: individual
 Tipologia fachada: Solar de dois pavimentos



Solar de dois pavimentos

CLASSIFICAÇÃO INTERVENÇÃO (baseado em Gracia,1992)

Relação: inclusão
 Nível de intervenção: modificação do lócus
 Padrão de atuação: oclusão do espaço urbano
 Atitude frente ao contexto: arquitetura historicista

ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS (baseado em BRUSCOLI,1988)

- Reparação, renovação e/ou substituição de acabamentos **com** modificação de caract. arquitetônicas e decorativas
- Reparação dos elementos construtivos internos, **com** modificação de materiais e das características tipológicas
- Intervenção pontual de restauro com vistas a preservar pinturas em escaiola e forros de estuque
- Modificação de divisórias para garantir a adequação funcional de um compartimento
- Substituição de elementos estruturais **sem** modificação do sistema estrutural
- Realização de instalações ou serviços novos de elétrica, hidráulica e ar-condicionado

CRITÉRIOS DE PROJETÇÃO

SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS (baseado em BERTO,1991)

- Provisão de equipamentos portáteis de combate, sinalização de emergência, sistema de detecção e alarme, sistema de iluminação de emergência

ACESSIBILIDADE ESPACIAL (baseado em BINS ELY,2005)

- DESLOCAMENTO
- Existência de desnível no acesso principal com impossibilidade de acesso
 - Existência de escada de acesso ao segundo pavimento sem solução de acessibilidade
- ORIENTAÇÃO ESPACIAL
- Sinalização com informação pictórica em locais importantes
- USO
- Escadas com guarda-corpos e/ou corrimãos

LOCALIZAÇÃO



SÍNTESE HISTÓRICA (fonte: Acervo Arquitetos & Projetos)

Quanto ao histórico da edificação sabe-se que por volta de 1860 chegou a Pelotas o Sr. Francisco Alsina proveniente de Barcelona (Espanha). Era casado com a Sra. Maria do Carmo Alsina e em 1876 construiu o sobrado para ser sua residência. Através de buscas no registro de imóveis de Pelotas, sabe-se que este prédio, localizado à rua general Osório (antiga Rua Augusta) números 723, 725, 729, no ano de 1926, foi doado ao Asilo de Meninos Desvalidos, perdendo sua possível função original e adaptando-se a uma outra bem diferenciada (não se sabe de possíveis modificações físicas ocorridas), continuando assim até o ano de 1936 em que, por permuta, parte dele (a de n 723) foi adquirida por um membro da família Alsina Lemos e, mais tarde, em 1943, adquiriram o restante do prédio pertencendo a essa família até o ano de 1951. Nesse mesmo ano o referido prédio foi adquirido pela Família Zilberknopp, a qual pertence até os dias de hoje. Sabe-se também que este prédio em décadas recentes foi local de Faculdades Federais (Enfermagem Obstetria e Educação Física) e também de uso comercial. Situada em uma rua de grande movimentação comercial, utilizava o pavimento térreo, onde existe uma área mais ampla e mais simples que o restante da construção, para o comércio, e o pavimento superior para uso residencial dos possíveis donos do imóvel onde o ambiente é mais requintado. Os tipos de materiais usados na construção, como tijolos, gesso, mármore, azulejos importados, ladrilhos hidráulicos, telhas capa-canal, bem como as técnicas empregadas, sua linguagem formal e a grandiosidade da edificação o caracterizam como pertencente a uma classe social dominante na época em que foi construído.



Fig. 133: Foto antiga
 Fonte: acervo Secult



Fig. 134: Foto antiga
 Fonte: acervo Secult



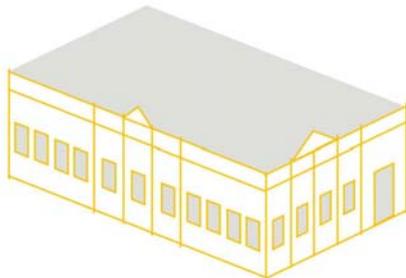
Fig. 135: Foto atual 2007 - Fonte: acervo do autor

CADASTRO DESCRITIVO:
 "MALG
 Museu de arte Leopoldo Gotuzzo"

4.2.5 – Caso 05 – “Casarão dos Assumpção”

QUANTO À IDÉIA

Por estar situada no principal núcleo do centro histórico da cidade de Pelotas (Praça Coronel Pedro Osório) ela tem forte influência das demais edificações do entorno, ou seja, sua reutilização não poderia deixar de limitar-se a recuperar e manter suas características sem maiores modificações, o que limita o conceito de idéia à manutenção do esquema formal do partido existente.

	<p>(...) tenta-se reproduzir uma época e ver o que isso entra em choque com o novo uso pretendido.</p>
<p>Figura 136 - IDÉIA fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007</p>

Portanto, o projeto também traduziu essa preocupação em tornar a edificação utilizável novamente mas sem extraí-la de uma leitura ainda possível, como uma edificação remanescente de uma época áurea do município.

QUANTO AO USO

A reutilização teve a particularidade de não ter sido pensada para um uso determinado, aliás, ela foi pensada como possível para diferentes usos.

	<p>(...) quando se trabalha com a reutilização, deve se pensar em todas as possibilidades de uso. Planejar a intervenção de restauro e o resultado para que possam se harmonizar com qualquer uso. Ao fim, deve ser feito o plano diretor de uso para que o novo uso não venha a interferir na integridade do projeto.</p>
	<p>(...) não se sabia o uso. A fundação recebeu o prédio para doar para a universidade, só que não se definiu o curso que iria para lá. Ninguém falava qual seria o programa, como seriam os laboratórios, as salas de aula, então o que fizemos? Um processo de revitalização sem concepção de uso mas com um fulcro na pré-existência, com o objetivo de manter as condições de algum momento da casa.</p>
<p>Figuras 137 e 138 - USO fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007</p>

O projeto procurou qualificar os espaços internos, tornando-os utilizáveis, sem modificações na compartimentação interna, sendo que todos os trajetos e deslocamentos seguiram como os originais da edificação.

QUANTO À PERCEPÇÃO

A reutilização possibilitou que a edificação voltasse a ser percebida como monumental, principalmente devido à sua nova pintura que evidenciou toda sua arquitetura e ornamentação.



Figura 139 - PERCEPÇÃO

fonte: acervo próprio, 2007

Aquele casarão merece que os usuários enxerguem o forro original mesmo que para isso nós tenhamos que remontá-lo porque as madeiras estavam todas apodrecidas. E o forro é bem diferenciado em termos de madeiras.

(...) edificação foi consolidada no tempo, pararam os efeitos da destruição, é possível pensar que a casa é uma casa original

(..) tão monumental que ele por si só já era estimulante. Se eu tentasse chamar a atenção para outro lado eu ia desfocar a percepção da pré-existência.

Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007

O projeto procurou tornar os ambientes da edificação percebíveis como os de uma residência antiga, definindo uma qualidade de experiência por parte dos futuros usuários que terão a sensação de estarem em um lugar de outra época extremamente preservado. Todas as características, tanto interna quanto externamente, tais como escala, ritmos, luminosidade foram mantidas.

QUANTO AO SISTEMA

A reutilização inseriu os novos sistemas necessários a qualquer uso atual, mas de forma compatível à recuperação dos sistemas histórico-culturais, os quais receberam maior importância, inclusive em nível urbano, visto que a edificação parece ter adquirido notoriedade em relação à edificação vizinha (teatro Guarani).

	<p><i>A investigação não limita o projeto, ela te orienta o processo e esse processo é que norteia o projeto. Primeiro pensamos: como é possível fazer esse processo de restauração o mais respeitoso com relação a história do lugar.</i></p> <p><i>(...) nós vínhamos um pouco a frente, cadastrando tudo muito rápido porque esse cadastro era guia do fabrico do novo elemento.</i></p>
<p>Figura 140 - SISTEMA fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007</p>

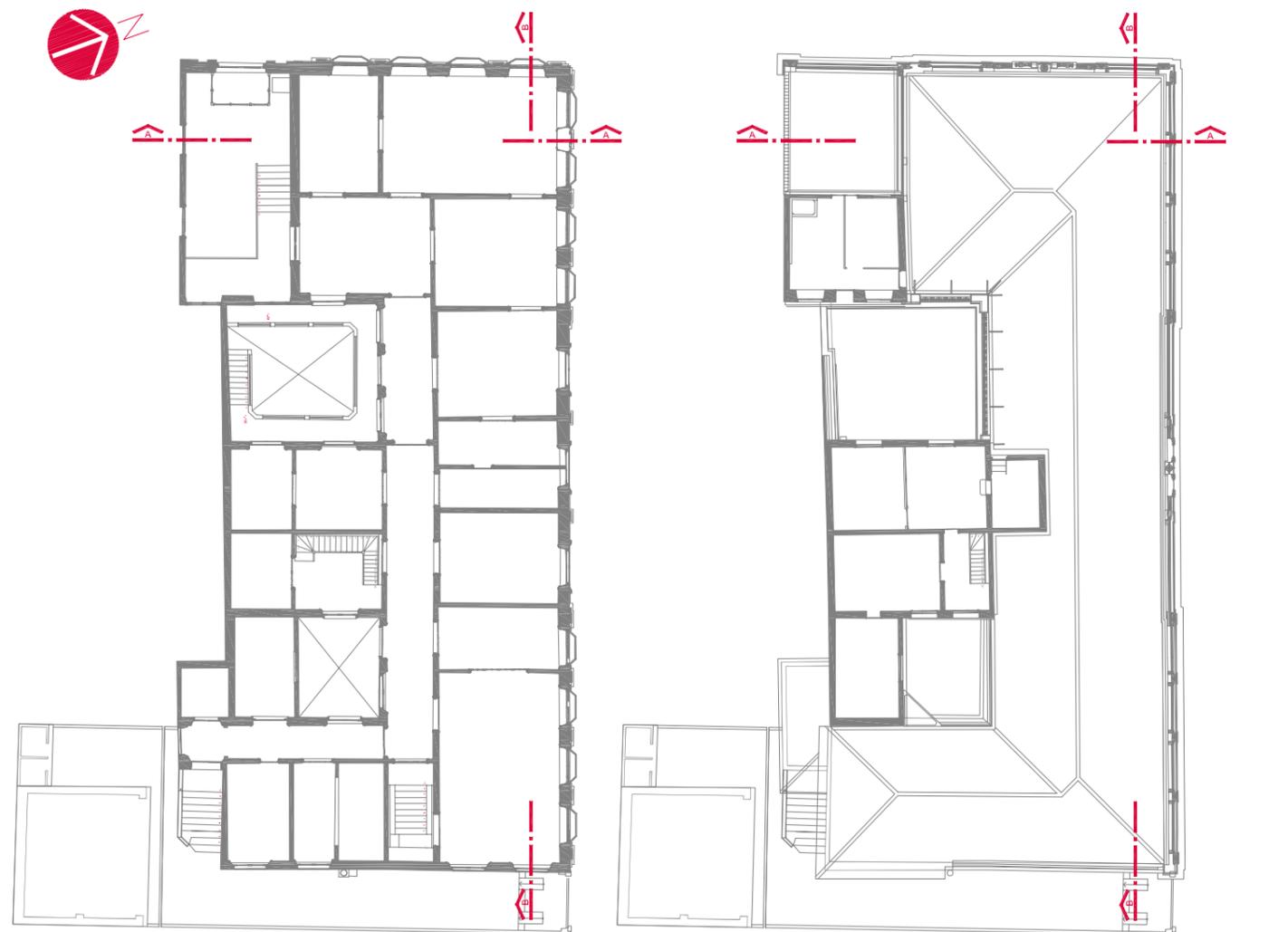
O projeto seguiu os moldes de um projeto de restauração com um levantamento cadastral completo, principalmente dos ornamentos, aberturas e sistemas de forro e piso, devido à necessidade de se refazer parte de tais elementos com vistas a evitar novas perdas materiais.

QUANTO AO DISCURSO

A reutilização se baseia no conceito de discurso preservacionista, ou seja, toda a concepção foi direcionada pela tentativa de preservá-la como remanescente de uma arquitetura monumental de outra época.

	<p><i>(...) há prédios em que há a necessidade de ser conservador, como aqueles prédios mais monumentais, aqueles prédios em que ainda existem muitos resquícios materiais</i></p> <p><i>Teoricamente eu teria que ter desconsiderado os elementos degradados afinal estavam tão degradados e deveria tê-los substituído por novos, mas eu não tive coragem de fazer isso. Como eu ainda tinha indícios, eu não queria fazer um falso histórico, então eu optei por fazer uma anástilose porque eu tinha muitos elementos e seria uma heresia descaracterizar as salas internas com novos materiais como gesso.(...) foi de uma forma extremamente científica e metodológica até porque eu estava trabalhando num acervo da academia e era público embora com investimento privado.</i></p>
<p>Figura 141 - DISCURSO fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: CAETANO, 2007</p>

O projeto teve uma abordagem mais preservacionista, ao passo que também deu condições de plena reutilização da edificação para diferentes usos. O arquiteto define seu método, nesse caso específico, como extremamente científico, por ter seguido, na medida do possível, toda uma doutrina teórica, geralmente empregada em projetos de restauro.



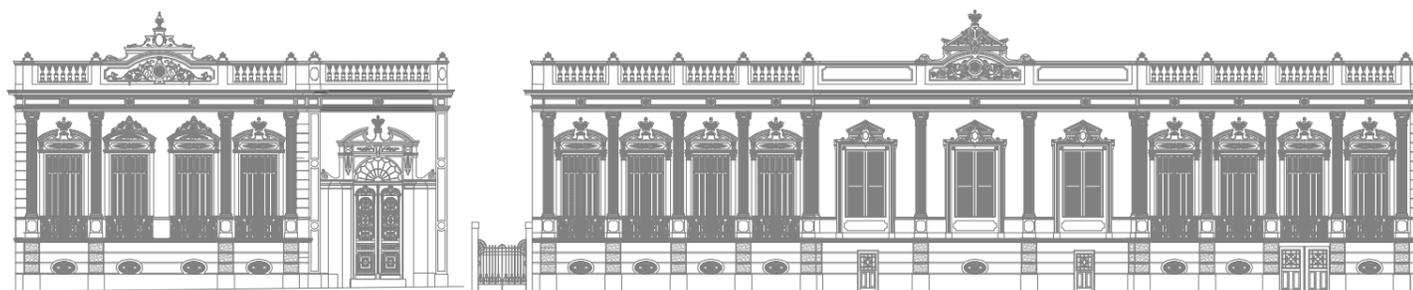
PLANTA BAIXA TÉRREO

PLANTA BAIXA PAV. SUPERIOR



CORTE AA

CORTE BB



FACHADA OESTE

FACHADA NORTE

CONDICIONANTES CONTEXTUAIS

DADOS GERAIS (baseado em JANTZEN e OLIVEIRA, 1996)

Data proj./construção original: entre 1884 e 1889
Data do projeto de reutilização: 2004
Autoria do projeto original: Provavelmente José Isella segundo CHEVALIER (2002, p. 274)
Autoria proj. reutilização: Arq. Fernando Caetano
Uso original: residência unifamiliar
Uso(s) ao longo do tempo: residência
Uso atual: desocupado
Proteção/interesse: inventariado pelo município
Distribuição em níveis: original e reutilizada: 1 pav.
Implantação: original e reutilizada: ocupando toda a testada

Relação com prédios lindeiros

original e reutilizada: individual

Tipologia fachada:

Solar térreo



CLASSIFICAÇÃO INTERVENÇÃO (baseado em Gracia, 1992)

Relação: inclusão
Nível de intervenção: modificação circunscrita
Padrão de atuação: continuidade da imagem
Atitude frente ao contexto: arquitetura historicista

ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS

(baseado em BRUSCOLI, 1988)

- Reparação, renovação e/ou substituição de acabamentos **sem** modificação de caract. arquitetônicas e decorativas
- Reparação dos elementos construtivos internos, **com** modificação de materiais e das características tipológicas
- Intervenção pontual de restauro com vistas a preservar as pinturas em escaiola e os forros de estuque
- Modificação de divisórias para garantir a adequação funcional de um compartimento
- Substituição de elementos estruturais **sem** modificação do sistema estrutural
- Realização de instalações ou serviços novos de elétrica, hidráulica e ar-condicionado

CRITÉRIOS DE PROJETÇÃO

SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS

(baseado em BERTO, 1991)

- Provisão de equipamentos portáteis de combate, sinalização de emergência, sistema de detecção e alarme, sistema de iluminação de emergência

ACESSIBILIDADE ESPACIAL (baseado em BINS ELY, 2005)

DESLOCAMENTO

- Existência de desnível no acesso principal com impossibilidade de acesso

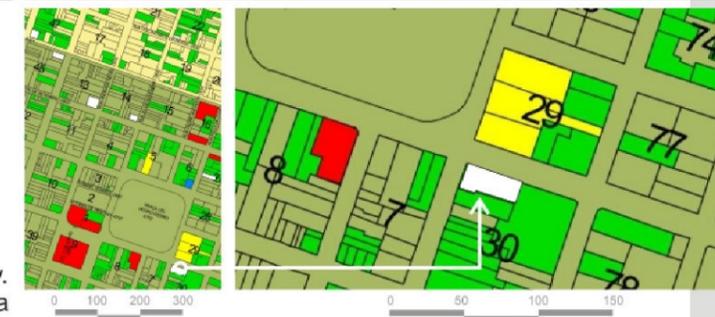
ORIENTAÇÃO ESPACIAL

- Sinalização com informação pictórica em locais importantes

USO

- Escadas com guarda-corpos e/ou corrimãos

LOCALIZAÇÃO



SÍNTESE HISTÓRICA (fonte: Acervo Arquitetos & Projetos)

Quanto ao histórico da edificação sabe-se que por volta dos últimos vinte anos do século XIX, o futuro senador da jovem república brasileira, Joaquim Augusto de Assumpção e sua esposa Maria Francisca de Mendonça passaram a viver na recém construída casa assobradada e a ocupar também a casa térrea vizinha.

Provavelmente, a primeira grande intervenção coincide com o período no senado, 1913-1815. Foi quando foram colocadas as instalações de esgotos cloacal, de águas servidas e construído um vestíbulo monumental para acesso social que hoje alcança, como um mirante, a altura de um quarto pavimento. A seguir, no final dos anos vinte, do século passado, outra modernidade foi implantada, um sistema de aquecimento dos ambientes.

Depois da morte de Maria Francisca, em 1933, a casa principal foi legada ao filho Fernando Augusto; a moradia vizinha, ao filho Carlos. A segunda grande intervenção ocorreu no final dos anos 30 do século XX. Com duas filhas pequenas, Fernando enviuvou. Para ajudar na educação das meninas, sua sogra veio morar em sua companhia. A casa principal foi dividida em duas. Um novo gosto apresentou-se. Após o falecimento da avó, a casa assobradada voltou a ser uma. Nos últimos anos do século XX, depois da morte de Diva, a segunda esposa de Fernando, somente a empregada que morava no palacete desde 1937, Dinah Araújo ali permaneceu até 2002. Apresentando riscos, a vivenda ficou desocupada nos três últimos anos.

No ano de 2005, os netos do casal venderam a propriedade ao Banco Santander que propôs a reutilização.



Fig. 142: Foto 2004 - fonte: Acervo Arquitetos e Projetos



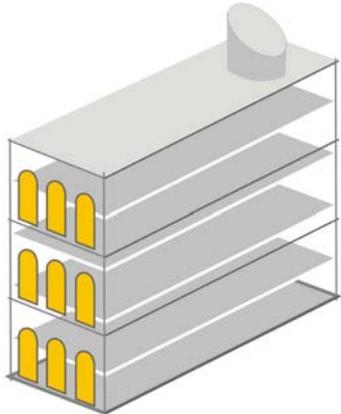
Fig. 143: Foto atual (2007) fonte: acervo do autor

CADASTRO DESCRITIVO:
 “Casarão dos Assumpção”

4.2.6 – Caso 06 – “Barão da Conceição”

QUANTO À IDÉIA

A reutilização substituiu completamente o interior da edificação pré-existente e também a cobertura por outra de mesma volumetria mas em outros materiais, mantendo sua fachada, restaurando-a e expondo-a para todos os cinco novos pavimentos em substituição aos três originais.

	<p>(...) uma característica é que todo o interior estava danificado, já tinha havido intervenções, mas o que era de grande valor era o casco, era o volume, então isso foi um norte interessante, a restauração da fachada e o telhado.</p> <p>Ficava a fachada intacta para que se pudesse contemplá-la tanto do interior quanto do exterior, então nós fizemos mezaninos em aço de uma maneira crescente que sempre fosse possível contemplar a fachada do térreo ou do segundo pavimento, ficasse vislumbrando o prédio, o casco que foi preservado.</p>
<p>Figura 144 - IDÉIA fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007</p>

O projeto teve como idéia um novo partido interno para edificação e a restauração do invólucro formado pela fachada. É como se um novo prédio com nova distribuição em níveis se inserisse dentro do casco antigo.

QUANTO AO USO

A reutilização foi pensada a partir de um programa de necessidades pré-definido pelo cliente mas que também poderia ser adaptado posteriormente.

	<p>O prédio ia funcionar como uma farmácia, análise, laboratório, depósito, escritório e lá no último andar era um auditório que era a maneira de retribuir para a comunidade a restauração daquele prédio (...) a cidade teria acesso ao último andar que é o maior de todos que seria um auditório, uma sala de exposições.</p> <p>A questão é que, o projeto estava em conjunto com o surgimento da LIC, então já para defesa do projeto para captação de recursos da LIC nós estávamos retornando para a comunidade a fachada restaurada como volume e dentro a possibilidade da comunidade usar aquele prédio pela farmácia e também pelo auditório.</p> <p>Teve alguns elementos, por exemplo o mesmo lugar onde tinha uma circulação vertical era onde havia o mirante do barão, onde se enxergava os navios chegando no porto. Com a chegada do açúcar e a saída do charque, isso foi colocado e agora é uma clarabóia, lá no mesmo lugar onde tinha um mirante. Então toda a circulação, toda a luz interna do prédio é através dessa abóbada do edifício.</p>
<p>Figura 145 - USO fonte: acervo próprio, 2007</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007</p>

O projeto foi elaborado visando sua aprovação junto aos órgãos estaduais responsáveis pelas verbas destinadas pela lei estadual de incentivo à cultura (LIC) o que fez com que ele tivesse a particularidade de reservar parte de seu espaço como uma espécie de contrapartida à sociedade. O arquiteto destinou o último pavimento à função de auditório como forma de justificar a captação de recursos para execução do projeto de reutilização. Fato interessante é que desde que acabada a obra, a edificação nunca foi realmente reutilizada, ou seja, ainda não foi ocupada nem pelos usos previstos em projeto nem por quaisquer outros.

Outra intenção projetual quanto ao uso foi a colocação do núcleo de circulação vertical na mesma posição em que havia um mirante na edificação original, sob uma clarabóia que tem por função iluminar o interior da edificação.

QUANTO À PERCEPÇÃO

A reutilização considerou a futura percepção dos usuários devido a preexistência ter grande potencial para aproveitamento da fachada, da volumetria, tanto externa quanto internamente e o arquiteto tirou partido dessas características.



Figura 146 - PERCEPÇÃO

fonte: acervo próprio, 2007

A questão do escalonado dos andares e de se contemplar os andares foi concebida com vistas à percepção dos usuários.

(...) utilizei uma perspectiva isométrica "fatiada" que permite antecipar a sensação do que pretendíamos quanto à distribuição dos níveis e à contemplação da fachada.

Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007

O projeto procurou tornar mais evidente, mais contempláveis e, portanto, perceptíveis, todas as principais características da edificação. O afastamento dos pavimentos em relação ao casco, com exceção do último previsto para uso como auditório, tornou possível uma nova percepção dos detalhes arquitetônicos tais como as bandeiras de algumas aberturas, por exemplo, que passam a estar próximas ao nível do piso de alguns pavimentos. As relações de escala são completamente alteradas em relação à edificação original, ou seja, com a redução

de número de pavimento e a preservação da altura da cobertura os pés direitos se diminuem e isso pode ser notadamente percebido pelos usuários da edificação.

QUANTO AO SISTEMA

A reutilização se baseou na inserção de novos sistemas em um casco edificado pré-existente (fachada e volumetria da cobertura), que por sua vez também representa o sistema histórico-cultural da edificação de modo isolado e também de sua representatividade em seu entorno e na cidade de um modo mais amplo.



Figuras 147, 148 e 149 - SISTEMA

Eu poderia ter mantido os três pavimentos, mas tinha que ser com outro sistema estrutural, o prédio estava caindo. Talvez com um projeto com recursos maiores e com mais tempo.

Se fez um reforço na estrutura, porque as paredes não tinham fundação nenhuma, estavam trincando se fez um cintamento (...) é uma questão de intervenção, é uma cirurgia, uma invasão. Tu tens uma parede de 60 centímetros de espessura e tens que colocar um elemento invasor, uma viga de concreto para amarrar aquilo, para mim e para a maioria das pessoas que trabalham com restauração, ainda é limitado em termos de técnicas, acho que deveria haver outra maneira, que não fosse tão agressiva, invasiva

Utilizar elementos e materiais diferentes de uma época, marcar bem a intervenção no edifício (...) utilização de elementos contemporâneos, como aço, tipo vidro e também porque as exigências e os costumes são totalmente diferentes e se tu fores seguir fielmente a utilização do imóvel, tu não tens como adaptar, como utilizar, porque as necessidades são totalmente diferentes.

Houve uma seqüência, uma pesquisa. O que deveria ter maior era uma coisa mais profunda, que sem custos é impossível fazer, que é a questão da arqueologia, de se estudar o solo, estudar uma coisa muito mais profunda que no Barão da Conceição até aconteceu de aparecer restos mortais nas escavações, então isso ai não se tinha aberto para esse tipo de coisas, que são coisas que se deixou de lado, então isso é um pesar de tudo. Era dinheiro do governo estadual, então se deixou de lado rápido para, em nenhum momento não haver intervenção na obra, aquela coisa.

(...)a sala principal era todo em estuque, todo trabalhado rendilhado que se tirou sem grandes técnicas, se arquivou eles e se colocou num depósito (...) já estava previsto que todo esse andar que tinha um significado maior do prédio que tinha elementos no forro, elementos arquitetônicos era extremamente elaborado, então esse forro ia para o auditório, ia para onde as pessoas teriam mais acesso, que era extremamente expressivo, mas o orçamento dos artífices tornou a restauração inviável.

Na fachada foi mais ao nível de limpeza e de restauração de pequenos adornos, pequenas colunas. Limpeza de pedras de cantaria, que estavam pintadas com tintas, várias camadas, se botou uma pessoa que não tinha experiência nisso, mas com sensibilidade de tirar sem danificar a pedra. Então ele foi com uma ponteira batendo na tinta e tirando ela dos arcos e soleiras.

fonte: acervo próprio, 2007

Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007

O projeto demonstrou extrema preocupação com o conceito de temporalidades associado a sistemas, desde os sistemas construtivos passando pelo estrutural e também nos sistemas histórico-culturais da edificação. O emprego de materiais notadamente contemporâneos como toda a estrutura metálica tem uma clara intenção projetual de demonstrar o próprio sentido de evolução pretendido pelo projeto. Os novos sistemas reutilizam o potencial da edificação ao máximo sem desconsiderar sua história e a importância de seus remanescentes materiais, visto que os mesmos foram, na medida do possível, mantidos e recuperados, ou então armazenados para futura utilização.

QUANTO AO DISCURSO

A reutilização contou com uma considerável influência do discurso do arquiteto, o qual considerou a edificação como já descaracterizada o que, portanto, lhe permitiu a concepção de um projeto de caráter mais contemporâneo, preservando a leitura da edificação enquanto elemento relevante para a história da cidade.

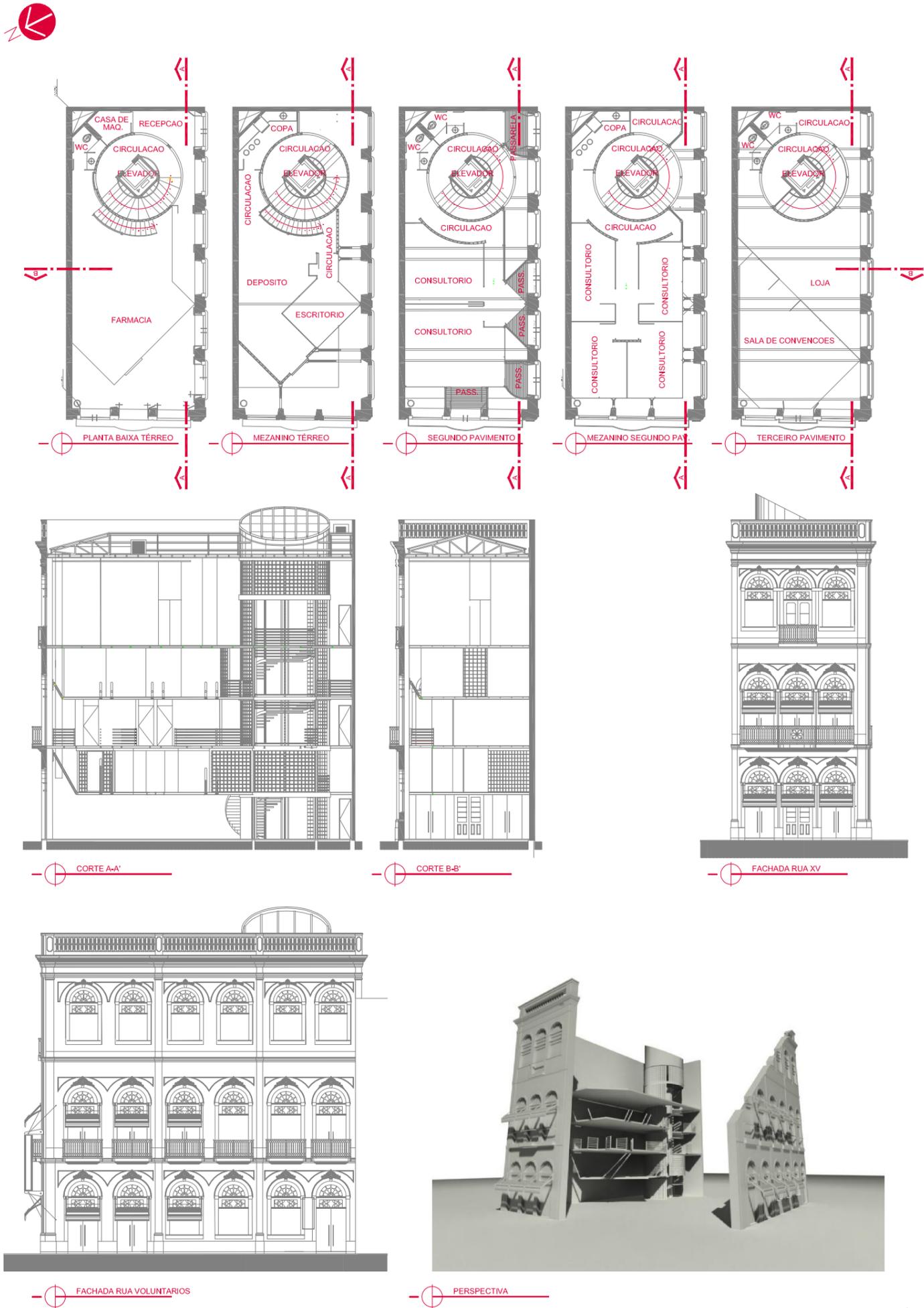
	<p><i>(...) a cidade está caracterizada, o centro da cidade, o casco histórico está caracterizado por esses prédios, e eles têm que ser reutilizados, com certeza, para mostrar o potencial deles, a preservação da cultura pelotense. Acho que existem muitos limitantes na execução, na execução de um projeto, por que são momentos diferentes e a reutilização é um exercício bem grande.</i></p>
	<p><i>(...) a única coisa que eu quis assim, é a reciclagem usando elementos contemporâneos, não usar a questão do pastiche, de arrebrantar o reboco para mostrar o tijolo, dando uma conotação festiva, de cenário.</i></p> <p><i>O barão da conceição era amputado, era um requício de um prédio,(...) se pegou o casco e se usou elementos contemporâneos. Acho que o dano é menor, se isso for questionado daqui há 50 anos ele pode ser removido, com exceção dessa viga que foi a intervenção.</i></p> <p><i>(...) a questão da acessibilidade é que nós tínhamos cinco andares e nós tínhamos um elevador, só isso, e a questão de incêndio os bombeiros foram mais complacentes, por uma questão de reservatório de incêndio essas coisas de extintor, então, foi fácil.</i></p> <p><i>Existe a restauração no velho mundo onde há uma grande demanda para usos culturais de museu por exemplo, mas nós não, nós temos que reutilizar com usos do cotidiano. Ainda não é uma coisa madura.</i></p>
<p>Figuras 150 e 151 - DISCURSO</p>	<p>Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007</p>

fonte: acervo próprio, 2007

fonte: LEITZKE, 2007

O projeto narra declaradamente o contraste entre o novo e o antigo e isso é uma intenção do autor, o qual se justifica através da possibilidade de remoção de todo esse novo sistema estrutural e construtivo por ele empregado. A utilização de uma linguagem contemporânea e a própria alteração do número de pavimentos, afastando-os em relação à parede da fachada parece querer dizer que o projeto não quis rivalizar com o existente mas sim deixá-lo intacto, como que flutuando e contemplando-o, na medida do possível mantendo-o preservado, enquanto faz dele um novo uso necessário.

O projeto também pode ser considerado como dentro dos princípios básicos de acessibilidade através do elevador para circulação vertical e de segurança contra incêndios o atendimento foi apenas através de extintores. O projeto valeu-se de uma certa isenção de maiores exigências por se tratar de uma edificação tão relevante, embora fossem possíveis maiores ajustes, exatamente por ter havido a substituição total da estrutura interna da edificação.



CONDICIONANTES CONTEXTUAIS

DADOS GERAIS (baseado em JANTZEN e OLIVEIRA, 1996)

Data proj./construção original: indefinida séc. XIX
Data do projeto de reutilização: 2000
Autoria do projeto original: indefinida
Autoria projeto reutilização: Arq. Rudelger Leitzke
Uso original: comércio no térreo e residência unifamiliar no segundo e terceiro pav.
Uso(s) longo do tempo: comércio, farmácia / **Uso atual:** desocupado
Proteção/interesse: TOMBADO município
Distribuição em níveis: original: 3 pavimentos reutilizada: 5 pavimentos
Implantação original e reutilizada: ocupando toda a testada
Relação com prédios lindeiros original e reutilizada: individual
Tipologia fachada: Sobrado três pavimentos de figuração eclética



SÍNTESE HISTÓRICA fonte: MOURA e SCHLEE, 2002.

Quanto ao histórico da Residência do Barão da Conceição situada na Rua Quinze de Novembro, 702, pode-se dizer que está diretamente relacionado às atividades de salgamento da carne (charqueadas) que era uma prática comum em toda a região platina, sendo que, só a partir do século XVIII essa atividade passou a ser realizada em uma escala comercial. Na região de Pelotas, as charqueadas originaram - segundo Caio Prado Jr. - um centro urbano que seria o primeiro da província depois da capital, e "primeiro absoluto em riqueza e prestígio social". Foi em Pelotas que se concentrou a maioria das charqueadas, cidade em que os ricos senhores negociavam, construíram suas residências urbanas e da qual partia mais da metade do charque exportado pela província. Sendo assim, não é de se estranhar que comerciantes do Rio de Janeiro tenham escolhido Pelotas para viver. É o caso de Manoel Alves da Conceição (Barão da Conceição) que, em Pelotas, constituiu a firma "Conceição & Cia" - a maior casa exportadora e importadora da região. Ao mesmo tempo em que comercializava artigos de couro, financiava a produção de charque (emprestando dinheiro a juros). Para residir e sediar seus negócios, o Barão mandou construir, em lote de esquina, um edifício de três pavimentos (um comercial e dois residenciais), encimado por um pequeno mirante (já demolido). Palacete contido e verticalizado, caracterizado pela profusão de aberturas (vazios sobre os cheios) e pela qualidade de seus acabamentos (bandeiras sobre bandeiras, gradis de ferro, portadas, estuques e escaiolas). A partir de 1900, com a falência total do Barão, o imóvel passou a sediar inúmeras instituições, como o Banco Mauá, a Cia. Telefônica e o Centro Republicano. Nas últimas décadas, o sobrado esteve parcialmente abandonado, como que testemunhando "presente desprovido de magia". O térreo era ocupado por uma farmácia por ocasião do projeto de reutilização aqui descrito.

CLASSIFICAÇÃO INTERVENÇÃO (baseado em Gracia, 1992)

Relação: intersecção
Nível de intervenção: modificação do lócus
Padrão de atuação: colisão de estruturas formais
Atitude frente ao contexto: arquitetura de

ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS (baseado em BRUSCOLI, 1988)

- Intervenção pontual de restauro com vistas a preservar e recuperar a ornamentação da fachada e retirada e armazenamento do forro de estuque
- Inserção de divisórias para garantir a nova funcionalidade da edificação
- Substituição de elementos estruturais **com** modificação do sistema estrutural
- Modificação de elementos estruturais verticais e/ou horizontais **com** interferência em fachadas e vedações externas
- Realização de instalações ou serviços novos de elétrica, hidráulica e ar-condicionado

CRITÉRIOS DE PROJETÇÃO

SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS (baseado em BERTO, 1991)

- Provisão de equipamentos portáteis de combate, sinalização de emergência, sistema de iluminação de emergência
- Resistência ao fogo dos novos elementos estruturais

ACESSIBILIDADE ESPACIAL (baseado em BINS ELY, 2005)

- DESLOCAMENTO**
- Existência de desnível no acesso principal com impossibilidade de acesso
 - Existência de elevadores como solução de acessibilidade para os pavimentos
- USO**
- Escadas e rampas com guarda-corpos e/ou corrimãos

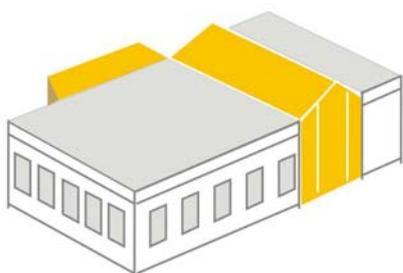


CADASTRO DESCRITIVO: "BARÃO DA CONCEIÇÃO"

4.2.7 – Caso 07 – “BANCO”

QUANTO À IDÉIA

A reutilização foi pensada a partir da idéia de unificação dos dois imóveis com a inversão do eixo de uso da edificação e a conseqüente demarcação do novo acesso através de um elemento notadamente contemporâneo, o que se justificou pelo estado de descaracterização das pré-existências.



Figuras 155 e 156 - IDÉIA

fonte: acervo próprio, 2007

(...) todo o interior estava danificado, já tinha havido intervenções, mas o que era de grande valor era o casco, era o volume, então isso aí foi um norte interessante, a fachada, e a restauração da fachada e o telhado.

(...) era uma concepção, era um conceito que foi defendido.

(...) a parte onde tinha havido a intervenção maior, onde funcionou a boate, que era a parte mais danificada, por que são dois imóveis um imóvel que o Banco adquiriu e o outro está alugado. E esse alugado é onde teve a intervenção maior e que já estava todo desconfigurado, então nós fizemos mais duas aberturas na fachada, reconstituímos a fachada, mais 4 metros e uma parte que tinha de portão e a parte onde tem aquele frontão de vidro a gente não restaurou, simplesmente cortamos.

(...) era uma residência familiar sem expressão histórica, mas ela tinha uma expressão em nível de enquadramento no local, o elemento na quadra, digamos.

Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007

O projeto se utilizou da tipologia da edificação original, de sua fachada em seu trecho ainda caracterizado e introduziu um novo elemento no trecho mais deteriorado, deslocando o ponto de interesse maior, que originalmente era na fachada frontal (com sua porta transformada em janela) para a antes inexpressiva fachada lateral.

QUANTO AO USO

A reutilização buscou no novo uso a sua maior justificativa, visto que o uso bancário demanda uma série de instalações, de um programa específico que se adequou à configuração da edificação pré-existente e de seu estado.



(...) o outro era um banco (...) a comunidade tem acesso.

No caso específico do Banco os clientes queriam que o acesso fosse pela Deodoro (rua principal) mas ela é oeste e é uma rua de grande trânsito e o casco todo histórico está voltado pra outro lado, então eu tentei convencê-los que a entrada teria que ser pelo sul e o sul é uma zona escura, é uma zona sem luz. Se fez uma intervenção com vidro, uma intersecção de um elemento com vidro que desse o acesso ao banco, fosse a parte de acesso. Então com o sol norte projetando ai na fachada sul, aumentando a luminosidade, aumenta a sensação de bem estar do usuário, então a reciclagem te dá condições de fazer uma arquitetura melhor com mais qualidade para um uso contemporâneo. E ai se fez uso também do alumínio e do vidro.



Eu pude projetar com maior liberdade o frontão em vidro para demarcar o novo acesso e por uma questão que estava totalmente desconfigurado aquele trecho da fachada.

(...) toda a intervenção a nível de edificação propriamente dita, de parede de alvenaria, foi feita sempre onde era o pátio do prédio, tinha que ter todo um apoio de caixa forte, de churrasqueira de salas de escritório e todos com divisória, com tijolo, com alvenaria contemporânea, foi tudo um anexo ao prédio e ele está com seu perímetro normal, o original e a planta era um retângulo, toda essa intervenção da parte do escritório e onde se vê aquela parte de brises, tem dois andares e é o pátio da casa.



As pessoas podem usar o caixa rápido, o caixa eletrônico, sem ter acesso ao banco propriamente dito ou podem através de rampas o que nos favoreceu essa questão foi essa parte que já estava amputada que tava danificada de fazer essa parte a nível da calçada e não criar novamente um porão, que era também uma maneira de convencer os proprietários do banco que pela Deodoro também eu teria um problema de acessibilidade.

Figuras 157, 158 e 159 - USO
fonte: acervo próprio, 2007

Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007

O projeto introduziu uma utilização completamente nova e adequada da edificação visto que em seu pátio foi construído o novo módulo que compreende as novas funções enquanto que na edificação pré-existente propriamente dita, compreendida por sua fachada, foram distribuídas as funções de atendimento como em um grande espaço de uma agência bancária convencional. O novo acesso agrega valor ao uso da edificação, não só por sua configuração contemporânea em termos de materiais e formas, mas pelo deslocamento que lhe dá uma nova dimensão arquitetônica, um novo sentido de apropriação da edificação de interesse histórico e cultural através de um uso contemporâneo, expresso através de uma arquitetura também contemporânea.

QUANTO À PERCEPÇÃO

A reutilização lidou com o conceito de percepção até porque uma das intenções era justamente a de tornar a edificação antes obsoleta e muito deteriorada novamente percebida como um lugar qualificado para o uso proposto.



Figura 160 - PERCEPÇÃO
fonte: acervo próprio, 2007

(...) houve uma intervenção grande, funcionava uma boate e nós tentamos fazer uma reconstituição do existente. A reutilização te dá uma liberdade para tu dares um conforto maior para a edificação

(...) o frontão de vidro também é uma questão de contemplação, ao se entrar num prédio que ele tem que ser percebido.

(..) a maquete eletrônica foi mais simples, sem grande idéia de convencer, de elaborar, digamos.

Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007

O projeto, ao introduzir o espaço em estrutura metálica e vidro define novas sensações aos usuários, não só de contemplação como enuncia o autor, mas também como experiência perceptiva, visto que se cria toda uma nova luminosidade antes inexistente e que é até certo ponto bem vinda em espaço para uso bancário. É quase como um espaço aberto dentro da edificação em que uma nova escala pode ser percebida visto que a cobertura em vidro é mais alta que a original.

QUANTO AO SISTEMA

A reutilização não se vale do conceito de sistemas pelo menos no que diz respeito a um maior aproveitamento da pré-existência o que se justifica pela descaracterização encontrada. Nesse sentido, os sistemas construtivos internos não foram considerados ao mesmo tempo em que são inseridos novos sistemas para a adequação ao novo uso.



Figura 161 - SISTEMA
fonte: acervo próprio, 2007

O prédio já estava amputado, estava mudado porque o outro proprietário nas divisões de bens foi recortado e o proprietário novo mudou tudo. Isso me deu uma liberdade maior.

(...) é mais inexpressivo, em nível histórico. Ele é mais interessante como volumetria, como tipologia, enquadrado na região.

Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007

O projeto, ao propor uma extrema adequação de sistemas demandados pelo novo uso, tem a intenção de promover a plena inserção da edificação em uma nova temporalidade, considerando ao mínimo seu sistema histórico-cultural original e suas relações em nível urbano, mantidas apenas pela leitura residual de sua tipologia.

QUANTO AO DISCURSO

A reutilização narra toda um discurso próprio de concepção do autor que procura através da intervenção demonstrar claramente que a edificação foi adaptada com vistas à sua reutilização, justificando tal discurso nas necessidades contemporâneas, ou seja, se o prédio tem uma nova utilização deve ter uma nova arquitetura inserida, deve ter um novo sentido enquanto arquitetura produzida em seu tempo próprio de concepção.



(...) se o prédio vai ser utilizado para outra finalidade tem que ser contemporâneo, tem que fazer uma reciclagem

(...) toda a intervenção feita pelo arquiteto deve ser bem caracterizada.

Isto é um elemento extremamente forte para mim, não sei porque, o casco e o telhado, há muitas reciclagens que não levam em consideração o telhado, que colocam outros telhados contemporâneos, isso para mim é extremamente importante

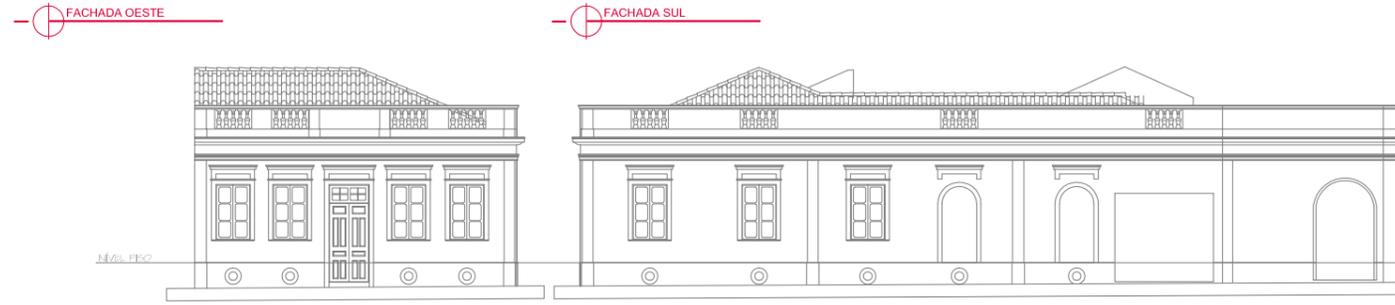
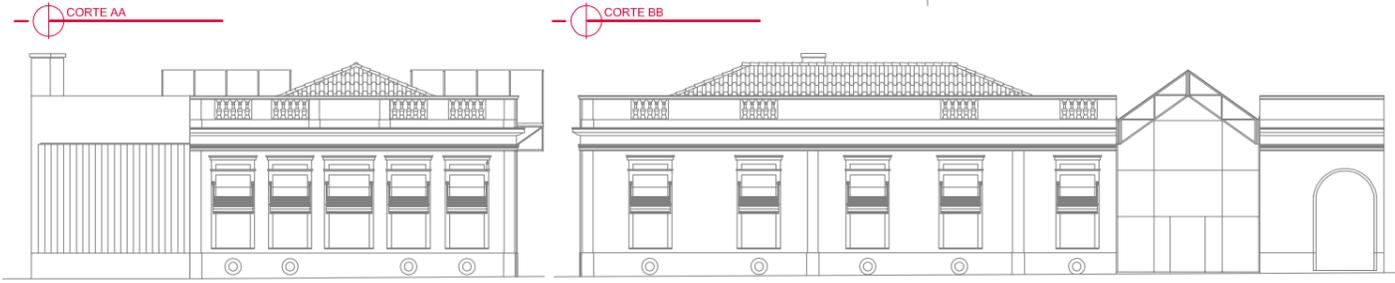
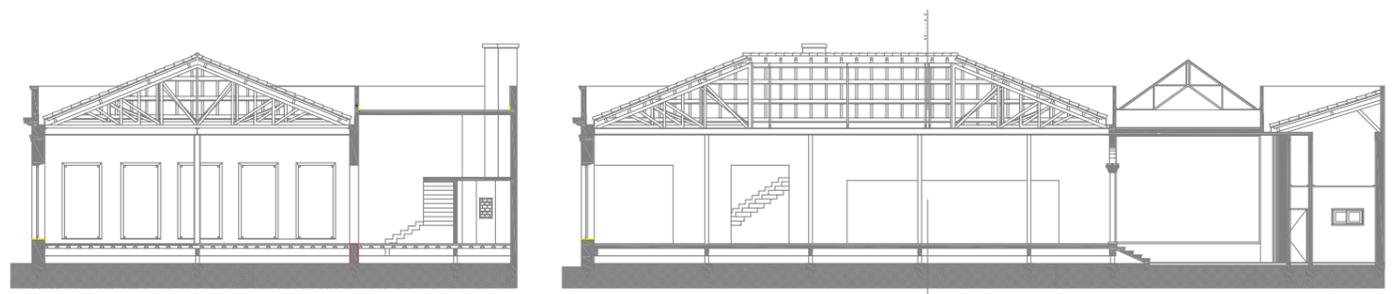
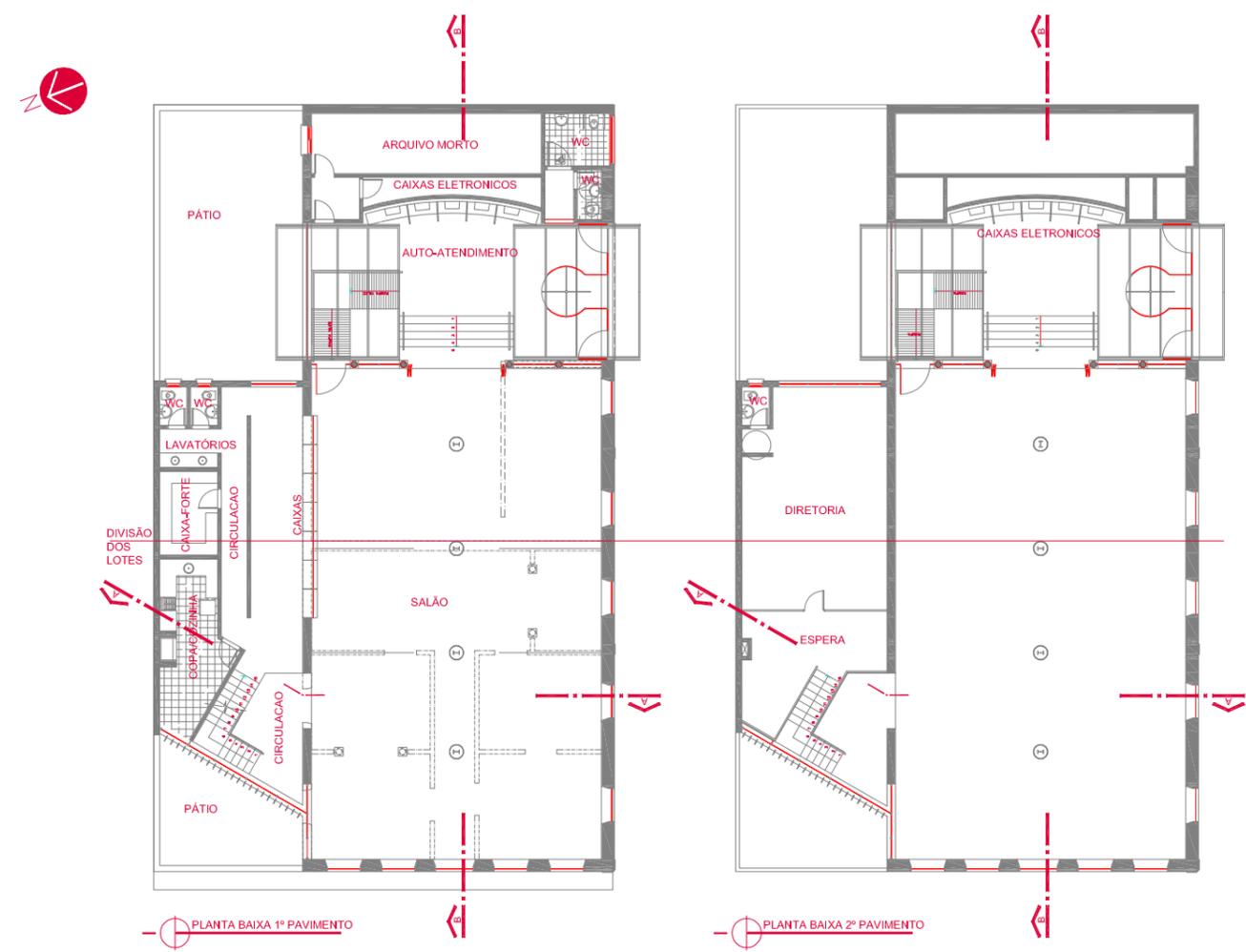


O que nos favoreceu bastante essa intervenção com o frontão de acesso é que já estava danificado o porão, então o Banco propriamente dito fica a 1,20 m do nível da rua (...) estava danificada essa parte onde era a boate e o frontão todo é a nível peatonal, então nos facilitou bastante, nos favoreceu para ter rampas, uma acessibilidade maior.

Figura 162 e 163 - DISCURSO
fonte: acervo próprio, 2007

Trechos da entrevista – fonte: LEITZKE, 2007

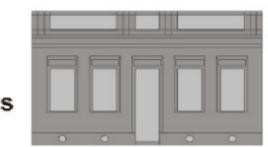
O projeto narra sua adaptação não só através dos materiais empregados mas também da adequação à acessibilidade, através de rampas, por exemplo. É um projeto que, através do conceito de discurso, enuncia a necessidade da arquitetura de adequar-se a novos tempos, novos usos, apontando a viabilidade plena da reutilização de edificações de interesse histórico e cultural como alternativa às demandas arquitetônicas atuais.



CONDICIONANTES CONTEXTUAIS

DADOS GERAIS (baseado em JANTZEN e OLIVEIRA,1996)

Data da projeto/construção original: indefinida
 Data do projeto de reutilização: 2002
 Autoria do projeto original: indefinida
 Autoria projeto reutilização: Arq. Rudelger Leitzke
 Uso original: residência unifamiliar
 Uso(s) ao longo do tempo: indefinido
 Uso atual: agência bancária
 Proteção/interesse: inventariado pelo município
 Distribuição em níveis:
 original: 1 pavimento
 reutilizada: 2 pavimentos
Implantação
 original e reutilizada:
 ocupando toda a testada
Relação c/ prédios lindeiros
 original: individual
 reutilizada: individual
Tipologia fachada:



Casa de corredor central

LOCALIZAÇÃO



SÍNTESE HISTÓRICA

Quanto ao histórico da edificação não foram obtidos maiores registros, restringindo-se apenas a saber que trata-se de uma edificação originalmente destinada à residência unifamiliar devido à sua tipologia arquitetônica. Apresentamos abaixo algumas representações gráficas e planta baixa do projeto de reutilização.

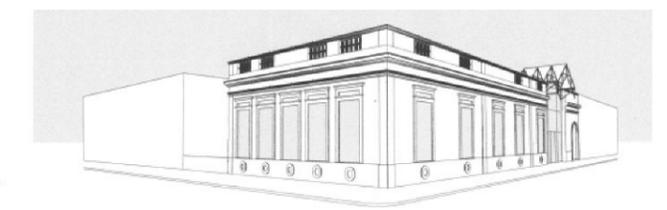
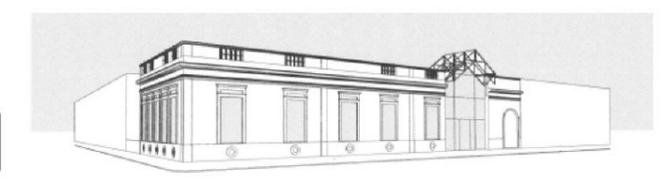


Fig. 164: foto antiga fonte: acervo arquiteto R. leitzke



Fig. 165: foto atual (2007) fonte: acervo do autor

CRITÉRIOS DE PROJETÇÃO

CLASSIFICAÇÃO INTERVENÇÃO (baseado em Gracia,1992)

Relação: intersecção
 Nível de intervenção: modificação do lócus
 Padrão de atuação: Oclusão do espaço urbano
 Atitude frente ao contexto: arquitetura de

ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS (baseado em BRUSCOLI,1988)

- Substituição de acabamentos **com** modificação de caract. arquitetônicas e decorativas
- Reparação dos elementos construtivos internos, **com** modificação de materiais e caract. tipológicas
- Inserção de divisórias para garantir a nova funcionalidade da edificação
- Substituição de elementos estruturais **com** modificação do sistema estrutural
- Modificação de elementos estruturais verticais e/ou horizontais **com** interferência em fachadas e
- Aumento de volume da edificação para melhorar as condições de circulação e funcionalidade
- Variação da área edificada **com** modificação do invólucro (fachadas e coberturas)
- Variação de área utilizável e/ou de volume **com** modificação dos vínculos urbanísticos pré-existent (acessos e/ou projeções)
- Realização de instalações ou serviços novos de elétrica, hidráulica e ar-condicionado

SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS (baseado em BERTO,1991)

- Provisão de equipamentos portáteis de combate, sinalização de emergência, sistema de comunicação e emergência, rotas de fuga seguras, sistema de iluminação de emergência
- Compartimentação horizontal
- Resistência a fogo de novos elementos estruturais

ACESSIBILIDADE ESPACIAL (baseado em BINS ELY,2005)

DESLOCAMENTO
 • Percurso acessível pelos principais compartimentos da edificação; existência de desnível no acesso principal com solução de acessibilidade através de rampas permanentes; piso do acesso à edificação com superfície firme, nivelada, estável e anti-derrapante

ORIENTAÇÃO ESPACIAL
 • Sinalização com informação pictórica em locais importantes; sinalização com pisos diferenciados em locais importantes

USO
 • Existência de mobiliário para descanso; sanitários adaptados para pessoas com restrições; escadas e rampas com guarda-corpos e/ou corrimãos

CADASTRO DESCRITIVO: "BANCO"



CAPÍTULO 5 – DISCUTINDO AS LIÇÕES

5.1 – RESULTADOS E DISCUSSÃO

De posse dos resultados obtidos tanto pela descrição quanto pela análise de cada um dos projetos, apresenta-se aqui a discussão sobre os mesmos para que, além dos já alcançados objetivos determinados para a pesquisa, emergissem novas contribuições e para que pudéssemos aprender o máximo que **as lições da produção arquitetônica pelotense** pudessem nos oferecer. Trata-se de um “discutindo as lições” que não pretende encerrá-las no presente trabalho e, por isso, o discutir no gerúndio, com a intenção de deixá-las em aberto, com consciência de que novas contribuições podem ser extraídas de tais lições.

Como demonstrado ao longo do trabalho, a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural é feita através de um rol de saberes profissionais e individuais que são parte integrante do próprio ofício arquitetônico. Portanto, reutilizar é arquitetar. Conforme pudemos verificar através da pesquisa, arquitetar a reutilização exige do profissional uma série de conhecimentos que extrapolam aqueles estritamente ligados à organização espacial, passando por todo um reconhecimento e interpretação de dados pré-existentes, sejam tais dados de consistência material ou até mesmo imaterial. Ainda assim, os métodos empregados pelos arquitetos dos projetos analisados estiveram profundamente envolvidos por dimensões técnicas, funcionais, estéticas e pelas categorias de concepção por nós analisadas qual sejam idéia, uso, sistema, percepção e discurso, indispensáveis em qualquer projeto de arquitetura. Com base na descrição e na análise empregada, nos propomos a um cruzamento ou enquadramento dos conceitos de Boudon (1994, p. 01) às “partes da arquitetura” enunciadas por Vitruvius. Tal cruzamento parte de uma inter-relação por nós elaborada segundo a qual consideramos:

1. **a categoria vitruviana *Utilitas* mais relacionada aos conceitos de idéia e uso** - Tal relação pode ser mais facilmente verificada nos projetos de reutilização edificações de interesse histórico e cultural. Nos projetos analisados, a dimensão da idéia aparece com menos força, uma vez que o esquema formal da preexistência compõe a idéia primeira ou original. Isso enfraquece o dinamismo e a mutabilidade da idéia, no confronto com as demais forças de decisão projetual. Sendo preestabelecida, o trabalho de concepção sobre a própria idéia torna-se reduzido e

extremamente vinculado ao conceito de uso. A concepção passa a ser focada nos usos originais e nos usos pretendidos para a edificação. Do confronto e da adaptabilidade entre tais usos é que surge grande parte das possibilidades de concepção do projeto. Idéia e Uso se relacionam dentro de uma dimensão funcionalista da arquitetura, a qual, por sua vez, é documentada, basicamente, sobre as plantas baixas dos projetos.

2. **a categoria vitruviana *firmitas* mais relacionada ao conceito de sistema** - Tal relação é verificada pela relevância que as adaptações e substituições parciais ou totais de sistemas, principalmente os estruturais, podem alcançar em reutilizações de edificações de interesse histórico e cultural. A relação se reforça devido à noção de temporalidade que se alia ao conceito de sistema nos casos em que a troca de sistema estrutural também representa a troca significativa dos materiais e técnicas construtivas empregadas na edificação. A relação ocorre em uma dimensão tecnicista, possível de ser analisada pelos cortes dos projetos.

3. **a categoria vitruviana *venustas* mais relacionada aos conceitos de percepção e discurso** - A relação se dá principalmente através do modo como os arquitetos procuram estabelecer uma correspondência entre as características a serem apreendidas pela percepção dos futuros usuários das edificações e os seus discursos preservacionistas. O discurso produzido pelo projeto pode tornar perceptível o que se preserva e o que se substitui, o que é pré-existente e o que é novo, o que alterou ou não alterou os aspectos formais da edificação, sendo, portanto uma relação de dimensão formalista e documentada no projeto, principalmente, através das fachadas.

O resultado desse cruzamento é apresentado no quadro 8 da página 150, elaborado por nós, em que também são demonstrados, de acordo com nossa análise, quais os conceitos que adquiriram maior força em cada um dos projetos analisados. O quadro é composto por colunas com as categorias de Boudon na parte superior e as correspondentes categorias vitruvianas na parte inferior. Os resultados, correspondentes aos projetos à esquerda, são dispostos horizontalmente no quadro, de forma a permitir a compreensão de qual conceito teve maior força. O(s) conceito(s) mais relevante(s) em cada projeto são marcado(s) com a cor correspondente, conforme legenda de simbologia e de cores de cada uma das categorias analisadas.

	 SISTEMA	 IDEIA	 USO	 PERCEÇÃO	 DISCURSO
	Inserção de novos sistemas em casco edificado pré-existente - evolução de sistemas e suas temporalidades	Novo partido interno para edificação - manutenção e restauração de todo o involucro - nova distribuição em níveis	Audatório contrapartida à sociedade - núcleo de circulação vertical na mesma posição em que havia um mirante na edificação original	Percepção de todas as principais características da edificação e de seus detalhes arquitetônicos - afastamento dos pavimentos em relação ao casco	Contraste entre o novo e o antigo - possibilidade de remoção
	Manutenção de seus sistemas urbanos Novos sistemas e novas relações com sistemas pré-existentes	Manutenção da fachada original e geração de volume completamente novo com maior aproveitamento permitido	Potencializar a vocação da edificação original para o uso comercial	Contraste através de materiais contemporâneos Preservação das visuais da edificação original	Maior aproveitamento da potencialidade construtiva permitida Novos sistemas de acessibilidade espacial e segurança contra incêndios
	Substituição do sistema estrutural	"Limpeza" da edificação com vistas a devolvê-la à cidade	Adaptação do espaço físico ao uso Manutenção do uso boate no pavimento	Manutenção de elementos originais Edificação como um todo	Preservacionista Resgate de temporalidade perdida
	Sistemas construtivos internos pré-existentes não foram considerados - edificação em nova temporalidade e leitura residual de sua tipologia	Unificação dos dois imóveis - inversão do eixo de uso da edificação e demarcação do novo acesso através de um elemento contemporâneo	Utilização completamente nova e adequada da edificação pré-existente - projeto de módulo com novas funções no pátio	Edificação obsoleta e muito deteriorada passa a ser percebida como lugar qualificado para o uso proposto - estrutura metálica e vidro - experiência perceptiva com nova luminosidade	Se o prédio tem uma nova utilização deve ter uma nova arquitetura inserida - novo sentido enquanto arquitetura produzida em seu tempo - plena adequação à acessibilidade e à segurança contra incêndios
	Modificação de sistemas (redes de energia e lógica) foram preservados	Transparência para uso comercial ou museológico	Uso flexível - criação de um corredor externo à edificação	Diferenciação de linguagem entre os pavimentos Vitrine	"Abrir e fechar de portas" sem maiores preocupações com a acessibilidade espacial e a segurança contra incêndios
	Pouca variação de sistemas Substituição da estrutura de entrepiso	Manutenção da identidade do prédio	Adaptação para usos que não possam causar maiores danos às características históricas mantidas e recuperadas	Experiências perceptivas através de janelas didáticas (pinturas em escaiola preservadas de outras épocas)	Preservacionista Desconsideração de acessibilidade espacial e segurança contra incêndios
	Inserção de novos sistemas necessários a qualquer uso atual	Recuperação e manutenção das características sem maiores modificações	Pensada para diferentes usos, sem um uso determinado	Volta à monumentalidade	Preservacionista - remanescente de uma arquitetura monumental de outra época
	FIRMITAS TECNICISTA CORTES	UTILITAS FUNCIONALISTA PLANTAS BAIXAS			VENUSTAS FORMALISTA FACHADAS

Quadro 8 – Quadro demonstrativo dos resultados da pesquisa

Fonte: elaborado pelo autor, 2007

O quadro demonstra quais conceitos foram verificados como sendo mais representativos para a concepção de cada um dos projetos e a partir dessa verificação se fez possível um enquadramento dos projetos nas categorias vitruvianas.

Os projetos denominados “Barão” e “Carioca” foram considerados mais vinculados à categoria tecnicista (Firmitas), visto que a concepção se baseou em uma proposta de **sistemas** construtivos e estruturais completamente novos em ambos os projetos. A relação entre o conceito de sistema e a categoria Firmitas ocorre em virtude do contraste entre novo e antigo que muitas vezes é pretendido em projetos de reutilização criando uma relação de dependência entre os sistemas histórico-culturais e os sistemas construtivos e estruturais das edificações. Embora também seja possível relacionar o diálogo entre novo e antigo com a categoria formalista (Venustas), no nosso entender, essa relação ocorre em segundo plano, como consequência daquilo que foi realmente pretendido pelo arquiteto na concepção. O objetivo de contrastar novo e antigo é, antes de tudo, uma tentativa de apresentar duas temporalidades distintas simultaneamente, através de sistemas também distintos, portanto tem mais relação com a categoria tecnicista (Firmitas).

Os projetos denominados “Sobrado da Quinze” e “Banco” foram considerados mais vinculados à categoria funcionalista (Utilitas), visto que a concepção se apoiou mais nos conceitos de **idéia** e **uso**. No “Sobrado da Quinze” a idéia esteve sempre de recuperação da pureza do esquema formal da edificação original através da fachada e a os usos, principalmente, a manutenção do uso de boate no pavimento superior foram norteadores do projeto. A representação da idéia resulta do confronto entre o novo programa de necessidades e a forma existente e é expressa através traçados de relações de fluxos, distribuição e/ou funções da edificação a ser reutilizada (como exemplo, ver ilustrações 45 e 46, pg. 72). Não ocorre idéia de um novo partido e sim uma subordinação ao partido da edificação existente, ou seja, a nova função segue a forma existente e os valores instrumentais ou de utilidade (ver item 2.2.2) assumem maior importância. Já no “Banco” a idéia vai além das representações de fluxos e distribuição, buscando força na concepção de novos elementos formais capazes de corresponder às necessidades do novo uso como

agência bancária. Em ambos os projetos, a categoria funcionalista (Utilitas) tem maior relevância.

Os projetos denominados “Filhas do Barão” e “Casarão dos Assumpção” foram considerados mais vinculados à categoria formalista (Venustas), visto que a concepção se apoiou mais nos conceitos de **discurso** e **percepção**. Em ambos os projetos, as intenções projetuais dos arquitetos, com vistas a proporcionar experiências perceptivas nos usuários, se dão associadas ao nível do discurso preservacionista. Os valores rememorativos intencionados (ver item 2.2.2), que devem ser percebidos pelos usuários, também são determinantes para as decisões relacionadas a aspectos como acessibilidade espacial e segurança contra incêndios. Tais aspectos foram menos considerados em tais projetos, visto que o discurso de preservação da pré-existência, segundo os arquitetos autores, implica em não assumir as modificações requeridas para tornar as edificações mais “acessíveis” ou mais “seguras” contra incêndios. Segundo tal discurso preservar seria impedir alterações que visem uma adequação a todas necessidades às quais os projetos de edificações novas estão submetidos. Buscou-se acima de tudo a percepção das edificações como relíquias que, embora expostas, não estão sujeitas às adequações que a contemporaneidade requer, o que é evidenciado principalmente através da manutenção rigorosa de suas fachadas, de suas dimensões formalistas (Venustas).

Por último o projeto denominado “MALG” apresenta um maior equilíbrio entre os conceitos de concepção bem como entre as categorias vitruvianas. De modo análogo às determinações de Vitruvius no primeiro capítulo do livro I em que versa sobre o que devem saber os arquitetos para fazer arquitetura, propomos aqui uma apreensão, a partir dos resultados explicitados no quadro síntese, do que devem ou deveriam saber os arquitetos para projetar a reutilização de edificações de interesse histórico e cultural. Respondendo ao nosso objetivo principal, propomos algumas considerações acerca do **modo como** os arquitetos deveriam conceber tais projetos.

5.2– CONSIDERAÇÕES FINAIS

As decisões de projeto dos arquitetos são baseadas em conhecimentos produzidos, principalmente, pelos próprios arquitetos. Através da **análise do processo de projeto** para reutilização de edificações de interesse histórico e cultural (patrimônio edificado), tais conhecimentos foram evidenciados e indicaram como os arquitetos conceberam tais projetos e a possibilidade de tais métodos serem re-empregáveis, considerando possíveis variações decorrentes de particularidades locais.

Ao registrarmos a **evolução da prática** da reutilização, esta compreendida por nós, como um terceiro estágio temporal da arquitetura, após a permanência e transformação, pudemos comprovar que reutilizar proporciona a valorização de edificações de interesse histórico e cultural, muitas vezes, consideradas obsoletas e dispensáveis no ambiente urbano.

Embora, o Brasil tenha assumido maiores responsabilidades no trato do seu patrimônio cultural, o que inclui as edificações de interesse histórico e cultural, as maiores preocupações com respeito a tais edificações costumam estar relacionadas à inserção das mesmas em circuitos turísticos, reutilizando-as exclusivamente para aqueles fins tidos como culturais. Usos como museus, casas de memória ou os aclamados centros culturais além de manterem as edificações numa condição de patrimônio de elite, também podem ser vistos como mera venda da imagem dos centros históricos re (vitalizados, qualificados, habilitados). Perde-se a oportunidade de reutilizar com vistas a tornar a arquitetura, que permaneceu e se transformou ao longo do tempo, um instrumento verdadeiramente cultural para o meio em que se encontra no presente, ou seja, de reutilizar através de usos que façam parte do cotidiano da população local, tais como comércio, serviços e habitação. Dentro desse contexto, emergem as primeiras dificuldades de se reutilizar com vistas a devolver as edificações às sociedades a que pertencem.

Entretanto, em certos países ou realidades, a reutilização já é mais consolidada como uma prática do ofício arquitetônico, em oposição à corrente que coloca quaisquer possibilidades de intervenção em edificações de interesse histórico e cultural sob a tutela dos ditos “especialistas” em patrimônio, os quais costumam restringir excessivamente os usos compatíveis com tais edificações. A partir dos exemplos obtidos em nosso percurso de reflexão (Capítulo 2) é possível confirmar

tal constatação, uma vez que, projetos de reutilização fazem parte do portfólio de arquitetos de renome internacional que são especialistas no campo patrimonial mas que tratam da reutilização como uma problemática de arquitetura. O arquiteto, ao tratar de edificações de interesse histórico e cultural, antes de tudo, como arquitetura, abdicando de refugiar-se sob o escudo das práticas patrimoniais e focando nas necessidades e soluções que um bom projeto de arquitetura requer, consegue alcançar reutilizações mais adequadas. Nelas, são considerados os valores rememorativos e instrumentais, de modo que as edificações reutilizadas proporcionam uma melhoria na qualidade ambiental urbana, para além da mera “maquiagem” de conjuntos históricos, ainda tão recorrentes no Brasil.

Nesse sentido, a cidade de Pelotas, no início da pesquisa nomeada por nós, como laboratório de experiência para diferentes abordagens com vistas à reutilização mostrou-se, no decorrer das análises e agora próximo à conclusão do trabalho, uma cidade exemplar para pesquisas com objetivos que se assemelhem aos nossos, qual seja, o de contribuir para o campo do patrimônio e para o campo do método de projeto em arquitetura. Os casos estudados demonstram a evolução do tratamento dado ao patrimônio edificado da cidade e evidenciam a importância do arquiteto em tal tratamento, ou seja, que a concepção do projeto tem relação direta com o enaltecimento dos valores rememorativos e/ou instrumentais das edificações de interesse histórico e cultural.

Ao aplicarmos o **sistema de cadastro descritivo**, elaborado por nós, pudemos comprovar sua eficácia para a coleta e sistematização de dados relativos a projetos de reutilização. Os resultados apresentados na dissertação, em pranchas A3, são capazes de fornecer os principais aspectos relativos aos condicionantes projetuais e aos critérios de projeção. As pranchas síntese permitem uma descrição resumida do objeto que acompanhada da leitura da análise da concepção possibilitam a compreensão global do projeto, segundo os critérios estabelecidos para a pesquisa.

Foi possível demonstrar as aproximações dos **processos de concepção a um método** visto que cada um dos arquitetos atravessou momentos de decisão projetual que poderiam ser descritos objetivamente através das categorias propostas por Philippe Boudon, ou seja, todos os arquitetos em todos os projetos tiveram que solucionar problemas relativos a cada uma das cinco categorias. Evidenciou-se também que algumas categorias metodológicas da concepção projetual tiveram mais

ênfase que outras em alguns projetos estudados. O significado arquitetural da metodologia empregada, como sustenta seu próprio autor, considera a arquitetura como explicável por seus aspectos, que são imanentes, tanto nas dimensões processuais como nas dimensões dos objetos produzidos em seus contextos.

Obtivemos uma série de constatações, a partir dos métodos de projeto dos arquitetos, sendo que a análise arquitetural nos permite pensar que os diferentes métodos se utilizados em projetos diferentes poderiam levar a outras soluções. Um arquiteto A enfrentando a mesma situação que o arquiteto B proporia uma solução diferente. O que isso quer dizer? O método pode ser o mesmo, mas as condições de interpretação dos arquitetos e as características objetivas de cada preexistência condicionam a aplicação do método com resultados diferenciadores. Se cada caso é um caso, cada arquiteto é um arquiteto, um mesmo método permite a concepção diferenciada e por consequência a materialização (obra executada) de diferentes posturas. O mesmo caso fica sujeito a leituras e interpretações diferentes, independentes dos métodos, condicionadas pelos horizontes de interpretação dos diferentes arquitetos.

O que emerge das análises empreendidas é que a carência de métodos de projeto difundidos para a reutilização possa ser uma das causas de tanta diferença entre posturas frente a problemas similares. O arquiteto, quando confrontado pelo desafio da reutilização, deveria, no mínimo, exigir-se um mais alto nível de interpretação arquitetônica, ao invés de refugiar-se sob o velho discurso de que está tratando de relíquias, que devem, incondicionalmente, ter sua antiga vocação, sua época ou seu estilo recuperados. Tal deficiência na capacidade de interpretação arquitetônica tem uma provável relação com a incipiência de reflexões sobre metodologia de projeto em arquitetura vigente no século XX e decorrente da influência do Movimento Moderno que retardou o desenvolvimento da atuação dos arquitetos enquanto agentes e pesquisadores em seu próprio campo, ou seja, o campo projetual.

Podemos dizer, que o estudo aqui empreendido, ao estabelecer as possíveis aproximações do modo como os profissionais arquitetaram as reutilizações em Pelotas a métodos de projeto contribuiu para conceituar a arquitetura, através de teorias de concepção de projeto. A análise por nós empreendida resulta em lições que demonstraram um avanço na consciência do problema da reutilização, visto

que, foram demonstrados as principais dificuldades advindas dos processos envolvidos e o modo como os arquitetos conseguiram contornar tais dificuldades.

São dificuldades de ordem técnica como a necessidade de intervenções mais agressivas à consistência material da pré-existência que se assemelham a um procedimento cirúrgico como no caso 06 (“Barão da Conceição”). Também são dificuldades da ordem do discurso como a já mencionada relação exclusora entre preservação e adaptação à acessibilidade espacial e à segurança contra incêndios, ou seja, adaptar a tais necessidades significa, para muitos arquitetos, ir contra a integridade da edificação, como no caso 02 (“Filhas do Barão”).

Podemos dizer que reutilizar ainda é uma alternativa encarada, por muitos, como polêmica, uma vez que põe em conflito direto as duas vertentes de preservação, qual sejam, a vertente ideológica e a econômica. Entretanto, a partir de nosso estudo é possível inferir que o projeto de reutilização, quando equacionado em função de uma flexibilidade de uso, pode servir de elemento de consenso entre as duas vertentes, como no caso 04 (MALG), o que, acaba por equilibrar os preconceitos existentes entre os defensores das respectivas vertentes.

A pesquisa demonstrou algumas **possibilidades de intervenção** a partir da análise da concepção e, mesmo que de forma alheia à consciência dos arquitetos entrevistados, tais possibilidades constituem métodos de projeto passíveis de serem reempregados como um todo ou de forma parcial e, portanto, fornecem uma orientação à prática projetual. No nosso entender, a procura do equilíbrio entre os conceitos de concepção pode ser considerada o melhor caminho a ser escolhido pelos arquitetos em projetos de reutilização de edificações de interesse histórico e cultural. Isentando-nos de tentar propor um método de projeto passível de ser generalizado por completo, pretendemos aqui ter demonstrado o quanto o conhecimento de estratégias do ofício arquitetônico já empregadas podem ser úteis ao desenvolvimento de novos projetos. Também o quanto se busca, em projetos dessa natureza, soluções advindas da própria pré-existência implicando em grande capacidade de interpretação de fatores como tipologia, história, evolução, entre outros para a concepção, em contraposição aos métodos baseados unicamente na criatividade pura ou divina, muitas vezes, creditada a arquitetos de renome.

Cabe ressaltar que a metodologia de análise empregada é externa e extemporânea com relação tanto à época de construção das obras originais quanto à época que os projetos de reutilização tenham acontecido. Nesse sentido, o presente estudo tem a pretensão de provocar outros debates sobre o problema das metodologias projetuais para reutilização e que podem abranger edificações tanto pré-modernas quanto modernas ou pós-modernas, uma vez que a estrutura da análise e os lugares em que se buscam os argumentos são abstratos e podem se referir a objetos arquitetônicos de várias épocas.

Por fim, esperamos, com este trabalho, através da revisão bibliográfica e da pesquisa de campo, ter ampliado o conhecimento a respeito da reutilização e sistematizado parte do enorme campo de conhecimento que dela decorre e que ainda é passível de ser alvo de novas investigações.

5.2– RECOMENDAÇÕES PARA FUTUROS TRABALHOS

Ao fim dessa pesquisa é possível destacar alguns aspectos que não foram aprofundados e que constituem temas de trabalhos futuros, dentre os quais:

1. Estudo da abrangência dos projetos de reutilização em nível urbano, para além da edificação, visto que a preservação das ambiências é parte integrante do Estatuto da Cidade, outro importante campo de pesquisa;
2. Estudo das reutilizações do ponto de vista do usuário, através de métodos como a avaliação pós-ocupação, a fim de investigar efeitos dos espaços reutilizados sobre seus usuários.
3. Aprofundamento das análises e avaliação das condições de acessibilidade espacial e/ou segurança contra incêndios;
4. Estudo das reutilizações para o uso habitacional, especificamente, visto que alguns autores sustentam que tal uso constitui uma alternativa mais adequada para edificações de interesse histórico e cultural;
5. Estudo sobre a melhoria do ambiente urbano da cidade em virtude do uso do Cadastro Técnico para Gestão ambiental urbana, mais especificamente, como instrumento para preservação do patrimônio edificado;
6. Estudo sobre as tecnologias empregáveis para a preservação de edificações de interesse histórico e cultural, como a fotogrametria terrestre.

5.3– BIBLIOGRAFIA

Fontes

Fontes digitais:

Acervo Arquiteta Luisa Olivé Leite – arquivos digitais referentes ao projeto de reutilização do imóvel situado à Rua Félix da Cunha, número 616/618. 1999.

Acervo Arquiteta Margarete Satte Alam – arquivos digitais referentes ao projeto de reutilização do imóvel situado à Rua Andrade Neves, número 1797. set - 1999.

Acervo Construtora Ricardo Ramos – arquivos digitais referentes ao projeto de reutilização do imóvel situado à Rua XV de Novembro, número 601-603. jun - 2006.

Acervo Escritório de Arquitetura Arquitetos e Projetos – arquivos digitais referentes ao projeto de reutilização do imóvel situado à Rua General Osório, número 523,525 e 529. 2000.

Acervo Arquiteto Rudelger Leitzke – arquivos digitais referentes ao projeto de reutilização do imóvel situado à Rua Quinze de Novembro, número 702. 1997.

Acervo Arquiteto Rudelger Leitzke – arquivos digitais referentes ao projeto de reutilização do imóvel situado à Rua Marechal Deodoro, número 752. nov - 2001.

Fontes orais:

Entrevistas

ALAM, M. S. **Margarete Satte Alam**: depoimento [22 de jan. 2007].

Entrevistador: Douglas E. D. Heidtmann Jr. Pelotas. Arquivo de extensão .mov transcrito integralmente para arquivo de extensão .doc (42 min).

CAETANO, F. **Fernando Caetano**: depoimento [22 de jan. 2007].

Entrevistador: Douglas E. D. Heidtmann Jr. Pelotas. Arquivo de extensão .mov transcrito integralmente para arquivo de extensão .doc (53 min).

LEITE, L. O. **Luisa Olivé Leite**: depoimento [22 de jan. 2007].

Entrevistador: Douglas E. D. Heidtmann Jr. Pelotas. Arquivo de extensão .mov transcrito integralmente para arquivo de extensão .doc (81min).

LEITZKE, R. **Rudelger Leitzke**: depoimento [25 de jan. 2007].

Entrevistador: Douglas E. D. Heidtmann Jr. Pelotas. Arquivo de extensão .mov transcrito integralmente para arquivo de extensão .doc (38 min).

SOARES, C. R. S. **Cláudia Regina Silva Soares**: depoimento [21 de jan. 2007].

Entrevistador: Douglas E. D. Heidtmann Jr. Pelotas. Arquivo de extensão .mov transcrito integralmente para arquivo de extensão .doc (41min).

Órgãos governamentais, centros de pesquisa e documentação consultados:

NEAB - Núcleo de Estudos em Arquitetura Brasileira da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas

SECULT - Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Pelotas

LABFSG – Laboratório de Fotogrametria, Sensoriamento Remoto e Geoprocessamento da Universidade Federal de Santa Catarina

Fontes impressas:

- ARANTES, Antônio Augusto (Org.). **Produzindo o passado – Estratégias de construção do Patrimônio cultural**. Coletânea de artigos resultantes de seminário promovido pelos historiadores e arquitetos do CONDEPHAAT de São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- ARGAN, Giulio Carlo. *The renaissance city*. New York: Braziller, 1969.
- BACON, Edmund – **Design of cities**. London. Thames and Hudson. 1995 (1967)
- BAGLIONI A. & GUARNERIO G. **La Ristrutturazione Edilizia**. Milano. HOEPLI, 1980. 261 p.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa, 1977.
- BINS ELY, Vera Helena Moro. **Acessibilidade e Desenho Universal**. Julho 2005. Notas de aula (Não publicado).
- BYARD, Paul Spencer. **“The Architecture of Additions - Design and Regulation”** (1999) W.W. Norton & Company.
- BRANDI, Cesare. **Teoria da Restauração**. Tradução Beatri Mugayar Kühl. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2004.
- BOUDON, Philippe; DESHAYES, Philippe; POUSIN, Frédéric; SCHATZ, Françoise. **Enseigner la conception architecturale. Cours d'architecture**. Paris: Editions de la Villette, 1994.
- BROTO, Carles. **“Edifícios Rehabilitados”** (2000). Instituto Monsa de Ediciones: Barcelona
- BRUSCOLI, Aldo: **“Procedure e Strumenti di Guida e Controllo per gli interventi sul patrimonio edilizio assistente in Toscana: Situazione attuale e prospettive”**, IN: AAVV. – Cultura del Recupero – Piano Progetto Normativa. Firenze. Alínea Editrice-Giunta Regionale Toscana, 1988, 149 p. p. 48
- CANCLINI, Nestor. **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. Revista do IPHAN, nº 23, 1994, p. 94-115.
- CANTACUZINO, Sherban tr. Ángel Pérez Iniesta: *Nuevos usos para edificios antiguos*, Editorial Gustavo Gilli, S. A., Barcelona, 1979.
- CAPITEL, Antón. *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*. Madri: Alianza Editorial, 1999.
- CESCHI, Carlo, **Teoria e Storia del Restauro**. 1970, Roma: Mario Bulzoni Editore. 225.
- CHAUÍ, M. **Política cultural, cultura política e patrimônio histórico**. In: CUNHA, Maria C. Pereira (Org.). *O direito à memória – Patrimônio Histórico e cidadania / DPH*, 1991. pp 37.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.
- CHEVALIER, Ceres. **Vida e obra de José Isella: Arquitetura em Pelotas na segunda metade do século XIX / Ceres Chevalier**. Pelotas: Ed. Livraria Mundial, 2002.

- COSTA, Lúcio. **Arquitetura Jesuítica no Brasil**. In: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro: Min. da Educação e Cultura, n. 5, 1941.
- COUTINHO, Evaldo. **O espaço da arquitetura**. Recife: UFPE, 1970.
- CUNHA, Maria C. Pereira (Org.). **O direito à memória – Patrimônio Histórico e cidadania / DPH**. Parte do material apresentado e discutido no Congresso Internacional “Patrimônio Histórico e Cidadania”, promovido pelo Departamento do Patrimônio Histórico da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo São Paulo: DPH, 1991.
- CURY, Isabelle. **Cartas Patrimoniais**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000.
- CUSTÓDIO, Luiz Antônio Bolcato. **Patrimônio edificado: conservação e ética**. In: Revista da faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. Educação e Patrimônio Histórico-Cultural. Porto Alegre, nº 27, jan/jun 2000, p. 177-188
- DE GRACIA, Francisco, **Construir en lo Construido. La arquitectura como modificación**. 1992, Madrid: NEREA. 323.
- DUHRAM, E. R. **Cultura, Patrimônio e Preservação**. In. ARANTES, Antônio Augusto (org.). *Produzindo o passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- FEILDEN, Bernard M. **Conservation Historic Buildings**. Oxford: Butterworth Architecture, 1994.
- FERNÁNDEZ, Maria José. **Viviendas remodeladas**. Madrid: H Kliczkowski, 2002.
- FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. **Leitura sem palavras**. São Paulo : Ática, 1986.
- FITCH, James Marston. **Preservação do Patrimônio Arquitetônico**. . 10.ed São Paulo. FAU/USP. 1981. Texto em português editado por Sílvia Ficher.
- FROTA, José Artur D'Aló, **Re-arquiteturas**, in Crítica na Arquitetura. V Encontro de Teoria e História da Arquitetura. 2001, Editora Ritter dos Reis: Porto Alegre. p. 219-221.
- FUNARI, P. P. A.; **Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil**, 2000. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq000/esp013.asp>, acesso em 26/09/2006.
- GHIRARDO, Diane. Tradução Maria Beatriz de Medina. **Arquitetura Contemporânea Uma historia concisa**. São Paulo: Martins fontes. 2002.
- GLUSBERG, Jorge. **Anotaciones sobre la revitalización de edificios**. ARQUIS 4. Centro de Investigaciones en arquitectura/ Universidad de Palermo/ Editorial CP67. Buenos Aires. P. 66, diciembre, 1994.
- GRASSI, Giorgio. **Architettura lingua morta**. in “Architettura lingua morta” (1988). Electa:Milano. Pgs. 128-141.
- GRUPO FORMA URBANA. **Tipos arquitetônicos tradicionais na Região Sul do Estado do Rio Gande do Sul**. Universidade Federal de Pelotas. FAUrb. NEAB, apoio Cnpq e Fapergs. Pelotas, junho de 2006. (material de divulgação restrita).

- GUIMARAENS, C. **Razões para o desenvolvimento restaurador**. Resenha do livro “The restoration economy, Storm Cunningham. San Francisco, Berrett-Koehler Publishers, Inc., 2003, 300 p.” Agosto de 2004. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha099.asp>, acesso em 26/09/2006.
- GUTIERREZ, Ester J. B. **Negros, Charqueadas e Olarias – Um Estudo Sobre o Espaço pelotense**. Pelotas: Editora Universitária / UFPel; Livraria Mundial, 1993.
- GUTIERREZ, Éster Bendjouya. B. **Barro e Sangue: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas. (1777-1888)**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2004. 549 p.
- GUTIERREZ, R. **Direito ao Patrimônio Construído**. In: CUNHA, Maria C. Pereira (Org.). O direito à memória – Patrimônio Histórico e cidadania / DPH, 1991. pp 121.
- HARVEY, David. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEIDTMANN JUNIOR, Douglas Emerson Deicke ; GUTIERREZ, E. B. **Testemunhos Materiais da Charqueada Pelotense**. Relatório de pesquisa, CNPQ, 2001. (não publicado)
- _____, Douglas Emerson Deicke . **Uso do Cadastro Técnico Multifinalitário para a Gestão Ambiental urbana e Monitoramento do Patrimônio Cultural e Arquitetônico de Pelotas - RS**. In: 7 Congresso de Cadastro Técnico Multifinalitário e Gestão Territorial, 2006, Florianópolis. Anais do 7 Congresso de Cadastro Técnico Multifinalitário e Gestão Territorial, 2006.
- HEIDTMANN JUNIOR, Douglas Emerson Deicke ; SOUZA, J. C. . **Segurança contra incêndio: aspectos de desempenho a serem considerados no projeto de reutilização de edificações**. In: VIII Congreso Internacional de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico y Edificación, 2006, Buenos Aires - Argentina. Anais VIII CICOPAR, 2006.
- HEIDTMANN JUNIOR, Douglas Emerson Deicke ; AFONSO, S. . **A linguagem dos materiais e sua importância em projetos de reutilização de edificações pré-existentes**. In: VII SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, III PROJETAR, 2007, Porto Alegre. Anais do VII SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, III PROJETAR, 2007
- HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos Pela Memória**. Trad. Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.
- JACQUES, P. B. **Do especular ao espetacular**. Resenha do livro “*Espelho das Cidades*, por Henry-Pierre Jeudy, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 2005, 158 p.” Junho de 2005. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha123.asp>, acesso em 26/09/2006.
- JANTZEN, Sylvio A. D. e OLIVEIRA, Ana Lúcia C. de. **Renovação Urbana e Reciclagem: orientação para a prática de atelier**. Pelotas: Editora e Gráfica Livraria Mundial, 1996.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.
- KIEFER, Flávio. **Adaptação de edifícios históricos para museus - o caso do Centro Cultural Ceee Érico Verissimo**. CD dos Anais do Seminário Internacional Museografia e

- Arquitetura de museus, Museografia e Arquitetura de museus. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Arquitetura e Urbanismo/Programa de Pós graduação em Arquitetura. 26 a 29 set. 2005.
- KUHL, Beatriz M. **Arquitetura de ferro e arquitetura ferroviária em São Paulo: reflexões sobre sua preservação**. São paulo: Ateliê Editorial, 1998.
- LEAL, M. Edwiges. **Patrimônio Inventário do tempo**. Revista AU arquitetura e urbanismo, São Paulo: Pini editora, Ano 8, n. 44, p. 43-61, out./nov. 1992.
- LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico?** São Paulo, Brasiliense, 1984.
- LEUPEN, Bernard, et al (1999), **Proyecto y análisis. evolución de los principios en arquitectura**, Barcelona: Ed. Gustavo Gili; pp
- LOCH, C., **Monitoramento Global Integrado de Propriedades Rurais**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1990.
- LOCH, C., LAPOLLI, E.M. **Elementos Básicos de Fotogrametria e sua utilização prática**. Florianópolis, UFSC, 1994. 87p.
- LOS, Sergio. **Carlo Scarpa**. Koln: Taschen, 2002
- LYNCH, Kevin. **De qué tiempo es este lugar**. Barcelona, Gustavo Gili, 1972.
- _____. **A imagem da cidade**. São Paulo : Martins Fontes, 1997.
- MEIRA, Ana L. G. **O passado no futuro da cidade – políticas públicas e participação popular na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2004
- MENESES, Ulpiano T. Beserra. **“Identidade Cultural e Arqueologia”**. IN: Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n. 20, 1984.
- MIRANDA, Antonio. **Ni robot, ni bufón. Manual para la critica de arquitectura**. Madrid, Cátedra, 1999.
- MOREIRA, Clarissa da Costa, **A cidade contemporânea entre a tabula rasa e a preservação: cenários para o porto do Rio de Janeiro**. São Paulo: Editora Unesp, 2004
- MOURA, Rosa Maria Garcia Rolim e SCHLEE, Andrey Rosenthal. **100 imagens da Arquitectura da Cidade/Rosa Maria Garcia Rolim de Moura e Andrey Rosenthal Schlee**. 2 ed. Pelotas. Pallotti, 2002.
- MUNTAÑOLA, Josep Thornberg (ed.); POMÉS, Josep Lafont; SOLER, Alfred Linares, DURÀ, Beth Tayà. **L'arquitectura com a patrimoni cultural a Catalunya i a Europa. Estratègies d'innovació projectual**. Barcelona: Edicions UPC, 1995. p. 53
- NAKAMURA, Toshio. **Carlo Scarpa**. Tokyo: a + u Publishing, 1990. pp
- Norberg Schulz, Christian: **Intenciones en Arquitectura**. Barcelona, 1979, 1998. P.134
- PALLADIO, Andrea. **The four books on architecture**. Cambridge: The MIT Press, 1998.
- PAOLI, M. **Memória, história e cidadania: o direito ao passado**. In: CUNHA, Maria C. Pereira (Org.). O direito à memória – Patrimônio Histórico e cidadania / DPH, 1991. pp 37.

- POSENATO, Julio (Org.). **Antônio Prado: cidade histórica**. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 1989. 204 p. , il. (Coleção Imigração italiana, 96).
- POWELL, Kenneth, **El Renacimiento de la Arquitectura. La transformación y la reconstrucción de edificios antiguos**. 1999, Barcelona: Blume. 255. Versão inglesa: Architecture Reborn. The conversion and reconstruction of old buildings. 1999, London: Laurence King Publishing. 254.
- RIBEIRO, O. A.; **Arquitetura: restauração e reciclagem**, abril de 2005. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc128/mc128.asp>, acesso em 26/09/2006.
- RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos. Caracteres y origen**. Madri: Visor Distribuciones, 1987.
- RIO, Vicente del, OLIVEIRA, Livia de. (org.). **Percepção ambiental: a experiência brasileira**. São Paulo : Nobel ; São Carlos : UFSCar, 1996.
- ROBERT, Philippe. **Reconversions**. Paris: Le Moniteur, 1991.
- _____. **Rehabilitation – Reconversion: La Arquitectura como Palimpsesto**. Revista ARQUIS 4, Centro de Investigaciones em Arquitectura, Universidade de Palermo, Editorial CP67, Buenos Aires, p. 8-11, dez. 1994.
- ROSSI, Aldo, **A Arquitectura da Cidade**. 2 ed. São Paulo. Martins Fontes, 2001.
- RUSKIN, John. **A lâmpada da Memória**. Apresentação, tradução e notas Odete Dourado. Salvador: Publicações Pretextos, Série B, nº 1, 1996.
- SANTOS, C. A. A. **Espelhos, máscaras, vitrines - Estudo iconológico das fachadas arquitetônicas – Pelotas 1870-1930**, Pelotas, EDUCAT, 2002.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Síntese do Processo de Preservação do Patrimônio Cultural de Pelotas**. In _____ Projectare: revista de arquitetura e urbanismo / Universidade Federal de Pelotas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. N. 1 (primavera 2000). _ Pelotas, RS: FaUrb/UFPel, 2000.
- SILVA, Elvan. **Uma Introdução ao Projeto Arquitetônico**. 2ª edição (1998) – 1ª reimpressão (2006). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- _____. **Matéria, idéia e forma**. 1ª edição. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.
- SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. São Paulo, Edusp, 2ª ed., 2002.
- _____. **Arquitetura Latinoamericana Contemporânea**. São Paulo, Edusp, 1ª ed., 2004.
- SOLÁ-MORALES RUBIÓ, Ignasi.. "The architectural intervention: the limits of the imitation". in "Architettura lingua morta" (1988). Electa:Milano. Pgs. 8-19.
- _____, **Teorias de la intervención arquitectónica**. Chile: Pontificia Universidad Católica de Chile. Escuela de Arquitectura.1987.

_____, **Do contraste à analogia: novos desdobramentos do conceito de intervenção arquitetônica**. In: NESBITT, KATE (org.). **Uma nova agenda para a arquitetura. Antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo, Cosac Naify, 2006.

SOUZA, João Carlos . **A Importância do Projeto Arquitetônico Na Prevenção Contra Incêndios**. In: Seminário Internacional de tecnologia, arquitetura e urbanismo, 1996. Anais do NUTAU - 96. São Paulo - SP. v. 1. p. 103-111.

VIOLLET-LE DUC, Eugéne Emmanuel. **Restauro. Apresentação, tradução e notas** Odete Dourado. 3º edição. Salvador: Publicações Pretextos, Série B, nº 1, 1996.

ZANCHETTI, Sílvio (Org.). **Coletânea de trabalhos resultantes do I Seminário Internacional Estratégias de intervenção em áreas históricas – Revalorização de áreas urbanas centrais**. Recife: Mestrado em Desenvolvimento Urbano, UFPE, 1995.

Teses e dissertações consultadas:

AFONSO, Sônia. **Urbanização de encostas: Crises e Possibilidades. O morro da Cruz como referencial de Projeto de Arquitetura da Paisagem**. São paulo, 1999. 645 f. Tese Doutorado FAUUSP.

BERTO, A. **Medidas de proteção contra incêndio: aspectos fundamentais a serem considerados no projeto arquitetônico dos edifícios**. São Paulo, 1991. Dissertação de Mestrado. FAUUSP.

CASTRO, Cleusa de. **Possibilidades de Criação e Preservação, Reciclagem de antigas Fábricas**. Orientador: José Artur Daló Frota. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

DIAS, Adriana Fabre. **A reutilização do patrimônio edificado como mecanismo de proteção: uma proposta para os conjuntos tombados de Florianópolis**. Orientadora: Sônia Afonso. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2005

FERNANDES, Carolina Freire. **Análise do processo de revitalização de exemplares arquitetônicos de caráter representativo para as cidades**. Orientador: Elvan Silva. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

GERENTE, Melissa M. **Introduzindo diretrizes de projeto para a acessibilidade em sítios históricos a partir do estudo de São Francisco do Sul**. Orientadora: Vera Helena Moro Bins Ely. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Curso de Pós-

Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2005

GORSKI, Joel. **Reciclagem de Uso e Preservação do Patrimônio** Orientador: José Artur Daló Frota. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2003.

LEITE, L. M. O. **Restauração e reciclagem, um estudo de caso**. Monografia de especialização em patrimônio cultural: conservação de artefatos do Instituto de letras e artes da Universidade Federal de Pelotas: Pelotas, 2002.

LUCINI, Hugo C., **Requalificação urbana e novos assentamentos de interesse social**. 1996. (Tese de Doutorado). FAU-USP, São Paulo.

MANENTI, Leandro. **Intervenções reabilitadoras do período renascentista italiano**. Orientador: Cláudio Calovi Pereira. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2004.

MATTEDI, Domenica L., **“Uma Contribuição ao Estudo do Processo de Projeto de Segurança contra Incêndio baseado no Desempenho”**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto. Ouro Preto. 2005

STELLO, Vladimir, **Sítio Arqueológico de São Miguel Arcanjo: Avaliação Conceitual das Intervenções - 1925-1927 e 1938-1940**. Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil. Universidade Federal de Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2005

YUNES, Gilberto S. **Cidades Reticuladas: a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul**. São paulo, 1995. 158 f. Tese Doutorado FAUUSP.

CONDICIONANTES CONTEXTUAIS: DADOS GERAIS CRITÉRIOS DE PROJEÇÃO: CLASSIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO

FICHA DESCRITIVA DO PROJETO	
1 - DADOS GERAIS - Adaptado de Janitzen (1996)	
1.1 - DATAS:	Data do projeto de reutilização: 2006
1.2 - AUTORIA / PROJETOS	Projeto reutilização: Cláudia Regina da Silva Soares
1.3 - USOS	Original: comércio Uso atual: comércio e boate
1.4 - PROTEÇÃO / INTERESSE	1.5 - TIPOLOGIAS DA FACHADA
<input checked="" type="checkbox"/> Imóvel inventariado pelo município	<input type="checkbox"/> Porta / janela
<input type="checkbox"/> Imóvel tombado em nível estadual	<input type="checkbox"/> Fachada isolada
<input type="checkbox"/> Imóvel tombado em nível federal	<input type="checkbox"/> Corredor lateral
<input type="checkbox"/> Imóvel de interesse hist./cult. s/ proteção legal	<input type="checkbox"/> Corredor central
<input type="checkbox"/> Outra Legislação:	<input type="checkbox"/> Entrada lateral
	<input type="checkbox"/> Solar térreo
	<input type="checkbox"/> Solar/dois pav.
1.6 - DISTRIBUIÇÃO EM NÍVEIS	Reutilizada: 2 + mezaninos no térreo
Original: 2	
1.7 - IMPLANTAÇÃO DA EDIFICAÇÃO	1.8 - RELAÇÃO COM LINDEIROS
<input checked="" type="checkbox"/> Original	<input type="checkbox"/> Original
<input checked="" type="checkbox"/> toda testada	<input type="checkbox"/> individual
<input type="checkbox"/> lateral	<input type="checkbox"/> conj. em fila
<input type="checkbox"/> frontal	<input type="checkbox"/> geminada
<input type="checkbox"/> recuo front/lat	<input type="checkbox"/> casarão
<input type="checkbox"/> isolada no lote	<input type="checkbox"/> desmembrada
	<input checked="" type="checkbox"/> desmembrada
2 - CLASSIFICAÇÃO DA INTERVENÇÃO Segundo Gracia (1992)	
2.1 - RELAÇÕES	2.2 - NÍVEIS DE INTERVENÇÃO
<input checked="" type="checkbox"/> INCLUSÃO	<input type="checkbox"/> 1° nível: A modificação circunscrita
<input type="checkbox"/> INTERSECÇÃO	<input checked="" type="checkbox"/> 2° nível: A modificação do locus
<input type="checkbox"/> EXCLUSÃO	<input type="checkbox"/> 3° nível: Pauta de conformação urbana
2.3 - PADRÕES DE ATUAÇÃO	2.4 - ATITUDES FRENTE AO CONTEXTO
<input type="checkbox"/> 1° padrão: A conformação do tecido urbano	<input type="checkbox"/> Arquitetura descontextualizada
<input checked="" type="checkbox"/> 2° padrão: Oclusão do espaço urbano	<input type="checkbox"/> Arquitetura de contraste
<input type="checkbox"/> 3° padrão: Continuidade da imagem	<input checked="" type="checkbox"/> Arquitetura histórica
<input type="checkbox"/> 4° padrão: Recriação tipológica	<input type="checkbox"/> Arquitetura folclórica
<input type="checkbox"/> 5° padrão: Colisão de estruturas formais	

CRITÉRIOS DE PROJEÇÃO: ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS

4 - ADAPTAÇÕES FUNCIONAIS E TECNOLÓGICAS - Adaptado de Bruscoli (1988)	
4.1 - ACABAMENTOS EDIFICAÇÃO E COMPARTIMENTOS	
<input type="checkbox"/> Reparação, renovação e/ou substituição de acabamentos sem modificação das características arquitetônicas ou decorativas	<input checked="" type="checkbox"/> Reparação, renovação e/ou substituição de acabamentos com modificação das características arquitetônicas ou decorativas
4.2 - MODIFICAÇÃO DE ELEMENTOS CONSTRUTIVOS E/OU ARQUITETÔNICOS	
<input type="checkbox"/> Manutenção e/ou reparação dos elementos construtivos internos, com modificação de materiais e das características tipológicas dos mesmos	<input checked="" type="checkbox"/> Manutenção e/ou reparação dos elementos construtivos internos, com modificação de materiais e das suas características tipológicas, sem interferir na estrutura portante ou nas vedações externas
4.3 - RESTAURO	
<input checked="" type="checkbox"/> Intervenção pontual de restauro com vistas a preservar elemento construtivo e/ou decorativo notável	<input type="checkbox"/> Especificar: Restauro das rosáceas das chapas metálicas
4.4 - DIVISÓRIAS INTERNAS	
<input type="checkbox"/> Modificação de divisórias para garantir a nova funcionalidade da edificação	<input checked="" type="checkbox"/> Inserção de divisórias para garantir a nova funcionalidade da edificação
<input type="checkbox"/> Modificação de divisórias para garantir a adequação funcional de um compartimento	<input type="checkbox"/> Inserção de divisórias para garantir a adequação funcional de um compartimento
4.5 - SISTEMA ESTRUTURAL	
<input type="checkbox"/> Manutenção, renovação, consolidação e/ou substituição de elementos estruturais sem modificação do sistema	<input checked="" type="checkbox"/> Manutenção, renovação, consolidação e/ou substituição de elementos estruturais com modificação do sistema
<input checked="" type="checkbox"/> Reestruturação e modificação de elementos estruturais verticais e/ou horizontais sem interferência em fachadas e vedações externas	<input type="checkbox"/> Reestruturação e modificação de elementos estruturais verticais e/ou horizontais com interferência em fachadas e vedações externas
4.6 - MODIFICAÇÕES DE ÁREAS E VOLUMES	
<input type="checkbox"/> Aumento de volume da edificação para melhorar as condições de:	<input type="checkbox"/> circulação <input type="checkbox"/> funcionalidade <input type="checkbox"/> instalações
<input checked="" type="checkbox"/> Variação da área edificada sem modificação do envólucro (fachadas e coberturas)	<input type="checkbox"/> Variação da área edificada com modificação do envólucro (fachadas e coberturas)
<input type="checkbox"/> Variação da área edificada com modificação do envólucro (fachadas e coberturas)	<input checked="" type="checkbox"/> Variação de área utilizável e/ou de volume sem modificar os vínculos urbanísticos preexistentes (acessos e/ou projeções)
<input type="checkbox"/> Variação de área utilizável e/ou de volume com modificar os vínculos urbanísticos preexistentes (acessos e/ou projeções)	<input type="checkbox"/> Integração e/ou realização de instalações existentes
4.7 - INSTALAÇÕES E SERVIÇOS	
<input type="checkbox"/> Manutenção e/ou integração de instalações existentes	<input checked="" type="checkbox"/> Integração e/ou realização de instalações ou serviços novos
<input type="checkbox"/> ELÉTRICA <input type="checkbox"/> HIDRAULICA <input type="checkbox"/> AR-CONDICIONADO	<input checked="" type="checkbox"/> ELÉTRICA <input checked="" type="checkbox"/> HIDRAULICA <input checked="" type="checkbox"/> AR-CONDICIONADO

CRITÉRIOS DE PROJEÇÃO SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS

5 - SEGURANÇA CONTRA INCÊNDIOS - Adaptado de Berto (2005)	
5.1 - PRECAUÇÃO CONTRA INÍCIO DO INCÊNDIO	<input type="checkbox"/> Correto dimensionamento e execução de instalações de serviço <input type="checkbox"/> Distanciamento seguro entre fontes de calor e materiais combustíveis <input type="checkbox"/> Provisão de sinalização de emergência
5.2 - LIMITAÇÃO DO CRESCIMENTO DO INCÊNDIO	<input checked="" type="checkbox"/> Controle da quantidade de materiais combustíveis incorporados aos elementos construtivos <input type="checkbox"/> Controle das características de reação ao fogo dos materiais incorporados aos elementos construtivos
5.3 - EXTINGUIÇÃO INICIAL DO INCÊNDIO	<input checked="" type="checkbox"/> Provisão de equipamentos portáteis de combate <input type="checkbox"/> Provisão de sistema de hidrantes e mangotinhos <input type="checkbox"/> Provisão de sistema de chuveiros automáticos <input checked="" type="checkbox"/> Provisão de sistema de detecção e alarme <input checked="" type="checkbox"/> Provisão de sinalização de emergência
5.4 - LIMITAÇÃO DA PROPAGAÇÃO DO INCÊNDIO	<input checked="" type="checkbox"/> Compartimentação horizontal <input type="checkbox"/> Compartimentação vertical <input type="checkbox"/> Controle da quantidade de materiais combustíveis incorporados aos elementos construtivos (na envoltória do edifício)
5.5 - EVACUAÇÃO SEGURA DO EDIFÍCIO	<input checked="" type="checkbox"/> Provisão de sistema de detecção e alarme <input type="checkbox"/> Provisão de sistema de comunicação e emergência <input checked="" type="checkbox"/> Provisão de rotas de fuga seguras <input checked="" type="checkbox"/> Provisão de sistema de iluminação de emergência
5.6 - PRECAUÇÃO CONTRA A PROPAGAÇÃO DO INCÊNDIO ENTRE EDIFÍCIOS	<input type="checkbox"/> Distanciamento seguro entre edifícios <input type="checkbox"/> Resistência ao fogo da envoltória do edifício <input type="checkbox"/> Controle das características de reação ao fogo dos materiais incorporados aos elementos construtivos (na envoltória do edifício)
5.7 - PRECAUÇÃO CONTRA COLAPSO ESTRUTURAL	<input checked="" type="checkbox"/> Resistência ao fogo dos elementos estruturais <input type="checkbox"/> Resistência ao fogo da envoltória do edifício
5.8 - RAPIDEZ, EFICIÊNCIA E SEGURANÇA DAS OPERAÇÕES DE COMBATE E RESGATE	<input type="checkbox"/> Provisão de equipamentos portáteis de combate <input checked="" type="checkbox"/> Provisão de meios de acesso dos equipamentos de combate as proximidades do edifício <input type="checkbox"/> Provisão de meios de acessos seguros da brigada ao interior do edifício

CRITÉRIOS DE PROJEÇÃO ACESSIBILIDADE ESPACIAL

6 - ACESSIBILIDADE ESPACIAL - Adaptado de Gerente (2005)																	
6.1 - DESLOCAMENTO	<input checked="" type="checkbox"/> Existência de um percurso acessível pelos principais compartimentos da edificação <input type="checkbox"/> Larguras do percurso nos corredores: <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> larguras do percurso nas portas:</td> <td><input type="checkbox"/> larguras do percurso nas portas:</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> parcialmente adequadas</td> <td><input type="checkbox"/> parcialmente adequadas</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> plenamente adequadas</td> <td><input type="checkbox"/> plenamente adequadas</td> </tr> </table> <input checked="" type="checkbox"/> Existência de escada ou desnível no acesso principal <input type="checkbox"/> Solução adotada: <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> rampa temporária</td> <td><input type="checkbox"/> impossibilidade de acesso na entrada</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> rampa permanente</td> <td><input type="checkbox"/> Adoção de entrada secundária acessível</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> elevador</td> <td><input type="checkbox"/> Entrada secundária acessível é a mesma entrada de serviço da edificação</td> </tr> <tr> <td><input type="checkbox"/> plataforma elevatória</td> <td></td> </tr> </table> <input type="checkbox"/> Entrada secundária sinalizada desde a entrada principal <input type="checkbox"/> Trajeto desde a entrada principal não acessível: <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> curto</td> <td><input type="checkbox"/> longo</td> </tr> </table> <input type="checkbox"/> Piso do acesso à edificação com superfície firme, nivelada, estável e anti-derrapante	<input type="checkbox"/> larguras do percurso nas portas:	<input type="checkbox"/> larguras do percurso nas portas:	<input type="checkbox"/> parcialmente adequadas	<input type="checkbox"/> parcialmente adequadas	<input type="checkbox"/> plenamente adequadas	<input type="checkbox"/> plenamente adequadas	<input type="checkbox"/> rampa temporária	<input type="checkbox"/> impossibilidade de acesso na entrada	<input type="checkbox"/> rampa permanente	<input type="checkbox"/> Adoção de entrada secundária acessível	<input type="checkbox"/> elevador	<input type="checkbox"/> Entrada secundária acessível é a mesma entrada de serviço da edificação	<input type="checkbox"/> plataforma elevatória		<input type="checkbox"/> curto	<input type="checkbox"/> longo
<input type="checkbox"/> larguras do percurso nas portas:	<input type="checkbox"/> larguras do percurso nas portas:																
<input type="checkbox"/> parcialmente adequadas	<input type="checkbox"/> parcialmente adequadas																
<input type="checkbox"/> plenamente adequadas	<input type="checkbox"/> plenamente adequadas																
<input type="checkbox"/> rampa temporária	<input type="checkbox"/> impossibilidade de acesso na entrada																
<input type="checkbox"/> rampa permanente	<input type="checkbox"/> Adoção de entrada secundária acessível																
<input type="checkbox"/> elevador	<input type="checkbox"/> Entrada secundária acessível é a mesma entrada de serviço da edificação																
<input type="checkbox"/> plataforma elevatória																	
<input type="checkbox"/> curto	<input type="checkbox"/> longo																
6.2 - ORIENTAÇÃO ESPACIAL	<input checked="" type="checkbox"/> Sinalização com informação pictórica <input type="checkbox"/> Para fins de: <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes</td> <td><input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes</td> </tr> </table> <input type="checkbox"/> Sinalização com informação tátil <input type="checkbox"/> Para fins de: <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes</td> <td><input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes</td> </tr> </table> <input type="checkbox"/> Sinalização com informação sonora <input type="checkbox"/> Para fins de: <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes</td> <td><input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes</td> </tr> </table> <input checked="" type="checkbox"/> Sinalização com pisos diferenciados <input type="checkbox"/> Para fins de: <table border="0" style="margin-left: 20px;"> <tr> <td><input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes</td> <td><input checked="" type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes</td> </tr> </table>	<input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes	<input checked="" type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes														
<input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes	<input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes																
<input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes	<input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes																
<input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes	<input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes																
<input type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes	<input checked="" type="checkbox"/> alerta de obstáculos locais importantes																
6.3 - USO	<input type="checkbox"/> Existência de mobiliário para descanso <input checked="" type="checkbox"/> Sanitários adaptados para pessoas com restrições <input type="checkbox"/> Existência de portas automáticas <input checked="" type="checkbox"/> Escadas e rampas com guarda-corpos <input type="checkbox"/> mobiliário adequado <input type="checkbox"/> adaptação satisfatória <input type="checkbox"/> Sistema de abertura de portas convencionais com alavanca <input type="checkbox"/> guarda-corpos adequados																